

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

**AS ILUSTRAÇÕES DE JORNAIS DIÁRIOS
IMPRESSOS: EXPLORANDO FRONTEIRAS ENTRE
JORNALISMO, PRODUÇÃO E ARTE**

VOLUME 3 (ANEXOS)

GILMAR ADOLFO HERMES

TESE DE DOUTORADO
ORIENTADOR: PROF. DR. RONALDO HENN

São Leopoldo, 21 de setembro de 2005.

GILMAR ADOLFO HERMES

**AS ILUSTRAÇÕES DE JORNAIS DIÁRIOS
IMPRESSOS: EXPLORANDO FRONTEIRAS ENTRE
JORNALISMO, PRODUÇÃO E ARTE**

VOLUME 3

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, para obtenção do título de doutor em Comunicação. Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Henn.

São Leopoldo, 21 de setembro 2005.



Imagem de Baptistão, publicada no jornal O Estado de São Paulo, dia 20 de julho de 2003

“A questão de ser identificado pelo traço é importante,... mas não é sempre que se consegue isso...”

SUMÁRIO

VOLUME 1

1 INTRODUÇÃO	16
2 A FONTE LÓGICA DA TEORIA DOS SIGNOS	27
2.1 MUITO ALÉM DE UMA MERA CLASSIFICAÇÃO DOS SIGNOS	28
2.2 O CONCEITO PEIRCEANO DE SIGNO	34
2.3 O CONCEITO DE OBJETO	38
2.4 O CONCEITO DE INTERPRETANTE	43
2.5 AS CATEGORIAS PEIRCEANAS	48
2.6 AS CLASSES SÍGNICAS	52
2.7 A ICONICIDADE	57
2.8 AS SEMIOSES	66
2.9 CAMINHO PARA UMA ABORDAGEM ESTÉTICA	69
3 UMA VISÃO GERAL DO JORNALISMO	73
3.1 OS VALORES/NOTÍCIA	80
3.2 RETOMADA HISTÓRICA DAS TEORIAS DO JORNALISMO	89
3.3 UMA PERSPECTIVA SEMIÓTICA NA LINHA INTERACIONISTA.....	92
3.4 JORNALISMO INFORMATIVO, INTERPRETATIVO E OPINATIVO.....	93
3.4 ESTRATÉGIAS DEFINIDAS PARA A PESQUISA DE CAMPO	103
4 O QUE É ILUSTRAÇÃO JORNALÍSTICA?	106
4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DAS ILUSTRAÇÕES E CARICATURAS	109
4.2 A ARTE DOS QUADRINHOS	113
5 DEFININDO PROBLEMAS ESTÉTICOS	122

6 REFERÊNCIAS DA HISTÓRIA DA ARTE 137

6.1 OS LEGISSIGNOS DA ARTE	137
6.2 UM PERCURSO PELA HISTÓRIA, CONSIDERANDO COLAGENS E MONTAGENS ..	138
6.3 O MODERNISMO	142
6.3.1 FAUVISMO E EXPRESSIONISMO	146
6.3.2 O CUBISMO	149
6.3.3 O FUTURISMO	155
6.3.4 O DADAÍSMO	156
6.3.5 O SURREALISMO	157
6.3.6 O ABSTRACIONISMO	158
6.4 A ARTE NO PÓS-GUERRA	172
6.5 DA HISTÓRIA DA ARTE PARA AS PÁGINAS DOS JORNAIS	176

7 O PROJETO DA FOLHA DE S. PAULO COM ARTISTAS PLÁSTICOS . 178

7.1 CONCEPÇÃO DO PROJETO DA <i>FOLHA</i> AOS DOMINGOS	178
7.2 CONCEPÇÕES DOS TRABALHOS	179
7.2.1 ESTER GRISPUM	180
7.2.2 PAULO MONTEIRO	183
7.2.3 MARINA SALEME	186
7.2.4 CÉLIA EUVALDO	188
7.2.5 MARCO GIANNOTTI	190
7.3 CONFRONTO COM A LINGUAGEM JORNALÍSTICA	191
7.4 RELAÇÕES COM OS TEXTOS	193
7.5 O SUPORTE DO JORNAL	197
7.6 O JORNAL COMO ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO	199
7.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRABALHOS DOS ILUSTRADORES JORNALISTAS	204
7.8 AS ILUSTRAÇÕES ARTÍSTICAS PUBLICADAS NA <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i>	205
7.9 O PROJETO DO <i>JORNAL DA TARDE</i>	218
7.10 LEONILSON	222
7.11 CONTRAPONTO DA ARTE PARA O JORNALISMO	224

VOLUME 2

8 AS PRÁTICAS DA ILUSTRAÇÃO JORNALÍSTICA	239
8.1 UM OLHAR ABRANGENTE DAS ROTINAS DOS VEÍCULOS ESTUDADOS	239
8.1.1 A <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i>	239
8.1.2 A <i>ZERO HORA</i>	247
8.1.3 O <i>ESTADÃO</i> E O <i>JORNAL DA TARDE</i>	260
8.2 AS DIFERENTES TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DOS ILUSTRADORES	276
8.3 A FUNÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES	288
8.4 AS RELAÇÕES ENTRE AS ILUSTRAÇÕES E OS TEXTOS	292
8.5 O ESTILO	311
8.6 VOCABULÁRIOS E REPERTÓRIOS VISUAIS	328
8.7 TÉCNICAS DE DESENHO (ENTRE O LÁPIS E O COMPUTADOR)	334
8.8 OS INFOGRÁFICOS	344
8.9 A FOTOGRAFIA E A ILUSTRAÇÃO	352
8.10 O CARÁTER FIGURATIVO DAS ILUSTRAÇÕES JORNALÍSTICAS	356
8.11 RELAÇÕES PROFISSIONAIS ENTRE ILUSTRADORES E EDITORES	362
8.12 O PAPEL DA EMPRESA NA CULTURA PROFISSIONAL	372
8.13 A ILUSTRAÇÃO E A DISTINÇÃO DOS CAMPOS DO JORNALISMO E DAS ARTES ..	382
8.14 A DIMENSÃO ESTÉTICA COMO UM ESPAÇO DE LIBERDADE	395
 9 ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES NA PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS	402
9.1 DESENHOS DE ILUSTRADORES PROFISSIONAIS NA <i>ZERO HORA</i>	403
9.2 DESENHOS DE ILUSTRADORES PROFISSIONAIS NA <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i>	426
9.3 DESENHOS DE ILUSTRADORES PROFISSIONAIS NOS JORNAIS <i>ESTADÃO</i> E <i>JORNAL DA TARDE</i>	447
 10 CONCLUSÃO	462
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	484
 TEXTOS JORNALÍSTICOS CONSIDERADOS	491
 ENTREVISTAS REALIZADAS PARA ESTA PESQUISA	496

VOLUME 3

ANEXOS

ANEXO A 1	510
ANEXO A 2	512
ANEXO A 3	513
ANEXO B	514
ANEXO C 1	515
ANEXO C 2	517
ANEXO C 3	519
ANEXO C 4	521
ANEXO C 5	523
ANEXO D 1	525
ANEXO D 2	526
ANEXO D 3	527
ANEXO D 4	528
ANEXO D 5	529
ANEXO D 6	530
ANEXO D 7	531
ANEXO E 1	532
ANEXO E 2	533
ANEXO E 3	534
ANEXO E 4	535
ANEXO F	536
ANEXO G	538
ANEXO H	539
ANEXO I 1	540
ANEXO I 2	541
ANEXO I 3	542
ANEXO I 4	543

ANEXO I 5.....	544
ANEXO I 6.....	546
ANEXO I 7.....	547
ANEXO I 8.....	548
ANEXO I 9.....	549
ANEXO I 10.....	550
ANEXO I 11.....	551
ANEXO I 12.....	553
ANEXO I 13.....	554
ANEXO I 14.....	555
ANEXO I 15.....	556
ANEXO I 16.....	557
ANEXO I 17.....	558
ANEXO I 18.....	559
ANEXO I 19.....	560
ANEXO I 20.....	561
ANEXO I 21.....	562
ANEXO I 22.....	563
ANEXO I 23.....	564
ANEXO I 24.....	565
ANEXO I 25.....	566
ANEXO I 26.....	567
ANEXO I 27.....	568
ANEXO I 28.....	569
ANEXO I 29.....	570
ANEXO I 30.....	571
ANEXO I 31.....	572
ANEXO I 32.....	573
ANEXO I 33.....	574
ANEXO I 34.....	575
ANEXO I 35.....	576
ANEXO I 36.....	577
ANEXO I 37.....	578

ANEXO I 38.....	579
ANEXO I 39.....	580
ANEXO I 40.....	581
ANEXO I 41.....	582
ANEXO I 42.....	585
ANEXO I 43.....	586
ANEXO I 44.....	587
ANEXO I 45.....	588
ANEXO I 46.....	589
ANEXO I 47.....	590
ANEXO I 48.....	591
ANEXO I 49.....	592
ANEXO I 50.....	593
ANEXO I 51.....	594
ANEXO J 1.....	595
ANEXO J 2.....	597
ANEXO J 3.....	599
ANEXO J 4.....	601
ANEXO J 5.....	603
ANEXO J 6.....	604
ANEXO J 7.....	606
ANEXO J 8.....	608
ANEXO J 9.....	609
ANEXO J 10.....	610
ANEXO J 11.....	612
ANEXO J 12.....	613
ANEXO J 13.....	614
ANEXO J 14.....	615
ANEXO J 15.....	616
ANEXO J 16.....	617
ANEXO J 17.....	618
ANEXO J 18.....	620
ANEXO J 19.....	621

ANEXO J 20.....	622
ANEXO J 21.....	625
ANEXO J 22.....	628
ANEXO J 23.....	630
ANEXO J 24.....	632
ANEXO K 1.....	633
ANEXO K 2.....	634
ANEXO K 3.....	636
ANEXO K 4.....	637
ANEXO K 5.....	638
ANEXO K 6.....	639
ANEXO K 7.....	640
ANEXO K 8.....	641
ANEXO K 9.....	642
ANEXO K 10.....	643
ANEXO K 11.....	644
ANEXO K 12.....	645
ANEXO K 13.....	646
ANEXO K 14.....	647
ANEXO K 15.....	649
ANEXO K 16.....	650
ANEXO K 17.....	651
ANEXO K 18.....	652
ANEXO K 19.....	654
ANEXO K 20.....	655
ANEXO K 21.....	656
ANEXO K 22.....	657
ANEXO K 23.....	659
ANEXO K 24.....	660
ANEXO K 25.....	661
ANEXO K 26.....	662
ANEXO K 27.....	664
ANEXO K 28.....	665

ANEXO K 29.....	667
ANEXO K 30.....	669
ANEXO K 31.....	670
ANEXO K 32.....	672
ANEXO K 33.....	673
ANEXO K 34.....	675
ANEXO K 35.....	676
ANEXO K 36.....	677
ANEXO K 37.....	678
ANEXO K 38.....	679
ANEXO K 39.....	680
ANEXO K 40.....	681
ANEXO K 41.....	682
ANEXO K 42.....	683
ANEXO K 43.....	684
ANEXO K 44.....	685
ANEXO K 45.....	687
ANEXO K 46.....	689
ANEXO K 47.....	691
ANEXO K 48.....	693
ANEXO K 49.....	695
ANEXO K 50.....	696
ANEXO K 51.....	697
ANEXO K 52.....	698

ANEXO A 1: Questões para entrevistas com editores de arte

- 1** - Quais são os horários de trabalho?
- 2** - Há quantas equipes na editoria de arte? Trabalham em quais turnos?
- 3** - Os profissionais que trabalham na editoria de arte são responsáveis por quais aspectos da produção do jornal?
- 4** - Os ilustradores cumprem unicamente com essa função ou exercem outras funções além dessa?
- 5** - Como as tarefas são divididas?
- 6** - São feitas reuniões entre os ilustradores? Quais profissionais participam dessas reuniões?
- 7** - Na rotina do seu trabalho, com quais profissionais da redação os ilustradores têm maior contato?
- 8** - Quais são os horários de maior tensão para a editoria de arte?
- 9** - Em quais horários tendem a ser tomadas as principais decisões?
- 10** - Quais são as matérias jornalísticas que tendem a ser ilustradas?
- 11** - Há profissionais ilustradores dentro da redação da Zero Hora que podem ser considerados exemplares para os demais profissionais?
- 12** - Como é a rotina da editoria de arte?
- 13** - Como você definiria os principais objetivos do trabalho que tendem a se repetir dia-a-dia?
- 14** - Como a empresa interfere na rotina dos trabalhos da editoria de arte?
- 15** - Há uma política editorial da editoria de arte?
- 16** - Como o trabalho dos ilustradores é estimulado?
- 17** - Em que medida o trabalho dos ilustradores é reconhecido como uma atividade jornalística?

- 18** - Quem, dentro da redação, costuma avaliar os trabalhos dos ilustradores?
- 19** - Os ilustradores são estimulados a desenvolver um estilo pessoal? Como?
- 20** - Os ilustradores são estimulados a fazer cursos, estudar arte? Como?
- 21** - Os ilustradores costumam ter algum outro tipo de retorno sobre os seus trabalhos?
- 22** - As ilustrações devem representar alguma coisa?
- 23** - Espera-se que as ilustrações apresentem a representação de figuras humanas?
- 24** - Desenhos abstratos são bem-vindos em ilustrações jornalísticas?
- 25** - Costumam ocorrer discussões entre os ilustradores e os autores dos textos opinativos, a exemplo dos editoriais?

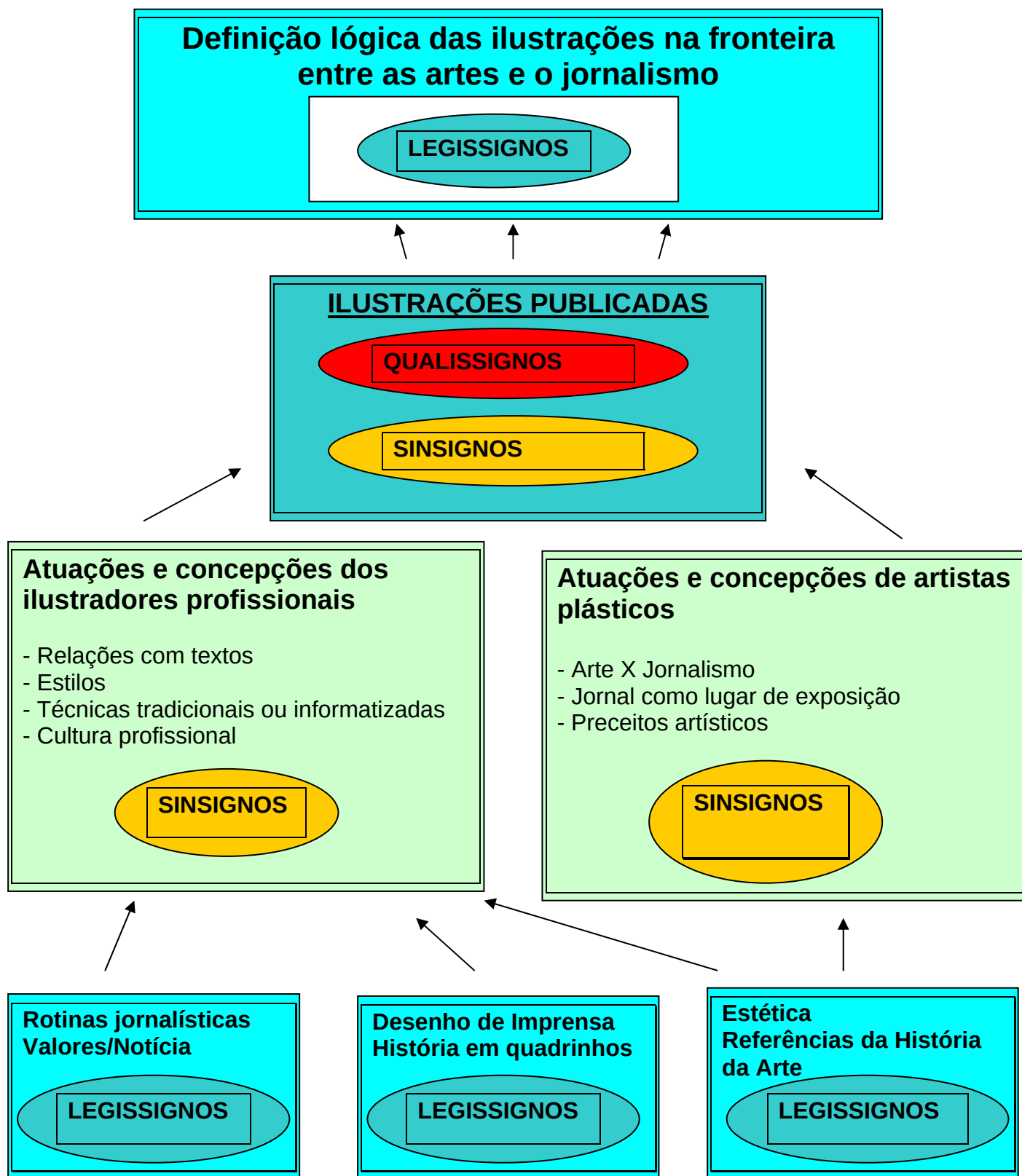
ANEXO A 2: Questões para os ilustradores

- 1) Nome?**
- 2) Idade?**
- 3) Você tem qual tipo de formação profissional?**
- 4) Você tem algum tipo de formação artística?**
- 5) Como é a sua rotina de trabalho?**
- 6) Você costuma fazer ilustrações para quais áreas?**
- 7) Quais são os elementos importantes a considerar no texto do redator para fazer uma ilustração?**
- 8) Existe um vocabulário de imagens que são reorganizadas/atualizadas/compostas de acordo com o assunto do dia?**
- 9) Você é preocupado em definir ou praticar um certo estilo de ilustração?**
- 10) Como você define os limites entre o artístico e o jornalístico no seu trabalho?**
- 11) Como o ilustrador contribui para o produto jornalístico?**
- 12) Como a ilustração colabora para a significação dos textos?**
- 13) Como o respeito ao texto impõe limites ao ilustrador?**
- 14) Há editorias nas quais o ilustrador teria um campo mais favorável ao seu trabalho? Por quê?**
- 15) Você costuma discutir o seu trabalho com o editor de arte do jornal ou com editores de texto?**
- 16) Como o seu trabalho é estimulado pela empresa?**
- 17) Quais são as expectativas da empresa em relação ao seu trabalho?**
- 18) Há uma política editorial neste veículo em relação às ilustrações?**

ANEXO A 3: Questões para artistas plásticos que atuam junto à Folha de São Paulo

- 1)** Como você vê esse trabalho de ilustrações jornalísticas no contexto geral do seu trabalho?
- 2)** A realização das ilustrações na *Folha de São Paulo* exige uma definição particular de trabalho?
- 3)** O trabalho de ilustrações em jornais impõe quais tipos de limitações?
- 4)** Como você vê o suporte bidimensional do jornal? Quais são as suas possibilidades e as suas limitações?
- 5)** Você busca uma coerência entre as ilustrações publicadas em diferentes edições?
- 6)** Em que medida o texto do colunista de cada edição determina a resolução da ilustração?
- 7)** Como você vê os textos dos colunistas? Quais elementos do texto você considera importantes para a elaboração das imagens?
- 8)** O que se impõe, as questões trazidas pelo texto do colunista ou as questões que vêm sendo desenvolvidas no seu trabalho?
- 9)** Você acredita que o jornal funciona como se fosse um local de exposições para a sua obra?
- 10)** Você acredita que possa haver um diálogo entre as diferentes ilustrações do jornal, como se todas fizessem parte de uma exposição? Como o trabalho de ilustrador tem modificado as suas concepções de arte?
- 11)** O que você acredita que determina a significação dessas ilustrações na Folha de São Paulo?
- 12)** Você tem recebido algum tipo de retorno em relação ao trabalho desenvolvido nas ilustrações da *Folha*?

ANEXO B: Diagrama da Pesquisa

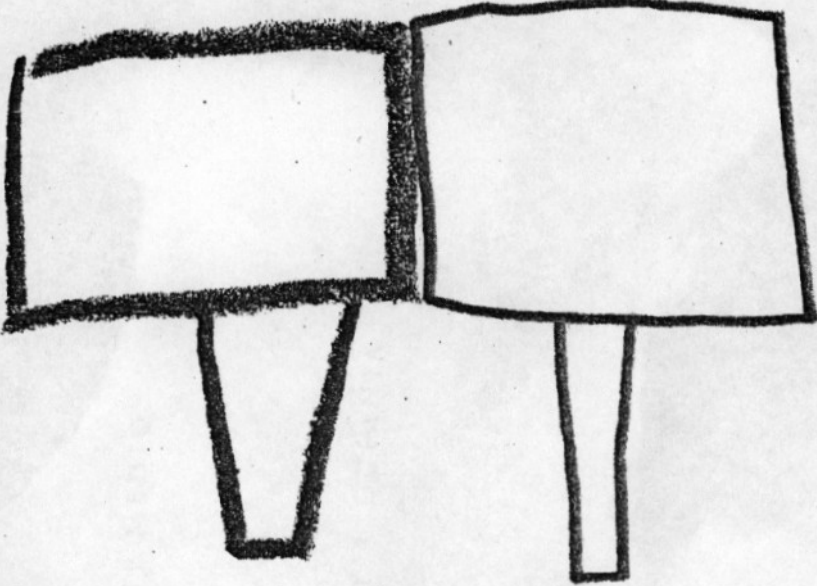


ANEXO C 1: Ilustração de Ester Grinspum para o texto *Vamos falar sobre drogas*, publicado na coluna *Tendências/Debates*, na página 3 da *Folha de São Paulo*, dia 16 de março de 2003.

Vamos falar sobre drogas

GIOVANNI QUAGLIA

Ester Grinspum



A fim de melhorar os indicadores de drogas e

população na família e na comunidade para reduzir a reincidência. Nessa questão, a pior e mais custosa

TEMAS PELOS

Guerra no

Governo L

Violência

(*) de um total

Fogo

“A repor

externa co

13/3) traz

divulgar q

tou ajuda

governos

aos incên

Em entr

em Mana

licitada a

que tal aju

dio ocorr

no federa

nenhuma

outros go

Terezinh

Ministe

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
E-mail: debates@folha.com.br

Vamos falar sobre drogas

GIOVANNI QUAGLIA

Ester Grinspum

A CADA ano, as Nações Unidas escolhem um tema para marcar o Dia Internacional contra o Abuso de Drogas, que é comemorado em 26 de junho. O tema de 2003, bastante apropriado à realidade brasileira, é "Vamos falar sobre drogas". O objetivo é envolver a sociedade no debate sobre a questão das drogas, e este artigo é uma colaboração com essa iniciativa.

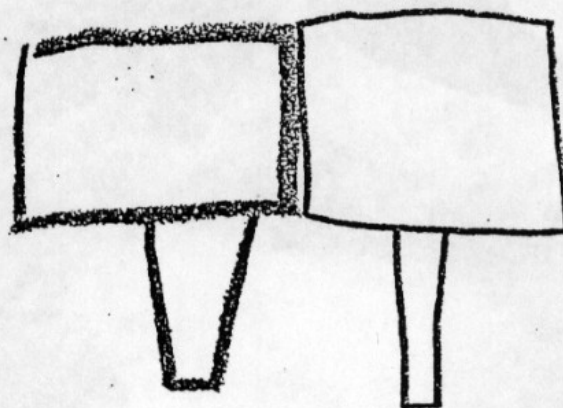
Segundo relatório anual da Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes (órgão ligado ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas) divulgado recentemente, mais de 160 países estão implementando as diferentes convenções da ONU sobre o controle de narcóticos e outras substâncias psicotrópicas. Um balanço desses esforços mostra que pressões sociais e legais estão limitando o consumo de drogas ilícitas a 5% da população mundial acima de 15 anos de idade — tendo como referência os últimos anos da década de 90.

Esse percentual, que é bastante significativo, representa cerca de 200 milhões de pessoas. Mas, quando se considera o consumo de drogas lícitas, a comparação é favorável. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), o consumo global de tabaco e álcool na população acima de 15 anos é estimado, respectivamente, em 30% e 50%.

Nos países cientes dos danos causados pelas drogas legais à saúde e à produtividade e de sua relação com o aumento da violência, ações vigorosas ajudam usuários a abandonar o hábito ou, pelo menos, reduzir os riscos desse consumo como um primeiro passo para a abstinência. Este é um caminho longo, mas a tendência é que as restrições do consumo de drogas legais sejam cada vez maiores, indo na mesma direção adotada há 50 anos pela comunidade internacional em relação às substâncias ilegais.

Um bom exemplo é a convenção proposta pela OMS, para mais de 170 países, com o objetivo de frear o consumo de cigarro. Entre as medidas sugeridas estão o aumento de impostos sobre a produção e a comercialização do tabaco, maiores restrições às áreas destinadas aos fumantes e a proibição total de publicidade e patrocínio cultural e esportivo pelos fabricantes de cigarro.

No que se refere às drogas ilícitas, novos e maiores esforços precisam ser feitos para conscientizar a juventude brasileira de que os prazeres de curto prazo proporcionados pelo consumo de maconha, cocaína e drogas sintéticas têm efeitos danosos para a saúde. Estudos sobre a maconha, a droga ilícita mais socialmente banalizada, mostram que seu poder cancerígeno é quatro vezes superior ao do tabaco. Além disso, a importante revista "British Medical Journal" mostrou que há uma relação causal entre o uso dessa droga e o desenvolvimento de psicoses.



A fim de melhorar os indicadores de drogas e crime, a sociedade brasileira deve apoiar as políticas internacionais

Outro aspecto importante é a concentração de renda derivada do tráfico de drogas. Em 2001, o consumo de heroína e cocaína nos Estados Unidos e na Europa movimentou cerca de US\$ 80 bilhões. Desse total, apenas 1% ficou com os agricultores envolvidos nas plantações da matéria-prima dessas duas drogas nos países em desenvolvimento (Afeganistão, Bolívia, Colômbia e Peru, por exemplo). Os demais 99% foram parar nas mãos dos traficantes.

A maior parte dos US\$ 3,8 bilhões que retornaram aos países produtores não contribuiu para a economia local, pois os gastos dos traficantes estão concentrados em produtos importados. Essa análise ainda não está disponível para o Brasil, mas o mercado doméstico de drogas ilícitas gera alguns bilhões de dólares para os narcotraficantes, que devem grande parte de seu lucro aos consumidores com alto poder aquisitivo.

Não pretendendo esgotar o assunto aqui, mas é preciso dizer que, para reduzir o mercado de drogas ilícitas, a estratégia brasileira deve ser bem balanceada entre a prevenção e a repressão. Medidas preventivas são importantes para influenciar os jovens a não se envolverem com o consumo de drogas ilícitas, prover serviços de qualidade para usuários que querem deixar o hábito ou reduzir os riscos associados ao uso dessas substâncias e facilitar a reinserção dessa

população na família e na comunidade para reduzir a reincidência.

Nessa questão, a pior e mais custosa política pública é deixar à própria sorte e sem nenhuma ajuda aqueles que desenvolveram problemas com drogas. Nas duas últimas décadas, a Europa tem investido em serviços públicos de qualidade. Nos Estados Unidos, o orçamento da Estratégia Nacional para o Controle de Drogas cresce consistentemente e os serviços de prevenção e de tratamento do abuso de drogas receberam cerca de US\$ 5,2 bilhões em 2003. Isso representa 47% do orçamento destinado ao controle de drogas naquele país.

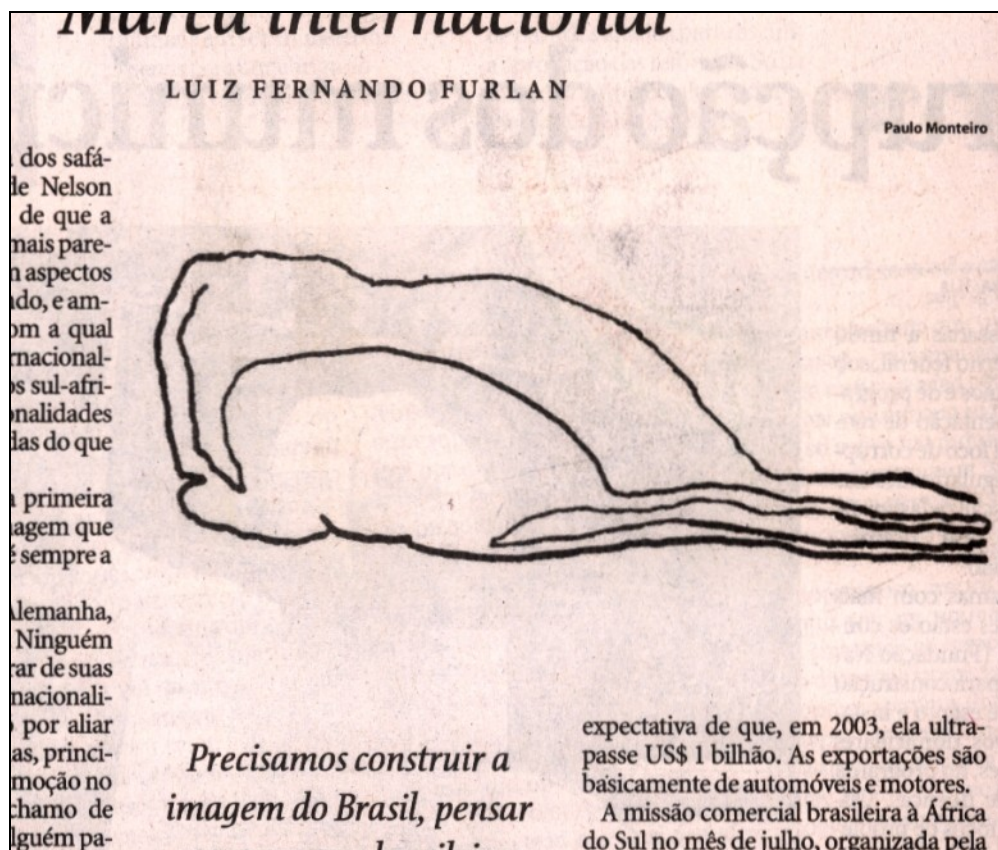
As medidas repressivas são igualmente importantes e tradicionalmente reconhecidas. Mas, no campo da prevenção, muitos anos foram necessários para se chegar à conclusão de que os investimentos nessa área dão retorno e reduzem o mercado das drogas ilícitas.

A fim de melhorar os indicadores de drogas e crime, a sociedade brasileira deve apoiar as políticas internacionais já ratificadas pelo país. Como o governo britânico observa, as convenções da ONU oferecem espaço suficiente para que os países ajam dentro de necessidades específicas. Para serem eficazes, os governos federal, estaduais e municipais devem incluir a prevenção ao crime e à droga como um tema transversal nos seus planos de trabalho, uma vez que esse problema afeta toda a sociedade.

Com a união de esforços entre o governo e a sociedade civil, um progresso considerável poderá ser feito, mesmo com investimentos moderados.

Giovanni Quaglia, 52, é o representante regional do Unodc (Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crimes) para o Brasil e o Cone Sul. Foi chefe de Operações na sede do Unodc em Viena e representante do mesmo escritório no Paquistão, Afeganistão, Irã, Brasil e Bolívia.

ANEXO C 2: Ilustração de Paulo Monteiro para o texto *Marca Internacional*, publicado na coluna *Tendências/Debates*, na página 3 da *Folha de São Paulo*, dia 14 de setembro de 2003.



TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
E-mail: debates@uol.com.br

Marca internacional

LUIZ FERNANDO FURLAN

Paulo Monteiro

A CABO DE voltar da terra dos safáris, vinhos e, é claro, de Nelson Mandela e estou convencido de que a África do Sul é um dos países mais parecidos com o Brasil. Os dois têm aspectos de Primeiro e de Terceiro Mundo, e ambos procuram uma marca com a qual possam ser reconhecidos internacionalmente. Como os brasileiros, os sul-africanos também têm suas personalidades e elas são muito mais conhecidas do que seus produtos.

Quando chego a um país, a primeira pergunta que faço é qual a imagem que eles têm do Brasil. A resposta é sempre a mesma: samba, café e Pelé.

Não é o que acontece com Alemanha, França ou Itália, por exemplo. Ninguém pensa nesses países sem lembrar de suas marcas. São nações que internacionalizaram seus produtos, não só por aliar alta tecnologia e qualidade, mas, principalmente, por colocar muita emoção no que comercializam. O que chamo de emoção é o que faz com que alguém pague US\$ 100 em uma gravata italiana só porque gostaria de possuir um produto de qualidade, com design, originalidade e marca. O mesmo acontece com o desejo de ter um carro alemão, um vinho francês etc.

Um país precisa ter marcas internacionais, que sejam reconhecidas e desejadas em qualquer parte do planeta. Precisamos colocar emoção nos nossos produtos. Embora a África do Sul produza excelentes vinhos e tenha a maior reserva de minerais do mundo, o país, como o Brasil, ainda não conseguiu diversificar sua pauta exportadora nem ter seus produtos reconhecidos internacionalmente.

No entanto os sul-africanos saíram na frente dos brasileiros em busca de uma marca. Em Johannesburg, visitei o Brand of South Africa (BSA), um instituto que cuida da imagem mundial da África do Sul. Num trabalho arrojado e bem elaborado, patrocinado pelo governo sul-africano e pelo setor privado, o instituto trata o nome África do Sul como um ativo, gerenciando-o tal qual a marca de um produto. Com uma equipe pequena, mas com empresas de relações públicas espalhadas pelos cinco continentes, o BSA sabe imediatamente quando um jornal influente publica uma informação negativa. Segue-se então uma estratégia ágil e eficiente.

A embaixada no país de origem da informação é acionada para enviar ao jornalista boas notícias da África do Sul, como aumento da atividade econômica ou queda da taxa de mortalidade infantil. Em seguida, um jornalista contrata



Precisamos construir a imagem do Brasil, pensar como marcas brasileiras podem trazer resultados concretos para o país

do dispara "releases" com essas mesmas notícias. Eles trabalham a informação repetida vezes, até que ela se torne uma verdade absoluta.

Ao mesmo tempo, o BSA tenta criar um clima de orgulho nacional. A estratégia é produzir anúncios e comerciais sobre as qualidades sul-africanas e divulgá-las nos principais canais da mídia. Na peça de propaganda, famosos esportistas, atores, intelectuais, políticos, religiosos e anônimos trabalhadores. O objetivo do instituto é aumentar a auto-estima da população e ganhar milhares de aliados para divulgar o país.

É lógico que o BSA associa a imagem da África do Sul à de Mandela. Um ícone positivo não deve ser ignorado, mas aperfeiçoado. Apenas para que o mundo se lembre que Mandela é sul-africano, em seu aniversário de 85 anos o instituto disparou "releases" avisando sobre a data e fornecendo um e-mail para onde enviar as congratulações. No dia 18 de julho, o BSA recebeu 8.000 e-mails de todas as partes do mundo.

Como os próprios sul-africanos costumam frisar, desde o fim do apartheid, o país não tem mais tempo a perder e busca, insistentemente, inserir-se de todas as formas no comércio mundial. Com o Brasil, o comércio bilateral caminha bem. A corrente de comércio em 2002 foi de US\$ 392 milhões e temos a

expectativa de que, em 2003, ela ultrapasse US\$ 1 bilhão. As exportações são basicamente de automóveis e motores.

A missão comercial brasileira à África do Sul no mês de julho, organizada pela Apex-Brasil, já trouxe para os dois países excelentes resultados. Levamos 72 empresas brasileiras de diversos setores. Juntas elas fecharam contratos de US\$ 2 milhões e os negócios a serem concluídos nos próximos meses devem chegar a US\$ 49 milhões.

Podemos seguir o exemplo da África do Sul, mas temos de definir por onde começar. Precisamos construir a imagem do Brasil, pensar em como queremos ser reconhecidos e, mais do que isso, pensar como marcas brasileiras podem trazer resultados concretos para o país. Essas coisas se constroem em partes. Um caminho que podemos seguir é o de fortalecer os ícones brasileiros já conhecidos lá fora, como Paulo Coelho (Irã), Lucélia Santos (China) ou Ronaldinho (Europa), aliando o carisma e talento dessas personalidades à tecnologia dos nossos produtos. Além do turismo, temos software, carros, máquinas, aviões, calçados e muitos outros produtos com valor agregado, alta competitividade e qualidade.

O nosso governo já começou a trabalhar. A Secretaria de Comunicação e Gestão Estratégica estuda o assunto e já envolveu vários ministérios e órgãos públicos. De pronto, colocamos o MDIC e a Apex-Brasil à disposição do ministro Luiz Gushiken. Para o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, a "marca Brasil" é prioridade.

Luiz Fernando Furlan, 56, engenheiro e administrador de empresas, é o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

ANEXO C 3: Ilustração de Marina Saleme para o texto *Mercosul, o desafio da credibilidade*, publicado na coluna *Tendências/Debates*, na página 3 da *Folha de São Paulo*, dia 13 de julho de 2003.



TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
E-mail: debates@uol.com.br

Mercosul, o desafio da credibilidade

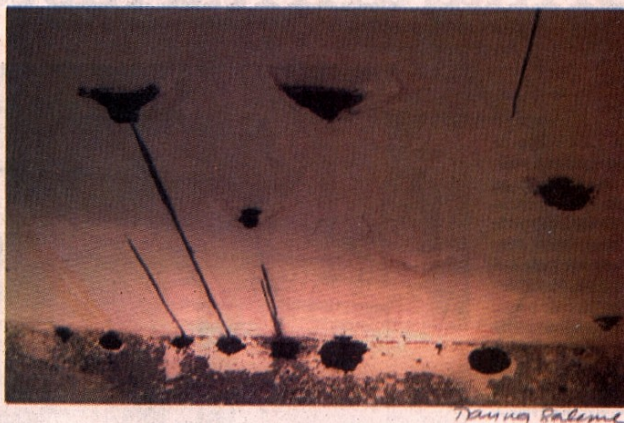
RICARDO LAGOS

O MUNDO está olhando para o Mercosul com o interesse de quem contempla um novo processo em marcha. Há uma força diferente, uma certa energia derivada da liderança demonstrada pelos novos mandatários da região. E isso transmite entusiasmo a todos, membros e associados, sobre as possibilidades que o momento nos oferece de levar adiante uma política mais ampla. O Mercosul tem raízes. Mas, como temos dito desde que nos incorporamos às suas tarefas, a iniciativa que o embasa vai muito além de uma união aduaneira, por mais que esta seja importante. O Mercosul é um grande projeto histórico que entrou em uma fase de grandes coincidências.

Se existe uma visão nova quanto ao Mercosul, é hora de aproveitar esse momento para enviar ao mundo uma mensagem realista, de mostrar que assumimos essa oportunidade com os pés no chão. Para além das metas de longo prazo, daquele horizonte de integração profunda aonde um dia pretendemos chegar, vejamos o quanto se pode fazer agora para que sejamos atraentes no diálogo mundial e para que acreditem em nós. E isso deve ser impulsionado, em primeiro lugar, no âmbito político.

É um tempo de responsabilidade. E demonstramos que sabemos agir, nesse sentido. Aquilo que o presidente Lula fez para restabelecer a confiança dos mercados internacionais — e dos mercados de seu próprio país — no Brasil foi altamente benéfico não só para os brasileiros, mas para toda a região. Não só o risco-país do Brasil caiu, mas também o “risco-região”. Todos deveríamos estar agradecidos por isso. Sem dúvida, o processo eleitoral na Argentina e a chegada do presidente Kirchner à Casa Rosada se enquadram na mesma lógica. Por isso surgem as vozes daqueles que dizem, de longe, que no sul da América Latina as coisas estão sendo conduzidas melhor do que se esperava.

Chegou a hora, portanto, de falarmos sério sobre os novos passos a encetar. Qual é a semelhança com a base a partir da qual, mais de 50 anos atrás, deu-se a largada ao que hoje conhecemos como União Européia? O que é a nossa “Comunidade do Carvão e do Aço”? É certo que os europeus hoje dispõem do euro e discutem uma constituição comum para o continente, mas tiveram de percorrer seu caminho. Devemos fazer o mesmo, com passos firmes e confiáveis. Há muitas áreas nas quais se pode começar a trabalhar com realismo e de maneira concreta. Vejamos algumas:



*Se existe uma visão nova
quanto ao Mercosul, é
hora de aproveitar esse
momento para enviar
uma mensagem realista*

Coordenação dos membros e associados do Mercosul com relação às políticas multilaterais no âmbito político, assim como no âmbito econômico;

dar impulso a políticas macroeconômicas comuns, com base nas quais se poderão estruturar acordos sobre inflação, déficit fiscal, política monetária e outros temas que definam as responsabilidades compartilhadas e as responsabilidades próprias em cada campo;

desenvolvimento de posições compartilhadas no âmbito da segurança, assumindo os novos desafios e perigos que afetam nossa região, e a vinculação entre eles e o resto do mundo;

harmonização das políticas em questões comerciais relacionadas a direitos de propriedade intelectual e seus derivados, em negociações com a OMC e tratados comerciais;

avanços na direção de uma política comum de defesa, com base nos acordos de zona de paz já alcançados, buscando uma homologação soberana dos gastos com a defesa e definindo políticas de coordenação regional;

desenvolvimento de políticas ambientais e defesa dessas políticas, tendo como referência as novas exigências de acesso aos mercados mundiais;

coordenação e execução dinâmica dos

programas de infra-estrutura física, especialmente na perspectiva dos corredores biocêntricos e das relações entre o Mercosul e outras regiões do mundo;

desenvolvimento de tecnologias da informação e comunicação, na perspectiva do “espaço Mercosul”, para o incremento dos recursos próprios no diálogo intra-regional e extra-regional.

O que devemos ter em mente é um entendimento político com letras maiúsculas, trabalhando por uma agenda que aumente a força do Mercosul em todos os âmbitos a que seremos convocados. Cada um de nós pode pôr em campo sua experiência específica.

O Chile negociou acordos comerciais com a Europa, com os EUA, com a Coreia do Sul. Nós o fizemos com base em uma visão de “regionalismo aberto” que nos leva a compreender precisamente, na região, o quanto foi possível alcançar e quanto será necessário negociar em outros âmbitos. Se, do lado de fora, avançamos em nossos acordos comerciais, está aqui o espaço a partir do qual fazemos nossa política externa.

Se chegarmos à próxima conferência do Mercosul, no Uruguai, com três ou quatro programas de trabalho muito precisos e já em curso, seremos vistos com outros olhos. Nosso desafio é o da credibilidade. Se pudermos dizer que “estamos coordenando políticas macroeconômicas”, acreditaremos em nós, porque o propósito de avançar com seriedade será visível. Levá-los-ão em conta caso advirmos que não confundimos as metas de longo prazo com a construção daquilo que está hoje ao nosso alcance. Toda muralha começa pela união dos primeiros tijolos.

Ricardo Lagos Escobar, 65, é presidente da República do Chile.

ANEXO C 4: Ilustração de Célia Euvaldo para o texto *Fontes da popularidade*, publicado na coluna *Tendências/Debates*, na página 3 da *Folha de São Paulo*, dia 31 de agosto de 2003.

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo
E-mail: debates@uol.com.br

Fontes da popularidade

LUIZ CARLOS BRESSER PEREIRA

Célia Euvaldo

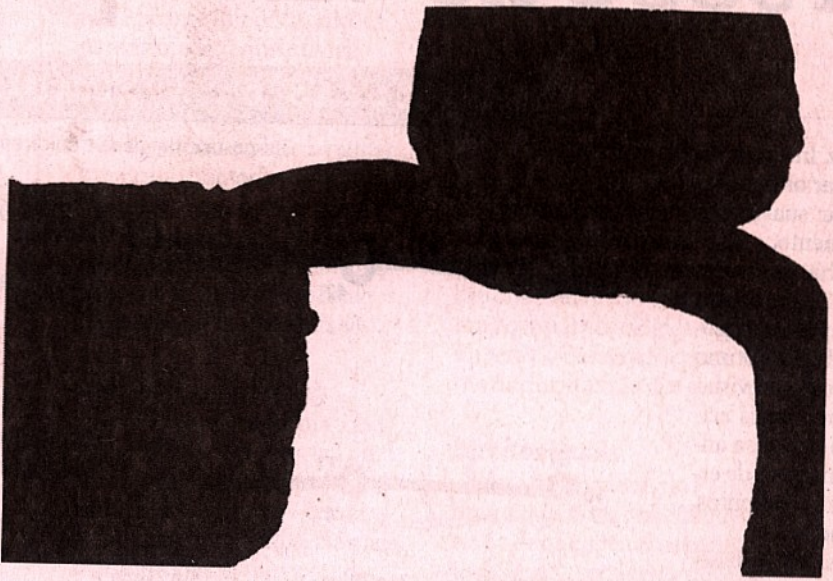
io poderá financiar os
com maior endivida-
ou mais impostos, as
que lhe restam são re-
vimento econômico e
cia do gasto social. Os
eses de seu governo,
ermitem antever uma
Deixam, pelo contrá-
stagnação econômica
gestão pública, de for-
idade do governo de-

rcado pela pobreza e
, como o Brasil, a po-
verno depende da sua
lhorar a situação dos
pode acontecer via
rios mais baixos ou
s com educação, saú-
enda mínima e assis-

o democrática, os sa-
pres não têm aumen-
breve momento pós-
o o fim da alta infla-
eu a eles parte da per-

*A taxa Selic começou a ser
reduzida, mas essa*

continuidade da política macroeconô-
mica de alta taxa de juros e baixa taxa de
câmbio. Com essa política, o país conti-
nuará com suas contas públicas e suas



TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
E-mail: debates@uol.com.br

Fontes da popularidade

LUIZ CARLOS BRESSER PEREIRA

Célia Euvaldo

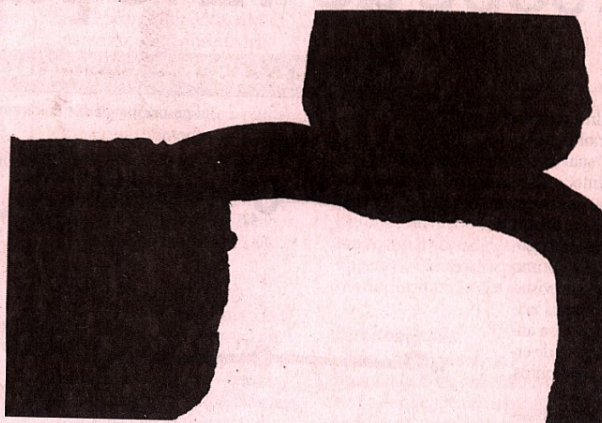
JÁ QUE Lula não poderá financiar os gastos sociais com maior endividamento público ou mais impostos, as duas alternativas que lhe restam são retomar o desenvolvimento econômico e melhorar a eficiência do gasto social. Os sete primeiros meses de seu governo, entretanto, não permitem antever uma coisa nem outra. Deixam, pelo contrário, prever semi-estagnação econômica e deterioração da gestão pública, de forma que a popularidade do governo deverá cair.

Em um país marcado pela pobreza e pela desigualdade, como o Brasil, a popularidade do governo depende da sua capacidade de melhorar a situação dos mais pobres. Isso pode acontecer via aumento dos salários mais baixos ou aumento dos gastos com educação, saúde, programas de renda mínima e assistência social.

Desde a transição democrática, os salários dos mais pobres não têm aumentado, a não ser no breve momento pós-Plano Real, quando o fim da alta inflação inercial devolveu a eles parte da perda provocada por essa mesma inflação, e principalmente quando a valorização da taxa de câmbio aumentou o salário médio real. Mantida estável essa taxa, os salários reais variam na proporção do crescimento da renda por habitante, ou seja, da taxa de desenvolvimento econômico. Como essa taxa tem sido menor do que 1% ao ano nos últimos 20 anos, devido à incapacidade dos governos de alcançar a verdadeira estabilidade macroeconômica, o salário dos pobres não poderia ter crescido.

Os governantes, entretanto, em alguns momentos lograram popularidade porque, desde 1985, os gastos sociais aumentaram substancialmente, financiados não pelo crescimento da renda por habitante, como seria desejável, mas pelo aumento da carga tributária e do endividamento público. Além disso, a partir de 1995 a reforma da gestão pública vem contribuindo para o aumento da eficiência no uso dos recursos públicos, ao mesmo tempo em que a prática do loteamento dos cargos públicos para obter maioria no Congresso diminuiu sensivelmente.

O governo Lula, embora comprometido eleitoralmente com os pobres, sabe que não poderá mais financiar o gasto social adicional com aumento dos impostos, já que a carga tributária de 36% do PIB ultrapassou todos os limites do aceitável em um país em desenvolvimento. Não poderá tampouco continuar recorrendo ao déficit público, pois o endividamento do Estado já é alto de-



A taxa Selic começou a ser reduzida, mas essa redução é apenas a que "o mercado financeiro permite"

mais. Agravando o problema, o governo federal, assim como os estaduais e municipais, encontra dificuldade crescente para financiar o próprio gasto social corrente, dado o peso representado pela já enorme conta de juros.

Por outro lado, a expectativa de que o governo continue a melhorar a eficiência do gasto público é pouco realista. Houve no atual governo um loteamento dos cargos públicos de confiança. O famoso caso do diretor da Funasa, que foi demitido porque sua mulher votou contra a reforma da Previdência, é apenas uma indicação desse fato. Praticamente nenhum ministro foi capaz de preencher a maioria dos cargos de confiança com pessoal técnico. Estimativas feitas em Brasília são que dois terços desses cargos tenham sido preenchidos por critérios políticos. Essa é uma enorme mudança em relação ao governo anterior. Nos dois ministérios que dirige, por exemplo, não fui obrigado a contratar nenhum gestor por essa razão.

Resta-lhe, portanto, como alternativa, retomar o desenvolvimento. Com isso, poderá não apenas financiar gastos sociais adicionais, mas diminuir o brutal desemprego e aumentar o salário médio dos pobres. A probabilidade dessa retomada, entretanto, é pequena, dada a

continuidade da política macroeconômica de alta taxa de juros e baixa taxa de câmbio. Com essa política, o país continuará com suas contas públicas e suas contas externas desequilibradas a médio prazo, as taxas de investimento e poupança permanecerão baixas e a economia, semi-estagnada.

A taxa Selic começou a ser reduzida, mas essa redução é apenas a que "o mercado financeiro permite". Por isso, dificilmente cairá abaixo dos 8% a 9% reais. Quando chegar nesse ponto, o mercado começará a ameaçar com o não-financiamento da dívida pública, ao mesmo tempo em que a depreciação cambial voltará a acelerar momentaneamente a inflação. Embora aquela ameaça seja vazia (o mercado não tem alternativa de colocação de seus recursos monetários, senão financiar a dívida pública), o Banco Central, atemorizado por ela e pela inflação, deverá voltar a elevar a taxa de juros.

Para superar essa armadilha financeira, o governo, que está sinceramente interessado em baixar a taxa de juros permanentemente, precisa de uma crítica responsável da teoria ortodoxa convencional que o BC vem adotando nos últimos nove anos e de coragem e determinação para enfrentar os interesses financeiros. Ou muda nessa direção e alcança a estabilidade macroeconômica, retomando o desenvolvimento, ou terá pela frente graves problemas de popularidade e governabilidade.

Luiz Carlos Bresser Pereira, 69, é professor de economia na FGV-SP. Foi ministro da Ciência e Tecnologia e da Administração Federal e Reforma do Estado (governo FHC), além de ministro da Fazenda (governo Sarney).

Site: www.bresserpereira.org.br

ANEXO C 5: Ilustração de Marco Giannotti para o texto *O câmbio nos tempos do real*, publicado na coluna *Tendências/Debates*, na página 3 da *Folha de São Paulo*, dia 2 de março de 2003.

TENDÊNCIAS/DEBATES

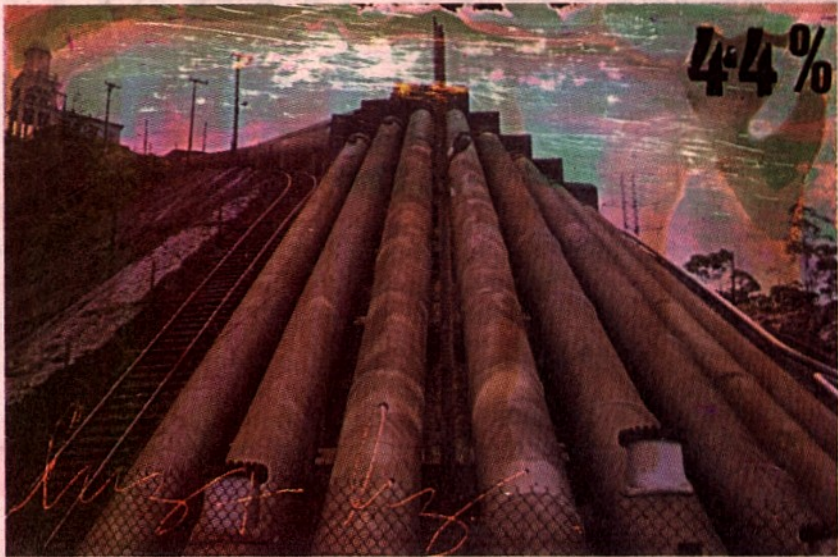
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo
E-mail: debates@uol.com.br

O câmbio nos tempos do real

ROBERTO GIANNETTI DA FONSECA

Marco Giannotti

... dita pelo ex-ministro
... rique Simonsen nos
... ecoa com frequência
... ia: "Inflação alta casti-
... esajustado mata!".
... ecente tem dado pro-
... esta afirmação é abso-
... a. Basta olhar para o
... s últimos anos na Ar-
... nder a que ponto uma
... ca cambial pode afun-
... e um país que tinha e
... bes e fundamentos bá-
... grande nação.
... a prolongada sobrevi-
... que prevaleceu de ju-
... eiro de 1999 quase nos
... um destino trágico, o
... eu porque o mercado
... a da política cambial
... que esgotavam-se as
... stentação das contas
... trago que foi produzi-
... blicas dos governos fe-
... ao longo do período,



A meu ver, tem faltado recentemente ao Banco

picaz e habilidosa do câmbio, não no sentido de intervir de forma perversa, determinando cotações irrealistas, como as que criticamos severamente nos

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
E-mail: debates@folha.com.br

O câmbio nos tempos do real

ROBERTO GIANNETTI DA FONSECA

Marco Giannetti

HÁ UMA frase, dita pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen nos anos 70, que ainda ecoa com frequência na minha memória: "Inflação alta castiga, mas câmbio desajustado mata!".

A experiência recente tem dado provas cabais de que esta afirmação é absolutamente verdadeira. Basta olhar para o que aconteceu nos últimos anos na Argentina para entender a que ponto uma equivocada política cambial pode afundar a economia de um país que tinha e tem todas condições e fundamentos básicos para ser uma grande nação.

Aqui no Brasil, a prolongada sobrevalorização cambial que prevaleceu de junho de 1994 a janeiro de 1999 quase nos leva também a um destino trágico, o que só não ocorreu porque o mercado impôs a mudança da política cambial no momento em que esgotavam-se as alternativas de sustentação das contas externas. Mas o estrago que foi produzido nas contas públicas dos governos federal e estaduais ao longo do período, como também na estrutura do setor exportador brasileiro, custou-nos muitas dezenas de bilhões de dólares.

Alguns, que ainda teimam em enxergar a realidade histórica, dirão que esse foi o preço necessário para conquistar a estabilidade monetária introduzida em 1994 pelo Plano Real; mas o que se argumenta é que, com um pouco mais de bom senso e ousadia, poderíamos ter reduzido substancialmente esse preço sem ter posto em risco a estabilidade. Mas isso são águas passadas.

O fato é que a introdução do câmbio flutuante em 1999 trouxe uma outra dinâmica para a economia brasileira, tornando-a muito mais confiável e competitiva na ótica de investidores e financiadores internacionais. Em pouco tempo os fatos decorrentes vieram contradizer os analistas apocalípticos que anunciavam o fim da estabilidade e o colapso do Plano Real logo após a mudança do regime cambial. A introdução simultânea e bem-sucedida do regime de metas de inflação veio consolidar essa nova fase no Banco Central, que se inaugurou com a posse de Armínio Fraga.

A partir de 2000 a inflação recuou para patamares moderados, as exportações deram um salto de 16% sobre os níveis do ano anterior e a economia começou a crescer ao redor de 4,3% ao ano. Tudo parecia que ia bem, até que, a partir de maio de 2001, vieram a crise energética no Brasil, os atentados de 11 de setembro, as fraudes contábeis nas grandes corporações americanas e a onda de aversão a risco que ainda perdura no mercado financeiro internacional.

Nesse contrafluxo de sucessivos eventos negativos, era preciso agir com a máxima cautela, a fim de prever as consequências num futuro próximo. E a questão cambial tornou-se novamente uma variável crítica diante da nova conjuntura internacional e da ainda frágil situação de nossas reservas externas.

Naquele momento era preciso planejar com astúcia e habilidade a atuação do Banco Central no manejo do câmbio,



A meu ver, tem faltado recentemente ao Banco Central uma gestão mais perspicaz e habilidosa do câmbio

bio, procurando evitar na origem as previsíveis ações especulativas que os operadores financeiros iriam procurar realizar aproveitando-se do nervosismo na fase pré-eleitoral. Pois é no ambiente de alta volatilidade cambial que as mesas de câmbio e de tesouraria dos bancos sempre obtiveram polpidos lucros.

Diante do iminente risco de desvalorização adicional do real, as empresas com obrigações em moeda forte passaram a demandar crescentes volumes de hedge cambial, o que, como numa profecia auto-realizável, acabou acelerando a queda do real no mercado de câmbio. Debateu-se então se, para defender o real e satisfazer a demanda de hedge pelo mercado, deveria o BC atuar diretamente no mercado de derivativos ou, alternativamente, emitir títulos da dívida pública interna denominados em dólares. Sem argumentos convincentes, a diretoria do Banco Central à época decidiu pela emissão maciça de títulos em dólares, chegando a dolarizar cerca de 40% de nossa gigantesca dívida interna.

Pois bem, não bastasse isso, ainda se estabeleceu para parte desses títulos o período de vencimento entre setembro e outubro de 2002, ou seja, em pleno pleno período eleitoral, quando era previsível que o ambiente especulativo estaria fervendo. E, para completar, avisou-se ao mercado, num espírito de ingênua transparência, que tais títulos não seriam rolados, mas liquidados no vencimento. Foi o convite que faltava para que os insaciáveis operadores de plantão puxassem a Ptax (a taxa de câmbio média do dia anterior ao vencimento dos títulos) às alturas.

A meu ver, tem faltado recentemente ao Banco Central uma gestão mais pers-

pica e habilidosa do câmbio, não no sentido de intervir de forma perversa, determinando cotações irrealistas, como as que criticamos severamente nos tempos da sobrevalorização cambial, durante o primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. Mas sim desmontando as posições especulativas que recorrentemente o mercado vem impondo, gerando nestes últimos meses uma clara subvalorização do real, como também uma volatilidade cambial que tem sido o sonho dos operadores de mesas de câmbio.

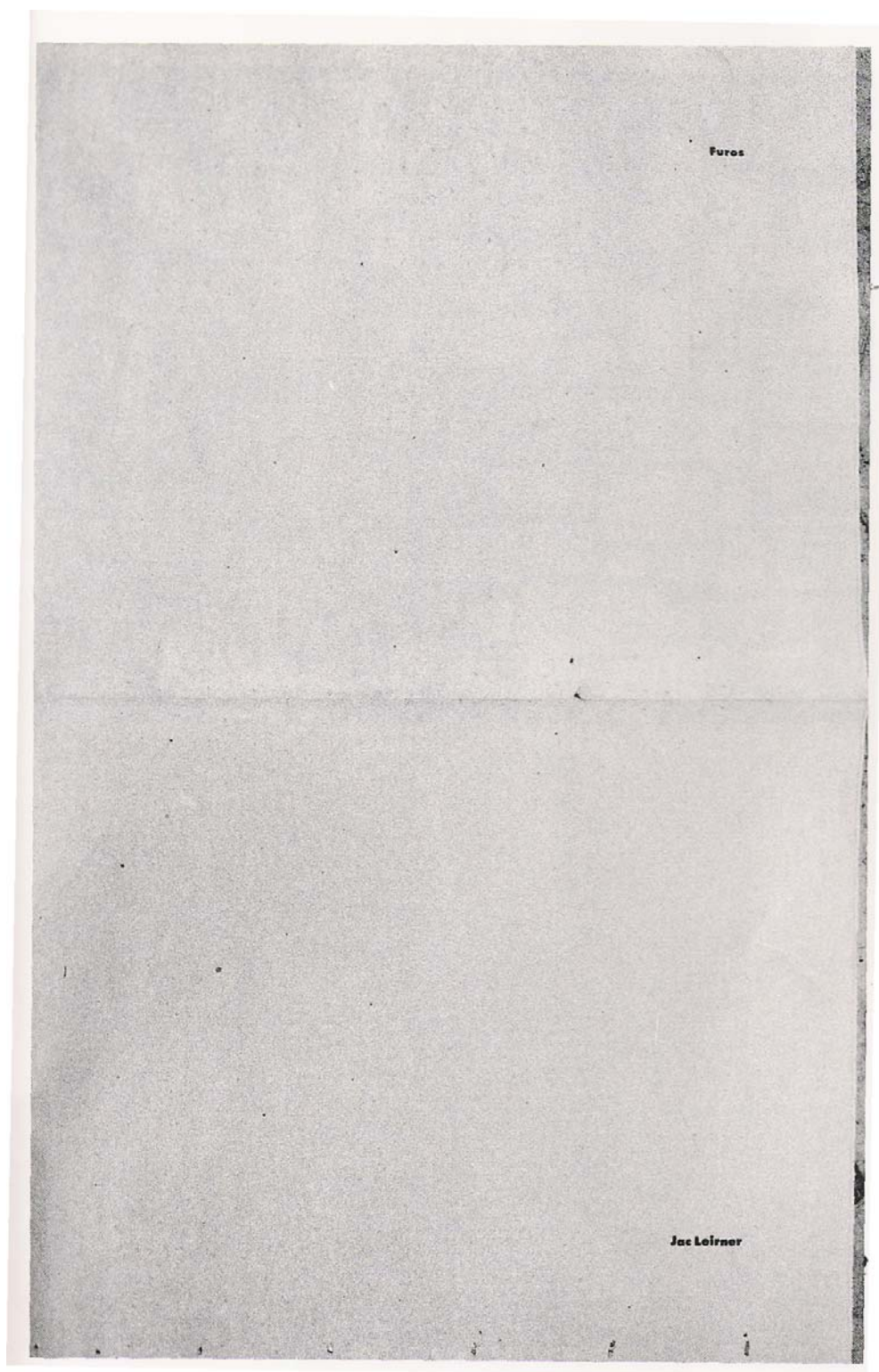
Sem querer ser pretensioso, corro o risco de afirmar que a solução para impedir essa especulação cambial é muito simples e já foi aplicada pelo próprio BC no início dos anos 90, quando, pela primeira vez na história recente, a flutuação cambial foi introduzida na economia brasileira. Trata-se, em primeiro lugar, de tornar sigilosa a posição líquida que o Banco Central deseja operar a cada dia. Afinal, jogador de truco que se preze não mostra suas cartas para o adversário. Até porque o direito de blefe deve ser recíproco, e quem não blefa no jogo cambial dificilmente ganha.

Pois bem, para manter o sigilo, somente o presidente e o diretor responsável, a cada manhã, deveriam decidir quanto estaria disponível em reservas para a mesa de câmbio do BC operar no mercado. Seriam criadas duas mesas de câmbio, que, incomunicáveis entre si, receberiam ordens simultâneas de compra e de venda de dólares em valores múltiplos vezes superiores ao valor líquido acordado para o dia. O mercado, sem saber a posição do Banco Central e confuso com as simultâneas ordens de compra e venda, dificilmente conseguiria arbitrar a taxa como vem fazendo.

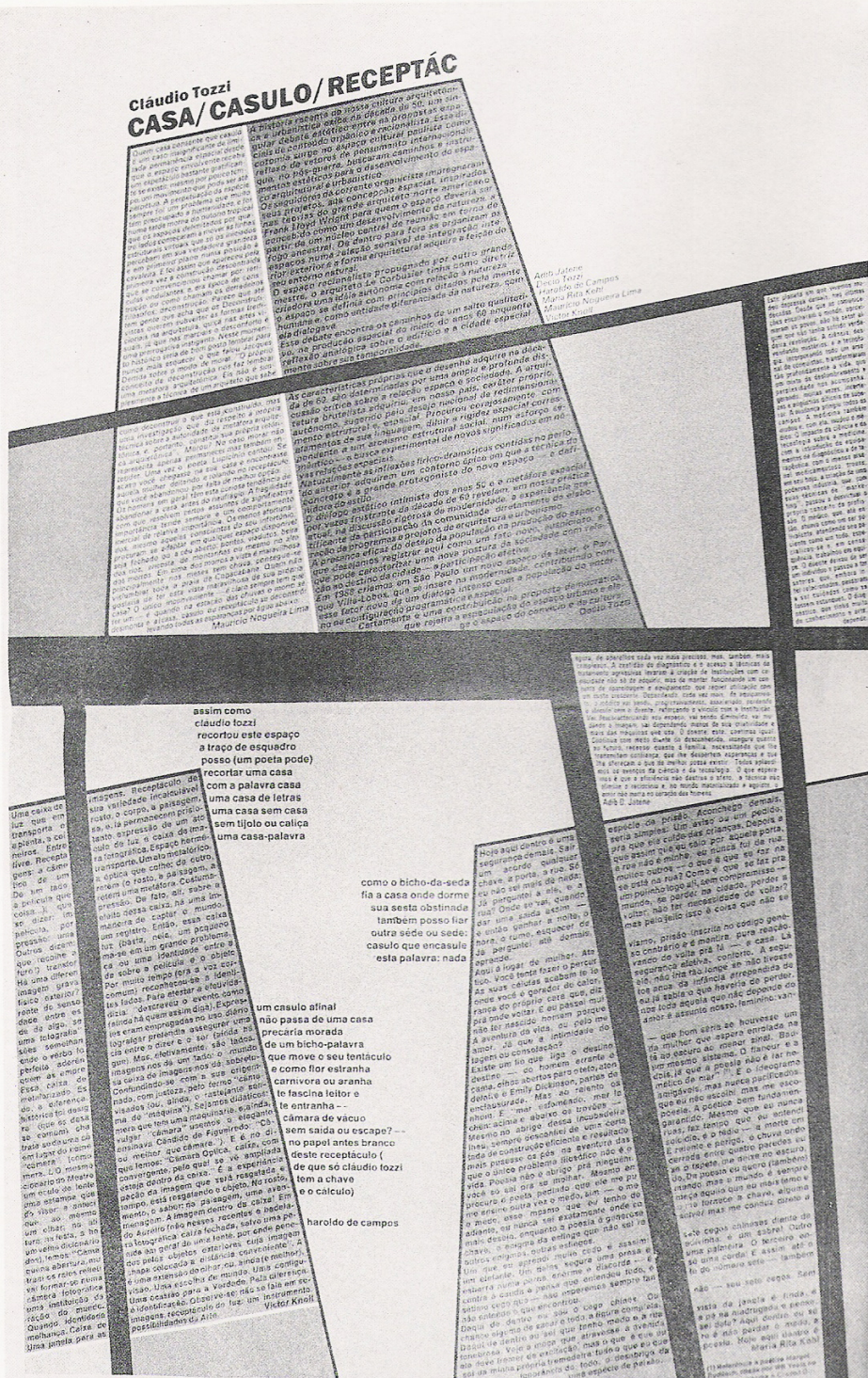
Se é para mudar que o governo Lula foi eleito, fica minha sugestão para a gestão cambial, vinda de quem assiste com tristeza ao BC levando goleada. Basta de volatilidade excessiva e de especulação permanente. O câmbio deve ser flutuante, mas nem tanto.

Roberto Giannetti da Fonseca, 53, economista e empresário, é coordenador do Conselho de Comércio Exterior do Estado de São Paulo. Foi secretário-executivo da Camex (2000-2002).

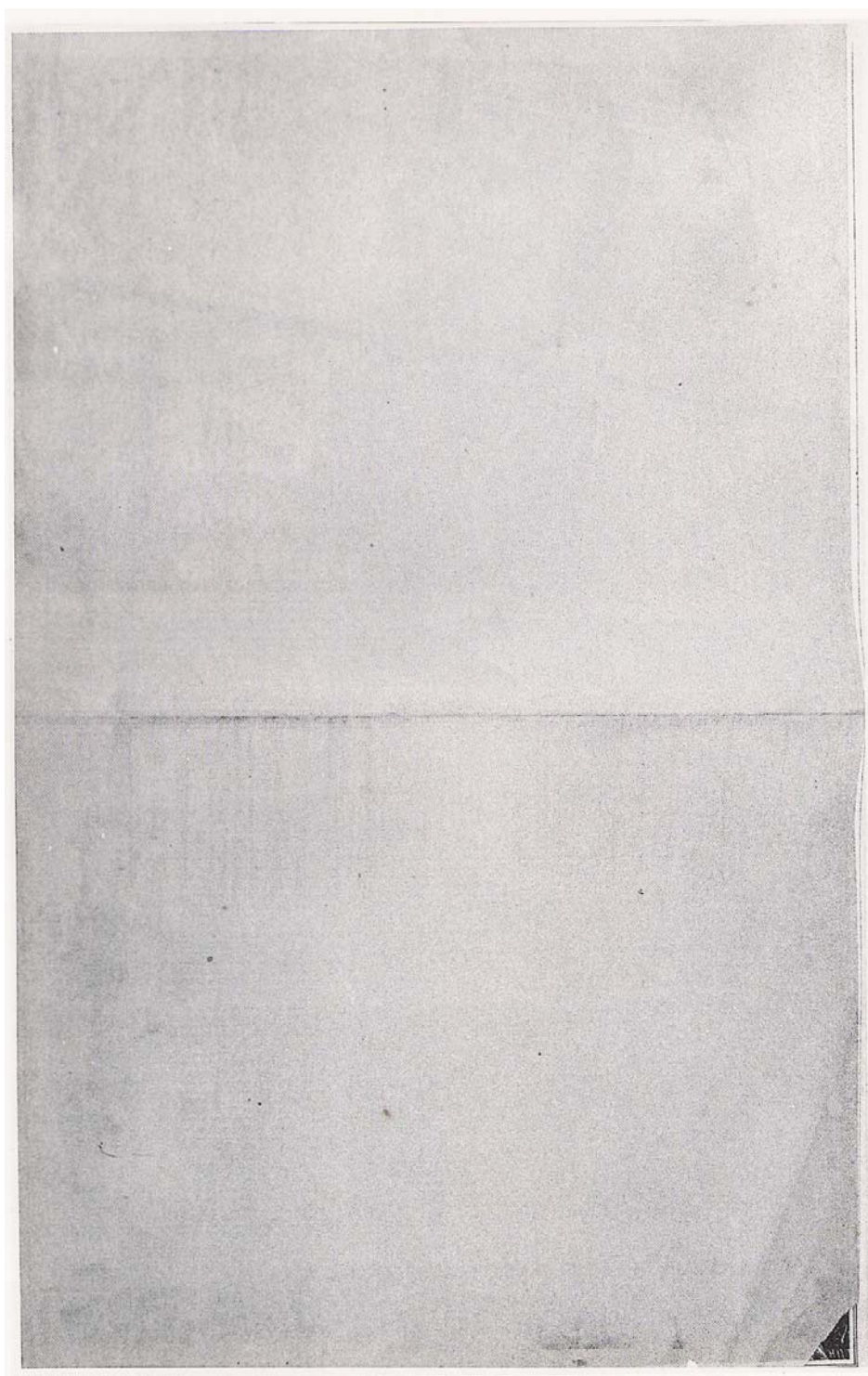
ANEXO D 1: Intervenção de Jac Leirner no *Jornal da Tarde*. (KLINTOWITZ, 1989, p.15.)



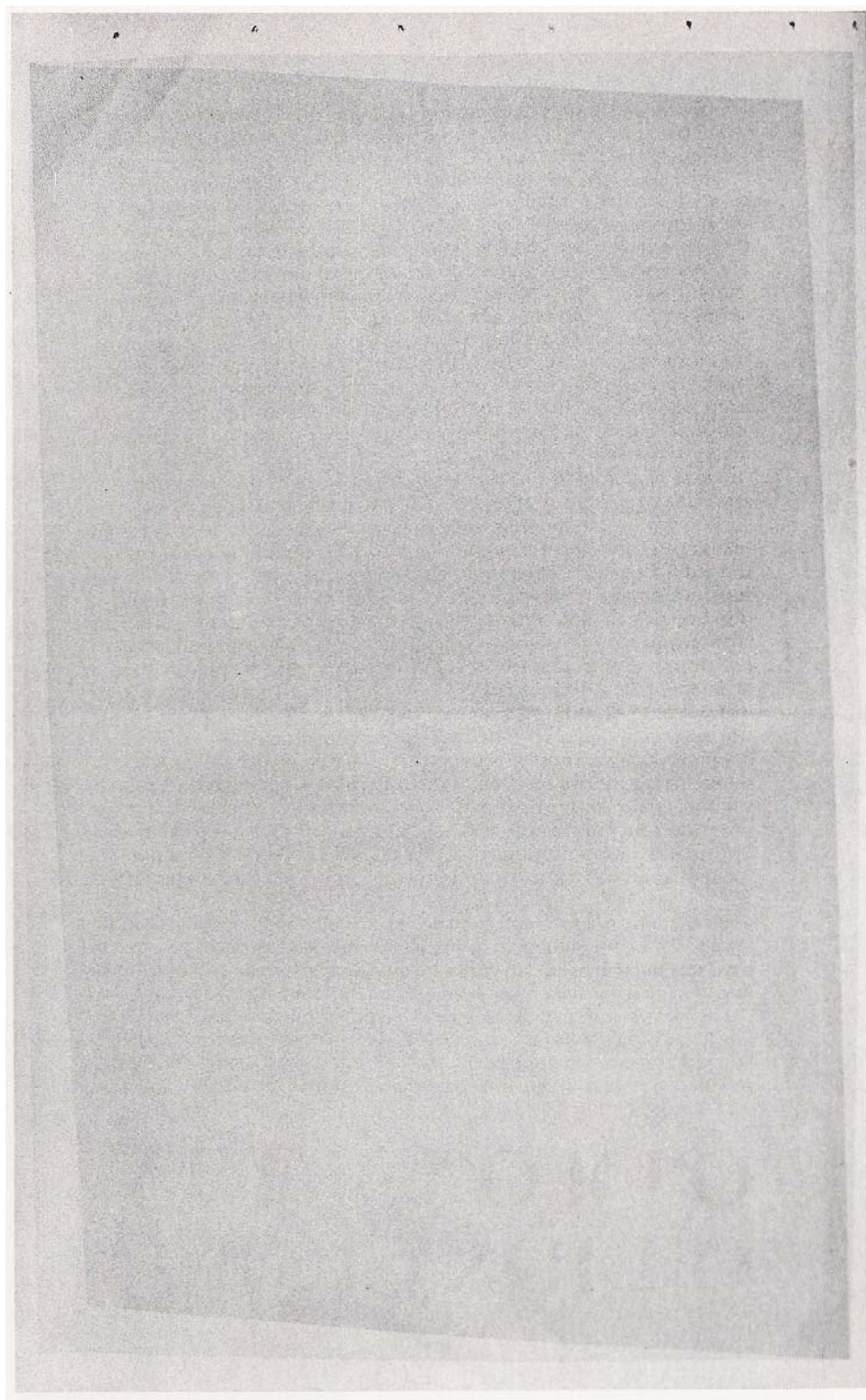
ANEXO D 2: Intervenção de Cláudio Tozzi no *Jornal da Tarde*. (KLINTOWITZ, 1989, p.11.)



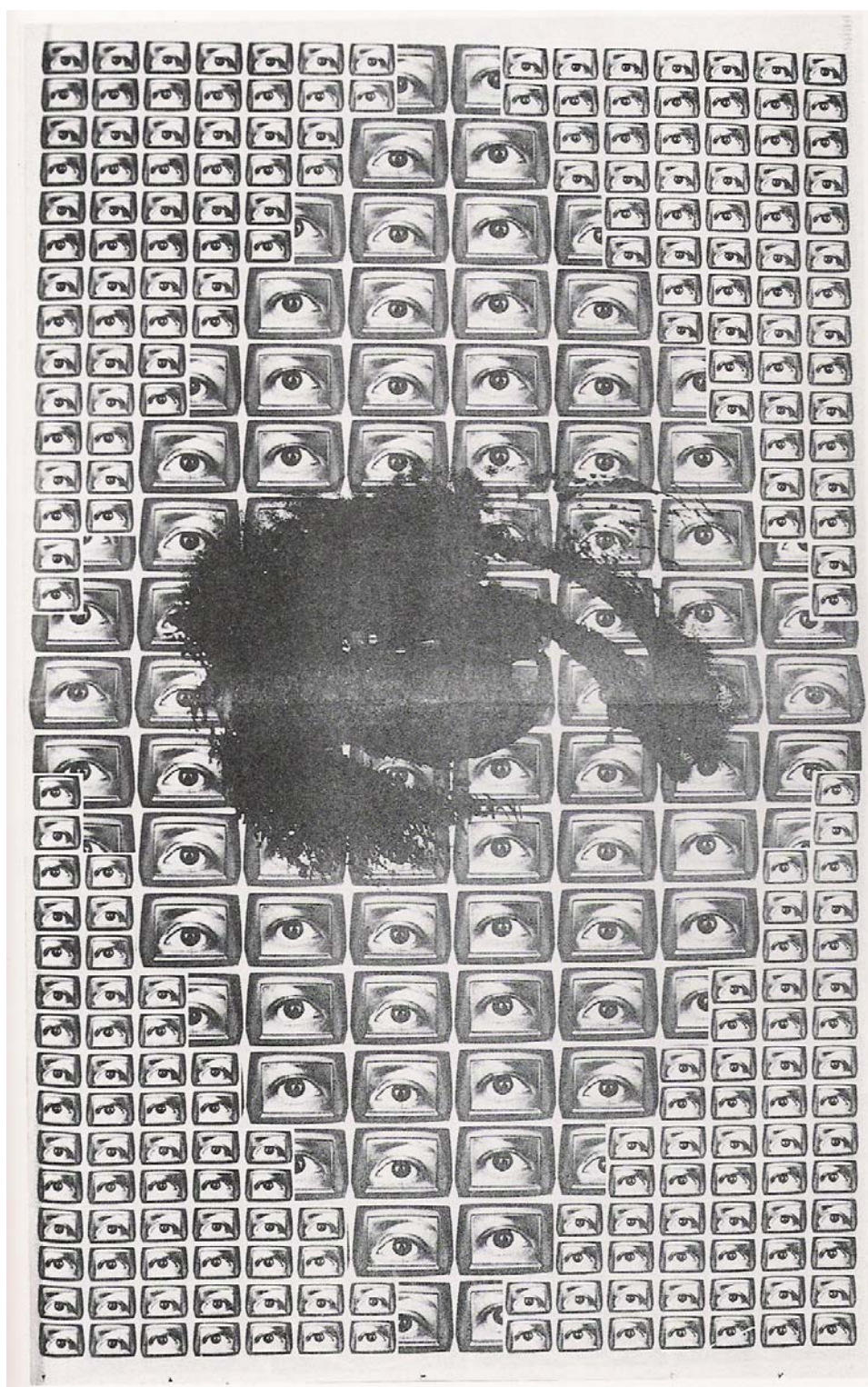
ANEXO D 3: Intervenção de Dudi Maia Rosa no *Jornal da Tarde*. (KLINTOWITZ, 1989, p.12.)



ANEXO D 4: Intervenção de Hércules Barsotti no *Jornal da Tarde*. (KLINTOWITZ, 1989, p.13.)



ANEXO D 5: Intervenção de Renina Katz no *Jornal da Tarde*. (KLINTOWITZ, 1989, p.21.)



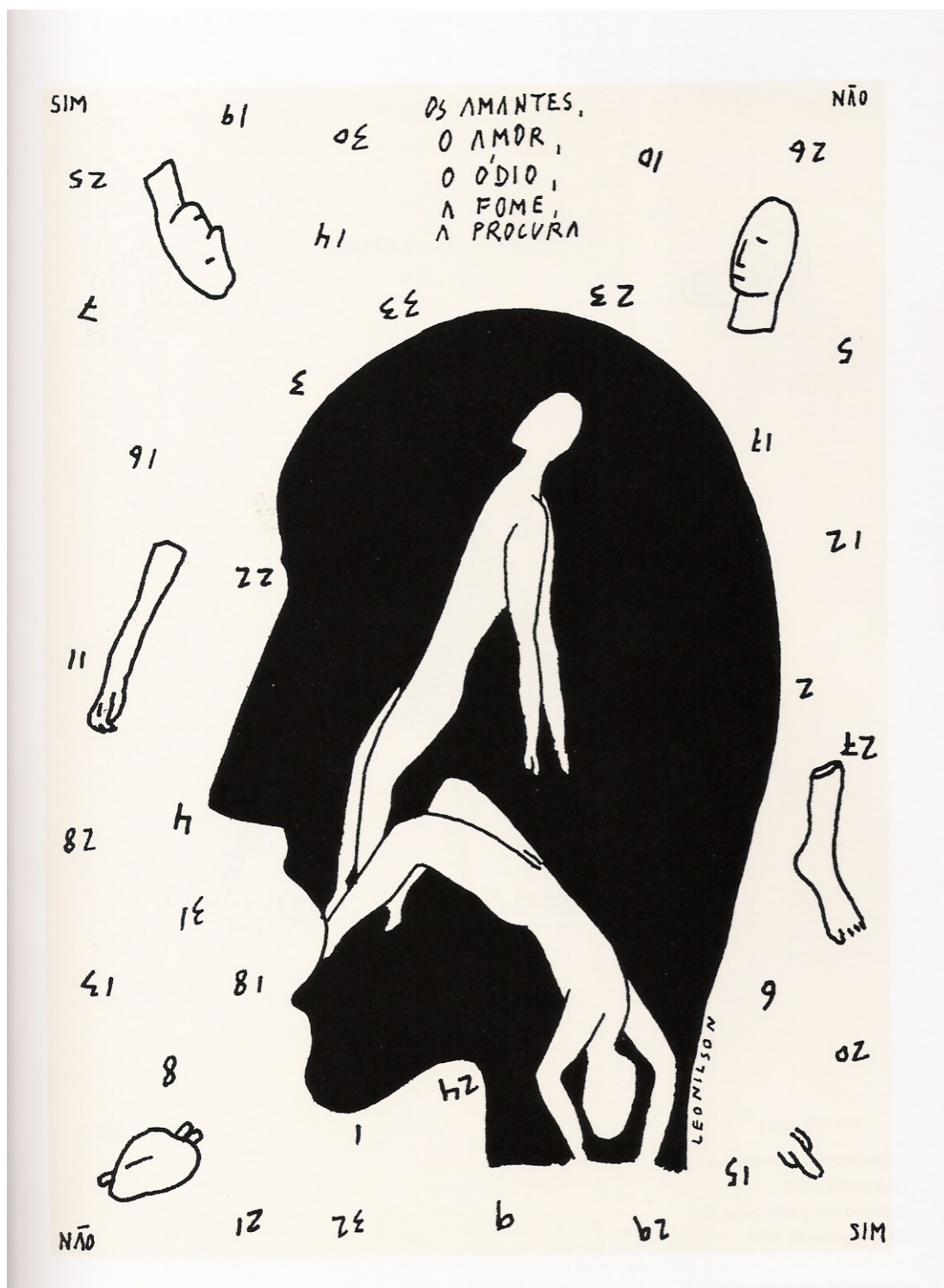
ANEXO D 6: Intervenção de Waltércio Caldas no *Jornal da Tarde*. (KLINTOWITZ, 1989, p.23.)



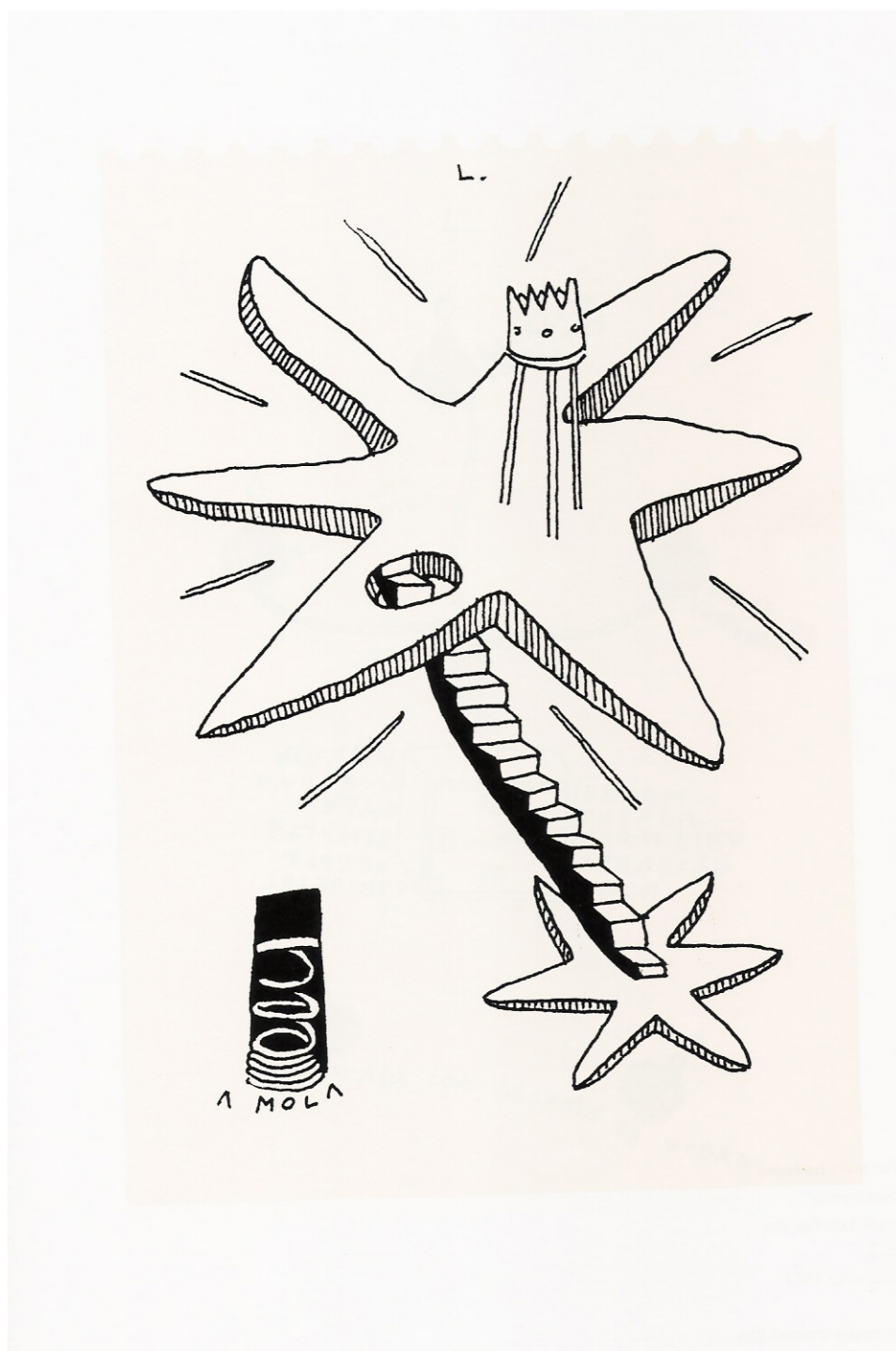
ANEXO D 7: Intervenção de Marcelo Cipis no *Jornal da Tarde*. (KLINTOWITZ, 1989, p.18.)



ANEXO E 1: Ilustração de Leonilson. *Adivinhe quem vem para ser jantado?* Caderno são paulo sp, p.2, 21 de agosto de 1991. (MESQUITA, 1997, p.60-61)



ANEXO E 2: Ilustração de Leonilson. *Bom mesmo é nascer virado para a Lua.* Caderno *ilustrada/fim de semana*, p.2, 23 de outubro de 1992. (MESQUITA, 1997, p.172-173)



ANEXO E 3: Ilustração de Leonilson. *Diana roda a baiana e azeda Natal da rainha.* Caderno *ilustrada/fim-de-semana*, p.2, 11 de dezembro de 1992. (MESQUITA, 1997, p.186-187)



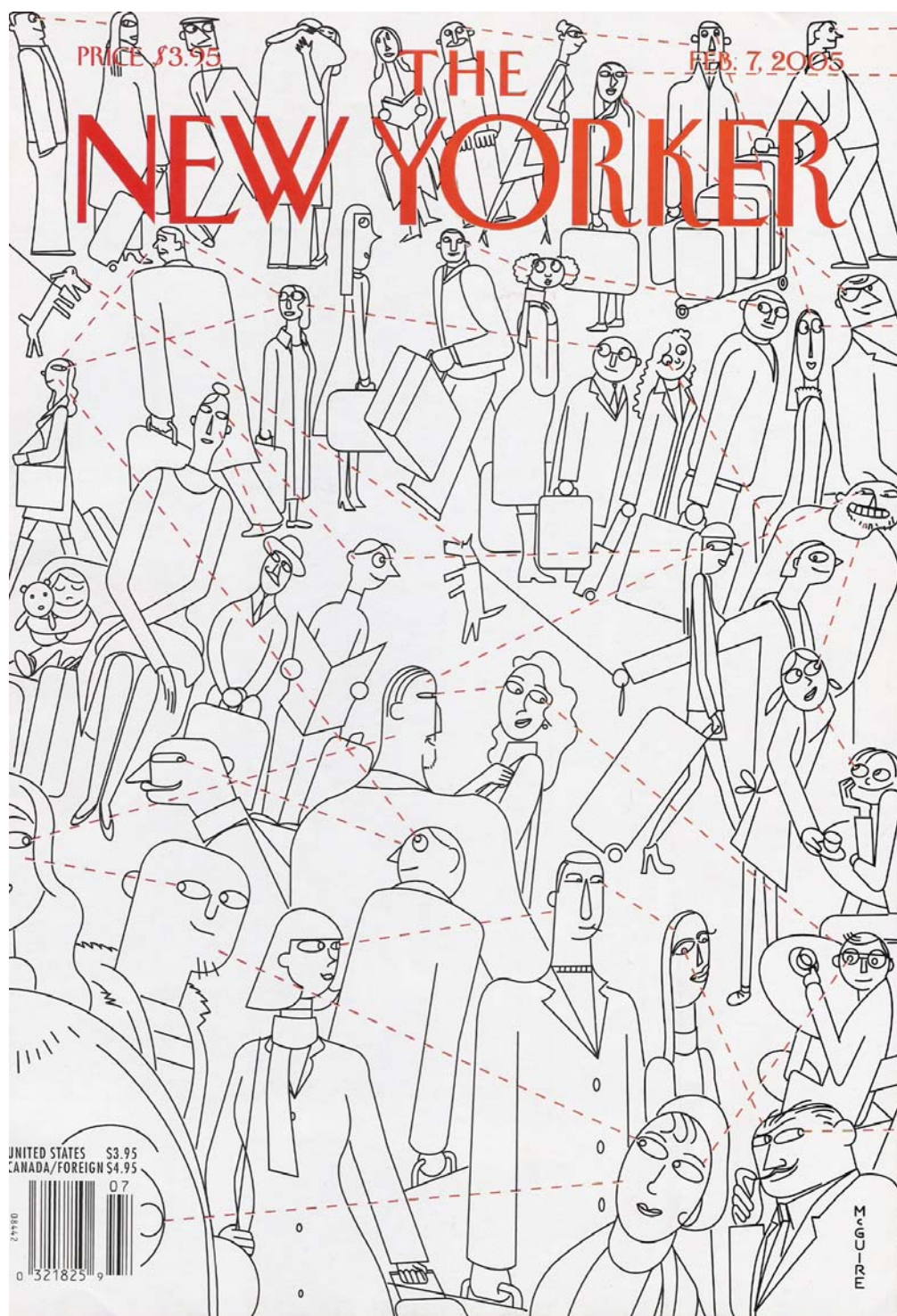
ANEXO E 4: Ilustração de Leonilson. *São Paulo, a cidade que é uma roubada*. Caderno *ilustrada/fim-de-semana*, p.2, 5 de março de 1993. (MESQUITA, 1997, p.200-201)



ANEXO F: Caricaturas de Carlinhos Muller e Baptista, publicadas no *Estadão*, dia 25 de janeiro de 2004, na página 8 do caderno *Esportes*.



ANEXO G: Capa da Revista *The New Yorker*, com ilustração de Richard McGuire. 7 de Fevereiro de 2005.



ANEXO H: Exemplo de ilustração com caráter indicial. Publicada no jornal *Zero Hora*, na cobertura da escolha do sucessor do Papa. Desenho de Noelle Herrenschmidt, na edição de 23 de abril de 2005, página quatro.



ANEXO I 1: Os “pedidos de arte” geralmente são encaminhados pela redação acompanhados de provas impressas das páginas onde serão inseridos os trabalhos ou dos textos a serem ilustrados.

ZERO HORA		RBY		PEDIDO DE ARTE	
NOME DO TRABALHO:			NOME DA RETRANCA ENVIADA:		
EPS					
EDITORIA:		DATA:		PEDIDO POR:	
GEAL		22/1/03		ROESE	
HORA:					
TAMANHO		COR		P&B	
5 x 5		☐		☒	
PARA EDIÇÃO DE:					
QUINTA 23/1/03					
OBSERVAÇÕES:					
INFORME DO ENSINO					
RECEBIDO POR:					
ASS. _____ Data: ____/____/____					

ANEXO I 2: Ilustração de Edu para o editorial *O preço de ousar*, publicado na Zero Hora, dia 3 de fevereiro de 2003, na página 18.

O preço de ousar

e a de seus semelhantes mais dignas de serem vividas nesta curta passagem pelo planeta.

Toda aventura implica riscos. Foi à custa de vidas que os navegadores dos séculos 15 e 16 superaram os abismos e as supertições dos sete mares. Basta lembrar que a expedição do português Fernão de Maga-

A humanidade ainda está atônita com a tragédia do ônibus espacial Columbia, que se desintegrou sobre o Texas no último sábado, causando a morte de seus sete tripulantes. Como já havia ocorrido em 1986, quando a nave Challenger explodiu espetacularmente poucos segundos depois da decolagem, o dispendioso programa espacial norte-americano volta a ser questionado e o mundo inteiro se pergunta: vale a pena?

É o mesmo que perguntar se valeu a pena ao homem pré-histórico deixar sua caverna e dar os primeiros passos da aventura que o tornou senhor do planeta. Ousar, explorar, descobrir, ultrapassar fronteiras e limites são elementos essenciais da nossa natureza. Graças a este instinto aventureiro que o homem capturou o fogo, domesticou a natureza, inventou a roda, descobriu novos continentes, construiu metrópoles, engenhou máquinas e mergulha cada vez mais profundamente no oceano da tecnologia. Para quê? Para tornar sua vida

O que mais espanta na catástrofe do Columbia é constatar que a tecnologia deu um passo em falso

lhães, o primeiro a dar uma volta inteira ao mundo, provando na prática que a Terra era realmente redonda, iniciou a sua viagem com cinco navios e 240 homens, chegando ao seu destino — quatro anos depois — com um navio e 18 homens. O próprio comandante pereceu em meio à viagem. Colombo, Cabral e outros descobridores também perderam barcos e marujos em suas travessias.

Nem por isso os que lhes sucederam deixaram de ousar, de buscar novos

caminhos e novos destinos.

Não é a morte dos sete astronautas que nos choca tanto. Nosso trânsito, como todos sabemos, mata muito mais gente todos os dias. Só um acidente entre dois trens no Zimabábue, no mesmo sábado, causou a morte de 40 pessoas e ferimentos em outras tantas. É evidente que a perda de vidas humanas, em qualquer circunstância, é sempre lamentável e nada atenua a dor dos familiares e amigos atingidos pela tragédia. Mas o que mais nos espanta na catástrofe do Columbia é constatar que a tecnologia deu um passo em falso. E quando falha a ciência, falha a inteligência humana.

Porém, é esta mesma inteligência, impulsionada pelo combustível da aventura, que nos impõe o melhor consolo para o desastre: descobrir o erro, corrigi-lo e seguir adiante. Afinal, como disse o astronauta e senador John Glenn, herói de duas viagens espaciais, "os seres humanos são pobres candidatos à perfeição".



ANEXO I 3: Capa do jornal Zero Hora no dia 3 de fevereiro de 2003.

zh.clicrbs.com.br



ZERO HORA

ANO 39 - Nº 13.680 - 2ª EDIÇÃO PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 2003 SC/PR R\$ 1,50 RS R\$ 1,25

eureka! Especial

A exploração do espaço em xeque

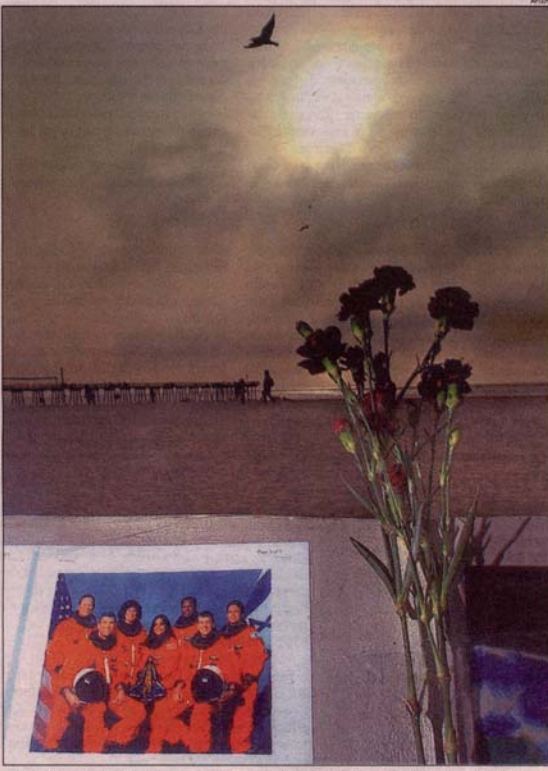


Dezessete anos depois da explosão da Challenger, a desintegração da Columbia fez renascer os questionamentos sobre a segurança das viagens espaciais. Enquanto se vasculham os destroços e se buscam as causas da tragédia, sucumbiu a idéia de infalibilidade que havia retornado à Nasa. Com o desastre, pode ter explodido também o sonho de mais recursos para o programa espacial e o orgulho da única frota que viaja ao cosmo e retorna à Terra.

■ Gráficos mostram como foi o acidente

■ Destroços são as principais pistas da Nasa

■ "O preço de ousar"
Editorial, Página 18



Americanos espalharam pelo país memoriais improvisados, como este da Flórida

CADERNO DE ESPORTES

Grêmio perde dois para o Gre-Nal



O time de Tite empatou em 0 a 0 com o Caxias e perdeu Fabri e Gilberto, ambos expulsos, para o Gre-Nal de domingo

Juventude é o desafio do Inter na estreia

Time de Muricy Ramalho tem seu primeiro jogo oficial às 20h30min de hoje, no Beira-Rio, contra um adversário que sempre endurece

EXCLUSIVO

Presidente do Bordeaux fala sobre Caso Christian



Fiéis ignoram o calor para venerar Nossa Senhora dos Navegantes

A 128ª edição comprovou que a festa para a Rainha das Águas é sempre grandiosa, reunindo uma multidão, independentemente das condições climáticas. **Páginas 4 e 5**

Liquida Porto Alegre abre com descontos de até 60%

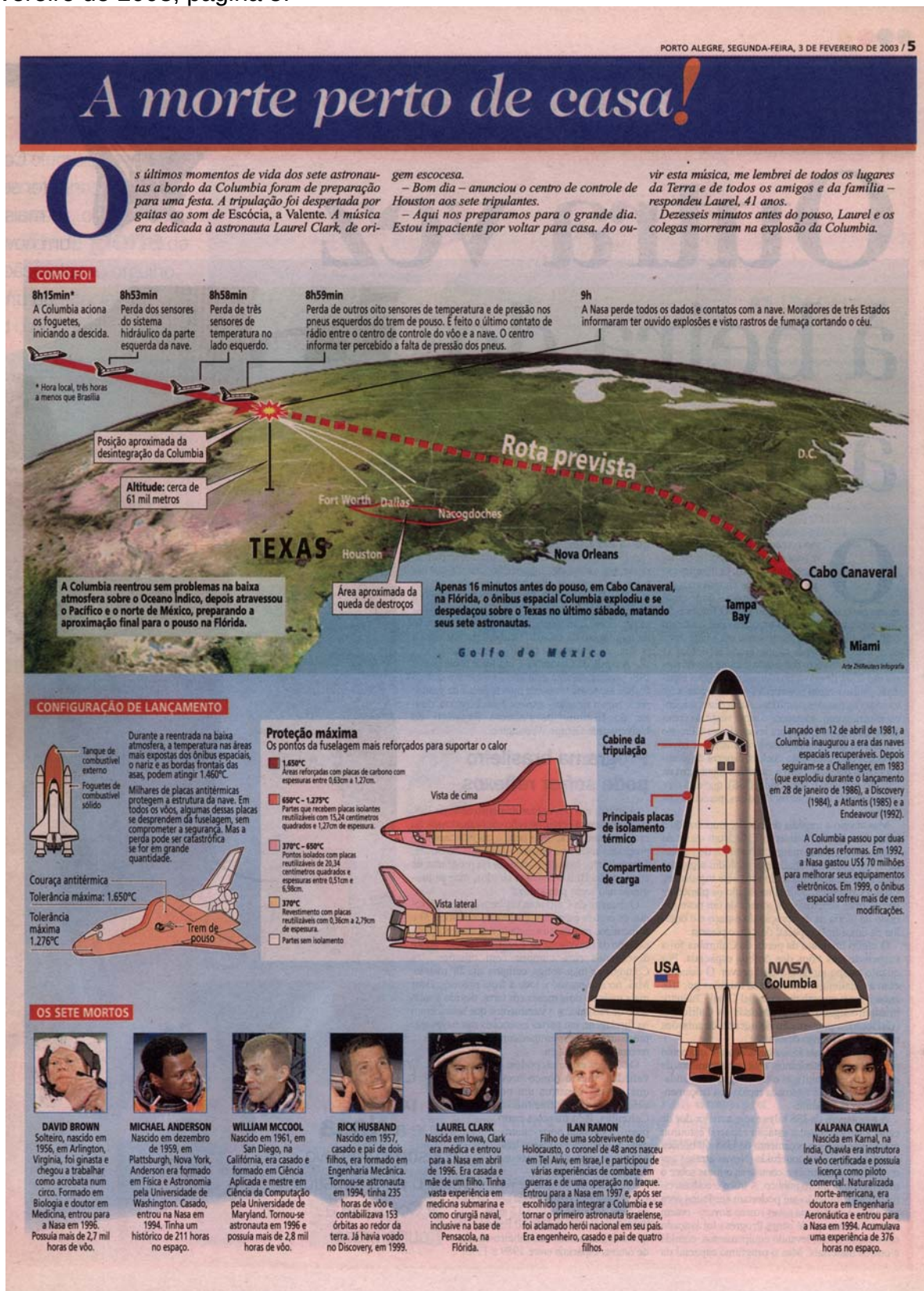
A maior liquidação da Capital começa hoje e se estende até o dia 23, quando deverá contar com cerca de 5 mil pontos-de-venda. **Página 22**

Miss admite que ocultou casamento



Joseane de Oliveira confirmou que se casou no religioso (foto) e no civil, um fato que a impediria de concorrer a miss. **Página 35**

ANEXO I 4: Infográfico publicado no caderno *Eureka!*, do jornal Zero Hora, no dia 3 de fevereiro de 2003, página 5.



ANEXO I 5: Ilustração de Edu para o editorial *Fogo Amigo*, publicado na *Zero Hora*, dia 4 de fevereiro de 2003.



Vencido o primeiro mês do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e estabelecidas as diretrizes que comandarão a política econômica, não

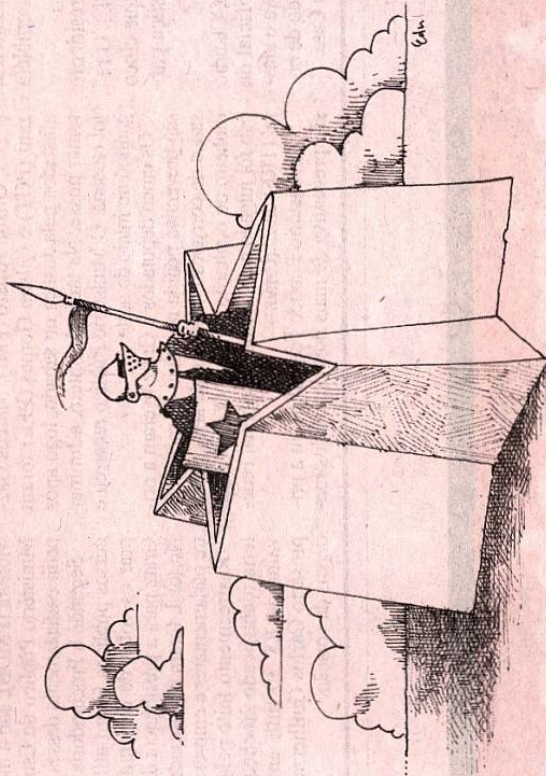
deixa de ser surpreendente que o principal foco de oposição não esteja no núcleo parlamentar que dava sustentação ao governo anterior, mas se encontre dentro do próprio partido do presidente. Um grupo de atuantes parlamentares petistas, genericamente identificados como os radicais do partido, mantém uma persistente embora nem sempre aberta resistência a algumas posições adotadas por Lula e pelo comando partidário. No encontro ocorrido sexta-feira

entre o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, e esse grupo de parlamentares, o clima que se criou foi de desafio à orientação estratégica adotada pelo governo em relação à economia, a ponto de o ministro, de temperamento afável, ter sido incisivo ao defender a coerência do governo.

O ponto crucial da dissensão petista não chega a ser novo. Quando o partido assinou a Carta ao Povo Brasileiro, no começo da campanha eleitoral do ano passado, estava assumindo compromissos de estabilidade com os quais o grupo partidário mais à esquerda não concordava. Havia até mesmo um temor de que tal carta fosse apenas um gesto eleitoral, destinado a acalmar o mercado e ampliar o leque de apoios. Coerentemente, nem Lula, nem o comando petista, nem o conjunto de partidos que formou a frente elei-

A nação confia em que o governo seja capaz de vencer as resistências dos extremados

Fogo amigo



"Disputamos com esta proposta e ganhamos as eleições. Ai se fala em romper contratos; que, com esse apoio popular, não seria hora de dar uma traidinha... É difícil discutir nestes termos"

(Trecho da gravação da conversa do ministro Antônio Palocci com a bancada do PT)

significaria trair o discurso da campanha, em nome do qual os brasileiros foram às urnas em outubro. O ministro Palocci foi brutalmente sincero ao rejeitar que o debate de sexta-feira se fizesse à base de "uma traidinha" nas propostas da campanha, como pareciam sugerir seus interlocutores.

Para o país, o episódio revela toda a complexidade do governo Lula, que se diz disposto a ser moderado economicamente, criativo socialmente e ousado no âmbito internacional. Dois dias depois que o novo Congresso tomou posse, quando ainda se projetam cálculos sobre o tamanho da bancada que dará sustenta-

ção ao Planalto, o fogo amigo a que o governo está sendo submetido por uma ala de seu principal partido sugere as dificuldades que enfrentará para levar a cabo as amplas reformas que anunciou e que se propõe implementar. A nação, que deu ao presidente e a seu projeto a maior votação de sua história política, confia em que, com a responsabilidade que demonstrou até agora, o governo tenha condições de vencer as resistências dos setores extremados. A ampla esperança que o país depositou nas urnas e a expectativa que tem hoje em relação às ações do governo são ativos que não podem ser perdidos, nem frustrados, nem negociados.

ANEXO I 6: Primeiro esboço para editorial *Fogo Amigo*, publicado na *Zero Hora*, dia 4 de fevereiro de 2003.

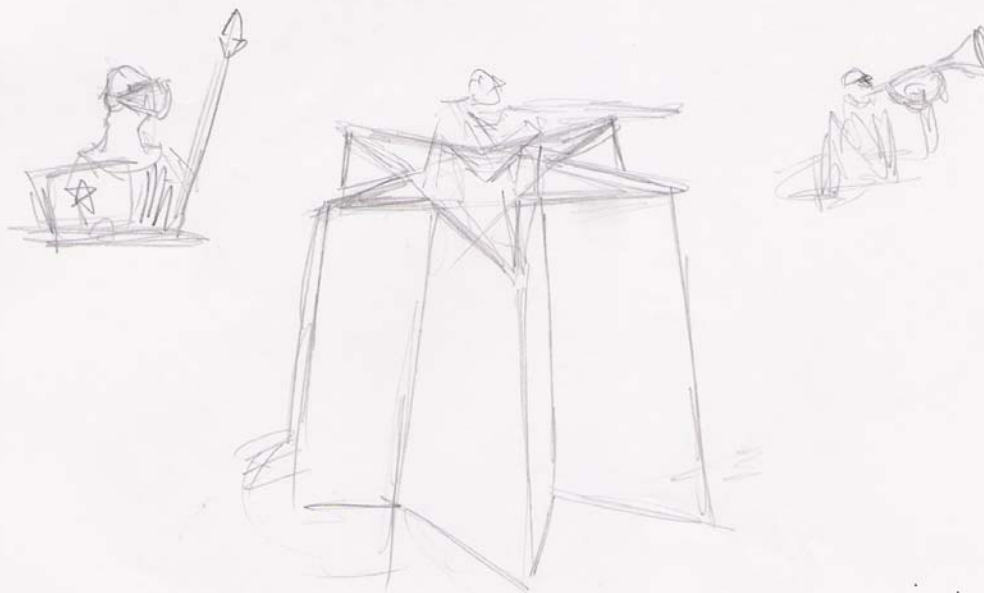
<Z0302_CORPO_DE_TEXTO>

Fogo amigo¶
¶
A nação confia¶
que o governo ¶
seja capaz de ¶
vencer as ¶
resistências ¶
dos extremados¶

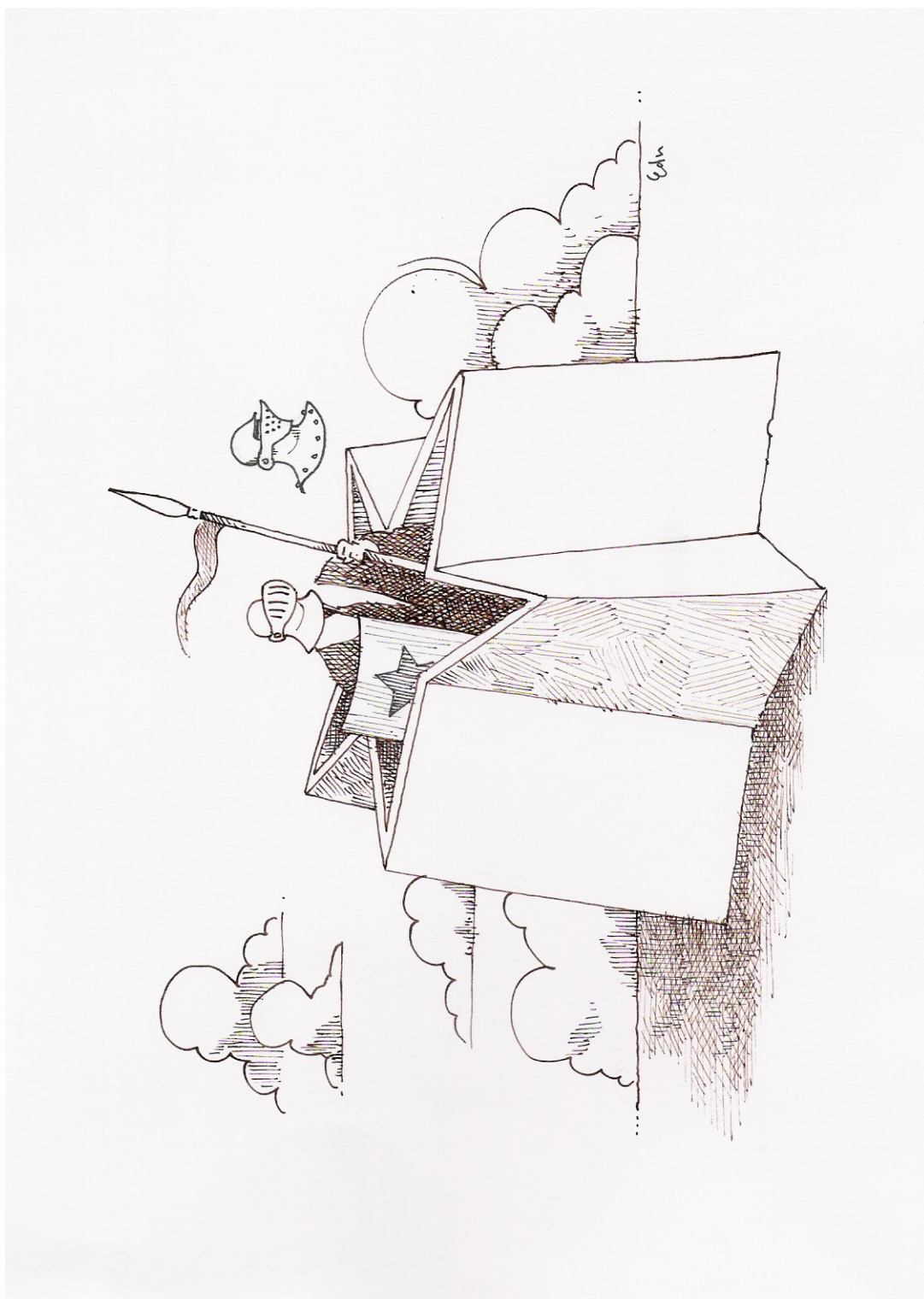
¶
Vencido o primeiro mês do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e estabelecidas as diretrizes que comandarão a política econômica, não deixa de ser surpreendente que o principal foco de oposição não esteja no núcleo parlamentar que dava sustentação ao governo anterior, mas se encontre dentro do próprio partido do presidente. Um grupo de atuantes parlamentares petistas, genericamente identificados como os radicais do partido, mantém uma persistente embora nem sempre aberta oposição às posições adotadas por Lula e pelo comando partidário. No encontro ocorrido sexta-feira entre o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, e esse grupo de parlamentares, o clima que se criou foi de desafio à orientação estratégica adotada pelo governo em relação à economia, a ponto de o ministro, de temperamento afável, ter sido incisivo ao defender a coerência do governo.¶

O ponto crucial da dissensão petista não chega a ser novo. Quando o partido assinou a Carta ao Povo Brasileiro, no começo da campanha eleitoral do ano passado, estava assumindo compromissos de estabilidade com os quais o grupo partidário mais à esquerda não concordava. Havia até mesmo um temor de que tal carta fosse apenas um gesto eleitoreiro, destinado a acalmar o mercado e ampliar o leque de apoios. Coerentemente, nem Lula, nem o comando petista, nem o conjunto de partidos que formou a frente eleitoral entenderam assim. A carta representava sim uma plataforma de governo e as promessas nela contidas precisavam responsavelmente ser cumpridas. O passo seguinte, após a vitória eleitoral, foi a estruturação de um governo que fosse capaz de traduzir tais compromissos. Por isso, a nomeação de uma equipe econômica moderada, que manteve os contratos nacionais e internacionais e se apressou em definir-se por uma orientação que preserva a austeridade fiscal, as metas de inflação, a política monetária e o câmbio flutuante. Para a oposição interna, essa política significava a renúncia aos compromissos históricos do PT. Para o governo, não fazer isso significaria trair o discurso da campanha, em nome do qual os brasileiros foram às urnas em outubro. O ministro Palocci foi brutalmente sincero ao rejeitar que o debate de sexta-feira se fizesse à base de "uma traidinha" nas propostas da campanha, como pareciam sugerir seus interlocutores.¶

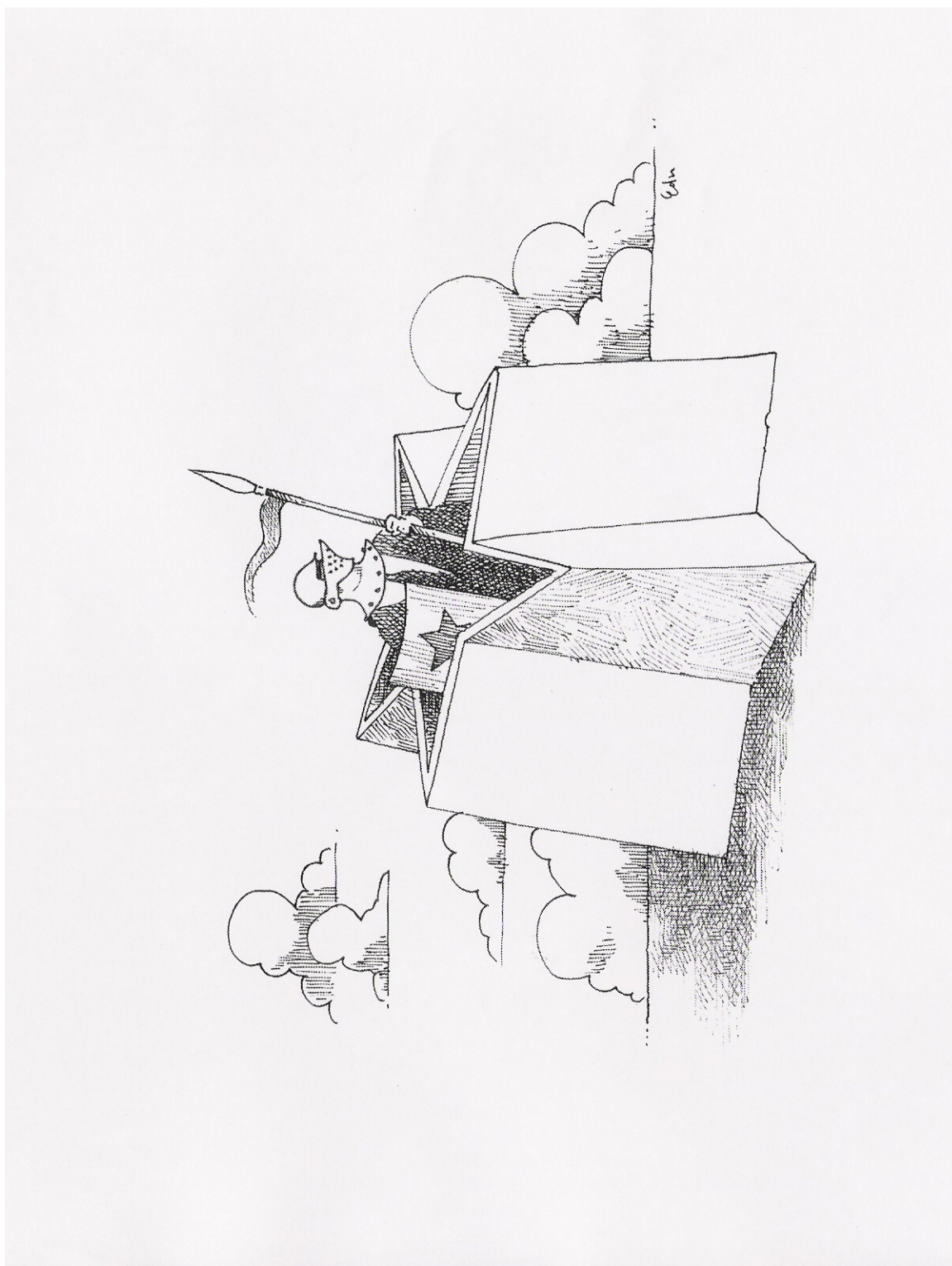
Para o país, o episódio revela toda a complexidade do governo Lula, que se diz disposto a ser moderado economicamente, criativo socialmente e ousado no âmbito internacional. Dois dias depois que o novo Congresso tomou posse, quando ainda se projetam cálculos sobre o tamanho da bancada que dará sustentação ao governo, o fogo amigo a que o governo está sendo submetido por uma ala de seu principal partido sugere as dificuldades que enfrentará para levar a cabo as amplas reformas que anunciou e que se propõe implementar. A nação, que deu ao presidente e a seu projeto a maior votação de sua história política, confia que, com a responsabilidade que demonstrou até agora, o governo tenha condições de vencer as resistências dos setores extremados. A ampla esperança que o país depositou nas urnas e a expectativa que tem hoje em relação às ações do governo são ativos que não podem ser perdidos, nem frustrados, nem negociados. ¶



ANEXO I 7: Segundo esboço para editorial *Fogo Amigo*, publicado na *Zero Hora*, dia 4 de fevereiro de 2003.



ANEXO I 8: Arte final para editorial “Fogo Amigo”, publicado na *Zero Hora*, dia 4 de fevereiro de 2003.



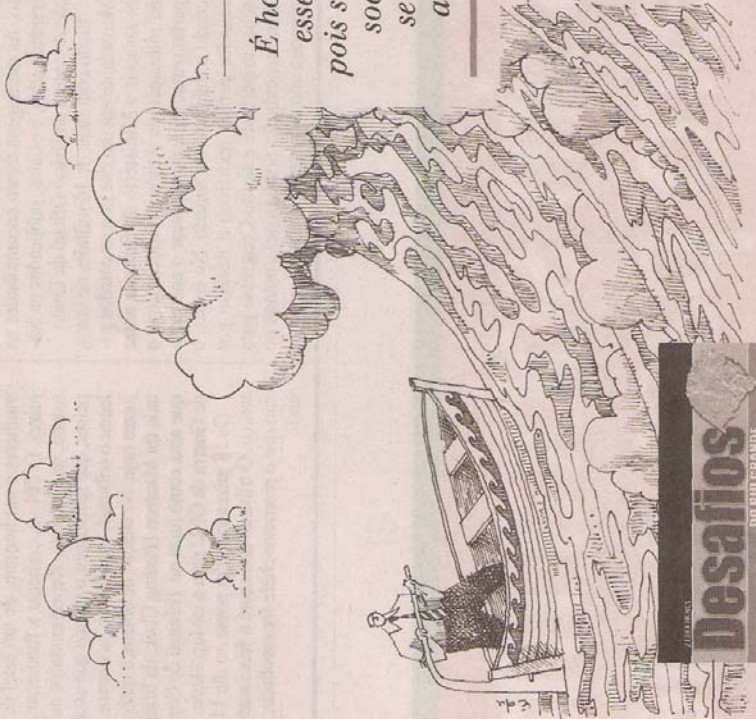
Caminhos do Rio Grande

Registrando indicadores sociais claramente mais favoráveis do que os contabilizados na maioria dos Estados brasileiros, mas ainda assim distantes dos que se verificam no Primeiro Mundo, não chega a surpreender que no Rio Grande do Sul as demandas dos cidadãos se façam sentir de forma mais intensa e persistente do que em outras regiões do país. Alinhando-se entre as principais forças econômicas da federação, dotado de um parque industrial diversificado, de mão-de-obra capacitada e de notáveis potencialidades agrícolas, embora longe ainda de poder comparar-se às áreas mais desenvolvidas do hemisfério, é também natural que o Estado assista a pressões mais vigorosas de seus segmentos empresariais. Preservar os padrões sociais e econômicos que alcançamos e reduzir quanto possível o hiato que nos separa de sociedades mais prósperas e menos injustas vem sendo por isso mesmo um repto histórico para os gaúchos, que retomam atualidade especialmente ao início de uma nova administração.

Com vistas a contribuir para o aprofundamento do debate sobre essas complexas realidades, **Zero Hora publica hoje suplemento especial acerca dos principais desafios do Rio Grande.** Alguns deles afetam praticamente a cada um dos rio-grandenses, a começar pelo da segurança pública. Não foi por acaso que apontaram eles a violência como o maior de nossos problemas depois do desemprego em pesquisa realizada no ano passado. Há aliás

à falta de equipamentos adequados, e Porto Alegre se transforma, por contar com melhor estrutura, na única esperança de milhares de pessoas do Interior. Para enfrentar essas e outras dificuldades de monta, dentre as quais uma malha rodoviária que em muitos casos literalmente se descompõe e o crescimento inadiável requerido pelos setores de geração e transmissão de energia, o governo estadual vê-se diante de um óbice gigantesco: um déficit financeiro anual de R\$ 760 milhões, para o qual concorre um sistema previdenciário em concordata. Mais do que nunca, por isso mesmo, impende que a administração autor que primazia à atração de investimentos. O anúncio recém feito pelo governador Germano Rigotto de que há mais de uma dezena de grupos empresariais que planejam aportar a médio prazo recursos de cerca de US\$ 2,4 bilhões para diferentes segmentos da economia é, a esse propósito, alentador. Em tal campo, no entanto, importa ousar. Não é isso certamente o que se espelha no fato de que, ainda agora, levantamento da Simonsen Associados revele que, comparando-se o acumulado de 1995 a 2001 com os números de 2002, a Região Sul tenha sido a que menos recebeu investimentos. É hora de mudar esse panorama, e radicalmente, pois só há efetivas condições de se promover o bem-estar social mediante o desenvolvimento econômico sustentável.

É hora de mudar esse panorama, pois só há bem-estar social quando se desenvolve a economia



Desafios
DO RIO GRANDE

nítida correlação entre ambos, pois a primeira é em grande parte decorrência da deterioração das condições sociais. Não há também como dissociá-la de um déficit educacional que se expande mais pronunciadamente entre os excluídos. A esse respeito, torna-se imprescindível conferir ao ensino médio grau de alta prioridade

governamental, pois é esse o nível de formação considerado como mínimo para garantir condições de ascensão profissional em uma sociedade de competição. É sob muitos aspectos igualmente crucial o cenário da saúde pública, onde, não raro, pacientes são sentenciados sem culpa à redução de leitos, às longas esperas,

ANEXO I 10: Esboço para editorial *Caminhos do Rio Grande*, publicado na *Zero Hora*, dia 5 de fevereiro de 2003.

ZZ PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 5/02/2003

EDITORIAIS

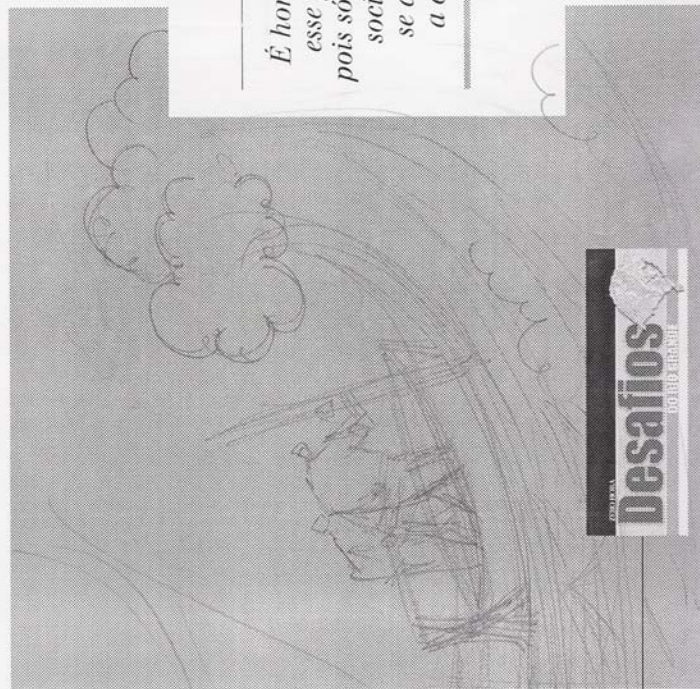
12,5 x 12,8

ZERO HORA

Caminhos do Rio Grande

Registrando indicadores sociais claramente mais favoráveis do que os contabilizados na maioria dos Estados brasileiros, mas ainda assim distantes dos que se verificam no Primeiro Mundo, não chega a surpreender que no Rio Grande do Sul as demandas dos cidadãos se façam sentir de forma mais intensa e persistente do que em outras regiões do país. Alinhando-se entre as principais forças econômicas da federação, dotado de um parque industrial diversificado, de mão-de-obra capacitada e de notáveis potencialidades agrícolas, embora longe ainda de poder comparar-se às áreas mais desenvolvidas do hemisfério, é também natural que o Estado assista a pressões mais vigorosas de seus segmentos empresariais. Preservar os padrões sociais e econômicos que alcançamos e reatuar quanto possível o hiato que nos separa de sociedades mais prósperas e menos injustas vem sendo por isso mesmo um repto histórico para os gaúchos, que retomam atualidade especialmente ao início de uma nova administração.

Com vistas a contribuir para o aprofundamento do debate sobre essas complexas realidades, **Zero Hora publica hoje suplemento especial** acerca dos principais desafios do Rio Grande. Alguns deles afetam praticamente a cada um dos rio-grandenses, a começar pelo da segurança pública. Não foi por acaso que apontaram eles a violência como o maior de nossos problemas depois do desemprego em pesquisa realizada no ano passado. Há aliás



É hora de mudar esse panorama, pois só há bem-estar social quando se desenvolve a economia

falta de equipamentos adequados e Porto Alegre se transforma, por contar com melhor estrutura, na única esperança de milhares de pessoas do Interior. Para enfrentar essas e outras dificuldades de monta, dentre as quais uma malha rodoviária que em muitos casos literalmente se decompõe e o crescimento inadiável requerido pelos setores de geração e transmissão de energia, o governo estadual vê-se

diante de um óbice gigantesco: um déficit financeiro anual de R\$ 760 milhões, para o qual concorre um sistema previdenciário em concordata. Mais do que nunca, por isso mesmo, impende que a administração outorgue primazia à atração

de investimentos. O anúncio recém-feito pelo governador Germano Rigotto de que há mais de uma dezena de grupos empresariais que planejam aportar a médio prazo recursos de cerca de US\$ 2,4 bilhões para diferentes segmentos da economia é, a esse propósito, alentador. Em tal campo, no entanto, importa ousar. Não é isso certamente o que se espelha no fato de que, ainda agora, levantamento da Simonsen Associados revele que, comparando-se o acumulado de 1995 a 2001 com os números de 2002, a Região Sul tenha sido a que menos recebeu investimentos. É hora de mudar esse panorama, e radicalmente, pois só há efetivas condições de se promover o bem-estar social mediante o desenvolvimento econômico sustentável.

governamental, pois é esse o nível de formação considerado como mínimo para garantir condições de ascensão profissional em uma sociedade de competição.

É sob muitos aspectos igualmente crucial o cenário da saúde pública, onde, não raro, pacientes são sentenciados sem culpa à redução de leitos, às longas esperas à

nítida correlação entre ambos, pois a primeira é em grande parte decorrência da deterioração das condições sociais. Não há também como dissociá-la de um deficit educacional que se expande mais profundamente entre os excluídos. A esse respeito, torna-se imprescindível conferir ao ensino médio grau de alta prioridade

ANEXO I 11: Ilustração de Edu para o editorial *Impostos sem contrapartida*, publicado na *Zero Hora*, dia 6 de fevereiro de 2003, na página 18.



Impostos sem contrapartida

Estudo recém divulgado pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) colocou a nu uma vez mais a es-
corchante carga de impostos que onera os contribuintes deste país. Segundo o documento, as taxas bateram em 2002 todos os recordes históricos nacionais, atingindo o equivalente a 36,4% do Produto Interno Bruto (PIB), talvez o maior percentual do mundo em desenvol-
vimento. Entre 1994 e o ano passado a arrecadação de gra-
vames federais, esta-
duais e municipais apresentou um incremento de 248%. Na prática, isso significa que cada cidadão en-
tregou, no último exercício, em média R\$ 2,7 mil aos cofres do erário. Ainda de acordo com os dados difundidos, embora o Executivo venha alegando constantes déficits nas contas da Previdência, os diver-
sos tipos de contribu-
ções que financiam o sistema de Seguridade Social contabilizaram um aumento de R\$ 28,1 bilhões também no ano passado. Enquanto o PIB do Brasil se expandia em 1,45%, a carga tributária ascendia, em 2002, es-
pantosos 18%.

Quando a cobrança de tributos supera os limites da razão, subverte-se o papel do Estado e abrem-se as portas da sonegação

Como observa com propriedade o

presidente do IBPT, Gilberto Luiz do Amaral, carga dessa natureza "acaba engessando o crescimento da economia. O custo final onera em demasia a folha de pagamento das empresas, comprometendo seus resultados. Além disso, acaba afugentando investidores". Há contudo um outro aspecto extremamente relevante a considerar. Ainda que em algumas nações pós-industrializadas a relação entre impostos e PIB supere eventualmente a verificada entre nós, há uma diferença que é fundamental. Naquelas sociedades, os cidadãos recebem em obras e serviços de primei-

ríssima linha a contrapartida do que recebem compulsoriamente às arcas do erário. O acesso a cuidados de saúde é amplo, elevado o nível do ensino público, as aposentadorias são dignas, há rodovias seguras e modernas, ferrovias rápidas, a segurança é exemplar, a Justiça, célere, o funcionalismo, profissional e bem pago.

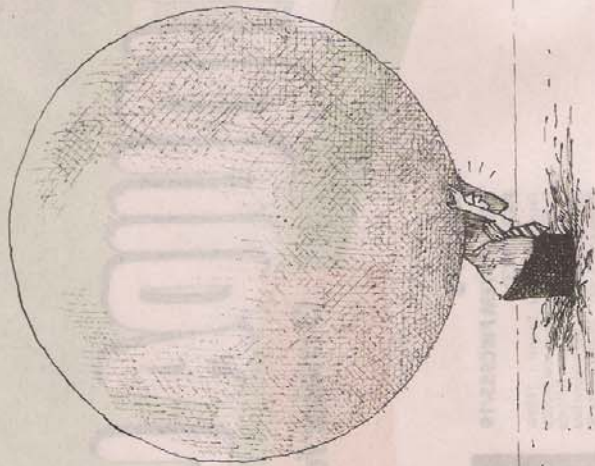
Nada disso ocorre no Brasil. Aqui, apesar do peso insustentável da incidência tributária, a contraprestação é insuficiente e falha. Não é essa uma anomalia isolada. Bem diversamente, o total de gravames supera a casa dos 50.

Como se não bastasse, o cipoal regulamentador é de tal complexidade que requer a contratação de especialistas em tributos mesmo em empresas de porte médio. Há impostos em cascata. Há também aqueles que punem tanto artigos de consumo diário quanto bens de alto valor tecnológico agregado e cuja produção requer elevados investimentos. Essas razões tornam imperativo que se dê seguimento, sem mais tardança, a uma reforma tributária que racionalize e mode-
nize o modelo que aí está e, muito especial-
mente, o torne mais justo e menos espoliador. Em todas as sociedades organizadas, o aparelho estatal é custeado pelos impostos. A partir do mo-
mento em que a cobrança destes se distorce até os limites da demasia e do desarrazoado, subverte-se o papel do Estado e se escancaram as portas da sonegação. E não é difícil supor que tais tendências hão de se fazer mais fortes naqueles países nos quais, sendo poderoso o aparato arrecadador, à voracidade fiscal não correspondem uma ação efetiva e permanente pela promoção do bem comum.

O RANKING DOS TRIBUTOS
Carga de impostos por país em percentual do PIB em 2002:

Suécia	47
Alemanha	36,7
Brasil	36,4
Suíça	36
Canadá	31
Estados Unidos	29
Espanha	29
México	22
Chile	22
Japão	21

Fonte: IBPT



ANEXO I 12: Ilustração de Edu para matéria de capa do caderno *Informática*, no dia 5 de fevereiro de 2003.

ZH
digital
Nº 85 PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 05/02/2003

GAMES
Gráficos mais definidos
O novo SimCity exige máquinas poderosas
PÁG. 8

A ameaça do supervírus

Especialistas dizem que os novos invasores vão somar as características de seus antecessores

RODRIGO MÜZELL

O supervírus temido pelos especialistas é um que agregue todas as funções dos outros.

Confira como seria:

E-mail

- ♦ Ele pode vir anexo a uma mensagem de correio eletrônico. Muitos vêm disfarçados de documentos, quando na verdade são arquivos executáveis.

Mensagens instantâneas

- ♦ Através de MSN Messenger ou ICQ, por exemplo, hackers podem estimular o internauta a entrar em páginas infectadas ou receber arquivos com a praga.

Página da Web

- ♦ O vírus se instala no servidor e libera um código malicioso que infecta a máquina quando o usuário abre o site.

Presente de grego

- ♦ Usando uma forma qualquer, o vírus abre portas no sistema para a entrada de um hacker.

Aproveitando falhas

- ♦ As vulnerabilidades que periodicamente são descobertas em softwares são aproveitadas, para pegar os usuários que não instalaram correções.

Rápido, Inteligente e Mortal

Analistas da indústria de antivírus passaram o mês de janeiro alertando: 2003 é o ano do vírus. Por enquanto, o supervírus ainda não apareceu, mas o retrato falado já está pronto: é um programa com código sofisticado, mais fácil de se esconder, que infecta por páginas da Web, por mensagens instantâneas, por e-mails, por falhas em programas específicos e por estar residente na máquina.

Nenhuma dessas características é novidade, mas o que preocupa os especialistas é que os vírus tendem a vir com todas essas capacidades juntas. Vai ficar mais difícil escapar deles.

– Esperamos vírus mais poderosos e completos. A tendência é que as coisas fiquem mais complicadas este ano – diz o gerente de canais da Trend Micro, Fábio Peake.

A boa notícia (não tão reconfortante assim) é que a maioria dos ataques continuará sendo de vírus que tentam derrubar sistemas e redes pelo volume de mensagens. Bom, porque vírus que apagam dados e inutilizam discos são muito piores para os usuários domésticos, e também ruim, já que redes que caem por sobrecarga significam prejuízo – para as empresas e mesmo para simples usuários que querem entrar num site atacado, por exemplo.

O aumento no número de cavalos de Tróia (trojans) também é esperado. Esses códigos maliciosos se inserem no sistema operacional do usuário e criam vulnerabilidades para uma eventual invasão hacker. Assim, os piratas podem instalar ferramentas para controlar remotamente um micro ou uma rede.

Segundo Peake, o sucesso de ataques como o do Slammer, que causou lentidão em toda a Internet há duas semanas, deve-se ao fato de os vírus estarem se especializando. Agora, em vez de atacar o sistema operacional, eles se aproveitam de falhas deixadas por programas aplicativos – o Slammer entrava por um bug de servidores SQL da Microsoft. A empresa já havia disponibilizado um patch (emenda) para o problema – o vírus só atacava quem não havia baixado o conserto, um caso cada vez mais comum, de acordo com Peake.

– É uma das principais dicas: manter atualizado não só o antivírus, mas os programas também. As empresas estão sempre anunciando correções para falhas – diz o gerente da Trend Micro.

Leia mais na página 3

NESTA EDIÇÃO VOCÊ VAI CONHECER

♦ O crescimento dos crimes na Internet. Página central	♦ O Display Cinema da Apple. Página 7
---	--

ANEXO I 13: Esboço para ilustração de Edu da capa do caderno *Informática*, publicada no dia 5 de fevereiro de 2003.

ZH digital

Nº 85 PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 05/02/2003

A ameaça do supervírus

Analistas da indústria de antivírus passaram o mês de janeiro alertando: 2003 é o ano do vírus. Por enquanto, o supervírus ainda não apareceu, mas o retrato falado já está pronto: é um programa com código sofisticado, mais fácil de se esconder, que infecta por páginas da Web, por mensageiros instantâneos, por e-mails, por falhas em programas específicos, por estar residente na máquina.

Nenhuma dessas características é novidade, mas o que preocupa os especialistas é que os vírus tendem a vir com todas essas capacidades juntas. Vai ficar mais difícil escapar deles.

– Esperamos vírus mais poderosos e completos. A tendência é que as coisas fiquem mais complicadas este ano – diz o gerente de canais da Trend Micro, Fábio Peake.

A boa notícia (não tão reconfortante assim), é que a maioria dos ataques continuará sendo de vírus que tentam derrubar sistemas e redes pelo volume de mensagens. Bom, porque vírus que apagam dados e inutilizam discos são muito piores para os usuários domésticos, e também ruim, já que redes que caem por sobrecarga significam prejuízo – para as empresas e mesmo para simples usuários que querem entrar num site atacado, por exemplo.

O aumento no número de cavalos de Troia (trojans) também é esperado. Esses códigos maliciosos se inserem no sistema operacional do usuário e criam vulnerabilidades para uma eventual invasão hacker. Assim, os piratas podem instalar ferramentas para controlar remotamente um micro ou uma rede.

Segundo Peake, o sucesso de ataques como o do Slammer, que causou lentidão em toda a Internet há duas semanas, se deve ao fato de os vírus estarem se especializando. Agora, em vez de atacar o sistema operacional, eles se aproveitam de falhas deixadas por programas aplicativos – o Slammer entrava por um bug de servidores SQL da Microsoft. A empresa já havia disponibilizado um patch para o problema – o vírus só atacava quem não havia baixado o conserto, um caso cada vez mais comum, de acordo com Peake.

– É uma das principais dicas: manter atualizado não só o antivírus, mas os programas também. As empresas estão sempre anunciando correções para falhas – diz o gerente da Trend Micro.

Especialistas dizem que os novos invasores vão somar as características de seus antecessores

Rápido, Inteligente e Mortal

O supervírus temido pelos especialistas é um que agregue todas as funções dos outros. Confira como seria:

E-mail

- ◆ Ele pode vir anexo a uma mensagem de correio eletrônico. Muitos vêm disfarçados de documentos, quando na verdade são arquivos executáveis.

Mensagens instantâneas

- ◆ Através de MSN Messenger ou ICQ, por exemplo, hackers podem estimular o internauta a entrar em páginas infectadas ou receber arquivos com a praga.

Página da Web

- ◆ O vírus se instala no servidor e libera um código malicioso que infecta a máquina quando o usuário abre o site.

Presente de gregos

- ◆ Usando uma forma qualquer, o vírus abre portas no sistema para a entrada de um hacker.

Aproveitando falhas

- ◆ As vulnerabilidades que periodicamente são descobertas em softwares são aproveitadas, para pegar os usuários que não instalaram correções.

NESTA EDIÇÃO VOCÊ VAI CONHECER

- ◆ O crescimento dos crimes na Internet. **Página central**
- ◆ O Display Cinema da Apple. **Página 7** 37 x 7,7

ANEXO I 14: Vinheta de Edu para a coluna *Almanaque Gaúcho*, publicada na *Zero Hora*, dia 6 de fevereiro de 2003, na página 62.

Alegre, e Mário Teixeira de Carvalho (Nobiliário Sul Riograndense)

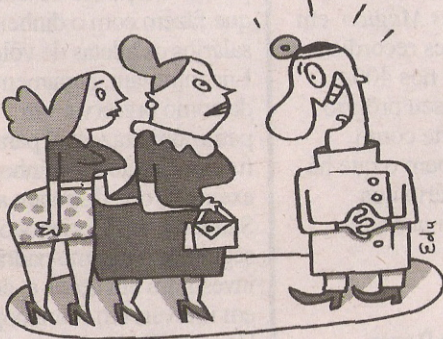
Dona Antônia

Dona Antônia foi ao médico com a filha de 18 anos.

– Tire a roupa, senhorita! – disse o médico assim que viu a moça.

– Mas, doutor – observou a mãe –, quem está doente sou eu, não ela.

– Ah! É a senhora? Então, mostre a língua, por favor!



Ditos gaúchos

- ◆ Mais atrapalhado que chiru com quatro prendas
- ◆ Mais apertado que bombacha de fresco

Eu sinto r

Voc

... que
croonda
chegou
anos? A
que dan
quase in
to eletro
em outu
america
Spencer

Voc

... que
Le Baro
Raythec
para su
O prime
com o

ANEXO I 15: Vinheta de Edu para o *Informe de Ensino*, publicada na Zero Hora, dia 4 de fevereiro de 2003, na página 32

licar ado

is.
verno estadual
iva dos direto-
cursos. Reuni-
a-feira, os se-
Paulo Miche-
José Fortuna-
arização do re-
autonomia fi-
entos da edu-
mativas é reto-
rentes a 2003
dos meses an-
h janeiro, o va-
para as escolas
4,9 milhões.
am a proposta
rês meses sem
a manutenção,
eira, em Porto
ridas. O forne-
pago desde de-
o telefone está

ívidas e ainda
comprar mate-
le expediente.
s janeiro, sem
asados, conti-
blemas – afir-
la escola, Ione

INFORME DO ENSINO

INFANTIL – As escolas municipais infantis de Porto Alegre retomaram ontem as atividades. Trinta e uma das 33 escolas e 124 creches conveniadas receberam crianças de zero a seis anos já matriculadas. Duas delas, a Vale Verde (Alto Petrópolis) e a Jardim Salomoni (Vila Nova), estão de férias, pois trabalharam em janeiro. Os novos alunos começam no dia 10 de março – início do ano letivo nas escolas de Ensino Fundamental.

DEPENDÊNCIA – No dia 10, às 19h30min, o Projeto Sempre às Segundas, da Clínica Walt Whitman (Porto Alegre), discute o tema *Dependência Química e Vínculos Familiares. Inscrições gratuitas pelo fone (51) 3225-0730.*

FUST – Os ministérios da Educação e das Comunicações começaram a montar uma estratégia de uso dos recursos do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust) para equipar escolas públicas. O objetivo é dotar as escolas de computadores, desenvolver softwares pedagógicos e treinar professores. A decisão foi tomada pelos ministros Cristovam Buarque e Miro Teixeira.

PORTUGUÊS – Dicas de língua portuguesa podem ser



UNIVERSIDADE

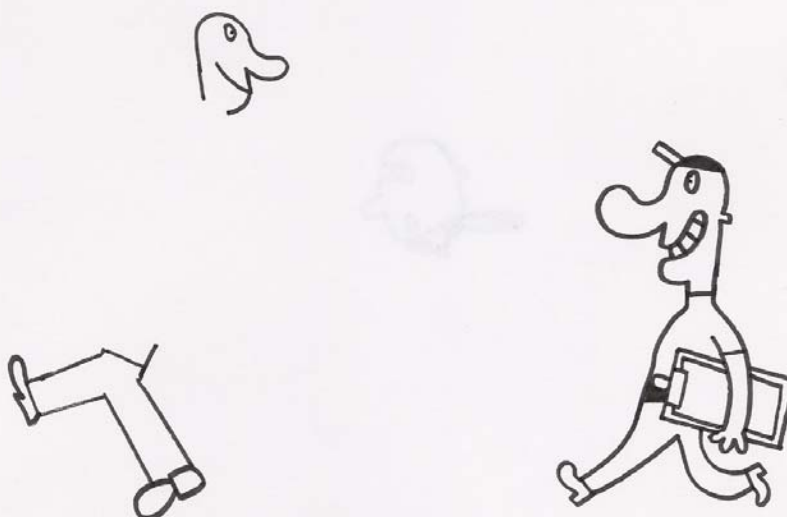
CENSO – As instituições de Ensino Superior públicas e privadas têm prazo até 31 de março para responder ao Censo da Educação Superior 2002, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC). O questionário está disponível na Internet, no endereço www.inep.gov.br, desde de 20 de novembro do ano passado. O objetivo é radiografar, anualmente, a situação do Ensino Superior no país. A resposta ao Censo é obrigatória para que os estabelecimentos de ensino e os seus respectivos cursos se inscrevam nas avaliações realizadas pelo Inep. É por meio dessas avaliações que o Ministério da Educação reconhece cursos superiores e recredencia as instituições.

RECICLAGEM – A livraria Draderela (Rua 24 de outubro,

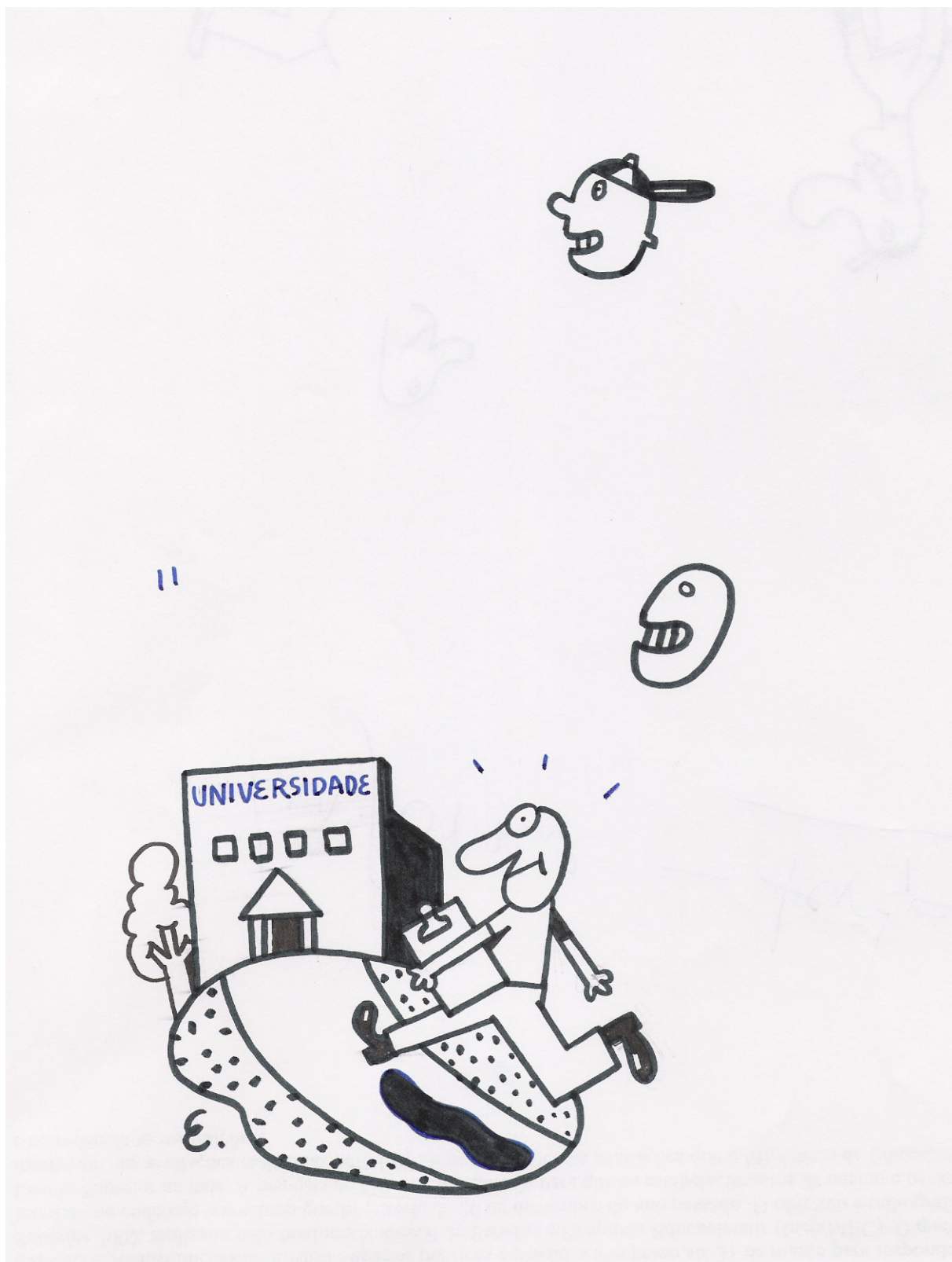
ANEXO I 16: Texto e primeiro esboços para vinheta de Edu no *Informe de Ensino*, publicada na *Zero Hora*, dia 4 de fevereiro de 2003.

CENSO – As instituições de Ensino Superior públicas e privadas têm prazo até 31 de março para responder ao Censo da Educação Superior 2002, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC). O questionário está disponível na Internet, no endereço www.inep.gov.br, desde de 20 de novembro do ano passado. O objetivo é radiografar, anualmente, a situação do Ensino Superior no país. A resposta ao Censo é obrigatória para que os estabelecimentos de ensino e os seus respectivos cursos se inscrevam nas avaliações realizadas pelo Inep. É por meio dessas avaliações que o Ministério da Educação reconhece cursos superiores e recredencia as instituições.

Informe - terça



ANEXO I 17: Esboço e arte final para vinheta de Edu no *Informe de Ensino*, publicada na *Zero Hora*, dia 4 de fevereiro de 2003.



Não s
te Lula
sado ta
do, pois
25 anos
para o a

O RIO GRANDE PERGUNTA

ANEXO I 19: Ilustração de Edu para o texto *Clitóris*, na coluna *Prazer das Palavras*, de Cláudio Moreno, na página três do caderno *Cultura*, encartado na *Zero Hora*, dia 8 de fevereiro de 2003.

SÁBADO, 8 DE FEVEREIRO DE 2003

O PRAZER DAS PALAVRAS

CLÁUDIO MORENO *

A uma cautelosa leitora que pergunta se a pronúncia de *clitóris* é */clitórís/* ou */clitórís/*, informo que nem sempre temos certeza quanto à correta localização da sílaba tônica de certos vocábulos eruditos. Enquanto os vocábulos usuais são pronunciados sem a menor hesitação, os de uso mais restrito podem representar dificuldades embaraçosas. Como se deve pronunciar *Nobel*? É *hieroglifo* ou *hieróglifo*? É *necrópsia* ou *necropsia*? Como determinar a sílaba que deve receber o acento tônico nesses vocábulos? Em suma, como definir a *prosódia* dessas palavras de pronúncia hesitante?

Não é por acaso que essas indecisões são particularmente mais frequentes em vocábulos eruditos de origem grega e latina. Embora haja certas regras gerais para a passagem do Latim para o Português e para a transliteração do Grego, tantos são os fatores intervenientes (históricos, fonéticos, ortográficos, etc.) que se torna impossível determinar, de antemão, qual a pronúncia a ser adotada em cada caso. Um dos grandes especialistas no ramo, o erudito José Inez Louro, da cidade do Porto, em seu esgotado *O Grego Aplicado à Linguagem Científica*, chega a dizer que "só por

lavra, baseando-nos, para isso, em nossa formação cultural, em nosso convencimento íntimo e no exemplo dos especialistas que respeitamos.

Queres ter uma visão do inferno? Compara dicionários. Se tomarmos o Houaiss, nosso melhor dicionário, mais o indispensável *Aurélio* (2ª edição) e o clássico *Ramiz Galvão* (*Vocabulário Etimológico, Ortográfico e Prosódico das Palavras Portuguezas Derivadas da Língua Grega*), veremos que o *Aurélio* registra *acetônúria* (com a variante *acetónúria*), *R. Galvão* registra *acetónúria* e Houaiss registra ambas, mas prefere *acetónúria*. Houaiss e *Aurélio* concordam em *fincter* e *eczema*, mas *R. Galvão* finca pé em *esfincter* (rimando com *mulher*) e *êczema*! Que tal?

E *clitóris*? Como se diz o nome desse ponto ainda tão pouco explorado da anatomia feminina? Apesar de ter sido descoberto no Renascimento por Realdo Colombo (segundo ele, "uma coisinha tão bonita e com tanta utilidade", *De re anatomica*, 1559), a sua pronúncia até hoje ainda traz dúvidas para os estudiosos. A maioria dos falantes diz *clitórís*, e esta pronúncia é confirmada por toda a tradição de dicionaristas de peso. Assim registram, no século 19, Moraes, Lacerda e Aulete; no século passado, Houaiss, *Aurélio* e

Nascentes. A única voz destoante entre as autoridades é Ramiz Galvão, que argumenta que a quantidade grega mandaria dizer *clitórís*; nosso sábio da *belle époque* (seu dicionário é de 1909), contudo, não insiste nessa prosódia, porque ele prefere mesmo é a forma *clitóríde*, que ele classifica como um "substantivo feminino"! Dizer "a *clitóríde*" é tão extravagante que já parece perversão...

E aí vem a nota desagradável: eu citei acima o *Aurélio* da 2ª edição, quando o autor ainda estava vivo. Sua lição é inequívoca: registra apenas *clitórís*, sem variantes ou hesitações. Qual não é a minha surpresa quando abro o *Aurélio XXI* (que recebeu vários acréscimos e emendas de uma tal "equipe"... será que ouço o mestre *Aurélio* rangendo os dentes em seu túmulo?) e me deparo com um verdadeiro quiproquó: *clitórís* é dado como mera variante de *clitórís*, que remete à famigerada *clitóríde*, com direito a verbete e tudo! Esta é mais uma que o *Aurélio XXI* me apronta; estou colecionando os casos e vou aproveitá-los para mostrar, em um próximo artigo, como uma nova edição de um dicionário não é necessariamente melhor que a anterior.

* Professor, doutor em Letras
site www.suaalingua.com.br

cmoreno@terra.com.br

ANEXO I 20: Ilustração de Edu para o texto *O fantasma*, na coluna de David Coimbra, na editoria de *Esportes* do jornal *Zero Hora*, dia 5 de fevereiro de 2003, na página 50.

ESPORTES
ZERO HORA

David Coimbra

david.coimbra@zerohora.com.br

O fantasma

Sei qual é a saída. Para as dores do espírito, digo. É o esquecimento. Você pensa em outra coisa, faz outra coisa, pronto. A dor evanesce como um cheiro antigo. O problema se resume a COMO esquecer. Por exemplo, medo de cachorro. As pessoas dizem:

— O cachorro sente quando você está com medo, e aí sim é que ele ataca.

Bem, tempos atrás eu tinha medo de cachorro. Um cinóforo, era o que eu era. Curei-me ao conhecer uma labradora pretinha chamada Maria. Fiquei apaixonado pela Maria, tornei-me admirador de labradores em particular e simpatizante de cães em geral. Mas, antes da Maria, essa advertência me afligia: “O cachorro sente o medo!” Se estava diante de um cão ou prestes a cruzar por um, me concentrava: “Não posso ter medo, não posso ter medo, não posso ter medo”. Ficava com medo de ficar com medo, com medo de que o cão sentisse o odor acre do meu medo. Aí, achava que o cachorro ia perceber que eu estava com medo de sentir medo, e avançar em mim. O que me dava medo. Quer dizer: eu sabia que tinha de esquecer o medo, mas, ao pensar em esquecê-lo, acabava ficando com medo, oh, Deus, que confusão!

E o medo de fantasmas? Não tenho medo de fantasmas, almas penadas, espíritos volantes, nada disso. Sou um céptico. Mas uma vez aconteceu-me algo aterrorizador.

Eu era um guri, 10 anos, talvez. Estava na casa do meu avô, uma casa grande, de madeira, muito antiga, na Rua Dona Margarida, ali nos



Navegantes. Noite alta. Minha mãe, minha vó, minha madrinha, meus irmãos, todos haviam saído, provavelmente tinham ido viajar, não sei, só sei que apenas eu e meu avô íamos dormir lá.

Meu avô posicionou nossas camas lado a lado. Deitamo-nos e adormecemos em seguida. Na madrugada, meio da madrugada, acordei apreensivo. Sentia a presença de alguém no ambiente, além de mim e do meu avô. Olhei para o fundo do quarto. E vi. Um vulto branco, do tamanho de um adulto, passou velozmente junto à parede. Não consegui distinguir o rosto daquilo, mas senti o ódio chamejando de seus olhos, um ódio ressentido e doído. Não sabia bem o que fazer. Olhei para o lado. Meu avô estava sentado na cama, fitando a mesma parede com expressão assustada.

Ele virou o mesmo que eu.

Levantamo-nos para investigar o que acontecera. Percorremos toda a casa. Nada. Claro que entrei em pânico. Voltamos para a cama, mas quem disse

que eu dormia? Meu avô tentava me consolar, recomendava que esquecesse o medo, que esquecesse a aparição.

— De que jeito, vô? — eu perguntava.

Não tinha como. Mas eu precisava esquecer. Precisava.

Imagino um jovem jogador vaiado, como Bruno, como Claiton. Ele tenta jogar, mas a vaia o amassa, ele sabe que não pode ouvir a vaia, que não pode prestar atenção nela, que tem de esquecê-la. Mas não consegue.

A vaia é como um espírito maligno que surge de repente na madrugada. Impossível tratá-la com indiferença. Mesmo para quem não acredita em espíritos terríficos, almas perdidas, fantasmas acorrentados. Como eu. Se meu avô não tivesse também testemunhado o simulacro, eu não mais acreditaria que o tinha visto. Acharia que era fruto da minha imaginação feroz, que tenho imaginação feroz. E, ainda hoje, não acredito que tenha sido fantasma, não pode ser. O que será que vi naquela madrugada, na antiga casa da Rua Dona Margarida?

ANEXO I 21: Layout de Edu para o texto *O fantasma*, na coluna de David Coimbra, na editoria de *Esportes* do jornal *Zero Hora*, dia 5 de fevereiro de 2003, na página 50.



ANEXO I 22: Infográfico de Edu para o texto *Presos mais dois seqüestradores*, na editoria de *Polícia* do jornal *Zero Hora*, dia 4 de fevereiro de 2003, na página 35.

ZERO HORA | **POLÍCIA**

CAXIAS DO SUL Um dos dois detidos é um adolescente, suspeito de seqüestrar aposentado de 79 anos

Presos mais dois seqüestradores

A Polícia Civil da Serra deteve na manhã de ontem mais dois suspeitos de envolvimento no seqüestro do aposentado José Picoli, 79 anos. Trata-se de um homem e de um adolescente.

O local e as circunstâncias da operação são mantidos em sigilo.

O resgate da vítima e a prisão dos outros seis envolvidos ocorreu na sexta-feira, quando o aposentado foi libertado do cativeiro em Farroupilha. Os sete suspeitos foram detidos no bairro Desvio Rizzo. Os detidos são de municípios diferentes. Duas caminhonetes importadas estão apreendidas. A estrutura do cativeiro usado pela quadrilha surpreendeu policiais.

— Tenho 25 anos de trabalho na polícia e nunca vi nada parecido no Estado. Eles estudaram e leram muito sobre o assunto — disse o delegado regional de Caxias, Paulo Roberto da Rosa Silva.

O delegado Marcinio Tavares Neto, da Delegacia de Roubos, explicou que esse tipo de cativeiro, no mato, é usado por criminosos sem estrutura para se instalar em um imóvel sem levantar suspeitas.

— Eles tiveram um planejamento meticuloso. O cativeiro poderia enganar até quem estivesse caminhando por perto e não seria visível em um sobrevôo — afirma.

Policiais não descartam a participação de criminosos de outros Estados. A polícia da Serra investiga ainda o seqüestro da universitária Marileuza Zapani, 27, ocorrido 16 dias antes. Não é descartada a relação entre os dois crimes.

O CATIVEIRO

Detalhes técnicos do cativeiro intrigam a polícia:

TRANCA — A tampa era fixada no chão por estruturas metálicas semelhantes a um anzol, que ficavam presas na terra. Para trancar a cova, havia um artefato semelhante a uma argola na qual poderia ser colocado um cadeado

A VENTILAÇÃO — Dentro da cova havia duas estruturas para entrada de ar (feitas com cano PVC), uma onde ficava a cabeça do refém e outra junto aos pés

TAMPA CAMUFLADA — Era de madeira grossa forrada com lona plástica preta e fechava no mesmo nível da terra. Sobre a tampa eram colocadas folhas de mato, do mesmo tipo das da região

Local do cativeiro

De 1,5 a 2 metros de profundidade

1 metro de largura

2 metros de comprimento

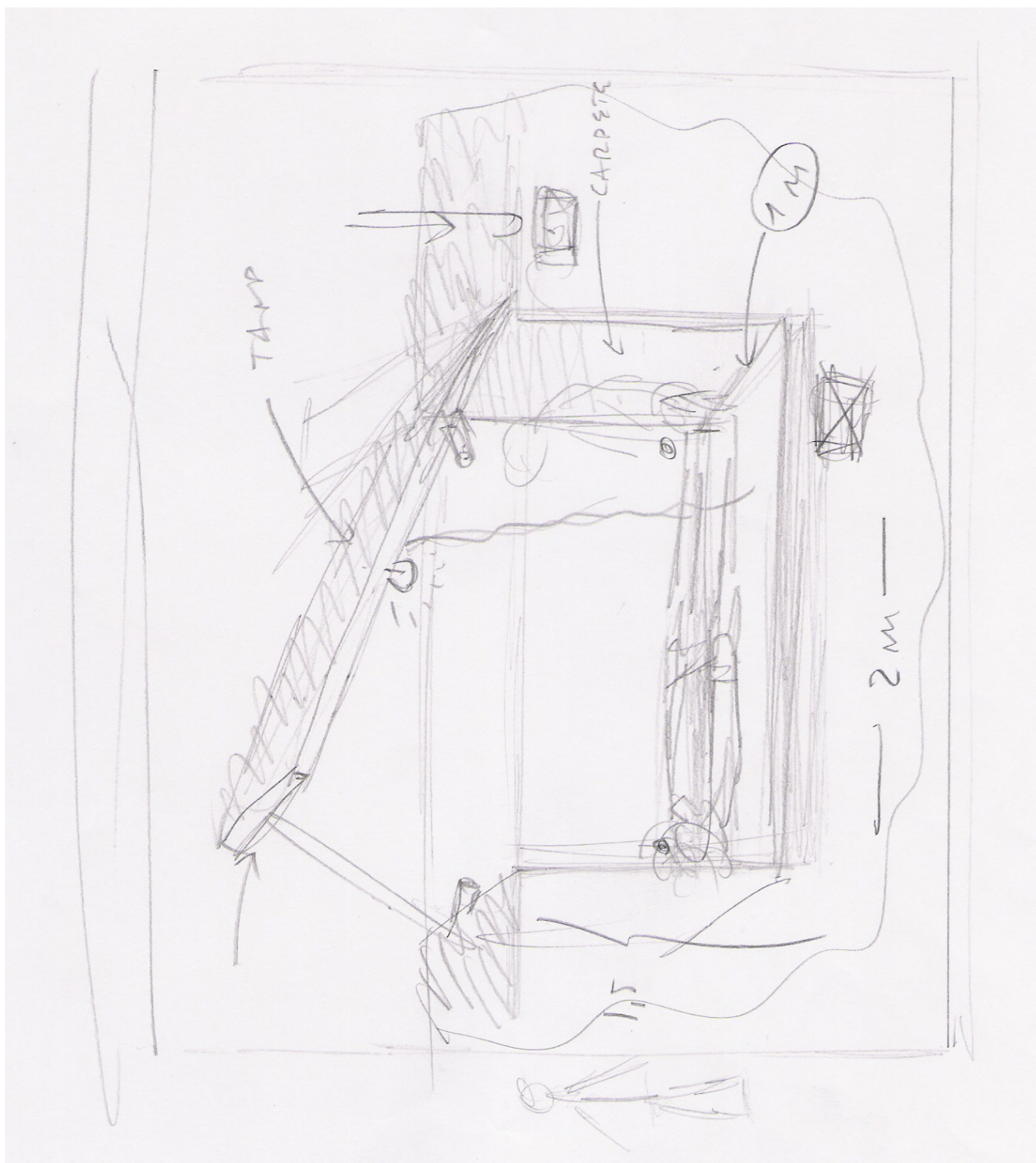
CARPETE NO CHÃO — Havia estrado de madeira, forrado com carpete verde. As paredes da cova também eram forradas com carpete

REFÉM ACORRENTADO — Nas duas extremidades da cova havia argolas de ferro usadas para prender a corrente que imobilizava os pés e as mãos do refém

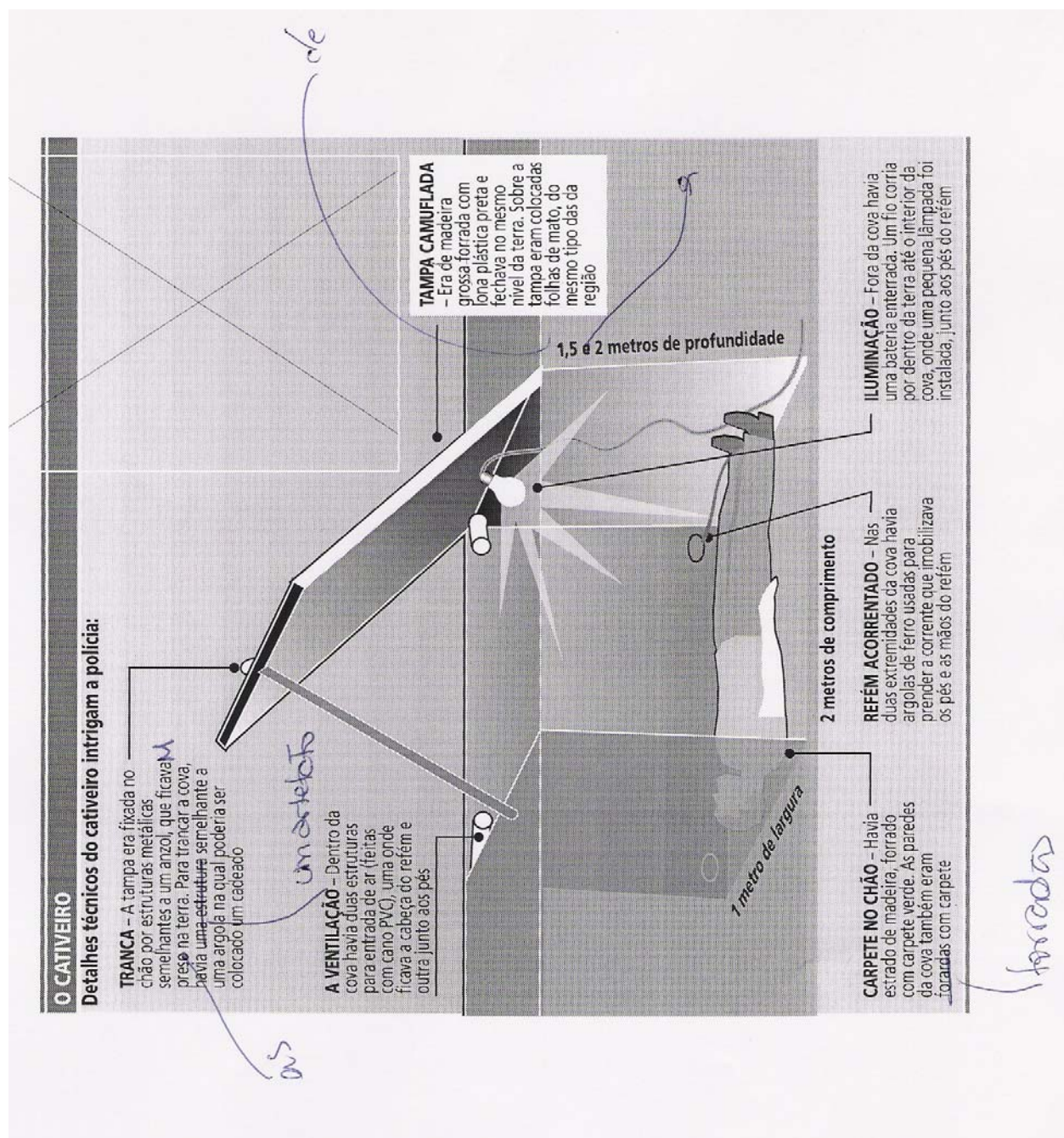
ILUMINAÇÃO — Fora da cova havia uma bateria enterrada. Um fio corria por dentro da terra até o interior da cova, onde uma pequena lâmpada foi instalada, junto aos pés do refém

Legenda: Mariel e Edu / Arte 2D

ANEXO I 23: Rafe de Edu para infográfico correspondente ao texto *Presos mais dois seqüestradores*, publicado dia 4 de fevereiro de 2003.



ANEXO I 24: Primeira prova corrigida do infográfico correspondente ao texto *Presos mais dois seqüestradores*, publicado dia 4 de fevereiro de 2003.



ANEXO I 25: Story-board de Edu para a matéria *Uma morte envolta em mistério*, publicada dia 6 de fevereiro de 2003, páginas 4 e 5.

4 | PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 6/02/2003

**REPORTAGEM
ESPECIAL**

ZERO HORA

Americano que prometia um parque megalomaniaco para o Estado foi executado com três disparos em Flores da Cunha

Uma morte envolta em mistério

DANIEL CORREA, FABIANO PROVIN e
ROBERTO NIELSEN
♦ Agência RBS

Mistério envolve a morte do americano Charles Louis Nizet, 70 anos, executado com três disparos à queima-roupa às 23h de terça-feira, quando chegava, sozinho, a sua casa, em Flores da Cunha, onde morava havia dois anos.

Além da residência, Nizet era dono de uma área de 94 hectares em São Sebastião do Caí. Ficou conhecido entre os gaúchos no ano passado, quando anunciou um sonho impossível – a construção de um parque de diversões orçado em US\$ 250 milhões na propriedade que acabara de comprar.

O crime chocou os moradores do município e, até o final da noite de ontem, a Polícia Civil, não tinha pistas sobre o assassinato. Às 21h de terça-feira, Nizet saiu da casa, no interior de Flores da Cunha, após receber um telefonema.

Em depoimento prestado para a Polícia Civil do município, a mulher do empresário, Solange Barros Moreno, 32 anos, disse ter pedido para ele não deixar a casa, pois teria recebido uma ameaça na sexta-feira.

Segundo o relato da mulher, pouco antes das 23h ela avistou o marido chegar com a Blazer.

– Espiei por uma janela. Logo atrás veio um outro veículo em alta velocidade – recorda Solange, que acionou a Brigada.

Mulher diz que Nizet andava armado temendo assaltos

Após ouvir quatro disparos (um deles não atingiu a vítima), ela correu para a janela e avistou o empresário caído. Solange conta que o marido andava armado pois tinha medo de ser assaltado ou seqüestrado.

Solange disse à polícia que não suspeita de tentativa de seqüestro ou assalto, pois Nizet não tinha inimigos na cidade nem dívidas com ninguém.

– Foi uma covardia terem feito o terceiro disparo, no rosto, depois que ele já estava caído – diz a mulher.

O empresário não tinha vigilância particular na moradia. Porém, três câmeras estavam instaladas nas paredes externas da casa, na parte frontal, em pontos estratégicos.

– Entretanto, elas não funcionavam e foram colocadas no local por Nizet apenas para intimidar possíveis suspeitos – diz o delegado Carlos Alberto Cardoso Fernandes.

COMO FOI

Americano foi emboscado ao retornar para sua casa:



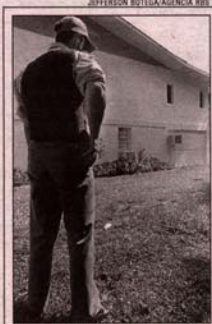
1 Por volta das 21h de terça-feira, o empresário americano Charles Louis Nizet saiu da sua residência, na Estrada do Travesseiro Esmeralda, 4.300, localidade de São Cristóvão, interior de Flores da Cunha, após receber uma ligação telefônica.



2 Pouco antes das 23h, sua mulher, Solange Barros Moreno, por meio de uma janela da moradia, viu-o chegar com a caminhonete Blazer placas UT-8365, de Flores da Cunha. Logo atrás, outro veículo (o modelo não foi identificado por Solange) entrou na propriedade em alta velocidade.



3 Um homem desceu do automóvel, e outro ficou na direção. Nizet desceu da Blazer, com uma arma na mão. Com uma pistola, um dos suspeitos atirou duas vezes no empresário (na perna direita e no abdômen), que tombou no gramado ao lado da casa. Em seguida, Nizet levou o terceiro disparo, no rosto. Nada foi levado da vítima.



O local: Nizet foi morto no pátio



4 O homem correu para o veículo não-identificado, sentou-se no banco do caroneiro, e a dupla fugiu em alta velocidade em direção ao interior do município. A Polícia Civil recolheu a Blazer, o telefone celular de Nizet e a arma que ele portava para perícia. O delegado responsável pelo caso, Carlos Alberto Cardoso Fernandes, não tem pistas sobre o crime.

Empresário vinha recebendo ameaças

Nos últimos dias, o americano Charles Louis Nizet estaria recebendo ameaças de morte. Pelo menos é o que ele informou para a sua mulher, Solange Barros Moreno, 32 anos.

Mas o americano não esclarecia de quem seriam as ameaças nem por qual motivo elas estariam ocorrendo.

A Polícia Civil de Flores da Cunha procura manter o máxi-

mo sigilo nas investigações, não confirmando nem descartando a hipótese de haver alguma relação do crime com os projetos anunciados por Nizet para a serra gaúcha.

O delegado Carlos Alberto Cardoso Fernandes explica que Solange e as duas filhas, além da empregada (todas elas estavam na residência na hora do crime) serão ouvidas até o final da semana.

– Todas as perícias requisitadas foram realizadas. Vamos aguardar os resultados – declarou ontem o delegado Fernandes.

Questionado sobre a possibilidade de uma execução, Fernandes foi enfático:

– Não posso afirmar nada ainda. Não temos suspeitos da autoria do crime.

O corpo do americano foi levado ontem para o posto do Departamento Médico Legal (DML) de Caxias do Sul, à espera de parentes e amigos que estariam se deslocando dos Estados Unidos.

O enterro de Nizet está marcado para sábado, no Cemitério Municipal de Flores da Cunha.

ANEXO I 26: Segunda parte da matéria *Uma morte envolta em mistério*, com foto da personagem do story-board, publicada dia 6 de fevereiro de 2003, páginas 4 e 5.

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 6/02/2003 | 5

Perfil marcado por dúvidas

Nos poucos meses que viveu no Estado, Charles Louis Nizet, 70 anos, teve sua vida marcada por mistérios, dúvidas e incertezas.

Amigos garantem que era agente da CIA (agência de inteligência dos Estados Unidos) e nascido na Bélgica, contrariando sua própria versão, já que se apresentava como tenente-coronel aposentado do exército americano e natural de Los Angeles.

Garantia possuir estúdios cinematográficos nos EUA, com aviões, carros blindados e helicópteros, que lamentava não poder trazer para o Brasil. Mas ficou marcado no Estado por apresentar um megaprojeto que suscitava fortes dúvidas quanto a sua execução.

O nome de Nizet aparece em uma série de filmes de baixa categoria nos Estados Unidos. Em alguns, escrevia os roteiros e fazia a produção e a direção dos filmes. Era dono de uma casa em Flores da Cunha e da área em São Sebastião do Caí, pela qual pagou R\$ 250 mil à vista, escrituradas no nome de sua mulher. No pátio da casa, um contêiner com equipamentos cinematográficos e relíquias – como a foto que aparece ao lado de John Huston e um cinturão que afirma ter ganho de John Wayne.

Amigos e conhecidos de Nizet dizem que era uma pessoa de hábitos simples, porém reservada. Inteligente, educado e carinhoso com a mulher, Solange Barros Moreno, 32, e com as duas enteadas adolescentes, mas com hábitos estranhos.

– Ele alugou um pavilhão, na comunidade de São João (onde mantinha três contêineres com objetos pessoais, principalmente relacionados ao cinema trazidos dos EUA) e uma casa para o sócio (David Morgan) – afirma Oscar Franciscatto, dono da imobiliária onde Nizet adquiriu a residência onde morava.

Os moradores de Flores da Cunha pouco sabiam sobre Nizet. Nem os vizinhos de porta conheciam muito sobre sua vida.

O sonho impossível

EDSON COSTA, BANCO DE DADOS/AGÊNCIA RBS



No ano passado, Charles Nizet apresentou um megaprojeto cuja execução era praticamente inviabilizada pelo local escolhido e pela megalomania. Confira alguns detalhes do que Nizet prometeu a empresários da Serra, com o objetivo de arrecadar dinheiro:

- ♦ O Los Angeles Park seria construído em área de 94 hectares, às margens da RS-122, no limite entre São Sebastião do Caí e Portão.
- ♦ A grande atração seria a maior montanha-russa do mundo, orçada em US\$ 27 milhões.
- ♦ O hotel, em forma de uma garrafa de refrigerante, deveria ter 40 andares.

O empreendimento que ficou no papel

O americano Charles Nizet ficou conhecido no Estado no segundo semestre do ano passado, quando anunciou um megaprojeto para a cidade de São Sebastião do Caí, no Vale do Rio Caí.

A grandiosidade das promessas suscitava dúvidas quanto à viabilidade de sua execução. Estava prevista a construção da maior montanha-russa do mundo, de um hotel de 40 andares no formato de uma garrafa de refrigerante e de um estúdio cinematográfico.

O sonho de Nizet tinha até nome (Los Angeles Park) e seria erguido em uma área de 94 hectares, às margens da RS-122, entre Caí e Portão, de sua propriedade. Nizet anunciava um investimento previsto de US\$ 250 milhões – a metade do dinheiro prometia tirar do próprio bolso e os outros 50% sairiam de parcerias com multinacionais cujo nome mantinha sigilo.

Para apresentar sua proposta, o americano chegou a reunir empresários e autoridades da Serra. A escolha do Estado para um projeto de tal porte começou, segundo ele, de maneira casual.

Aterrissagem forçada o teria conduzido à serra gaúcha

No início de 2001, disse estar sobrevoando o Estado em uma aeronave particular quando um temporal o obrigou a aterrissar no aeroporto de Caxias do Sul.

– Gostei da região e fiquei por aqui. Conheci Gramado e outras cidades, como Flores da Cunha, onde conheci uma pessoa com quem me casei – afirmou, em entrevista à Agência RBS em agosto passado, destacando que o casamento o fez decidir implantar o tal empreendimento no país.

No megaparque de diversões, Nizet prometia construir um estúdio de cinema na área leste – onde, segundo ele, o barulho do tráfico seria menor. Desde o primeiro voo sobre a região, de helicóptero, disse ter identificado cenários perfeitos para rodar filmes de ação – ele já teria estado à frente de 38 filmes, todos de orçamento modesto e de claro objetivo comercial.

– Aqui é o lugar com mais cachoeiras que já conheci. E ainda tem rios, matas, cânions, montanhas... Até um faroeste poderia ser feito – comentou.

Nizet dizia considerar o cinema como mera indústria. Os filmes de arte eram coisa de “quem tem dinheiro para jogar fora”. Para ele, a receita de sucesso no cinema resumia-se à fórmula ação, violência e sexo.

Entrevista: David Morgan, sócio de Nizet

“Vou desistir do parque para sempre”

Sócio de Charles Nizet, o americano David Morgan falou ontem por telefone com a Agência RBS sobre a morte do amigo, enquanto preparava-se para embarcar para o Brasil. Confira os principais trechos da entrevista concedida à Agência RBS:

Agência RBS – Há quanto tempo o senhor conhecia Nizet?
David Morgan – Há um longo tempo.

Agência RBS – Como o senhor o conheceu?
Morgan – Da CIA (Agência de Inteligência dos EUA).

Agência RBS – Vocês trabalharam juntos lá?
Morgan – Não, separadamente.

Agência RBS – Você sabia que Nizet estava sendo ameaçado no Brasil?
Morgan – Não.

Agência RBS – Quando vocês se falaram pela última vez?
Morgan – Ontem de manhã.

Agência RBS – Falaram sobre o parque?
Morgan – Sim.

Agência RBS – E quais eram os planos?
Morgan – Estávamos trabalhando para levantar um empréstimo e levar dinheiro dos Estados Unidos, conseguir minha carteira de identidade, para poder viver aí e trabalhar no projeto.

Agência RBS – Você vai mudar seus planos?
Morgan – Sim.

Agência RBS – Vai desistir do parque?
Morgan – Sim. Para sempre.

ANEXO I 27: Esboço para o story-board da matéria *Uma morte envolta em mistério*, publicada dia 6 de fevereiro de 2003, páginas 4 e 5.

Americano foi emboscado ao retornar para sua casa:

1 Por volta das 21h de terça-feira, o empresário americano Charles Louis Nizet saiu da sua residência, no Travessão Esmeralda, 4.300, localidade de São Cristóvão, interior de Flores da Cunha, após receber uma ligação telefônica.

Mapa

2 Pouco antes das 23h, sua mulher, Solange Barros Moreno, por meio de uma janela da moradia, viu o chegar com a caminhonete Blazer placas JTI-8365, de Flores da Cunha. Logo atrás, outro veículo (o modelo não foi identificado por Solange) entrou na propriedade em alta velocidade.

3 Um homem desceu do automóvel, e outro ficou na direção. Nizet desceu da Blazer, com uma arma na mão. Com uma pistola, um dos suspeitos atirou duas vezes no empresário (na perna direita e no abdômen), que tombou no gramado ao lado da casa. Em seguida, Nizet levou o terceiro disparo, no rosto. Nada foi levado da vítima.

Blazer/foto

4 O homem correu para o veículo não-identificado, sentou no banco do caroneiro, e a dupla fugiu em alta velocidade em direção ao interior do município. A Polícia Civil recolheu a Blazer, o telefone celular de Nizet e a arma que ele portava para perícia. O delegado responsável pelo caso, Carlos Alberto Cardoso Fernandes, não tem

ANEXO I 28: Layout para o *story-board* da matéria *Uma morte envolta em mistério*, publicada dia 6 de fevereiro de 2003.



ANEXO I 29: Ilustração de Uchôa para o texto *O Planeta de todas as tribos*, na capa do *Segundo Caderno*, na *Zero Hora*, dia 3 de fevereiro de 2003.

Segundo Caderno

ZERO HORA - SEGUNDA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 2003

O Planeta de todas as tribos

O Planeta Atlântida 2003, que começa na próxima sexta-feira, em Atlântida, deve reunir 80 mil pessoas durante os dois dias de festival, mas não será difícil identificar algumas das tribos que estarão lá. Confira:

Diversão à flor da pele

São aqueles que gostam de temperar boa música com emoções fortes. No Planeta, eles podem vibrar com o Scad Dive (brincadeira em que os planetários experimentam uma queda livre de 30 metros até aterrisarem na segurança de uma rede) ou com as cinco rampas do Skatepark. Além de uma pista de dança de dimensões planetárias, poderão experimentar o peep show: um labirinto em cujo centro acontecem performances como se fossem cenas de filmes. Para identificar o pessoal chegado na adrenalina, confira se está de bermuda cargo, chapéu de lona e relógio esportivo, grandão.

Para namorar de corpo inteiro

Tem o pessoal ligado mais nas emoções. É aquele que vai adorar as melôs do Cidade Negra, da dobradinha Skank/Jota Quest e do Paralamas. Vai adorar também o labirinto das sensações, no Grand Lobby, que funciona como uma viagem através do frio, do calor e da neblina, entre outros estímulos, preparando para as emoções que vão rolar nos palcos do Planeta. Esta tribo tem traços característicos, especialmente entre as gurias. O padrão é calça Capri (popular pulabrejo), cintura baixa, às vezes com um moleton atado em volta do corpo, sem esquecer de um piercing estrategicamente colocado no umbigo.

Rock na veia

A comunidade roqueira usa bermuda larga com a bainha desfiada, camisetas pretas com estampas de Nirvana ou Pearl Jam, nos pés um tênis All Star preto de cano alto, com meia branca. A trilha sonora da tribo também estará no Planeta, no som do Tequila Baby, Reação em Cadeia, CPM 22, Charlie Brown Jr., Cachorro Grande e De Falla (quem sabe com a Syang?).

Regueiro guerreiro

Talvez a tribo mais vistosa do Planeta. Lá vão eles: touca rasta, quase sempre nas cores verde/vermelha/amarela, camiseta com a estampa de Bob Marley (geralmente mostrando a capa do disco *Catch a Fire*), muitos colares de miçangas e contas, bermudas largas e tênis desamarrados. As atrações regueiras começam pelo ministro Gilberto Gil e seguem com as bandas Canamaré, Maskavo e Chimarruts.

Pop até os ossos

É o povo de bem com a vida. São eles que vão puxar o coral para as músicas mais conhecidas do Jota Quest, do Capital Inicial, do Papas da Língua e do Armandinho. O reconhecimento da tribo é fácil: óculos de lentes coloridas e absolutamente fashion, os caras com camisa regata exibindo o perfil sarado, as gurias com faixas largas e coloridas na cabeça, barriguinha sequinha, tribal nas costas e piercing no umbiguinho.

Veja o serviço completo do Planeta Atlântida 2003 na página 4

Pági

PLANE

A progr
alternat
e Fogo.
dos de
precise
apresent

♦ SEXTA

Palco Fo
19h - An
21h10m
23h45m
2h30mir

Palco Ag
19h55m
(60min)
22h25m
1h15mir

Palco Or
19h45m
21h15m
22h45m
0h15mir
1h45mir

♦ SÁBADO

Palco Fo
18h30m
20h30m
23h - Pa

Palco Ag
19h25m
21h50m
0h20mir
2h40mir

Palco Or
19h - De
21h - Irí
23h - Da
1h - Cad
3h - Can

♦ Inform
www.pla

ANEXO I 30: Ilustração de Uchôa para o texto *O prato do ministro*, publicado na coluna política de José Barrionuevo, no jornal *Zero Hora*, dia 6 de fevereiro de 2003, na página 14.



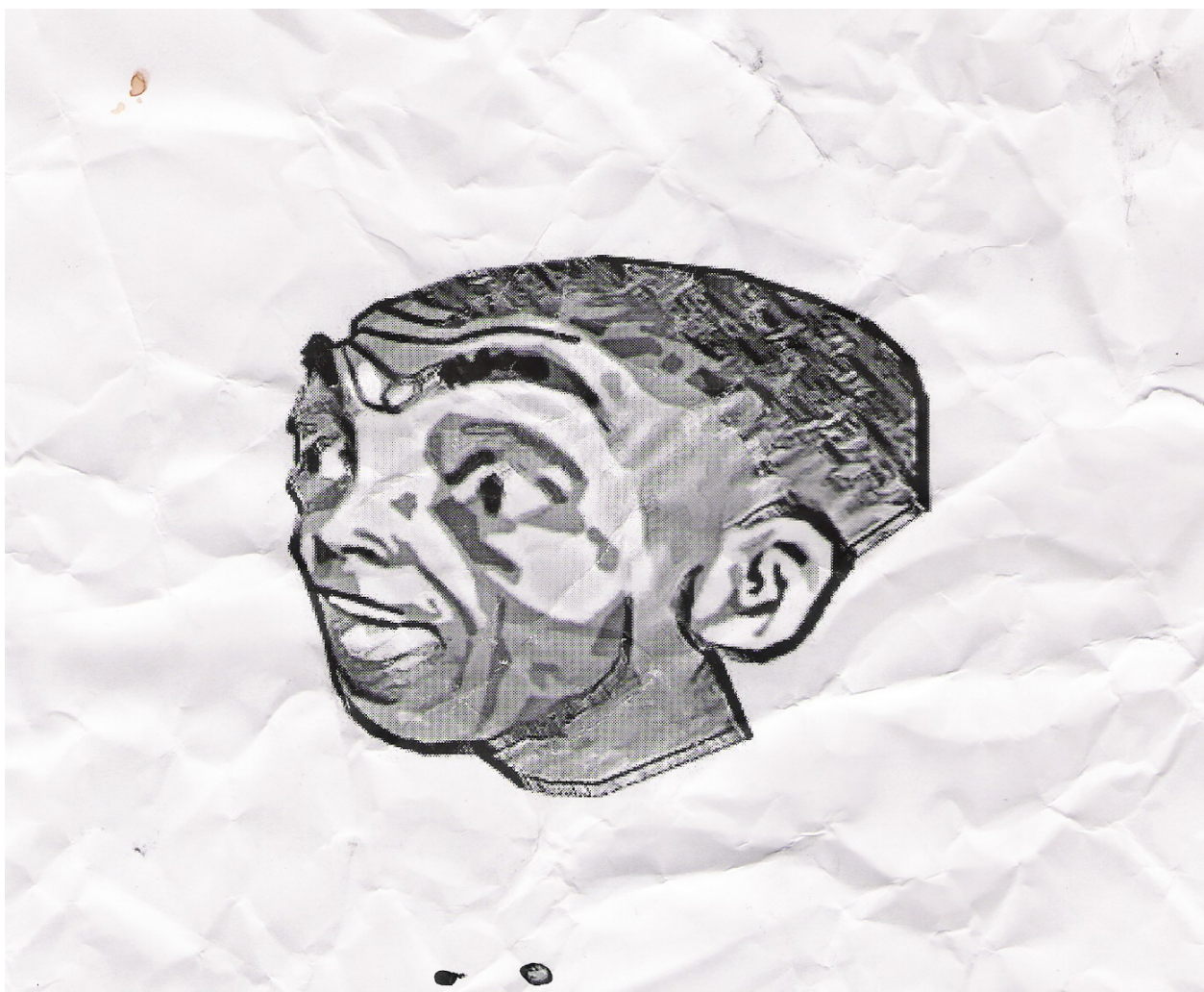
ANEXO I 31: Texto encaminhado pela redação e esboço para o texto *O prato do ministro*.

Liliane e Denise Lewin, as donas do Café do Prado, vão passar o sábado preparando uma receita especial para o participante mais político do Planeta. As duas comandantes do bar responsável por atender os camarins e o camarote vip do Planeta Atlântida, vão botar a mão na massa para preparar uma receita de arroz integral com gersal, verduras, legumes cozidos e pão integral, além de um prato preparado com tofu e raízes, uma receita trazida de Londres especialmente para a ocasião. Para acompanhar o prato, o homenageado pediu – e levará – uma garrafa do vinho português Dão. O convidado em questão é o músico e ministro da cultura Gilberto Gil, que se apresenta sábado, no Planeta Atlântida.

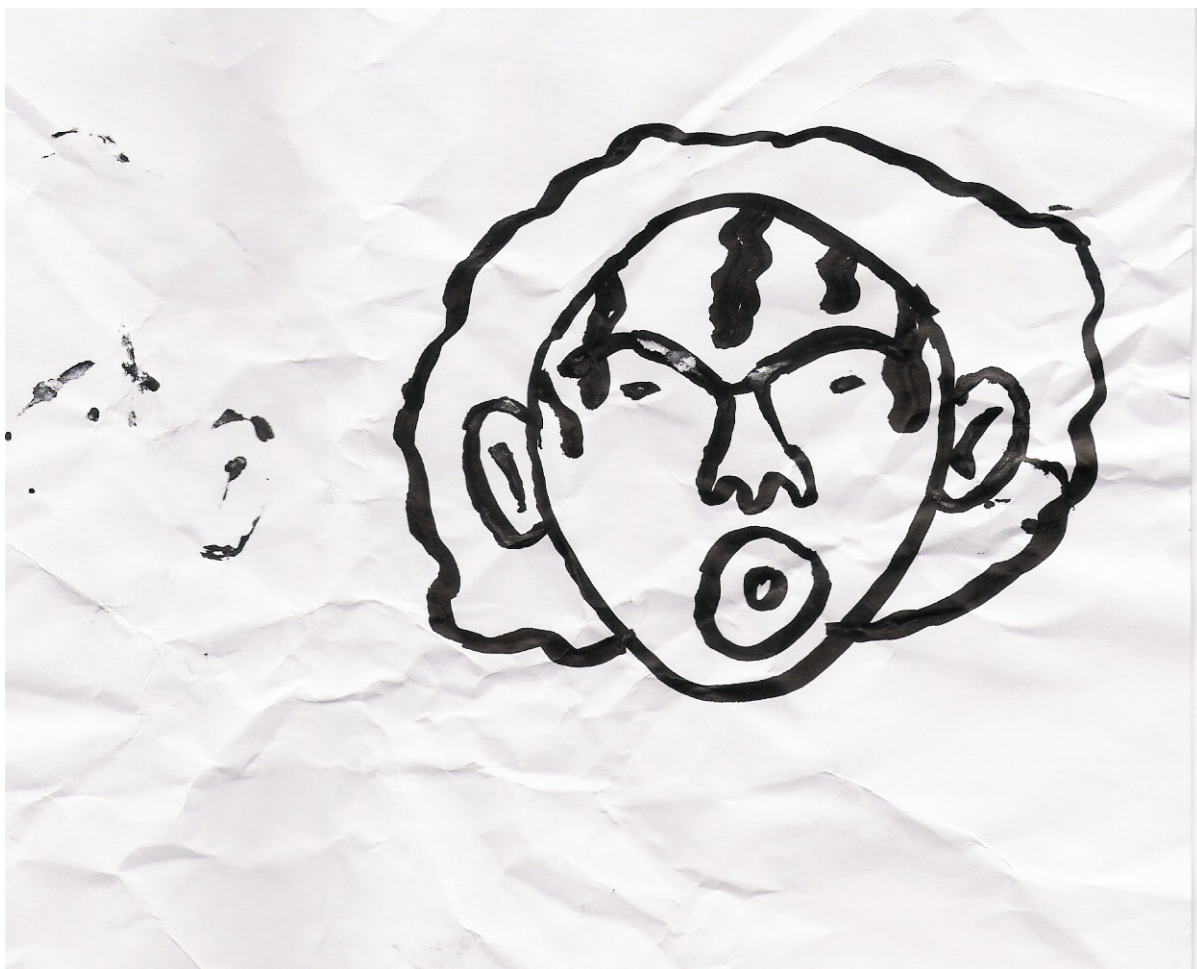
Ministro
Gilberto Gil



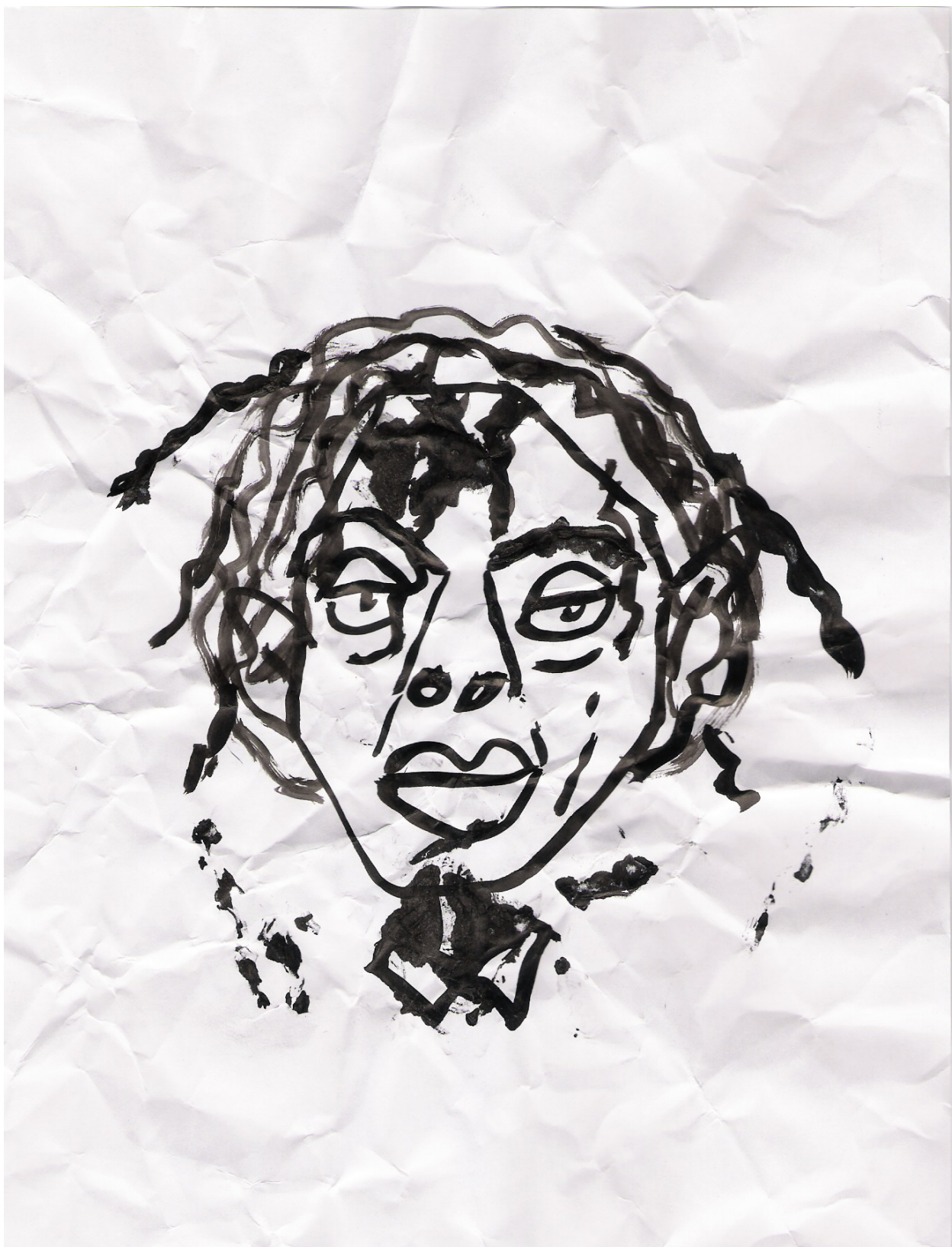
ANEXO I 32: Estudo em cima de foto com softwares de computador para o texto *O prato do ministro*



ANEXO I 33: Esboço de Uchôa para o texto *O prato do ministro*



ANEXO I 34: Esboço de Uchôa para o texto *O prato do ministro*



ANEXO I 35: Arte final de Uchôa para o texto *O prato do ministro*



ANEXO I 36: Ilustração de Uchôa para o texto *Entidade ensina crianças a fugir de agressores*, publicada no jornal *Zero Hora*, dia 2 de fevereiro de 2003, na página 29.

Entidade ensina crianças a fugir de agressores

JANE E. BRODY
◆ The New York Times

Eu tinha 13 anos e voltava da escola para casa por uma rua residencial quando um carro parou perto de mim. O motorista, um homem de cerca de 45 anos, se debriçou, abriu a porta do lado do passageiro e me chamou:

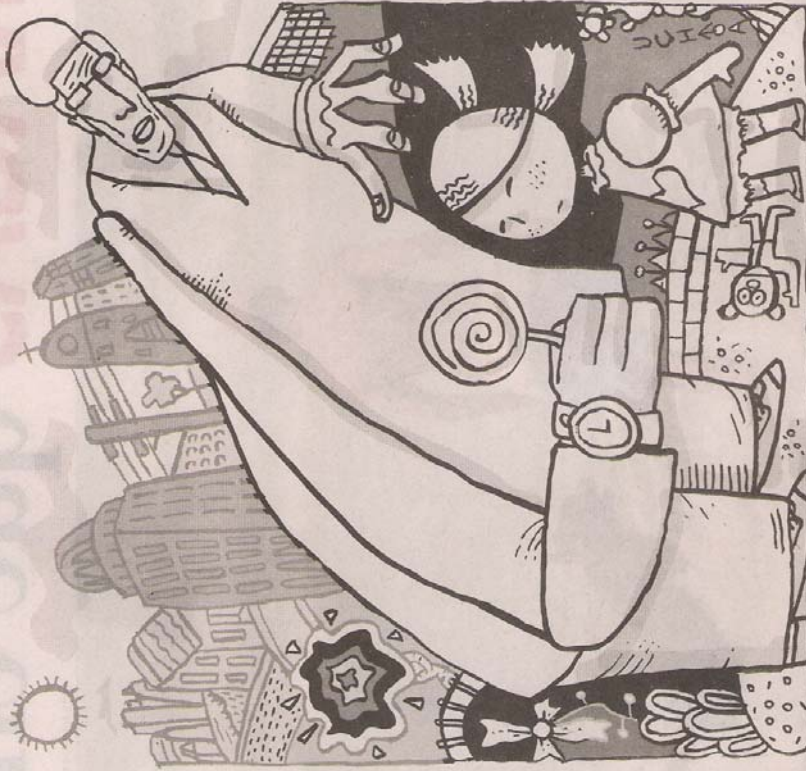
— Eu deixei minhas chaves caírem e não consigo encontrá-las. Você pode me ajudar?

Sem responder, corri para a casa mais próxima e toquei a campainha. O homem fechou a porta do carro e foi embora. Ainda trêmula, comeci a imaginar o que poderia ter acontecido se não houvesse nenhuma casa próxima. Será que ele teria descido do carro e me perseguido? O que eu teria feito? O que eu poderia ter feito?

A cada ano, conforme o Departamento de Justiça dos Estados Unidos, cerca de 69 mil crianças e adolescentes são seqüestrados no país, 12 mil deles por pessoas não-pertencentes à família da vítima. Em aproximadamente dois terços dos casos, o criminoso não é estranho ao menor.

Mesmo assim, além de saberem que não devem falar com estranhos ou andar com pessoas desconhecidas, poucas crianças estão preparadas para evitar um rapto ou escapar de um. Depois que Paul Stanley, de Chicago, viu seu filho de seis anos andando com um estranho que pediu ajuda para procurar seu cão perdido no parque, ele decidiu que algo teria que ser feito "para dar às crianças uma chance de lutar".

— Em algum lugar entre o "não fale com estranhos" e colocar a foto da criança em um cartaz de "Desaparecido" há um terrível vácuo. Que melhor presente você pode dar para uma criança do que as técnicas para salvar sua própria vida? Especificamente, como elas podem fugir de um agressor? — afirma Stanley, que felizmente conseguiu tirar seu



ver sendo tapada, algumas vezes os dedos do agressor podem ser mordidos com força. Ou, se o menor for agarrado por trás, uma pancada de cabeça, seguida por um soco na virilha ou uma pisada no pé, pode dar ao seqüestrado a chance de escapar.

Finalmente, se a criança não puder correr mais rápido do que o atacante, pode ser possível escapar se refugiando sob um carro estacionado.

Os pais precisam dizer ainda às crianças que, em caso de rapto, nunca devem parar de lutar e buscar formas de escapar. Alguns meses atrás, uma garota de sete anos foi resgatada depois de ficar presa em um porão com uma fita adesiva na boca. Ela cortou a fita com os dentes, quebrou a janela e pediu ajuda.

Site dá informações sobre segurança

Naturalmente, a segurança começa aprendendo-se como reconhecer situações perigosas e evitá-las. Em seu site na Internet, www.kidsfightingchance.com, a organização fornece dezenas de dicas de segurança. Menores sozinhos em casa não devem, por exemplo, informar isso para estranhos ao telefone.

Em vez disso, a criança deve ser instruída a mentir sobre a situação, dizendo algo como "Meu pai está no banho" ou "Minha mãe está lavando roupa" ou "Nossa empregada não pode atender ao telefone agora. Ela está cuidando do bebê", e então anotar o recado.

As crianças também nunca devem entrar no carro de um estranho a não ser que seus pais a autorizem. Elas não devem, ainda, ajudar adultos que não conheçam. Os pais, por sua vez, devem checar cuidadosamente as referências de todas as pessoas contratadas para cuidar de seus filhos. O vídeo da organização custa US\$ 29,95 nos EUA e é vendido em lojas por todo o país. Também pode ser comprado através do site da organização ou pelo telefone (ligando do Brasil) 00xx18805727307.

mordidas, empurrões e outras técnicas que podem permitir que o menor imobilize temporariamente o agressor e consiga escapar.

Regra é nunca parar de lutar

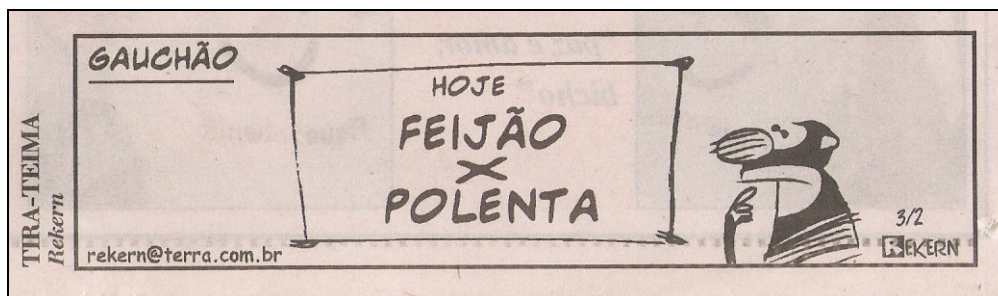
As técnicas permitem que uma criança de cinco anos fuja de um homem adulto. Ela pode, por exemplo, usar os dedos para atacar um homem nos olhos e, em seguida, chutar entre suas pernas. Se a boca da criança esti-

filho das mãos do desconhecido. O resultado foi uma organização batizada de Fighting Chance (Chance de Lutar) e o vídeo e DVD *Give Your Kids a Fighting Chance (Dê a seus filhos uma chance de lutar)*, que ensina crianças e jovens dos cinco aos 18 anos como escapar de um agressor.

Com a participação de dois experientes instrutores de defesa pessoal, Rick Seid e Guy Dar, e de diversos jovens, o vídeo da organização ensina e demonstra socos, chutes,

ANEXO I 37: Tiras de Rekern publicadas entre os dias 3 e 6 de fevereiro de 2003.

Dia 3 de fevereiro de 2003, página 11 do *Segundo Caderno* (jornal Zero Hora)



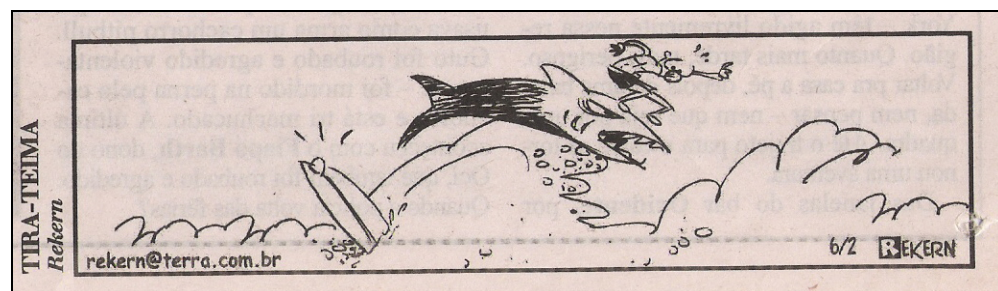
Dia 4 de fevereiro de 2003, página 11 do *Segundo Caderno* (jornal Zero Hora)



Dia 5 de fevereiro de 2003, página 7 do *Segundo Caderno* (jornal Zero Hora)



Dia 6 de fevereiro de 2003, página 11 do *Segundo Caderno* (jornal Zero Hora)



ANEXO I 38: Caricatura criada por Fraga da senadora Heloísa Helena, na coluna *Sentenças*, na *Zero Hora*, dia 25 de maio de 2003.

18 | PORTO ALEGRE, DOMINGO, 25/05/2003

| OPINIÃO

A era do espetáculo

SÉRGIO DA COSTA FRANCO *

Nossos avós morreriam de indignação se vissem o presidente da República e seus ministros disputando partidas de futebol no fim de semana. Seria isso, no ponto de vista deles, um gesto de desprezo pela majestade do cargo, prova de infantilidade, leviandade e negligência. “Essa gente pensa — diriam — que está desfrutando de um veraneio em Brasília?” Ou “será que não têm coisas mais importantes a fazer, pensar ou planejar?” Nós, que já não comungamos daquela visão aristocrática do poder, até achamos admissível que os ministros e o presidente pratiquem algum esporte sadio nos feriados, para manter a forma física e a boa saúde. O que não podemos aceitar é a prática desastrosa do jogo, aquele desfile deprimente de “pata-duras” e ex-atletas, sem mínimas condições para uma exibição coletiva e pública. A cada “pelada” presidencial segue-se uma baixa nos altos escalões da República, em prejuízo da eficiência e da celeridade das ações de governo. Causa desânimo ver um ministro da Fazenda de muletas porque rachou o tornozelo numa brusca disputa de bola.

Mas o que fazer? Já não é novidade que se vive numa sociedade do espetáculo. E o espetáculo tanto pode ser extasiante, sedutor e chamativo, como pode ser ridículo, melancólico e depressivo. Num dia os burlantins emocionam até às lágrimas o público da arquibancada; no outro provocam irritação e aborrecimento. É da vida e é do circo.

Políticos, artistas, cientistas, escritores e profissionais de vários ramos se empenham em produzir efeitos cênicos, fazendo de suas vidas e de suas obras uma constante busca de fama e glória. O fenômeno não é inteiramente novo, mas se aguçou na medida em que a concorrência se tornou mais frenética e a comunicação de massas sempre mais intensa e multiplicada. Com o aguçamento da concorrência, os silenciosos e os modestos correm o risco de ser atropelados, e os progressos da mídia fizeram da exibição pessoal através da eletrônica uma prática de rotina. O teatro, que outrora se continha nos palcos ou nos picadeiros, invade hoje nossas casas com a sem-cerimônia e a leveza de um cli-

que, preenche o espaço de nossos lares e se torna guia e bíblia das grandes massas.

O que são as campanhas eleitorais senão torneios de “marketing”, em que as preferências do eleitor são disputadas como consumidores de refrigerantes ou de sutias? E não são até confessadas as “bravatas” utilizadas no discurso de palanque, como um recurso admissível da prática política?

O espetáculo penetrou até mesmo nas ações litúrgicas. A piedade e a contrição discretas foram desterradas. O que vai prevalecendo é a devoção gritada e cantada, como se os ouvidos da divindade estivessem entupidos. Parece que não importa muito o rezar; o que vale mesmo é aparecer rezando.

O espetáculo penetrou até mesmo nas ações litúrgicas. A piedade e a contrição discretas foram desterradas

SENTENÇAS

“Ou vocês dão uma solução agora, ou podem preparar os caixões, porque desta terra a gente não sai.”

MARILENA FERREIRA,
sem-terra participante
de invasão de engenho
em Pernambuco.

“Nosso movimento tem três cercas para derrubar: a do latifúndio, a do capital e a da ignorância.”

Líder do MST,
JOÃO PEDRO STÉDILE,
durante o lançamento do
programa Brasil Alfabetizado,
do Ministério da Educação.

“Alguém pode dizer: prefira Galileu! Abra mão de morrer! Infelizmente, eu não sou da turma do Galileu. Estou mais para Joana D'Arc ou Sócrates.”

SENADORA HELOÍSA HELENA,
em visita à Bienal do Livro.



“Não posso deixar Heloísa Helena só neste momento.”

DEPUTADO LINDBERG FARIAS,
assegurando que se a senadora for
expulsa do PT também deixará a sigla.

ANEXO I 39: Caricatura criada por Fraga do ex-ministro Delfim Neto, na coluna *Sentenças*, na *Zero Hora*, dia 27 de julho de 2003, página 20.

20 | PORTO ALEGRE, DOMINGO, 27/07/2003

| OPINIÃO

A solução final

OLAVO DE CARVALHO *

Primero, a população foi levada a engolir, contra toda evidência econômica, a balela de que a distribuição de terras aos pequenos agricultores acabaria com a miséria no campo. Contornando o debate franco, condenando a priori as mais fundadas e razoáveis objeções como pretextos malvados a serviço de interesses vis indígnos de atenção, a tese conseguiu se impor sem dificuldade.

Logo em seguida, pelos mesmos métodos, persuadiu-se o público a aceitar as invasões de terras "improdutivas".

Na terceira etapa, tratou-se de legitimar o MST, juridicamente inexistente, como entidade qualificada para embolsar bilhões em verbas federais, com direito a usá-las a salvo de qualquer fiscalização e sem nenhuma obrigação legal explícita.

Depois levou-se o povo a encarar como normais e decentes as invasões de terras produtivas e a completa destruição de fazendas organizadas e rentáveis, enaltecendo como obra de caridade social a sua transformação em favelas rurais.

Tratou-se então de justificar o uso de meios violentos pelos invasores como ato de "resistência" — argumento que, embora baseado na inversão da ordem temporal das ações e reações, também foi aceito sem maiores controvérsias.

Mais adiante, os órgãos de segurança que observavam discretamente o movimento foram condenados pela mídia como quadrilhas de olheiros ilegais, enquanto a presença de espíões do MST em todos os escalões da administração pública não suscitava a indignação de ninguém.

Prometendo transformar o Brasil num Zimbábue, a declaração do sr. Stédile é criminosa em si

Então começaram os bloqueios de estradas, as ocupações de prédios do governo, os seqüestros de funcionários públicos. Jamais punidos, tornaram-se um direito consuetudinário.

A revelação de que muitas terras tomadas pelo MST não estavam sendo usadas para fins agrícolas e nem mesmo como abrigos de desocupados, mas como campos de treinamento de guerrilhas, já não suscitou nenhum escândalo, nenhuma investigação: o Brasil estava pronto para aceitar tudo, tudo, desde que viesse com a chancela do MST, bandeiras vermelhas e pôsteres de Che Guevara.

Agora, por fim, o líder do MST confessa que seu objetivo não é obter apenas terras suficientes para os camponeses pobres, mas dominar a agricultura brasileira inteira, extinguindo por completo os direitos de propriedade atualmente existentes e matando todos os fazendeiros: "A luta camponesa abriga hoje 23 milhões de pes-

SENTENÇAS



"Tive a impressão de que nasceu a criança e eles não sabem o que fazer com ela."

EX-MINISTRO DELFIM NETTO,
lamentando que o governo não tenha aproveitado os avanços na área monetária para reduzir mais os juros.

"Eu não bebo água na aba do chapéu de ninguém."

ROGÉRIO VARGAS,
produtor que prometeu abrigo ao MST em São Sepé.

"Sou o Lexotan da República."

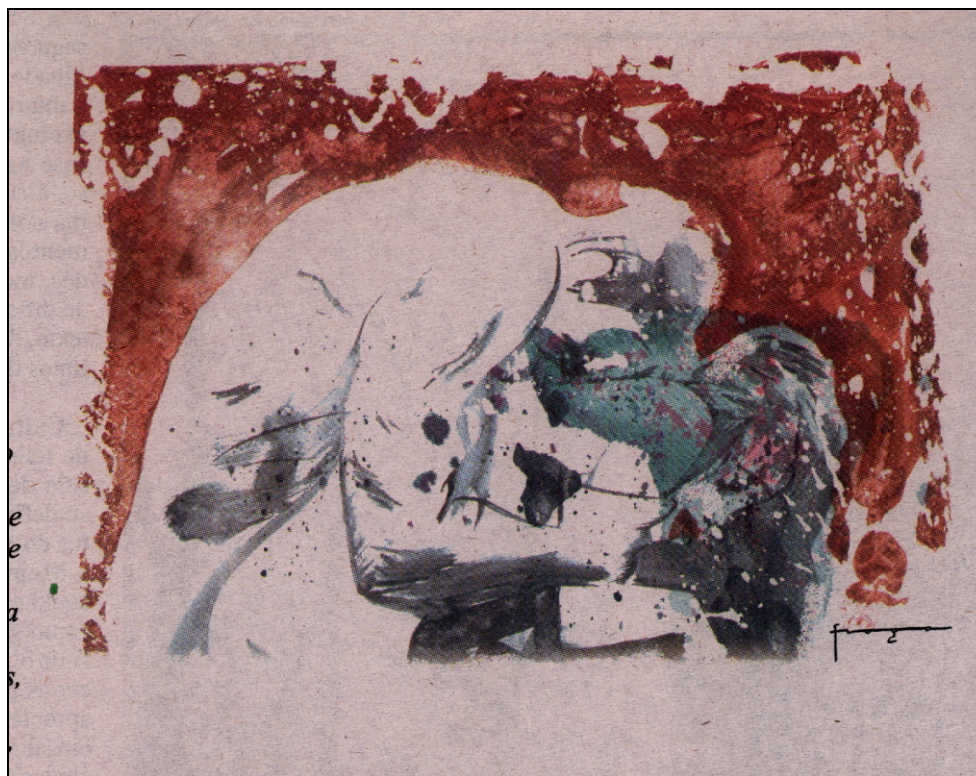
MINISTRO CIRO GOMES,
da Integração Nacional,
procurando se mostrar calmo
diante de protesto de servidores
no Congresso.

ANEXO I 40: Ilustração de Fraga para a capa do caderno *Cultura* da *Zero Hora*, no dia 1º de fevereiro de 2003.



ANEXO I 41: Ilustrações de Fraga para os textos do escritor Mempo, nas páginas 4 e 5 do caderno *Cultura*, da *Zero Hora*, dia 1º de fevereiro de 2003.





ANEXO I 42: Ilustração de Fraga para o texto *O comício do Collor*, de David Coimbra, na editoria de *Esportes*, da *Zero Hora*, dia 1º de fevereiro de 2003, página 33.



ANEXO I 43: Ilustração de Fraga para o editorial *Com o Vento a Favor* da Zero Hora, dia 1º de fevereiro de 2003, página 12.

Com o vento a favor

O primeiro mês do novo governo federal, bafejado por intensa expectativa do país, foi a reafirmação, agora acompanhada dos primeiros gestos decisórios, da intenção do novo presidente de levar à prática o discurso de sua campanha eleitoral. As prioridades eleitas pelo presidente Lula e, especialmente, a maneira própria de implementá-las estenderam por todo este primeiro mês da administração o crédito de confiança que o eleitorado havia depositado no projeto das novas autoridades. A recepção calorosa e solidária que a nação deu ao Programa Fome Zero, por exemplo, é sintomática. O que há de novo nele não são os métodos, critérios e iniciativas. Eles não são nem novos nem são carregados de unanimidade. Ao contrário, geraram divisões e polêmicas. O que é novo é sua transformação em prioridade máxima, na quase obsessão com que o governo promete perseguir sua concretização.

É nesse sentido que deve ser visto o gesto de postergar a compra de aviões militares: mais do que recursos imediatos gera a convicção de que acima de qualquer outro objetivo está o de viabilizar três refeições por dia para cada brasileiro. Mas há outros gestos destacáveis neste primeiro mês. O Fome Zero no campo das reformas se chama Previdência Social. Ao deflagrar o debate sobre essa questão, que representa um impasse histórico, o novo governo assume um desafio que poderá marcar o destino do próprio governo. Credor de uma tradicional relação de defesa das corporações de servidores públicos, o PT se credencia como o mais insuspeito promotor dessa que é a reforma crucial para a estabilidade das contas públicas.

Os ventos sopraram favoráveis também em outros aspectos, a começar pela superação do ambiente de preocupação que se ha-



A paz gaúcha

O grande mérito do primeiro mês da administração do governador Germano Rigotto foi o de insistir na política de pacificação do Estado. Tendo vencido a eleição com o argumento, aprovado pelo eleitor, de que a desunião nada constrói, o governador preferiu apostar no futuro. Assim, a tecla da “herança maldita” – tão comum nos governos que se iniciam – foi substituída pela preocupação de estruturar as condições de manter a máquina pública e de equilibrar as contas.

No esforço de pacificação, o governador foi um anfitrião digno durante o Fórum Social Mundial e estendeu a mão aos ministros gaúchos do governo federal – todos eles ligados diretamente à disputa eleitoral de outubro – e ao presidente da República, a quem recebeu no Piratini e com o qual debateu a reforma tributária.

Assim, os fatos positivos do primeiro mês são amplamente majoritários, sufocando eventuais problemáticas políticas, seja dentro da coalizão governamental (onde surgiram críticas de alguns setores contra as opções moderadas do governo), seja na composição da equipe, onde um ministro acabou visado por acusações de corrupção. Felizmente para o país, há um clima de solidariedade nacional e de envolvimento coletivo na obra de resolver, com patriotismo e capacidade criadora, alguns dos mais preocupantes desafios do país.

Assim, os fatos positivos do primeiro mês são amplamente majoritários

via formado junto às áreas financeiras nacionais e internacionais antes da eleição. Com sabedoria e senso de responsabilidade, o presidente e seu ministro da Fazenda souberam desativar essa preocupação. Finalmente, ainda sob o impacto dos primeiros dias, o presidente Lula pôde aparecer internacionalmente como uma novidade diplomática ao promover o Grupo de Amigos para a Venezuela e ao aceitar a mediação entre Porto Alegre e Davos, dois mundos com visões diferentes mas que podem ser aproximados pela ponte da solidariedade.

ANEXO I 44: Ilustração de Fraga para o editorial *O direito à Educação* da Zero Hora, dia 19 de janeiro de 2003, página 14.



ANEXO I 45: Ilustração de Fraga para a capa do caderno *Gestão*, dia 11 de setembro de 2003.

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 2003 - Nº 3

Invista em pessoal e faça os cálculos

Análise da geração de resultado a partir do capital humano permite ajustes no emprego dos recursos

LOREN GARY

♦ Harvard Business Review/Zero Hora

Você consegue medir o quanto os investimentos em pessoal na sua empresa contribuem para a geração de resultados? Você tem dados sobre as iniciativas pessoais que melhoraram o desempenho da empresa da mesma maneira que trabalha com números que mostram o retorno do investimento em tecnologia da informação, por exemplo? Você possivelmente tem boas evidências que sustentam seus programas de gerenciamento pessoal, mas tem provas de que eles funcionam?

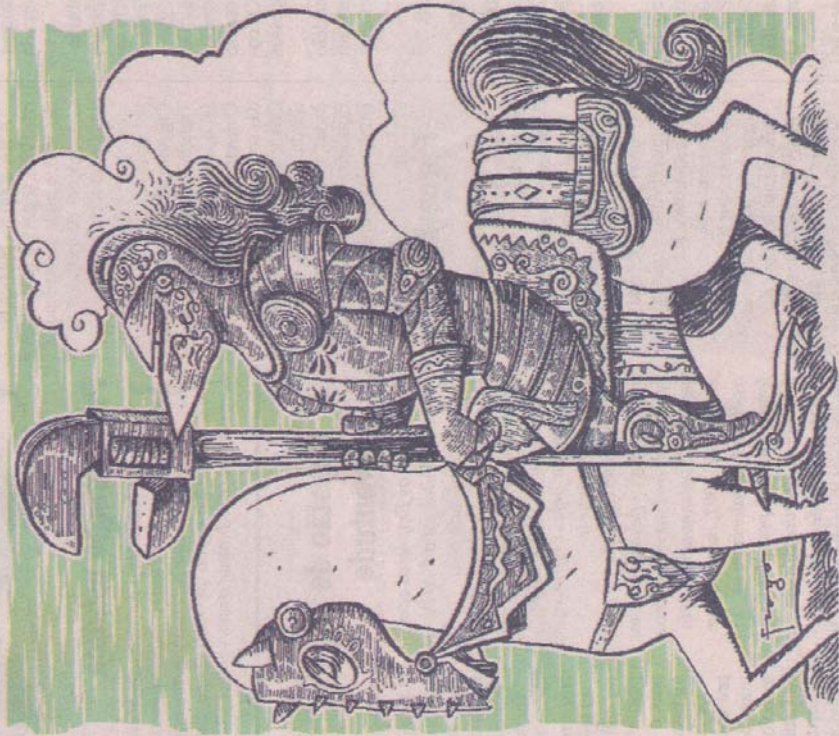
Bem, a maioria das empresas não tem. Porém, como os custos com mão-de-obra consomem grandes proporções dos (cada vez mais reduzidos) gastos, as empresas estão motivadas a encontrar maneiras de demonstrar o retorno do seu investimento em recursos humanos.

Algumas já fazem isso.

O principal objetivo tem sido alcançar a capacidade de avaliar todo o portfólio de ações de investimento em recursos humanos da empresa — como treinamento e desenvolvimento de iniciativas, programas de compensação, de benefícios e reconhecimento — para determinar quais as que mais contribuem para atingir alvos estratégicos da companhia.

Isso, é claro, não ocorre da noite para o dia. Mas as empresas têm feito ótimos progressos nesse sentido.

No entanto, ainda há muito para ser feito. Por isso, o melhor, no atual momento, é pensar nas medidas do retorno do investimento em recursos humanos como uma



soal e impacto na geração de resultados é sendo mensurado — diz Robert J. Thomas, pesquisador sênior do Accenture's Institute

No estudo recentemente realizado, 70% dos executivos disseram que suas ações

revelou que os processos devem ser fortalecidos para aumentar os indicadores que dão à American Standard vantagem competitiva, satisfação dos empregados e tendência à inovação.

Sistemas de modelo dinâmico, diz Jeffrey Schmidt, diretor-geral de inovação de empresa da consultoria Towers Perrin, procuram estabelecer relações entre ações de recursos humanos (compensações, treinamentos), capacidade do capital humano (liderança, engajamento dos empregados), indicadores intermediários de desempenho (produtividade, satisfação do consumidor) e, finalmente, medidas de desempenho financeiro (estoque e crescimento da receita).

Desafio é determinar qual a alocação em servir ou causa impacto

— Alinhamento com a estratégia é o que confere valor a bens intangíveis — diz David P. Norton, presidente do Balanced Scorecard Collaborative, em Lincoln, Estados Unidos.

Quanto melhor a preparação de uma estratégia de bens, maior será o alinhamento com a estratégia da empresa, e mais rápido poderá ser convertido em um bem tangível, que pode ser transformado em ganhos. Logo, aumentando a preparação de uma estratégia de bens intangíveis, vocês estarão incrementando sua contribuição para as metas da companhia. A Disney, por exemplo, dá treinamento extra para as pessoas que varrem os parques de diversão para que elas possam atuar também como postos de escuta, ac-

ANEXO I 46: Caricaturas de Fraga dos candidatos às eleições argentinas, Kirchner e Menem, no jornal *Zero Hora*, dia 4 de maio de 2003, na página 28.

28 PORTO ALEGRE, DOMINGO, 4/05/2003

ZERO HORA
MUNDO

Editor: Luciano Peres ♦ luciano.peres@zerohora.com.br ♦ 5218-4545
Editora Assistente: Rosane Torres ♦ rosane.torres@zerohora.com.br ♦ 5218-4546

Quem é melhor para o Brasil?

RODRIGO LOPES

♦ Enviado Especial/Buenos Aires



Classificados para o segundo turno das eleições presidenciais argentinas, o ex-presidente Carlos Menem (Frente pela Lealdade) e o governador de Santa Cruz, Néstor Kirchner (Frente pela Vitória), juram em seus discursos priorizar as relações com o Brasil e alavancar o Mercado Comum do Sul (Mercosul), caso sejam eleitos. Nas entrelinhas das promessas, porém, há muito mais diferenças do que semelhanças entre as propostas dos dois candidatos no âmbito internacional. Os dois peronistas voltarão a se enfrentar no próximo dia 18, no último duelo da eleição que definirá quem conduzirá a Argentina pelos próximos quatro anos. Veja, a seguir, quem seria o melhor para o Brasil:

Néstor Kirchner

Se as intenções de campanha não se perderem no vale das promessas a partir de 25 de maio, Néstor Kirchner seria o melhor presidente da Argentina para as ambições da diplomacia brasileira. Nas 152 páginas de seu plano de governo, apresentado uma semana antes do primeiro turno, o governador da província de Santa Cruz estabelece o fortalecimento das relações regionais como prioridade e dedica um item específico para a aliança estratégica com o Brasil.

O Mercosul será o instrumento principal de negociação com os mercados americano e europeu. Não tenho a menor dúvida de que, em um governo Kirchner, as relações com o Brasil só vão melhorar – disse a Zero Hora o atual ministro da Economia da Argentina, Roberto Lavagna, que, segundo anunciou Kirchner, deve permanecer no cargo em caso de vitória.

Kirchner oferece mais garantias ao Brasil de desenvolvimento regional conjunto e de fortalecimento do Mercosul do que Menem. As promessas de priorizar o bloco econômico em detrimento da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) seduziram o governo brasileiro, que torce veladamente pela vitória do governador. Na segunda-feira, durante um coquetel na embaixada brasileira em Buenos Aires, o embaixador brasileiro José Botafogo Gonçalves sugeriu que a vitória de Kirchner no segundo turno seria melhor para o Brasil.

Um modelo (o de Kirchner) é produtivista, integracionista e defende a substituição de importações para fortalecer a indústria local. O outro é nostálgico, está preso somente à estabilidade econômica e voltado para o sistema financeiro. Esse caminho produtivista e integracionista vai ser melhor para o Brasil e para a Argentina – declarou o embaixador.

Empresários brasileiros temem aumento do protecionismo

Apesar das afirmações, quando perguntado se o governo brasileiro preferia Kirchner, Botafogo Gonçalves respondeu:

– Não vou entrar nesta conjuntura, mas estou deixando claro o que está aí, à vista.

Na semana passada, agências de notícias internacionais noticiaram rumores de que o

candidato deveria se encontrar com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva antes mesmo do segundo turno. A notícia não foi confirmada pelo Itamaraty nem pelo Palácio do Planalto, mas a tendência é de que, se consultado, o Brasil diga que prefere a visita de Kirchner se ele de fato for eleito.

Os empresários brasileiros vêem com cautela a possível vitória de Kirchner. O lema do candidato é “Em um país sério, a indústria é nacional”, e o empresariado teme o aumento do protecionismo da Argentina. Cerca de 180 empresas brasileiras estão instaladas no país vizinho, entre as quais a Petrobras e a Ambev. Juntas elas geram 11 mil empregos. O triunfo de Kirchner junto aos empresários é a promessa de manter Lavagna na pasta da Economia. O que, teoricamente, seria uma garantia de que medidas abruptas não estão em seus planos.



Carlos Menem

A edição da semana passada da revista La Primera, uma das mais importantes da Argentina, destaca uma figura singular na Casa Rosada: Ana Braun, tradutora oficial dos presidentes argentinos. Há dois anos, quando acompanhava o então presidente Fernando de la Rúa em visita a Washington, Ana foi recebida com um caloroso “Querida Ana, que prazer te ver”. O autor da frase era o então presidente dos EUA, Bill Clinton. A popularidade em Washington era herança dos 17 encontros em que ela intercedeu o diálogo entre Carlos Menem e presidentes americanos.

A história exemplifica com exatidão a política de “relação carnal” com os EUA, que Menem promete retomar caso seja eleito. Nos discursos, o ex-presidente jura querer privilegiar o Mercosul e apresenta-se como um dos pais do bloco. Para tanto, usa um argumento forte: o Tratado de Assunção (Paraguai), que instituiu oficialmente o Mercosul, foi assinado em 26 de março de 1991, durante o primeiro mandato de Menem.

O Mercosul é uma criação de Perón. Vamos alavancar uma zona de livre-comércio – disse Menem à multidão no Estádio Monumental de Nuñez, no ato final de campanha, antes do primeiro turno.

Nos bastidores, porém, sabe-se que a prioridade nas relações internacionais é outra: Menem planeja priorizar o alinhamento direto com os EUA, com ou sem o apoio do Mercosul. Em entrevista recente a jornalistas estrangeiros, em Buenos Aires, o

ex-presidente deixou claro que “uma zona de livre comércio entre Argentina e EUA pode ser uma saída de emergência, se não for possível cumprir o calendário da Alca, em 2005”.

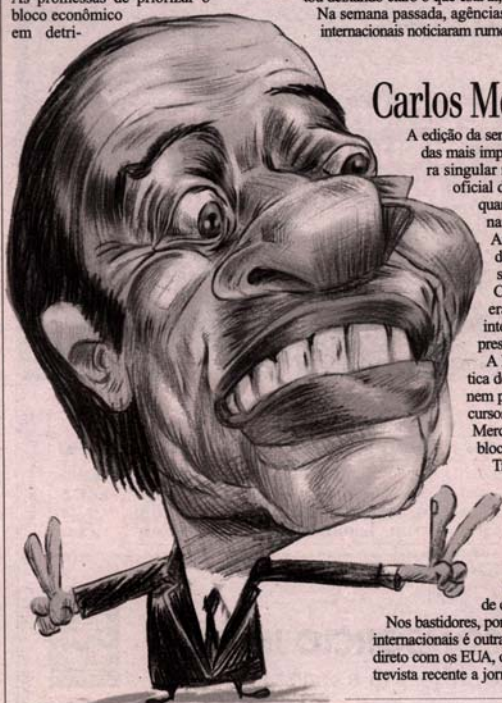
– Se ao Brasil não interessa a Alca, à Argentina, sim – disse Menem, deixando clara a intenção de negociar acordos comerciais com ou sem o Brasil, apesar do Mercosul.

O discurso bate de frente com as intenções do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que defende o fortalecimento da união aduaneira – manter as tarifas externas comuns como uma espécie de proteção à região contra a negociação independente, por país, com potências como EUA e União Europeia. Lula também quer rediscutir o calendário da Alca.

Discurso do ex-presidente choca-se com o de Lula

Uma outra questão poderia causar mal-estar. Em janeiro, Lula incluiu Menem em uma lista de ex-presidentes latino-americanos supostamente corruptos. O brasileiro responsabilizou Menem, ainda, pela catastrófica situação da economia argentina. Em 1998, quando Lula perdeu as eleições para Fernando Henrique Cardoso, Menem, por sua vez, disse que a vitória do ex-líder sindical acarretaria a destruição do Mercosul.

A passagem de Menem para o segundo turno, porém, não assustou diplomatas brasileiros. Sua escolha era vista como provável no Itamaraty, onde prevalece a avaliação de que ele estaria hoje mais consciente da necessidade de a Argentina aprofundar sua aliança com o Brasil e com o Mercosul. Os mesmos diplomatas, entretanto, cultivam a esperança de que o voto anti-Menem prevaleça no segundo turno, e os argentinos elejam Néstor Kirchner. Mas acrescentam que, em uma Argentina pós- crise, não há escolha possível para o novo presidente: terá de conviver e trabalhar em parceria com o governo brasileiro.



Leia mais sobre a eleição presidencial na Argentina na página 30

ANEXO I 47: Matéria publicada na *Zero Hora*, dia 30 de abril de 2003, na página 36, com fotos de Menem e Kirchner, personagens caricaturados por Fraga.

36 | PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 30/04/2003

| MUNDO

ZERO HORA

DECISÃO NO PRATA Apesar de serem do mesmo partido, os dois candidatos têm idéias bem distintas

As diferenças entre Menem e Kirchner

RODRIGO LOPES

◆ Enviado Especial/Buenos Aires

No próximo dia 18 de maio, no segundo turno da eleição presidencial, a Argentina escolherá entre dois projetos econômicos: o neoliberalismo do ex-presidente Carlos Menem e o chamado modelo "produtivista", encarnado pelo atual presidente Eduardo Duhalde e seu candidato Néstor Kirchner, governador da província de Santa Cruz. Veja as semelhanças e diferenças entre os dois candidatos – ambos do Partido Justicialista (peronista):

PERSONALIDADE

Menem

Egocêntrico, gosta de se comparar com figuras como Júlio César e Napoleão. Seus críticos afirmam que Menem comandou o governo mais corrupto da história do país. Entre 1989 e 1999, ele privatizou quase todas as empresas estatais, duplicou a dívida externa e causou uma disparada no desemprego. Para seus biógrafos, foi o presidente que mais desfrutou do poder.

Kirchner

É um dos políticos com menos carisma de toda a história do peronismo. E também é um dos poucos políticos importantes desse partido que nunca foi formalmente acusado de corrupção.

Faz pose de progressista, mas, em sua província, Santa Cruz, é considerado "autoritário".

MERCADO FINANCEIRO

Menem

É o candidato preferido do mercado financeiro, das empresas estrangeiras que participaram das privatizações e dos economistas liberais que, em maior ou menor grau, ditaram a política econômica adotada pelo país durante toda a década de 90.

Kirchner

É o candidato dos chamados desenvolvimentistas. Seu ministro da Economia será, caso eleito, Roberto Lavagna, que dirige o ministério desde abril do ano passado e, para os liberais, foi demasiadamente intransigente nas negociações com o FMI e com as empresas de serviços públicos.

EXPERIÊNCIAS NO GOVERNO

Menem

Durante os 10 anos da Era Menem, a dívida pública duplicou, o desemprego chegou a 18% e grande parte da indústria nacional desapareceu, em meio à invasão de produtos importados provocada pela implementação da paridade entre o dólar e o peso.

Kirchner

O atual governador da província de Santa Cruz assegura representar a centro-esquerda e promete que resgatará o peronismo dos "desvios neoliberais" de Menem. No entanto, no passado, Kirchner adotou medidas similares às implementadas por Menem. O governador criticou a reforma da Constituição que permitiu a reeleição do ex-presidente, mas modificou a lei provincial para ser reeleito indefinidamente. Sua província tem o menor abismo entre ricos e pobres, depois da cidade de Buenos Aires.

PAPEL DO ESTADO

Menem

Prega uma economia baseada nas leis de mercado.

Kirchner

Defende um papel de peso para o Estado e medidas econômicas que privilegiem a indústria nacional.

MERCOSUL

Menem

Sonha com uma aliança estratégica com os EUA e estaria disposto a sacrificar o Mercosul, se preciso.

Kirchner

Pretende alcançar acordos multilaterais, tendo o Mercosul um papel fundamental como instrumento de ação.

COMBATE À VIOLÊNCIA

Menem

Promete uma política de dura repressão à violência, principalmente em relação aos piqueteiros – grupos de desempregados, sindicalistas e anarquistas que obstruem ruas das cidades do país. Defende, inclusive, o uso das forças armadas no combate à criminalidade.

Kirchner

Prega a mudança na formação acadêmica das forças de segurança. A polícia deve ser ágil, honesta e moderna. Ressalta a importância do combate ao narcotráfico e às redes de prostituição.

FMI

Menem

Pretende ampliar os prazos de pagamento e limitar os valores em no máximo 3,5% do PIB (Produto Interno Bruto), variáveis conforme o desempenho das exportações do país.

Kirchner

Afirma que quer melhorar a imagem do país e pagar a dívida com o FMI.

ECONOMIA

Menem

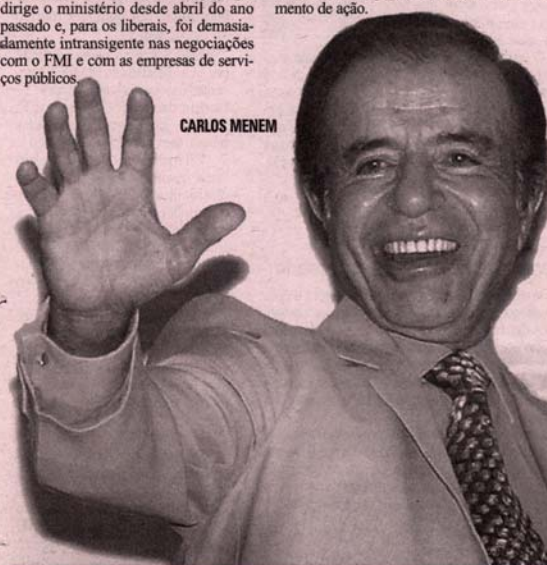
Internamente, pretende revitalizar a economia, em um primeiro momento com um plano emergencial de promoção de obras públicas. Depois, quer mudar a legislação trabalhista para facilitar a contratação por empresas privadas e voltar a utilizar o dólar como índice de reajuste de salários, créditos, contratos, transações financeiras e investimentos bancários. O ex-presidente, que governou de 1989 a 1999, propõe uma diminuição de 303 milhões de pesos (cerca de US\$ 312 milhões) nos gastos públicos, principalmente por meio da redução salarial de 13% de servidores, pensionistas e aposentados e da eliminação de 120 vagas de deputado federal (hoje o Congresso argentino conta com 257 deputados e 72 senadores).

Kirchner

As suas principais propostas são a construção de 3 milhões de casas, para gerar direta ou indiretamente 5 milhões de empregos, a realização de uma reforma fiscal, a adoção de programas sociais diferentes, de acordo com as necessidades de cada região do país, e a prisão do prefeito ou do governador culpados de má-administração.



NÉSTOR KIRCHNER



CARLOS MENEM

ANEXO I 48: Story-board de Fraga para matéria *Taxista mata adolescente em suposto assalto* no jornal *Zero Hora*, dia 30 de julho de 2003, na página 41.

Editor: Marcelo Ermel ♦ marcelo.ermel@zerohora.com.br ☎ 5218-4737
 Editora Assistente: Clarice Esperança ♦ clarice.esperanca@zerohora.com.br ☎ 5218-4758

ZERO HORA
POLÍCIA

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 30/07/2003 | 41

REGIÃO CENTRAL Motorista teria sido ameaçado por casal armado com punhal e revólver de brinquedo em Júlio de Castilhos

Taxista mata adolescente em suposto assalto

TICIANA FONTANA
 ♦ Agência RBS/Júlio de Castilhos

O suposto assalto a um taxista de Júlio de Castilhos resultou na morte de um adolescente no início da noite de segunda-feira.

Ao reagir ao anúncio de assalto supostamente feito por Michel Goulart da Rosa, 16 anos, o motorista de táxi Silvio Alves de Quevedo, 47 anos, disparou cinco tiros contra o adolescente e a namorada dele, de 14 anos.

Segundo a Polícia Civil do município, o casal de adolescentes chegou ao ponto de táxi de Quevedo, ao lado da Estação Rodoviária do município, por volta das 19h30min de segunda-feira. O garoto teria perguntado ao taxista quanto custaria uma corrida até as proximidades do cemitério municipal. Quevedo disse que dependia do lugar da parada.

Em seguida, o casal teria entrado no Gol e dito que indicaria o local assim que chegassem. Eles passaram por um cemitério e entraram em uma estrada de terra. No depoimento à polícia, o taxista contou que, quando foi fazer o retorno para voltar à cidade, Michel puxou um punhal e um revólver – que mais tarde a polícia confirmou ser de brinquedo – e encostou na cabeça do taxista anunciando um assalto.

O adolescente teria mandado o taxista entregar o dinheiro e descer. No momento em que foi sair, Quevedo pegou um revólver 38 e deu cinco tiros contra o casal, que estava no banco de trás. Michel morreu na hora, e a garota ficou ferida.

– Estava escuro, e não percebi que o revólver era de brinquedo. Achei que o garoto tinha me mandado descer para me dar um tiro. Pensei que era matar ou morrer – contou Quevedo.

O motorista está na profissão há pouco mais de 20 dias. Era caminhoneiro.

Quevedo pediu socorro na vizinhança e chamou a Brigada Militar. Ao perceber que a garota ainda estava viva, levou os jovens ao hospital da cidade. A adolescente foi mandada ao Hospital Universitário de Santa Maria. Ontem, estava em estado regular.

A família de Michel contesta a versão do taxista. O garoto não tinha passagens anteriores pela polícia. O enterro ocorreu ontem, em Júlio de Castilhos.

– Michel era trabalhador. Mas, como morto não fala, não pode se defender – afirmou um parente.

Polícia aguarda laudo da necropsia do garoto

Na tarde de ontem, Quevedo prestou depoimento na Delegacia da Polícia Civil de Júlio de Castilhos. De acordo com o delegado Roger Spode Brutti, as primeiras investigações indicam que Quevedo agiu em legítima defesa, mas ele só poderá confirmar a versão após o resultado da necropsia no corpo do garoto. O laudo deve ser divulgado em 10 dias.

– O laudo deve indicar as circunstâncias da morte e se houve excesso ou não por parte do taxista. Se for confirmado o excesso, ele poderá ser indiciado por homicídio doloso. Nossa análise preliminar é de que o taxista agiu em defesa da sua vida, já que não percebeu que a arma do garoto era de brinquedo – disse.

Como foi

O que ocorreu, segundo a polícia e o taxista:

1 Por volta das 19h30min de segunda-feira, Michel Goulart da Rosa, 16 anos, e uma adolescente de 14 anos chegaram ao ponto de táxi, ao lado da Estação Rodoviária de Júlio de Castilhos, pedindo ao taxista Silvio Alves de Quevedo, 47 anos, uma corrida. Eles entraram no táxi, um Gol. O taxista os levou até as proximidades do cemitério em uma estrada de terra que dá acesso a localidades do interior do município, a cerca de um quilômetro do Centro.

2 Em determinado momento, o casal disse estar perdido. Quando o taxista foi fazer o retorno para voltar para a cidade, Michel sacou um punhal e um revólver calibre 38 de brinquedo e encostou na cabeça do taxista, anunciando o assalto.

3 Michel mandou o taxista descer o carro. No momento em que foi descer, o taxista pegou um revólver 38 que escondia no suporte da porta do carro e deu cinco tiros com a mão esquerda contra a dupla, no banco traseiro.

4 Michel morreu na hora. O taxista chamou a polícia, confessou ter atirado, e levou os dois até o hospital de Júlio de Castilhos.

Onde fica

Fraga/Arts21

ANEXO I 49: Story-board de Gilmar Fraga e Zarif para matéria Jovem admite briga com estudante morto no jornal Zero Hora, dia 12 de março de 2003, na página 40

40 | PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 12/03/2003

ZERO HORA
POLÍCIAEditor: Marcelo Ermei ♦ marcelo.ermel@zerohora.com.br ♦ 3218-4757
Editora Assistente: Clarice Esperança ♦ clarice.esperanca@zerohora.com.br ♦ 3218-47

PORTO ALEGRE Humberto Schardong contou à polícia como ocorreu a luta na madrugada de sábado em posto de combustíveis

Jovem admite briga com estudante morto

JOSÉ LUÍS COSTA

O suspeito de agredir o estudante André da Rocha Bicca, 17 anos, que morreu em virtude de lesões na cabeça, sábado, em Porto Alegre, admitiu ter brigado com a vítima em um posto de combustíveis da Nilo Peçanha.

Interrogado ontem pela manhã pelo delegado Omar Fernandes, da 8ª Delegacia da Polícia Civil, Humberto Flores Schardong, 19 anos, disse ser alvo constante de deboches por parte de Bicca por causa de uma ex-namorada. No momento da briga, diz ter sido agredido primeiro com um pontapé no abdômen.

Acompanhado da mãe e do advogado João Armando Valér, o ra-

paz, com o braço direito enfaixado alegando escoriações, prestou depoimento durante duas horas. Ele negou ter agredido a vítima depois de ela perder a consciência, versão apresentada por uma testemunha.

O jovem entregou uma camiseta branca que diz ter usado na madrugada da briga, rasgada, suja de sangue e com marca da sola de um tênis na parte frontal. Depois, deixou a 8ª DP sem falar com a imprensa. Schardong foi ao Departamento Médico Legal (DML) para fazer



Na delegacia: Schardong (D) deixa a 8ª DP ao lado do advogado

exame de lesões corporais.

Schardong, um jovem de classe média do bairro Petrópolis, que não trabalha e

Bicca na roda de amigos.

Schardong disse ter ido ao encontro

abandonou os estudos sem completar o Ensino Fundamental, contou à polícia que foi ao posto com três amigos.

Ao chegar, encontrou conhecidos com os quais passou a beber cerveja. Numa mesa próxima estaria Bicca e um grupo de jovens. Pouco depois, um rapaz teria se aproximado de Schardong e relatado insultos supostamente proferidos por

tro de Bicca "pedindo para para com aquilo", quando teria sido agredido no abdômen.

A partir daí, os dois teriam se engalfinhado, caindo quatro degraus de uma escadaria. Schardong assegurou que foi separado por outros jovens, levantou-se, passou a procurar seu boné e foi embora a pé. Teria sido abordado por PMs numa rua próxima, admitindo envolvimento na briga, mas sendo liberado ao se identificar. Schardong disse que soube da morte numa sala de bate-papo da Internet.

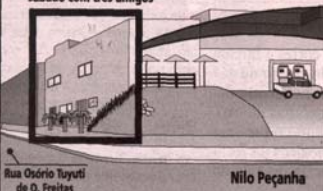
Lauda preliminar do DML diz que Bicca morreu de traumatismo craniano e teve parada cardíaca.

jose.luis.costa@zerohora.com.br

AS VERSÕES

Há duas versões para a briga que causou a morte de jovem. Uma dada por Humberto Flores Schardong, 19 anos, e outra dada por uma testemunha. Confira o item 1 ao 4 a versão de Schardong:

1 Schardong foi ao posto de combustíveis na Nilo Peçanha com a Osório Tuyuti de Oliveira Freitas na madrugada de sábado com três amigos



O local

Nilo Peçanha
Rua Osório Tuyuti de O. Freitas
Des. Espiridão Medeiros
Gen. Nestor S. Soares
TRES FIGUEIRAS

2

No local, passou a beber com conhecidos. Numa mesa próxima estaria André da Rocha Bicca, 17 anos, e um grupo de jovens



3

Um rapaz teria se aproximado de Schardong e relatado insultos supostamente proferidos por Bicca na roda de amigos. Schardong disse ter ido ao encontro do rapaz "pedindo para para com aquilo"



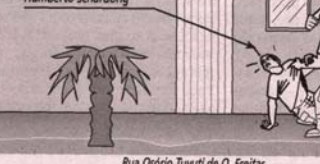
4

Schardong disse que foi agredido com um golpe no abdômen. A partir daí, os dois se engalfinharam, caindo quatro degraus da escadaria. Schardong assegurou que foi separado por outros jovens, levantou-se e foi embora a pé. Schardong afirmou que soube da morte por meio de contatos com amigos numa sala de bate-papo da Internet



5 VERSÃO DE TESTEMUNHA

De acordo com uma testemunha, que prestou depoimento à Polícia Civil, depois que André Bicca caiu, desacordado, ele continuou sendo agredido por Humberto Schardong



Rua Osório Tuyuti de O. Freitas

Zarif e Gilmar / Arte ZH

Desentendimento começou há dois anos

Ao contar sua versão à polícia, Humberto Flores Schardong, 19 anos, recordou episódios que teriam criado uma animosidade entre ele e a vítima, o estudante André da Rocha Bicca, 17 anos.

Schardong contou que conheceu Bicca numa danceteria de Porto Alegre, há cerca de dois anos, época em que recém terminara o namoro com uma garota. Duas semanas depois, teria cruzado com o estudante em outra festa, no Grêmio Náutico União, na qual teria sido provocado por Bicca, que estaria se relacionando com sua ex-namorada.

— Olhava para mim, cochichava e ria com os amigos e fazia gestos como as mãos imitando "guampas" — declarou Schardong.

A partir de então, segundo relato do rapaz, todas as vezes em que ele acessava chats para bate-papo na Internet, era ridicularizado por outros internautas. Disse que era obrigado a sair do sistema e, por vezes, rechaçava as críticas.

Reconstituição pode eliminar dúvidas

Eventuais contradições entre versões de testemunhas e de Humberto Flores Schardong, 19 anos — o rapaz que admitiu ter brigado com a vítima, o estudante André da Rocha Bicca, 17 anos — deverão ser esclarecidas com uma reconstituição sem data marcada.

O delegado Omar Fernandes, da 8ª Delegacia da Polícia Civil de Porto Alegre, que conduz o inquérito, afirmou ontem que



Fernandes: depoimentos

pretende ouvir todas as pessoas citadas em depoimentos para depois formar sua convicção sobre os fatos. Até ontem à tarde, o número de testemunhas era impreciso.

— Não fosse pelo evento morte, seria um inquérito singelíssimo, mas é preciso um trabalho bem feito — disse Fernandes.

O policial pretende indiciar Schardong por lesão corporal seguida de morte, cuja pena, em caso de condenação, varia de quatro a 12 anos de prisão.

Jovens envolvidos em luta não praticavam jiu-jítsu

A Polícia Civil confirmou ontem que nenhum lutador de jiu-jítsu participou da briga que resultou na morte de André da Rocha Bicca.

Foi um lutador quem ajudou a socorrer a vítima imobilizando sua cabeça e ajudando a colocá-la num carro da BM. O jovem prestou depoimento na 8ª DP como testemunha e explicou ter aprendido noções de primeiros socorros nos treinos de jiu-jítsu.

A Federação Gaúcha de jiu-jítsu informou ontem que o nome de Humberto Flores Schardong não consta em seus registros nem nos das academias filiadas. No fim de semana, pessoas que conversavam com Schardong via Internet afirmaram que ele dizia ser lutador. Ontem, ele disse não praticar o esporte.

CORREÇÃO

O estudante André da Rocha Bicca foi sepultado no domingo em São Gabriel e não em Bagé como publicado na página 5 da edição de ontem.

ANEXO I 50: Ilustração de Bebel para o texto *Investimentos*, de Cláudia Laitano, no jornal *Zero Hora*, dia 9 de fevereiro de 2003, na página 22 do caderno *Donna*.

Crônica

claudia.laitano@zerohora.com.br

Trocas amorosas podem ser tão imponderáveis
quanto aplicações no mercado financeiro

Investimentos

CLÁUDIA LAITANO

Um economista uma vez me disse que filhos são um péssimo negócio em termos de previdência privada. Sujeito que deposita boa parte do seu salário na formação e manutenção dos pequenos sonhando com uma velhice tranqüila num sobradinho em Gramado está fazendo um investimento de altíssimo risco.

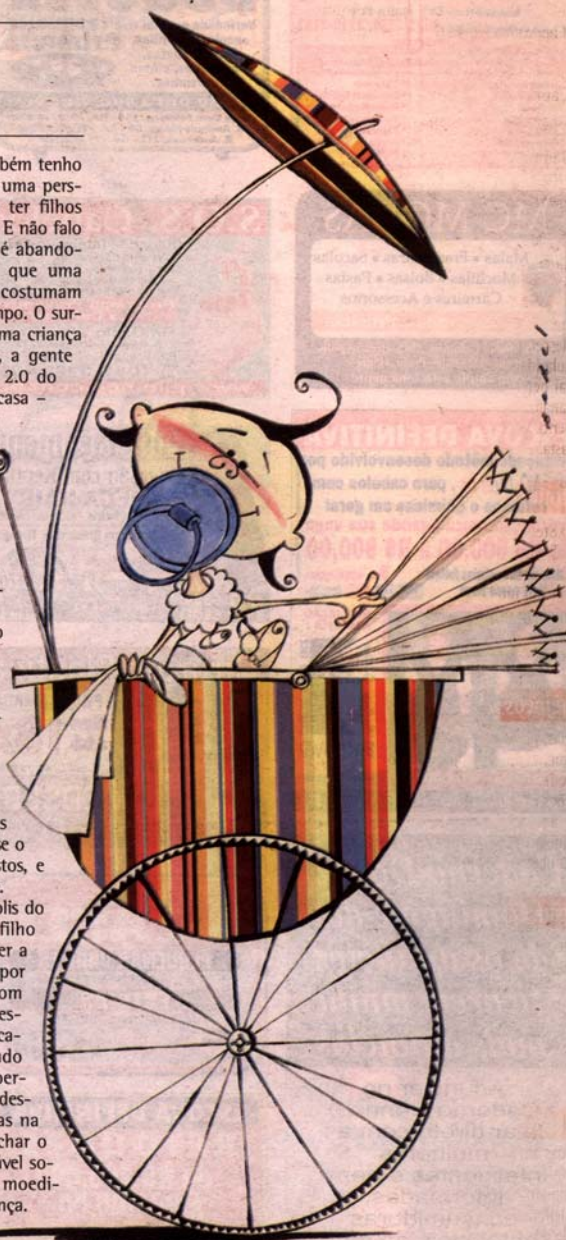
O princípio é mais ou menos o seguinte: são tantas as variáveis a considerar na hora de calcular a projeção de rentabilidade do seu hoje risonho bebê que mesmo o investidor mais ousado e agressivo desanimaria. A começar pelo prazo em que os depósitos começariam a ser sacados. Antes ou depois da primeira grande viagem, do primeiro apartamento, da primeira casa na praia do seu filho? Será que ele vai preferir ajudar o velho paizinho a conhecer a Itália ou mandar o guri do meio para um intercâmbio nos Estados Unidos? Vai bancar um MBA ou pagar a previdência privada da vovó?

A maioria das pessoas que decide ter filhos, claro, nunca pensou nisso nesses termos – a não ser, vá lá, o meu amigo economista. Sonha-se com uma cópia nossa melhorada. Imagina-se um bebê adorável, uma criança esperta, um adolescente que nos encha de orgulho e, se tudo der certo, um adulto de sucesso que nos ame e cuide de nós quando estivermos velhinhos. Mas quem disse que as trocas amorosas são menos imponderáveis que um investimento no mercado financeiro? O lar mais ajustado pode criar filhos que querem distância de casa ou que são levados para longe por esse ou aquele motivo. Nada garante que teremos a companhia deles na velhice, e seu amor depende mais de milhares de pequenos gestos trocados ao longo de toda a vida do que do fato de termos mudado suas fraldas ou pagado sua escola.

A minha teoria – sim, eu também tenho uma teoria – é que mesmo de uma perspectiva absolutamente egoísta ter filhos pode, sim, ser um bom negócio. E não falo aqui da experiência única que é abandonar-se ao amor incondicional que uma criança oferece – amores não costumam ser incondicionais por muito tempo. O surpreendente quando se educa uma criança é perceber o quanto, por eles, a gente acaba produzindo uma versão 2.0 do nosso desempenho dentro de casa – ali onde costuma ser o refúgio mais seguro para as nossas pequenas e grandes imperfeições. É como se o olhar de uma criança pudesse ter o efeito da câmera escondida em um reality show, com a diferença de que o público é alguém que você ama e está querendo influenciar.

Quando a mãe vê, trocou o ovo frito pela alface, porque, óbvio, quer que a criança aprenda a comer salada. De uma hora para a outra, o pai pára de falar palavrão por qualquer coisa, e nunca esquece de escovar os dentes antes de dormir, e vê menos televisão. Mais um pouco e os dois estão evitando as piadas preconceituosas, e pensando quase o tempo todo se estão sendo justos, e generosos, e maduros o suficiente.

Claro que nem todos os brócolis do mundo vão impedir que seu filho venha a preferir um hambúrguer a uma salada verde, pelo menos por boa parte da vida dele. Mas, com sorte, alguns desses pequenos esforços para ser um exemplo bacana pro guri vão acabar entrando definitivamente para o seu repertório. Não é exatamente como descobrir uma conta na Suíça, mas na hora de refazer as contas e fechar o balanço – talvez naquele adorável sobradinho em Gramado – essas moedinhas podem fazer toda a diferença.



A cronista Martha Medeiros está de férias durante o mês de fevereiro

ANEXO I 51: Ilustração de Bebel para o texto *Cuba: a controvérsia*, de Moacyr Scliar, no jornal *Zero Hora*, dia 9 de fevereiro de 2003, na página 8 do caderno *Donna*.

Moacyr Scliar

scliar@zerohora.com.br

Há pobreza, sim. Muita pobreza. Mas, em primeiro lugar, não é pobreza abjeta, com gente buscando comida no lixo das cidades

Cuba: a controvérsia

Atingiu a Revolução Cubana os seus ideais? A julgar por três indicadores clássicos, sim. A mortalidade infantil é notavelmente baixa, a expectativa de vida é notavelmente alta, o nível educacional é notavelmente elevado. Os casos de Aids são muito poucos, o problema das drogas é pequeno. Há pouca violência – andar na rua é seguro – não há desemprego: a economia sendo estatizada, o governo proporciona emprego a todo mundo. O salário pode ser baixo, a atividade pode ser apenas formal, a eficiência pode ser baixa – mas, de qualquer modo, não é desemprego, coisa que compromete decisivamente a dignidade da pessoa.

♦ ♦ ♦
Há pobreza, sim. Muita pobreza. Mas, em primeiro lugar, não é pobreza abjeta, com gente buscando comida no lixo. Em muitos países da América Latina fala-se na necessidade de uma melhor distribuição de riqueza. Em Cuba, como não há riqueza, o que se conseguiu foi distribuir melhor – mais democraticamente – a pobreza. Nas cidades brasileiras, há bairros ricos (não raro muito ricos) e pobres (não raro muito pobres). Em Cuba, a pobreza mora nos deteriorados palacetes que um dia foram de milionários e que depois, sob a forma de cortiços, passaram a abrigar muitas famílias. Existe desigualdade? Provavelmente sim, mas não se expressa em termos de propriedade. Os “mais iguais” de Orwell talvez tenham mais privilégios e mordomias, mas não terão a posse dos meios de produção de que falava Marx.

♦ ♦ ♦
O que nos remete a um outro fenômeno: a longevidade do regime cubano. São 44 anos, o que não é pouco. E, sobretudo, 44 anos com o mesmo mandatário, o que era de esperar num regime de partido único, no qual as eleições têm um resultado absolutamente previsível. Aliás, quando lá estive estava em curso um processo eleitoral, inimaginável no Brasil: nenhuma faixa de propaganda nas ruas, nenhum santinho, nenhum horário eleitoral partidário. Em alguns lugares esta-

vam afixados os currículos dos candidatos, e isso era tudo. “Aqui não gastamos dinheiro em publicidade eleitoral”, disse Fidel.

Freqüentemente chamado de ditador na imprensa mundial, Fidel Castro não é, contudo, um despota. Não, pelo menos, no sentido comum do termo. Trata-se, em primeiro lugar, de alguém que chegou ao poder lu-

tando contra um regime opressivo e que foi recebido pela população como um libertador. Hoje as memórias da revolução cubana podem parecer coisa do passado, mas o envelhecido Fidel Castro continua um líder carismático, uma figura paternal. Basta vê-lo na tevê, como aconteceu na noite do dia 18 de janeiro. Era um programa sobre as eleições do domingo seguinte. Surpreendentemente, Fidel não foi o primeiro a falar; duas outras pessoas lhe precederam. Mas então tomou a palavra e aí falou. E falou. E falou. É uma característica sua: fala como se tivesse todo o tempo do mundo (pelo menos daquela parte do mundo que governa) a sua disposição. É verdade que a certa altura consultou o relógio (um modelo barato) e comentou, não sem humor: “Sempre calculo mal o tempo”. Nem por isso parou de falar. Mas, falando, ele não é um caudilho demagógico, não é um líder fanático. Parece, antes, um velho professor dirigindo-se à classe ou um patriarca falando ao clã; gesticula muito, faz comentários engraçados. Detalhe: usa números. Uma quantidade assombrosa de números – parece ter na cabeça todas as cifras que se referem a Cuba, quer se trate de economia, saúde, ou educação. Nesse programas, anotou também dados fornecidos pelos outros participantes, que não deixou de comentar. É uma energia inesgotável, em se tratando de um homem velho (que fica, inclusive, ofegante). De outra parte, o culto à personalidade é muito menor, e muito menos grotesco, do que na União Soviética de Stalin, na China de Mao ou no Iraque de Saddam Hussein. Os letreiros patrióticos também são raros (e são as únicas peças de publicidade). A figura mais presente – em cartazes, nas camisetas, em pôsteres – é, por razões óbvias, a de Guevara. Presente ao Fórum Social Mundial, Aleida Guevara, filha do Che (e, significativamente, médica) queixou-se da comercialização da figura de seu pai. Queixa justificada e provavelmente inútil. O mercado tem a habilidade de se apossar até da figura de seus potenciais inimigos.



ANEXO J 1: Ilustração de Orlando para o texto *Os filhos do Brasil*, publicado na coluna *Tendências/Debates*, na página 3 da *Folha de São Paulo*, dia 23 de julho de 2003.



TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
E-mail: debates@uol.com.br

Os filhos do Brasil

ODED GRAJEW

A TAXA de desemprego atinge brutalmente a população jovem. Os jovens compõem hoje cerca de 50% do total de desempregados. São quase 7,6 milhões de pessoas que têm de 16 a 24 anos e que estão desocupados, inativas e fora da escola. Seja pela inexperiência, seja pela baixa inserção educacional, os jovens são as maiores vítimas do desemprego, que pune ainda mais os afrodescendentes e as mulheres.

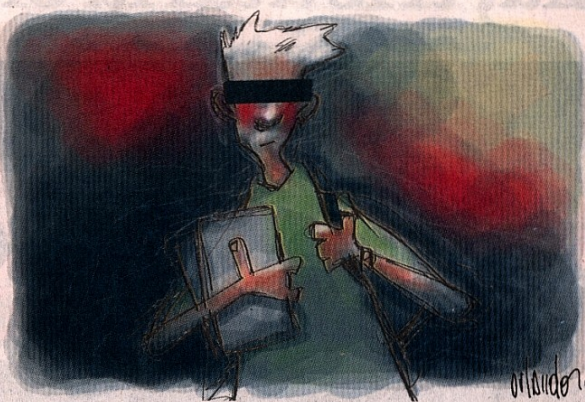
Em relação direta com essa realidade, o Ministério da Justiça informa que cerca de dois terços de toda a população carcerária brasileira é composta por jovens. Qualquer um que tenha um mínimo de bom senso e racionalidade sabe que ou mudamos radicalmente esse caminho, ou não haverá futuro melhor para o nosso país. Os jovens de baixa renda, que são a grande maioria, querem e precisam de uma oportunidade. Ao não encontrar apoio nos governos, na sociedade civil e nas empresas, serão empurrados para o desespero e a marginalidade.

Órgãos das Nações Unidas, especialmente a OIT (Organização Internacional do Trabalho), têm elaborado recomendações para ajudar a combater o desemprego entre os jovens, destacando a necessidade de especificidade para políticas de emprego que envolvam iniciativas criativas e mobilizadoras de toda a sociedade. Particularmente na promoção de políticas que caminhem no sentido de garantir uma maior qualificação (aumento de capital humano), mas também a transferência imediata de renda (renda mínima, bolsa-trabalho, bolsa de estágio), incorporando o emprego juvenil nas estratégias de desenvolvimento e redução da pobreza.

As recomendações e os estudos ainda sugerem que essas políticas têm um efeito imediato sobre a redução da violência, uma vez que interromperiam o ingresso de jovens em atividades ligadas ao crime organizado e à marginalidade — o que reforçaria a necessidade dessas ações por parte do poder público em articulação com a sociedade civil.

Os países que criaram políticas públicas de emprego para jovens conseguiram reduzir consideravelmente as taxas de desemprego. As experiências europeias entre 1996 e 2001 demonstraram bons resultados na Espanha, Holanda e Irlanda. Entre elas há uma coerência no sentido de mobilizar os recursos públicos e privados. E não pode ser diferente. Entendendo que a responsabilidade de priorizar a geração de emprego para os jovens é dos governos.

O governo Lula propõe um conjunto de iniciativas que, pela primeira vez em nosso país, universalizam o primeiro



Os jovens de baixa renda, que são a grande maioria, querem e precisam de uma oportunidade

emprego. Estão contempladas as mais diferentes modalidades de inserção do jovem, seja por meio da qualificação profissional na aprendizagem (jovens de 16 a 18 anos) e estágio (16 a 24 anos); seja através do protagonismo e empreendedorismo com a participação em trabalhos comunitários e serviço civil voluntário; seja por meio do primeiro emprego formal.

O Programa Primeiro Emprego está voltado a todo tipo de empregador, público ou privado, pequeno ou grande, urbano ou rural. Aposta na consciência crescente do empresariado para a responsabilidade social, mas também cria mecanismos de incentivo à criação de novos postos de trabalho. Busca formalizar novos empregos na atividade produtiva e incentiva o trabalho comunitário e o empreendedorismo. Busca aperfeiçoar a legislação e cria mecanismos de debate e participação de toda a sociedade na construção dessas políticas.

Neste momento, em que o governo federal apresenta à sociedade o Programa Primeiro Emprego, os empresários brasileiros têm a oportunidade de se engajarem definitivamente na mudança de paradigma com relação ao emprego jovem. Repensar a lógica tradicional do mercado, que elimina postos de trabalho, precariza e substitui mão-de-obra e desemprega. Quantos jovens e por quanto tempo a sua empresa, o seu negócio podem contratar, podem adotar

para trabalhar na produção ou em programas sociais, sem risco econômico ou financeiro? O que dá para fazer já?

Atendendo ao chamado do presidente Lula, dezenas de empresas públicas, privadas e entidades empresariais estão se engajando. Criando novos postos de trabalho em suas diferentes sedes, apoiando empregos para jovens em atividades comunitárias e em ONGs, educando e empregando aprendizes e cumprindo exemplarmente a lei 10.097, convocando fornecedores e clientes a se engajarem, criando mecanismos de incentivo entre as próprias empresas, mobilizando e sensibilizando seus associados.

Sabemos, cada vez mais, que não poderemos construir ilhas de prosperidade cercadas de pobreza. O resultado será uma sociedade cada vez mais esgarçada e violenta. O futuro do país depende de nossas ações no presente. A nossa qualidade de vida e a dos nossos filhos será decidida pelas prioridades que estabelecermos no presente. Precisamos agir rapidamente para que nossos filhos não nos apontem o dedo, dizendo: "Por que vocês não deixaram um país melhor para nós? Por que vocês não agiram enquanto havia tempo? Por que vocês não perceberam que cuidar das crianças e dos jovens brasileiros deve ser a maior prioridade de qualquer povo?"

Vários leitores deste artigo sabem que chegaram aonde chegaram porque seus pais fizeram muitos sacrifícios a fim de que tivessem saúde e boa educação para assegurar seu futuro. Inquestionavelmente, eram a prioridade absoluta nas atenções e no orçamento familiares. Precisamos olhar os jovens brasileiros como se fossem nossos filhos, filhos do nosso Brasil.

Oded Grajew, 59, idealizador do Fórum Social Mundial e presidente licenciado do Instituto Ethos, é assessor especial do presidente da República.

ANEXO J 2: Ilustração de Orlando para o texto *Reformas Frankenstein*, publicado na coluna *Tendências/Debates*, na página 3 da *Folha de São Paulo*, dia 25 de julho de 2003.



TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
E-mail: debates@uol.com.br

Reformas Frankenstein

JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI

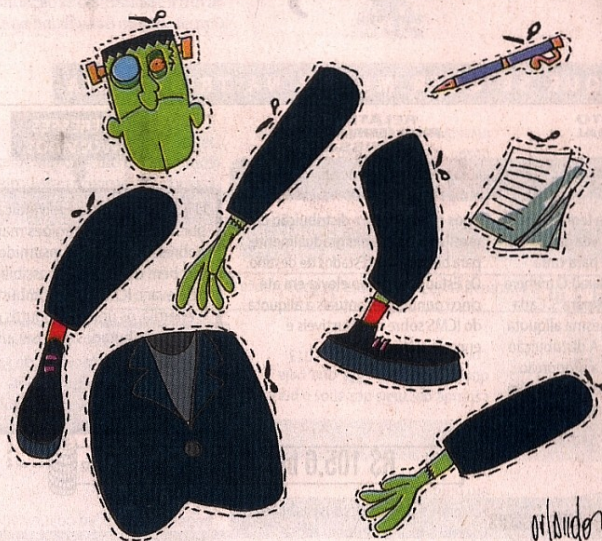
DA MANEIRA como estão sendo conduzidas, tudo indica que as reformas da Previdência e tributária resultarão numa colcha de retalhos que, se resolverem alguns dos cruciais problemas de caixa da União, dos Estados e dos municípios, se contentarem as demandas do bicho-papão mercado, passarão ao largo de um projeto de nação.

O governo Lula muda de casaca, hesita e só consegue controlar suas próprias bases por meio de um rolo compressor —quanto aos aliados, só os controla pela distribuição de cargos. Por sua vez, os governadores, liderados por Geraldo Alckmin e Aécio Neves, jogam para acumular benefícios fiscais, esquecendo-se até mesmo de suas antigas posições ideológicas.

A questão dos tetos e subtetos dos vencimentos do funcionalismo é exemplo gritante e lamentável. A Constituição de 1988 estabelecia o limite máximo da remuneração dos servidores públicos no âmbito de cada Poder e os subtetos para os Estados e municípios. Pela emenda constitucional nº 19, de 4 de junho de 1998, desaparecem os subtetos, sendo que o teto máximo fica determinado pelo subsídio mensal dos ministros do Supremo Tribunal Federal. Agora, a PEC 40 propõe o retorno da diversidade dos tetos e dos subtetos, estipulando ainda que, nos Estados, os membros do Poder Judiciário não devem receber mais do que os mágicos 75%.

Compreende-se que o governo precise dos governadores para aprovar as reformas e ceda a algumas de suas pressões; incompreensível é a oposição, em particular o PSDB, pressionar para retroceder um passo que ela mesma promoveu.

Sabe-se que a supressão dos subtetos, patrocinada pelo governo Fernando Henrique, foi feita para abrir a possibilidade de que leis complementares viabilizassem uma reforma administrativa. A oposição, notadamente encabeçada pelo PT, foi contra qualquer mudança e demonizou o ministro Bresser Pereira. Agora, o mesmo PT, associado aos governadores, volta a remexer na estrutura dos serviços públicos, criando diferenças arbitrárias entre os vencimentos dos três Poderes e destruindo qualquer paridade entre os funcionários dos Executivos estaduais, já que ficam na de-



*Se algum partido político
ainda tem espírito público,
que venha explicar no
pormenor por que pretende
mudar a Constituição*

pendência do salário de cada governador.

No fundo, governo e oposição procuram fazer caixa, ainda que isso custe triste desfazimento das carreiras públicas; ambos jogam fora suas ideologias e só pensam em aumentar o bolo que lhes trouxer bom êxito nas futuras eleições. A tarefa necessária de encontrar o equilíbrio fiscal converte-se num meio de pressão a fim de arrancar benefícios para a pequena política.

Abandonada à sua própria sorte, cada corporação reage olhando seu próprio umbigo, quer se opondo a qualquer reforma da Previdência, mas colaborando com ela na medida em que não discute soluções viáveis para problemas reais, quer aceitando mudanças, desde que não mexam em seus privilégios.

Exemplo melancólico é o da magistratura, que fica discutindo cabalisticamente se o subteto nos Estados reduzirá

em 25% ou 9,75% o vencimento do ministro do Supremo Tribunal Federal e termina programando uma greve que só a desacreditará aos olhos da opinião pública. Do outro lado, as fontes pagadoras inocentemente passam à imprensa os valores dos vencimentos dos magistrados e dos promotores, com o intuito evidente de desmoralizar o Judiciário.

De todas as partes o vexame está montado, e, no horizonte, um conflito entre os Poderes.

Se algum partido político ainda tem espírito público, que venha explicar no pormenor por que pretende mudar a Constituição, quais os benefícios que as mudanças trarão ao funcionamento dos serviços públicos e ao país. Essa exigência de explicação pormenorizada e quantificada vale para todos os pontos das duas reformas. Explicações genéricas servem, em geral, para encobrir manobras da subpolítica, e pressões sem diálogo quase sempre terminam em conflito.

José Arthur Giannotti, filósofo, é professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e coordenador do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento). É autor de, entre outras obras, "Certa Herança Marxista" (Companhia das Letras) e escreve mensalmente para o caderno **Mais!**.

ANEXO J 3: Ilustração de Mariza Dias Costa para o texto *O casamento gay e a volta da intolerância*, publicado na coluna de Contardo Calligaris, na página 10 do caderno *Ilustrada*, da *Folha de São Paulo*, dia 21 de agosto de 2003.



CONTARDO CALLIGARIS

O casamento gay e a volta da intolerância

N o fim de julho, o papa exortou os políticos católicos a combater qualquer lei que legalize a união de casais homossexuais. Os não-católicos, ele acrescentou, deveriam pegar carona com a Igreja de Roma para defender a "lei moral natural".

Quase simultaneamente, o presidente Bush declarou que casamento deve ser entre homem e mulher, embora lembrando que é preciso respeitar as escolhas amorosas de todos. Ele expressava assim a contradição de seu eleitorado, que é cristão e conservador, mas que é também americano, ou seja, não gosta que o Estado se meta na vida privada dos cidadãos.

Na semana seguinte, a Igreja Episcopal enfrentou uma ameaça de cisma ao aprovar a nomeação de um bispo assumidamente homossexual.

Eu imaginava que esses eventos despertariam debates adormecidos sobre a existência ou não de princípios morais "naturais", sobre o caráter laico do Estado etc. Aprestava-me a participar quando, no começo de agosto, foram publicados os resultados surpreendentes de uma pesquisa de opinião do Instituto Gallup.

Resumindo: entre os americanos, houve um repentino declínio da aprovação da "agenda gay".

Em maio passado, 60% dos americanos pensavam que as relações homossexuais deveriam ser legais; hoje, só 48% pensam assim. Desde 1997, uma maioria (crescente) de americanos afirmava que ser gay é "um estilo de vida aceitável". Hoje essa é a opinião de uma minoria. A queda não vale apenas para as fileiras conservadoras: quase um quarto dos democratas favoráveis à união civil gay mudou de opinião. O que aconteceu?

Primeira explicação: a ideia do casamento gay produz uma resistência particular. Por quê? O americano médio divorcia-se sem muita hesitação, mas, paradoxalmente, mais de 80% dos casais americanos confirmam sua união numa cerimônia religiosa. Ou seja, os casamentos acontecem e quebram-se segundo as variações das paixões e dos desejos, mas ninguém admite. Quase todos preferem continuar concebendo o casamento como sacramento eterno, orientado pelo projeto de criar filhos. Nesse contexto, a ideia do casamento gay (que é sempre efeito de uma escolha ativa) é incômoda, pois desvela uma verdade que vale para quase todos os casamentos modernos: eles são instáveis não por acidente, mas por essência, por serem cimentados mais pela precariedade dos sentimentos que por

compromissos solenes e procriação diante de Deus.

Segunda explicação. Nos últimos tempos, o estilo de vida gay triunfou na cultura popular americana. O canal de televisão a cabo Bravo propõe, com grande sucesso, o show "Queer Eye for a Straight Guy" (olhar homo para um cara hétero). A cada semana, cinco gays reorganizam a vida de um heterossexual: arrumam sua casa, sua aparência física, suas manias de indumentária, suas maneiras, ensinando-lhe "estilo, bom gosto e classe". Os gays se tornaram alvos privilegiados e explicitos de muitas propagandas



Mariza Dias Costa

É fácil objetar que há uma grande distância entre o ideal da vida gay, que assombra a cabeça dos heterossexuais, e a realidade do universo gay, que não é tão gayo assim. Além disso, o dito estilo de vida gay concerne a uma

minoria de homossexuais, que talvez sejam fascinados pela imagem que lhes é proposta, como um espelho, pelos heterossexuais que os idealizam.

Mas não adianta objetar: há uma razão de fundo que alimenta a idealização coletiva do universo gay. Os homossexuais, reprimidos por causa de suas práticas sexuais, só puderam reivindicar respeito e liberdade constituindo-se como grupo definido por sua sexualidade sufocada. Consequência: eles são o único grupo social que deve sua consistência a uma modalidade comum de desejo sexual. A coesão

feminista dos mulheres, por exemplo, é decidida pelo sexo biológico e pela discriminação comum no trabalho e na vida de família, não por uma preferência sexual. Travestis e transsexuais se definem como grupos a partir da experiência comum de uma discordância entre seu sexo biológico e seu gênero, não por uma preferência sexual.

Por isso, por serem o único grupo social definido pela forma de

seus prazeres, os homossexuais encarnam facilmente, aos olhos dos "normais", um ideal genérico de prazer sexual: "eles" ("a diferença de nós") ousam e sabem gozar.

É um privilégio duvidoso. Afinal, na Europa de 70 anos atrás, os judeus eram aqueles que, "à diferença da gente", ousavam e sabiam fazer dinheiro, não é?

Quem é idealizado por saber pretensamente, de uma forma ou de outra, aproveitar a vida, mais cedo ou mais tarde, acaba sendo apontado como o responsável por nossas privações. A lógica corre assim: eles sabem gozar, eles têm o prazer que não tenho, eles me privam. A idealização do gozo dos outros é, frequentemente, a antecâmara do ódio e da perseguição.

Escuto, nestes dias, aqui no Brasil, vozes pretensamente liberais contra o casamento gay. Comentam: "Eles querem casar? Mas que coisa mais careta! A gente esperava deles que fossem os portabandeiras da revolução sexual". É um jeito velado de dizer: já gozam mais que a gente, agora vão apoderar-se também dos modestos prazeres do lar, os únicos que nos sobram?

© → ccalligati@uol.com.br

ANEXO J 4: Ilustração de Kipper para o texto *Sexo Insólito*, publicado na coluna de Moacyr Scliar, na página 3 da *Folha de São Paulo*, dia 21 de julho de 2003.



MOACYR SCLAR

Sexo insólito

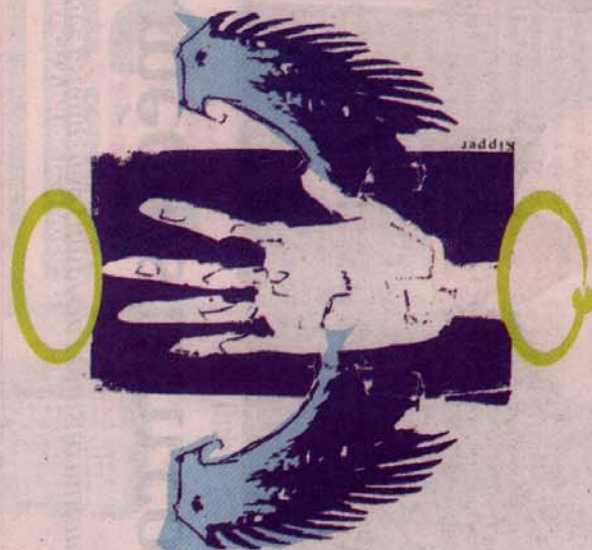
1. Melhor do que orgasmo

"Isso é melhor do que orgasmo", diz Nulbert, depois que a seleção masculina de vôlei conquistou pela terceira vez o título da Liga Mundial. Folha Esporte, 14.jul.2003

A RELAÇÃO entre os dois vilgum tempo, mas ela só começou a se preocupar quando o marido deixou de procurá-la para fazer sexo. Interrogou-o a respeito; ele disse que não havia nada demais, andava cansado, só isso, trabalhando muito, tanto que várias vezes voltava para casa tarde da noite. Mas ela tinha certeza de que alguma coisa estava acontecendo. A luz se fez quando descobriu o recorte da Folha de S.Paulo com a manchete: "Isso é melhor do que orgasmo". Ex-jogador, o marido certamente se sentira excitado pela afirmação.

Decidiu segui-lo. Descobriu que ele estava saindo do trabalho à hora habitual. Mas, em vez de ir para casa, ele se dirigia a um ginásio ali perto para jogar vôlei, naturalmente. Escondida, ela observou-o jogar. Não estava mais em forma, afinal, era um quarentão, mas nenhum dos jogadores mostrava mais entusiasmo do que ele: cada partida era um berro. Seu prazer era evidente. Para ele, sem dúvida, vôlei era melhor do que orgasmo.

Mulher inteligente, ela optou por não criar um caso. Em vez disso, está treinando vôlei em outro ginásio. Quando se sentir pronta, aparecerá, de surpresa, para jogar com ele. Os dois se enfrentando na cancha. O que, ela disse tem certeza, representará o caminho para a volta ao orgasmo.



ATMOSFERA

2. O elogio da masturbação

Masturbação frequente reduz risco de câncer de próstata, de acordo com estudo publicado na revista "New Scientist". Ciência Online, 16.jul.2003

A I, PAPAI, que erro o senhor cometeu, papai, que erro. Eu sei que o senhor estava bem-intencionado, eu sei que o senhor só queria me ajudar, mas mesmo assim foi um erro. O senhor sempre me disse que masturbação fazia mal à saúde; que os masturbadores criavam cabelo na palma da mão, que ficavam cegos ou loucos. Era só eu fazer algum barulho na cama para o senhor invadir o meu quarto, perguntando se aquilo não era masturbação.

Não era, papai. Por sua causa eu deixei de me masturbar. E agora estou pagando um preço por isso. O senhor vê, estou com câncer

de próstata, o mesmo câncer que o matou, papai, e podia ter escapado disso. Sim, senhor: os cientistas estão dizendo que masturbação evita essa doença.

Mas o pior, papai, não é isso. O pior é que, quando me masturbava, eu pensava numa linda mulher, a mulher que minha imaginação tinha criado. Dessa mulher me enamorei e era correspondido em minha paixão; todas as noites ela deitava a meu lado na cama e sussurrava: vem, benzinho. Quando parei de me masturbar, ela se foi, para nunca mais voltar. Perdi o grande amor de minha vida. Casei por casar, vivi infeliz por sua causa, papai. Mas estou treinando de novo, papai. Treinando a masturbação. Quero morrer com cabelo na palma da mão, papai. Quero morrer feliz."

Moacyr Sclar escreve às segundas-feiras, nesta coluna, um texto de ficção baseado em matérias publicadas no jornal.

ANEXO J 5: Vinheta de Damiani para a nota *Nome novo*, publicada na coluna *Painel FC*, na página 2 do caderno *Folha Esporte*, dia 22 de julho de 2003.

Barulho

A empolgação do Corinthians com o título da Nike Premier Cup é tamanho que o time sub-15 será recebido hoje por Alberto Dualib, com direito a sirene no Parque São Jorge. O dirigente chegou a dizer que o título é o segundo mundial de sua gestão.



Nome novo

O Corinthians apresentou como reforço Paulo Roberto Gemelli Jr. Não se trata de um desconhecido. É o novo nome de Jamelli, que teve que trocar seus documentos para tirar passaporte italiano. A mudança teve que ser feita porque o nome de sua família na Itália era Gemelli.

la, que sancionou o estatuto e pediu empenho da sociedade para que o código pegasse.

Certificado

A Confederação Brasileira de Vôlei será a primeira entidade esportiva do país a receber o certificado ISO 9001/00, de excelência em gestão de administração. A entrega será feita hoje pela empresa norueguesa DNV, que auditou a CBV.

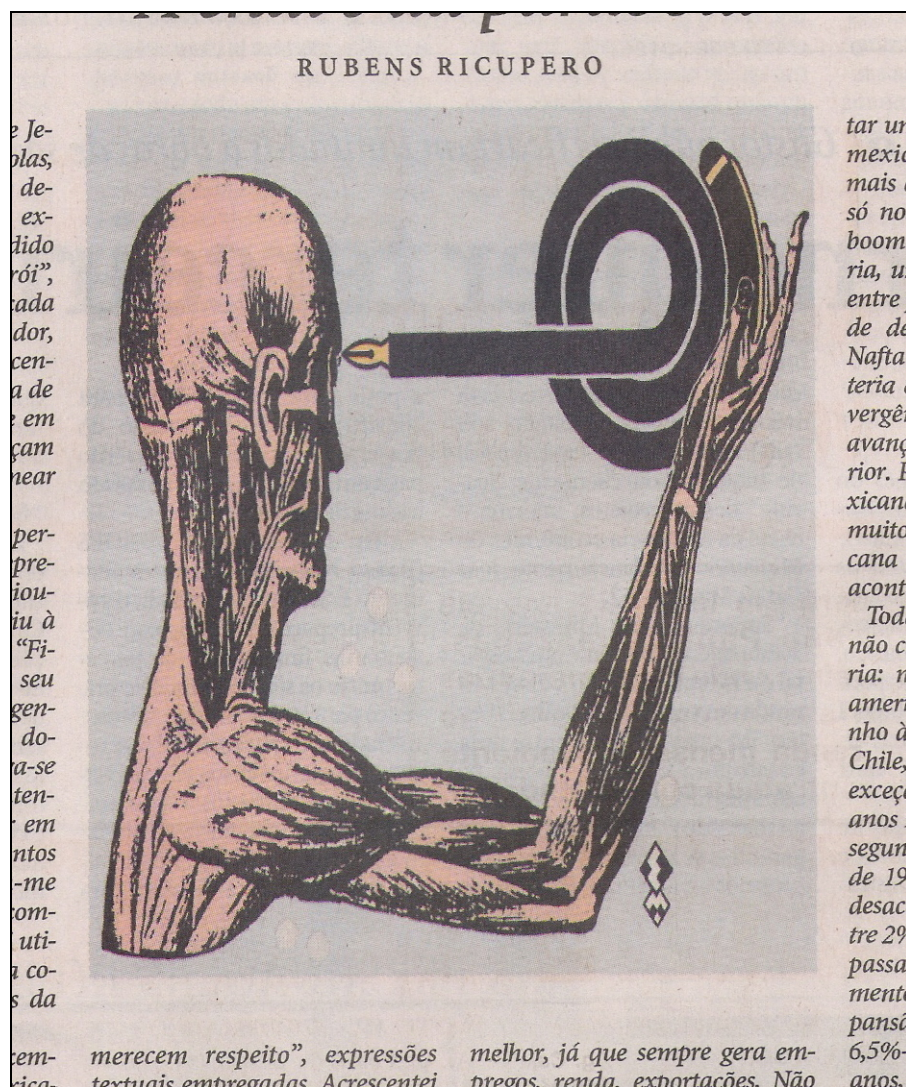
@→ E-mail:
painelfc.folha@uol.com.br

DIVIDIDA

De Nabi Abi Chedid, presidente interino da CBF, ainda sobre o fato de a entidade não dar garantia à Prefeitura do Rio de que parará o futebol na cidade durante os Jogos-2012:

— As pessoas vivem falando nos direitos do torcedor. Será que é bom para o torcedor carioca a CBF proibir jogos na cidade por quase dois meses? Será que a TV, que é quem banca o futebol, concorda com isso?

ANEXO J 6: Ilustração de Damiani para o texto *A chave da parábola*, publicado na página 2 do caderno *Dinheiro*, na *Folha de São Paulo*, dia 20 de julho de 2003.



OPINIÃO ECONÔMICA

A chave da parábola

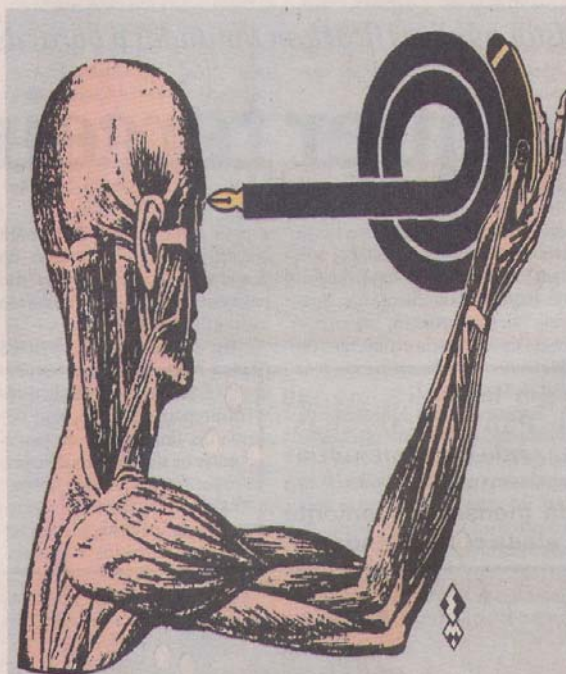
RUBENS RICUPERO

É RARO no Evangelho que Jesus explique suas parábolas, pois, como as metáforas, elas deveriam ser auto-evidentes. A exceção maior é quando, a pedido dos apóstolos, ele "desconstrói", dando o sentido didático de cada elemento, a história do semeador, a que, na bela tradução oitocentista do padre Antonio Pereira de Figueiredo, se abre com frase em que todas as palavras começam com s: "Saiu o semeador a semear a sua semente".

Minha amiga Cecília Soto, personalidade de exceção que representa o México no Brasil, enviou-me cópia de carta que dirigiu à Folha sobre reportagem do "Financial Times" a respeito do seu país, com comentários inteligentes acerca de meu artigo de domingo passado, no qual citava-se o jornal britânico. Minha intenção não era tanto examinar em profundidade os acontecimentos mexicanos, porque faltam-me para isso informações mais completas e precisas. O que fiz foi utilizar a recente história asteca como parábola das frustrações da América Latina.

Poderia ter recorrido ao exemplo do Chile, mas o caso mexicano ilustra melhor o foco central de minha argumentação: o desenvolvimento pleno e sustentado não se confunde com o êxito exportador, nem mesmo de manufaturados "nobres", nem com a obtenção do "investment grade" das agências de crédito e com a atração de investimentos, nem com a redução da carga tributária a níveis baixos inimagináveis para a maioria dos países. "Não se confunde" significa simplesmente que não devemos reduzir o desenvolvimento a uma espécie de consequência automática de tais resultados, não que eles não sejam verdadeiros e desejáveis.

Deixei claro que "todas essas conquistas... (eram) progressos reais e admiráveis, avanços (que)



merecem respeito", expressões textuais empregadas. Acrescentei que o Brasil estava longe de emular tais conquistas, e aqui começo a esclarecer minhas intenções. Em nosso país e nos demais, ouvimos com frequência que temos de expandir com vigor as exportações, sobretudo de manufaturados, e estou entre os que vêm martelando há anos nessa tecla. A longo prazo, porém, o sucesso exportador não basta para manter crescimento alto e estável se depender em excesso de insumos importados, com baixa adição de valor local e se aumentar a concentração em um só mercado, tornando-nos reféns das vicissitudes da economia do parceiro principal. É verdade que mesmo a indústria de linha de montagem é útil como estágio para algo

melhor, já que sempre gera empregos, renda, exportações. Não passa, contudo, de estágio precário por basear-se em fator — a mão-de-obra barata — abundante na China e em outras paragens asiáticas.

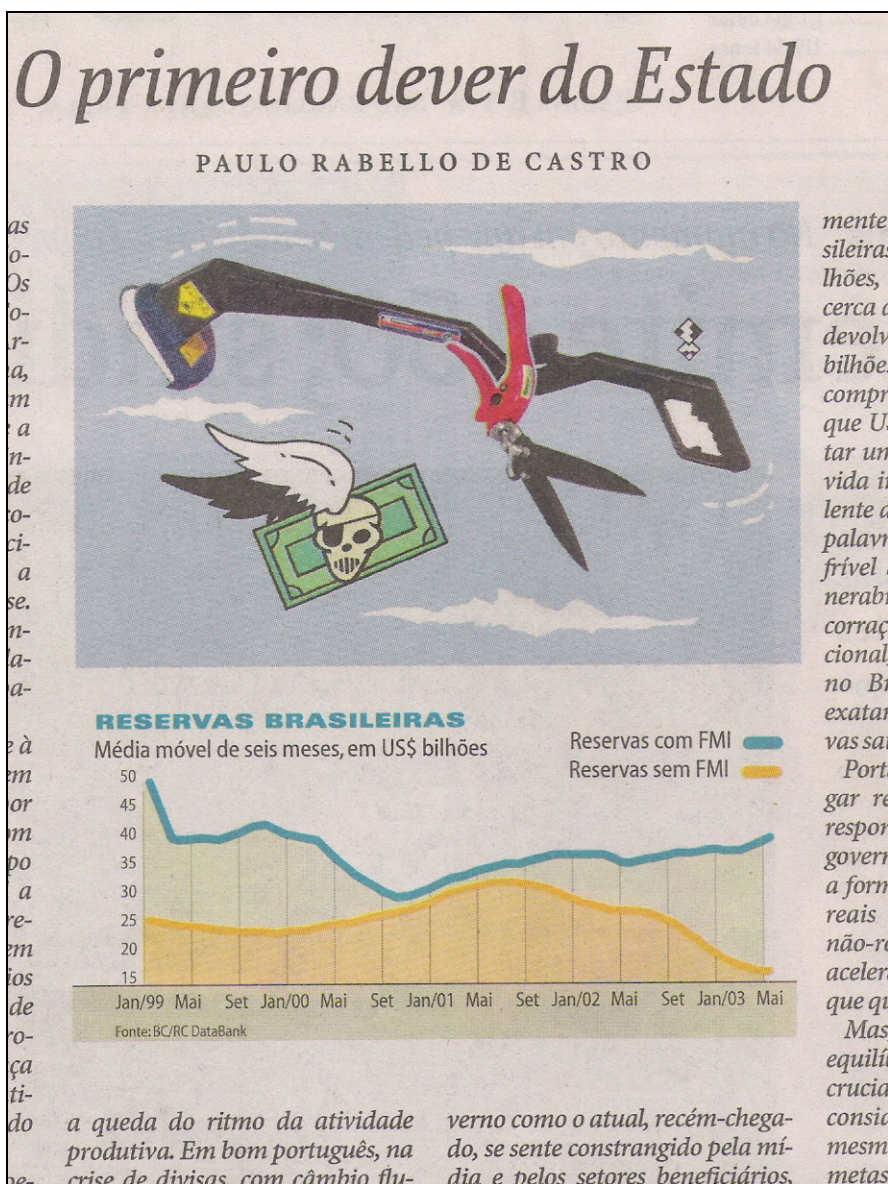
O êxito mexicano é espetacular tanto em triplicar as exportações em sete anos — e faço votos para que logo aumente e melhore o valor agregado — quanto na obtenção do "investment grade". Um e outro são apresentados no Brasil como a chave para o crescimento, embora pareça pouco provável que possamos reproduzir tais resultados num futuro próximo. Se fosse certo o que se diz desses fatores — e a eles teríamos de acrescentar a carga tributária correspondente a um terço apenas da brasileira —, deveríamos constatar

um crescimento da economia mexicana incomparavelmente mais alto do que tem sido, e não só nos anos coincidentes com o boom americano. Aliás, em teoria, um acordo de livre comércio entre países de grande diferencial de desenvolvimento, como é o Nafta entre os EUA e o México, teria de produzir a gradual convergência da economia menos avançada com a de nível superior. Para tanto, a economia mexicana precisaria estar crescendo muito mais rápido que a americana — e o contrário é o que acontece.

Todavia não é só o México que não cresce a velocidade satisfatória: nenhuma economia latino-americana vem tendo desempenho à prova de crítica. O próprio Chile, até pouco uma aparente exceção, deve sua alta média nos anos 90 (6,7%) à primeira, não à segunda metade da década. Desde 1998, a economia chilena se desacelerou e só cresce a taxas entre 2% e 3% anuais. Ora, a fim de passar no teste do desenvolvimento, é indispensável atingir expansão elevada — entre 5,5% e 6,5% — não em três ou quatro anos, mas ao longo de três ou quatro décadas. Esse tem sido o desempenho de Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura, Hong Kong, Malásia, imitados pela China já durante mais de 22 anos. Ademais, todos esses asiáticos reduziram substancialmente a pobreza absoluta e melhoraram a distribuição de renda. Enquanto não chegarmos perto dessas metas, seremos condenados a buscar na realidade frustrante da América Latina a parábola inspiradora de uma mudança de modelo econômico.

Rubens Ricupero, 66, é secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), mas expressa seus pontos de vista em caráter pessoal. Foi ministro da Fazenda (governo Itamar Franco).

ANEXO J 7: Ilustração de Damiani para o texto *O primeiro dever do estado*, publicado na página 2 do caderno *Dinheiro*, na *Folha de São Paulo*, dia 23 de julho de 2003.



OPINIÃO ECONÔMICA

O primeiro dever do Estado

PAULO RABELLO DE CASTRO

AS PIORES crises financeiras de qualquer economia jovem são as de origem cambial. Os exemplos recentes (México, Coreia do Sul, Indonésia, Brasil e Argentina) e históricos (Alemanha, 1919, Brasil, 1962) se multiplicam à nossa vista para mostrar que a fragilidade nos pagamentos internacionais e a vulnerabilidade do caixa de um país sempre cobram um preço altíssimo aos cidadãos residentes, convocados a pagar a conta no final da crise. Mário Henrique Simonsen lembra, a propósito, que "a inflação aleija, mas o balanço de pagamentos mata".

Ninguém escapa quando bate à porta a escassez de recursos em moeda forte. É como ser pego por um agente externo mórbido com as defesas imunológicas do corpo em baixa. Por isso é essencial a manutenção, pelo governo, de reservas internacionais sempre em níveis mais do que satisfatórios para enfrentar os momentos de eventual escassez de divisas, provocadas por alguma desconfiância do mercado, que alguns continuam a chamar de aumento do risco-país.

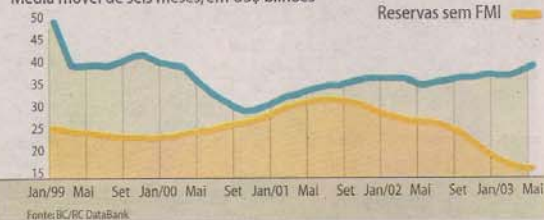
A posição das reservas em moeda forte é particularmente crítica quando o país não flutua sua moeda, mas mantém uma paridade fixa. Foi a situação enfrentada pelo Brasil na largada do Plano Real, quando a maré de euforia começou a virar e sobreveio a crise asiática seguida da crise russa, entre 1997 e 98. O que parecia ser uma reserva brasileira confortável foi rapidamente sugado pelas saídas bruscas de capitais de curto prazo. Com a flutuação da taxa de câmbio, a partir de 1999, esse risco de fuga em massa de capitais se transferiu para a própria cotação do real, como aconteceu em 2001, à altura da queda das torres do WTC e, mais forte ainda, na crise financeira-eleitoral de 2002.

Nesse último ano, o que submergiu foi o poder de compra do brasileiro, agravado pelo processo de aceleração inflacionária, com



RESERVAS BRASILEIRAS

Média móvel de seis meses, em US\$ bilhões



Fonte: BC/RC DataBank

a queda do ritmo da atividade produtiva. Em bom português, na crise de divisas, com câmbio flutuante, a conta é paga à vista, sob a forma de empobrecimento interno, com salários correndo atrás do custo de vida, desemprego e perda de acesso a bens importados. Basta ver a consequência do que estamos sentindo desde 2002, com quedas brutais (de 10% ou mais) do poder de compra, desemprego recorde e redução quase geral da indústria e do comércio.

Mas alguém lembrará, corretamente, que a desvalorização rápida do câmbio produz também um sinal forte para a recuperação das exportações e contenção das importações, logo contribuindo para a correção da escassez de divisas e a recomposição da confiança e do nível de atividade. Entretanto, nas situações da vida real, surgem as distorções para complicar o quadro da recuperação. Por exemplo, quando um go-

verno como o atual, recém-chegado, se sente constrangido pela mídia e pelos setores beneficiários, detentores do capital, a praticar taxas de juro muito acima do ponto de equilíbrio, para mostrar "conservadorismo" e "rigor", traz de volta uma nova apreciação da moeda, reinjetando na economia um viés recessivo pelos juros altos e pelo risco de nova crise do câmbio.

O caso brasileiro é mais peculiar, ainda, por envolver um governo fortemente endividado em dólares, já que emite papéis de dívida atrelados à variação do câmbio, o que aumenta muito o seu grau de exposição financeira, qualquer que seja sua posição bruta em reservas. Estas, por sua vez, são hoje compostas de elevado percentual de empréstimos do FMI, na casa dos 60%, que funcionam numa emergência qualquer, como um colchão para pagamentos aos credores externos.

Portanto quem olha superficial-

mente a posição das reservas brasileiras, da ordem de US\$ 47 bilhões, não percebe que, destes, cerca de US\$ 30 bilhões serão logo devolvidos ao FMI e outros US\$ 4 bilhões são dívida brasileira recomprada, restando pouco mais que US\$ 13 bilhões para confrontar um passivo potencial (em dívida interna dolarizada) equivalente a US\$ 60 bilhões. Em poucas palavras, o Brasil tem sido um sofrível administrador de sua vulnerabilidade. Cada vez que é escoraçado pelo capital internacional, a volatilidade do câmbio no Brasil torna-se exagerada, exatamente por não termos reservas satisfatórias.

Portanto o custo de não carregar reservas adequadas — uma responsabilidade primordial dos governantes — tem sido pago sob a forma de dezenas de bilhões de reais em atividade econômica não-realizada e, sobretudo, por aceleração da própria inflação que queremos combater.

Mas, se essa variável-chave do equilíbrio macroeconômico é tão crucial, por que não é levada em consideração, por exemplo, no mesmo grau de importância das metas inflacionárias, tão ao gosto do Banco Central? Provavelmente porque aqui repetimos as fórmulas de administração monetária ditadas pelo modismo internacional (nada demais, nem nada de novo nisso), ao preço de nos esquecermos de avaliar se o "modelo" é apropriado ao nosso corpinho subclórico.

O primeiro dever do Estado num país pobre, embora de grande potencial, deveria ser caprichar, até exagerar na proteção ao seu "caixa" em moeda forte. No entanto há muitos anos teimamos na enganosa fórmula de ficar pendurados no socorro externo...

Paulo Rabello de Castro, 54, doutor em economia pela Universidade de Chicago (EUA), é vice-presidente do Instituto Atlântico e chairman da SR Rating, agência brasileira de classificação de riscos de crédito. Escreve às quartas-feiras, a cada 15 dias, nesta coluna.

✉ E-mail

paulo@rccsultores.com.br

ANEXO J 8: Ilustração-legenda de Scarpellini, com o título *Paraíso Perdido*, publicado na página 2 do caderno *Cotidiano*, na *Folha de São Paulo*, dia 9 de julho de 2003.



ANEXO J 9: Ilustração-legenda de Scarpellini, com o título *Avenida São João*, publicado na página 2 do caderno *Cotidiano*, na *Folha de São Paulo*, dia 23 de julho de 2003.

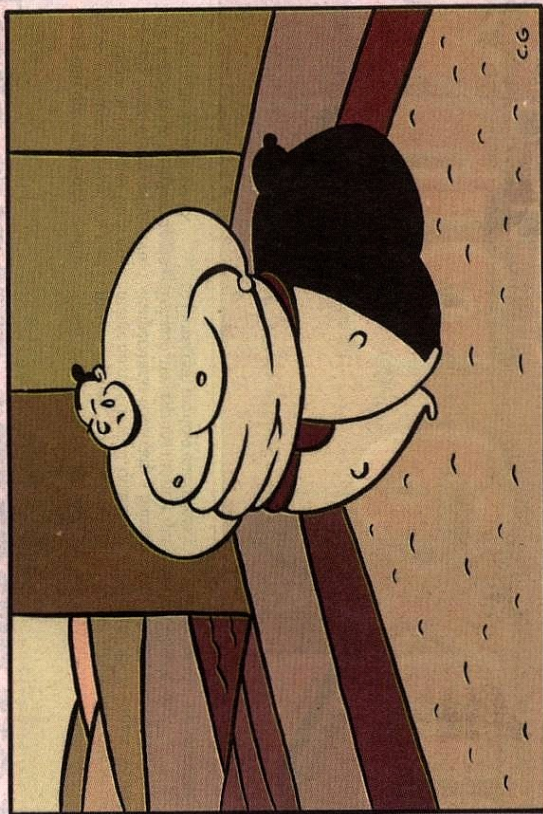


ANEXO J 10: Ilustração de Caco Galhardo para o texto *Homem é o sexo frágil*, publicado na coluna de Gilberto Dimenstein, na página 10 do caderno *Cotidiano*, da *Folha de São Paulo*, dia 20 de julho de 2003.



GILBERTO DIMENSTEIN

Homem é o sexo frágil



O ASSALTANTE Marcos Meneses deu um soco na cara de Ana Cláudia Rufino, jogou-a no chão e tentou roubar-lhe a bolsa. A cena não teria virado notícia de jornal, na semana passada, em São Paulo, se a vítima tivesse permanecido cádua, desamparada, no chão.

Agruada à bolsa, Ana Cláudia não chorou nem pediu socorro. Levantou-se e esmurrou o ladrão. Diante da platéia indignada, Marcos quis disfarçar, disse que se tratava de uma briga de casal, ninguém metesse a colher em briga de marido e mulher. Foi aí que ela ficou ainda mais enfurecida e voltou a distribuir socos para ele deixar de ser mentiroso. Jamais teria uma relação amorosa com gente daquele tipo.

No final, Ana Cláudia, faixa verde de judô, soube fazer piada. Na delegacia, onde foi tratada como heroína, perguntaram-lhe se continuaria reagindo com murros a futuras tentativas de assalto. "Só se eu estiver com TPM", ironizou.

Será que não é puro preconceito tratar as mulheres como frágeis, a ponto de conceder-lhes, como fez o relatório da reforma de Previdência, tratamento vantajoso em relação aos homens?

★

Ainda vai demorar muito tempo — se é que isso algum dia vai acontecer — para as mulheres derrubarem os homens no mundo. Mas, apesar de todas as discriminações, é bobagem classificá-las de "sexo frágil". Não há ne-

hum político (vamos repetir, nenhum) discutindo se é apropriado ou não o direito da mulher de aposentar-se mais cedo. Por quê?

Todos sabem que a mulher tem expectativa de vida maior que a do homem. Sabedoria da natureza. Não raro, passado o luto, a viúva sente-se incofessavelmente até melhor, livre de tantas obrigações domésticas. Já o homem viúvo, se estiver velho, tende a virar um abandonado irremediável.

Mas a força do sexo feminino está menos na natureza que nos avanços sociais.

★

As estatísticas estão mostrando que, no Brasil, a exemplo do que ocorre na maioria dos países, a mulher é maioria nas escolas, tira as melhores notas e vai aumentando sua participação no mercado de trabalho. De cada 10 novos empregos gerados na região metropolitana de São Paulo, 7 são ocupados por mulheres.

Para descobrir a alma e, principalmente, o bolso feminino, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) realizou uma pesquisa com mulheres de nove regiões metropolitanas brasileiras, compa-

rando seus anseios e comportamento com as expectativas e hábitos masculinos. A pesquisa detectou que elas lêem mais livros do que eles e apostam mais no valor da educação.

Indagadas sobre o que tem feito a vida melhor do que há dez anos, elas apontaram, entre outras coisas, a evolução no emprego e no salário, além de mais facilidade para abrir o próprio negócio.

★

Se a regra da sociedade do consumo não mudar — o valor do profissional está em seu apego

à educação permanente —, os homens se tornarão o sexo frágil. Além de viverem mais, as mulheres vão eliminar as inaceitáveis disparidades de renda, conquistar os melhores empregos e aban- donar os salários mais altos pela simples razão de que estão mais preparadas para os desafios do mundo moderno.

É apenas uma questão de tempo para elas ocuparem, no Brasil, a Presidência da República. Na eleição passada, não fosse um tropeço, Roseana Sarney teria, pelo menos, estado no segundo turno. Para se eleger, Lula teve de investir, como nunca um candidato investiu, no eleitorado feminino, distribuindo em cima do pulão que juras de amor a Marisa; Ciro Gomes descambou de vez, no pleito, depois que fez piadas de mau gosto sobre Patrícia Pillar, sua mulher.

Luiza Erundina ainda não aparece nas pesquisas, mas é, até agora, a candidata de maior viabilidade para eventualmente derrotar Marta Suplicy — a maior cidade brasileira seria disputada por duas mulheres.

★

Dizem os especialistas que o perfil do futuro profissional se encaixa melhor nas habilidades femininas: intuição, capacidade de trabalhar em grupo, sensibilidade e percepção das emoções.

Qual o motivo, então, de todos os legisladores e dirigentes sindi-

cais nem sequer questionarem a aposentadoria privilegiada destinada às mulheres? Só o preconceito explica esse silêncio.

Ocorre, então, duplo privilégio. Os servidores em geral ganham na aposentadoria o que nenhum trabalhador ganha — e, entre os já privilegiados funcionários públicos, as mulheres são as grandes beneficiárias. Isso significa querer bater como homem — ou seja, ganhar todos os direitos — e aparecer como mulher, recebendo deferência especial com base em uma preconceituosa fragilidade.

★

PS - Permaneceram tantos privilégios para os servidores pelo simples motivo de que o contrabante brasileiro não tem lobby organizado. E quem paga a conta, mas nem de longe consegue se articular politicamente e pressionar os legisladores, como fazem os magistrados, por exemplo. Ainda vai chegar o dia (e não está longe) em que se vai encerrar com estranheza e perplexidade o fato de um indivíduo trabalhar quase quatro meses num ano apenas para manter o poder público e pouco receber em troca. Será bem mais estranho do que ver uma mulher na rua surrando um assaltante diante de homens acovardados.

© → E-mail - gdimen@uol.com.br

ANEXO J 11: Tiras de Galhardo publicadas no ano de 2003 na *Folha de São Paulo*.

Caderno *Ilustrada*, página 7, dia 21 de julho de 2003



Caderno *Ilustrada*, página 9, dia 15 de agosto de 2003



Caderno *Ilustrada*, página 9, dia 19 de setembro de 2003



ANEXO J 12: Cartum de Caco Galhardo publicado no caderno *Ilustrada*, às segundas – feiras, junto à coluna *Televisão*. Exemplo da edição do dia 21 de Julho de 2003, caderno *Ilustrada*, página 6.



ANEXO J 13: Chamada de capa no *Jornal da Tarde*, no dia 18 de julho de 2003, *Ladrão apanha de Judoca e vai preso*, assunto da coluna de Gilberto Dimenstein, no dia 20 de julho, ilustrada por Galhardo.



ANEXO J 14: Texto na página 5 do caderno A, do *Jornal da Tarde*, no dia 18 de julho de 2003, correspondente à chamada *Ladrão apanha de Judoca e vai preso*.

Polícia

caderno A
5

Tentou assaltar a judoca. Apanhou e ainda foi preso

Marcos Meneses tentou roubar a bolsa de Ana Cláudia Rufino em Aricanduva. Só não sabia que ela era faixa verde no judô

ALVARO MAGALHÃES

A terapeuta Ana Cláudia Rufino dobrou a esquina da Avenida Aricanduva, perto do shopping, anteontem à noite. Entrou numa vieira, a bolsa debaixo do braço direito. Marcos Meneses estava sem um tostão. Calculou que não teria dificuldades. Aos 30 anos, considerava-se um ladrão experiente. Por roubos e furtos, passara sete anos preso em Presidente Venceslau, no interior do Estado. Sabia escolher uma vítima. Dessa vez, errou nos cálculos. Ana Cláudia, de 32 anos, é judoca faixa verde. Quando ele tentou tomar-lhe a bolsa, ela reagiu. Os dois iniciaram uma luta e o bandido levou uma surra.

Meneses estava parado num ponto de ônibus perto de sua casa por volta das 21h de anteontem quando viu Ana Cláudia. Ela é alta, tem o corpo forte, os cabelos morenos longos. Carregava a bolsa preta, grande.

Ele a deixou andar um pouco e passou a segui-la. Na esquina da vieira, falou qualquer coisa. "Não entendi uma palavra, mas percebi que era um assalto", conta Cláudia.

Meneses a empurrou e puxou a alça da bolsa. Cláudia segurou firme. Caiu e o derrubou. Os dois se atiraram. A moça gritava por socorro. A rua estava deserta, mas alguns carros pararam. "Briga de casal!", gritou o criminoso, na tentativa de espantar a ajuda que chegava. "Não se mete, não se mete! É minha namorada!"

"Ah, quando ele falou aquilo...", disse a moça. "Aí que eu sentei a mão nele!" Há quatro anos, ela pratica judô semanalmente. Nos primeiros anos, chegou a participar de competições. Hoje, porém, luta por prazer. Seu tempo é dividido entre a academia e o trabalho.

A moça já havia levado um soco no lado direito da boca e revidado à altura, com chutes e pancadas, quando outras pessoas entraram na briga. No meio da confusão, alguém pensou que a intenção de Meneses era estuprar Cláudia e chamou a polícia.

Bandido diz que tinha largado o crime

O criminoso já tinha fugido quando o sargento Augusto Alves Barbosa estacionou a viatura no local. "Ele havia pulado no Rio Aricanduva e tinha nadado até uma tubulação de esgoto", contou o policial. "Tivemos de cercá-lo."

Um PM ficou vigiando a entrada do cano e o sargento foi até a saída do tubo, na Avenida Gualtar – a poucos metros da casa do criminoso –, onde o prendeu.

O Meneses garantiu que tinha abandonado o crime havia três anos. Depois que deixou a cadeia, arrumou emprego como ajudante em construções e decidiu levar uma vida honesta. Havia casado e prometera à mulher ficar longe de encrencas. Em 2001, porém, perdeu o emprego. Passou a trabalhar como catador de papelão. Tirava R\$ 200 por mês.

No final do ano passado, no entanto, a mulher engravidou. Seu filho, o primeiro, deve nascer na próxima semana. "Precisava botar dinheiro em casa", diz. "Não sou um traste que não posso cuidar das necessidades da criança."

A quarta-feira tinha sido inútil para Meneses. Não havia trabalhado. "Bebi por causa do desgosto, da falta de trabalho." Foi por isso que decidiu assaltar a terapeuta.



A terapeuta Ana Cláudia: golpes de judô para reagir ao assalto

As faixas do Judô

Em algumas academias, a troca de faixa só acontece após um rigoroso exame ou uma vitória em competição. Outras dão ênfase à demonstração formal das técnicas

- 1 - Branca
- 2 - Cinza
- 3 - Azul
- 4 - Amarela
- 5 - Laranja
- 6 - Verde
- 7 - Roxa
- 8 - Marrom
- 9 - Preta
- 10 - Branca e Vermelha

Nessas faixas, os judocas são chamados Kyu

Nessas faixas, são chamados Dan

'De mulher não se apanha'

Depois de apanhar da judoca Ana Cláudia Rufino, anteontem à noite, o assaltante Marcos Meneses confessou ao delegado Antônio Carlos Donófrío, do 66º DP, que sentia vergonha. Não da tentativa frustrada de assalto, mas da surra que levou. "De mulher não se apanha", disse.

Meneses foi autuado por tentativa de roubo e voltou para a

cadeia – ele já havia cumprido sete anos por roubos e furtos. Sua jaqueta jeans, surrada e cheia de sangue, ficou no chão da delegacia.

"Ele fingiu que estava armado, com as mãos por baixo do casaco", lembra Cláudia. "Eu não sabia se havia realmente um revólver com ele, mas minha reação foi instintiva. Fiz tudo sem pensar", contou a judoca.

ANEXO J 15: Texto na página 4 do caderno *Cotidiano*, da *Folha*, no dia 18 de julho de 2003, correspondente ao assunto da coluna de Gilberto Dimenstein, dia 20 de julho.



A judoca Ana Cláudia Rufino lutou com o ladrão Marcos Meneses (detalhe), que teve hematomas

CRIME *Ele tentou fugir pelo esgoto do córrego Aricanduva* **Ladrão ataca mulher, mas apanha dela e de testemunhas e é preso**

DO "AGORA"

Marcos Meneses, 30, imaginou que não precisaria de arma para roubar a bolsa de uma mulher. Imaginou errado: a judoca Ana Cláudia Rufino, 32, reagiu com murros e pontapés contra o ladrão, que acabou preso.

Massoterapeuta, Rufino pratica judô, "por esporte", há quatro anos —está na faixa verde, a quinta numa escala de oito. Foi o primeiro assalto sofrido por ela. Ao ser atacada, conta que ficou nervosa demais para usar as técnicas da arte marcial. "Dei logo uns murros e chutes na cara dele."

Rufino foi atacada quando voltava para sua casa, na avenida Aricanduva, próximo ao shopping, em Cidade Líder (zona leste), às 21h de anteontem.

O ladrão seguiu a massoterapeuta após ela se afastar do ponto

de ônibus. Meneses pôs as mãos na jaqueta para fingir que estava armado. Depois, puxou a bolsa de Rufino, que não o deixou levá-la. Meneses, então, empurrou-a e deu um soco em seu rosto, derrubando-a no chão. Rufino se levantou, foi para cima e derrubou-o também. "Foi aquela luta", comentou ela.

Testemunhas na rua logo ligaram para a polícia. Para mantê-las afastadas, Meneses disse ao grupo que tudo não passava de uma briga de namorados. Acabou apanhando mais. "Quando o ouvi dizendo que eu era sua namorada, fui até lá e lhe dei outro murro", lembrou Rufino, ainda nervosa.

Depois que ela explicou ao grupo que se tratava de um assalto, as pessoas cercaram Meneses e também passaram a espancá-lo. "Fiquei todo quebrado", disse o criminoso à reportagem, horas mais

tarde, dentro de sua cela, coberto de hematomas. Mesmo após a pancadaria, o ladrão conseguiu fugir: pulou no córrego Aricanduva e entrou numa tubulação de esgoto. A PM, porém, cercou as saídas da tubulação, e Meneses foi preso na avenida Gualtar.

Na delegacia, ele negou que tivesse, na abordagem, apanhado da judoca. "Eu apanhei da multidão. Dela, sozinha, não." Meneses admitiu o crime e contou que já havia sido preso antes por roubo. "Só assalto porque estou desempregado há dois anos e minha mulher está grávida."

A polícia não recomenda, sob hipótese alguma, reagir a assaltos. A vítima, porém, disse que agiu por impulso. "Quando vi, já tinha feito." Rufino não sabe se voltará a atacar caso um assaltante se aproxime novamente. "Só se eu estiver na TPM", brincou.

ANEXO J 16: Ilustração de Caco Galhardo para a capa do caderno *folhateen*, encarte da *Folha de São Paulo*, publicado no dia 21 de Julho de 2003.



ANEXO J 17: Ilustração de Adolar para o texto *Risco de Aposentadoria Precoce*, publicado no dia 18 de julho de 2003, na página 2 do caderno *Dinheiro*, da *Folha de São Paulo*.



OPINIÃO ECONÔMICA

Risco de aposentadoria precoce

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

A O REDUZIR em 1,5 ponto percentual a taxa básica de juros, o Copom (Comitê de Política Monetária do Banco Central) dá um sinal de que irá flexibilizar a política monetária. Pode-se lamentar o atraso; pode-se discutir também se uma redução um pouco mais acentuada, algo na faixa de dois a quatro pontos, não teria sido desejável, tendo em vista o comportamento dos índices de preços e a fraqueza preocupante da produção e do emprego. Um clínico diria: "Antes estávamos nos suicidando do 26º andar; agora estamos nos suicidando do 24º". Mas o fato é que o Banco Central começa, finalmente, a afrouxar o torniquete monetário.

Evidentemente, a decisão do Copom não modifica o quadro geral da economia, que está sendo submetida a uma política fundamentalmente hostil ao crescimento e à geração de empregos. Os juros reais, sobretudo nos empréstimos tomados pelas pequenas e médias empresas e pelas pessoas físicas, continuarão extremamente elevados. A exagerada revalorização cambial prejudica a produção e o emprego nos setores que exportam e nos que concorrem com importações. A política fiscal continua extremamente restritiva, superando as metas ambiciosas do acordo com o FMI.

Além disso, nada de importante foi feito até agora para enfrentar a principal restrição ao crescimento econômico: a crônica vulnerabilidade externa. O déficit de balanço de pagamentos em conta corrente diminuiu muito desde meados de 2002, mas pode voltar a subir perigosamente em razão da revalorização recente do real. A conta de capitais continua excessivamente aberta. E as reservas internacionais, primeira linha de defesa em momentos de turbulência, estão muito abaixo do que seria recomendável, como frisou Paulo Rabello de Castro em artigo publicado ontem neste espaço.

A reforma previdenciária, por sua vez, está muito marcada por um enfoque fiscalista e arrecada-



tório, o que tenderá a reforçar o movimento de retração da economia. Por conta dessa reforma, o governo federal colocou-se em confronto direto com o funcionalismo, elemento fundamental não só da sua base de apoio político mas das próprias condições de funcionamento do Estado.

Os servidores estão se sentindo não só agredidos em seus direitos mas traídos por políticos que, em muitos aspectos, praticam no governo exatamente o contrário do que pregaram e prometeram ao longo de suas vidas. Ora, só quem nunca passou por Brasília ou qualquer outra função pública pode imaginar que um governo tenha chances de funcionar sem o concurso do seu corpo de funcionários permanentes.

Em matéria de política macroeconômica, o governo Lula tomou o rumo errado. A cúpula política do governo já deve ter se dado conta disso. O presidente da Re-

pública e o ministro da Fazenda indicaram, em diversos pronunciamentos, que aguardam o início de uma fase de crescimento econômico. Eles sabem muito bem que a sorte do governo depende da retomada do crescimento.

Se a recuperação da economia demorar ou vier fraca, como no governo FHC, bye-bye PT. Os amigos plutocráticos do "new PT" desaparecerão rapidamente. E os eleitores darão a resposta merecida nas urnas, primeiro em 2004 e depois em 2006.

O problema, volto a dizer, é que no Ministério da Fazenda e no Banco Central os postos de comando e influência estão, com poucas exceções, nas mãos de economistas e financistas conservadores, que pouco ou nada sabem sobre crescimento econômico e geração de empregos. Vários deles têm pouca ou nenhuma experiência de setor público. Quase todos

se orientam pelos dogmas e superstições do pensamento econômico convencional, já bastante desmoralizado pelos fracassos e desastres que produziu no Brasil e em vários outros países em desenvolvimento. Como disse o meu amigo Luiz Gonzaga Belluzzo, esperar dessa equipe econômica uma nova política de crescimento é como encomendar comida italiana a um cozinheiro chinês.

Entre as ilusões do pensamento econômico convencional está a noção bastante esdrúxula de que às políticas fiscal e monetária cabe, às vezes, dar demonstrações dramáticas de austeridade, "cortar na carne" se necessário, para convencer os mercados de que o governo merece confiança. Aplicado esse "choque de credibilidade", o setor privado voltaria a investir, propiciando as condições para o crescimento.

Essas e outras fábulas econômicas contaram com bastante apoio nos meios acadêmicos norte-americanos em certa época, mas não funcionaram muito bem no mundo real. Uma razão é que as medidas recomendadas para gerar credibilidade (altas taxas de juro, restrições ao crédito, cortes de gastos públicos, aumentos de impostos) geram antes de mais nada diminuição da demanda agregada. Em consequência, as vendas diminuem, os estoques se acumulam e os níveis de produção acabam caindo. A recessão se instala, o desemprego cresce, a capacidade ociosa das empresas também. Nesse ambiente, a recuperação da "credibilidade" transforma-se em miragem.

E os políticos que compram por muito tempo esse tipo de pacote ortodoxo acabam na aposentadoria precoce.

Paulo Nogueira Batista Jr., 48, economista, pesquisador visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP e professor da FGV-EAESP, escreve às quintas-feiras nesta coluna. É autor do livro "A Economia como Ela É..." (Boitempo Editorial, 3ª edição, 2002).

@ -> E-mail - pnbrjr@attglobal.net

ANEXO J 18: Ilustração de Adolar para o texto *Emigrantes*, publicado no dia 24 de julho de 2003, na coluna *Futebol*, página 3 do caderno *Esporte*, da *Folha de São Paulo*.

FUTEBOL

Emigrantes

SONINHA

COLUNISTA DA FOLHA

PODEMOS ficar espantados com a quantidade, os nomes e os destinos dos jogadores que estão deixando o Brasil, mas não com o êxodo em si. Já no fim do ano passado, quando se discutia o novo calendário do futebol, vários comentaristas — Paulo Viničius Coelho foi um dos mais insistentes — avisavam que o Brasileiro teria duas fases bem distintas: antes e depois da janela de contratações na Europa. Jogadores emprestados, como Lucas e Reinaldo, talvez fossem obrigados a voltar para lá; muitos outros seriam assediados e iriam embora. E assim foi.

Na costureira busca aos culpados, têm-se apontado dois vilões: os empresários e o fim do passe. Não concordo. Como em quase tudo, há muitas explicações para esse novo fluxo de emigrantes.

Para começar, os jogadores querem sair. Querem ganhar prestígio e experiência — jogar no Leste Europeu pode não dar moral aqui, mas um jogador que não sabe se vai ser ídolo no Brasil tem boas razões para acreditar que na Bulgária será herói. Pode ser ilusão, mas ela sempre nos acompanhou, não só no futebol.

O jogador também quer ganhar em dólar... e em dia. A carreira é curta, o mercado é incerto, e muitos clubes por aqui fingem que pagam. O sujeito sabe que corre riscos lá fora, mas prefere tentar. Se não der certo, pode voltar... Os empresários honestos e conscientes aconselham contra os maus negócios, alertam para as desvantagens de certas transferências,

asseguram-se da veracidade das ofertas. Os maus vendem o sonho do eldorado e pronto. Os jogadores estão tão sujeitos a cair no conto deles quanto de qualquer outro profissional interessado no seu dinheiro, seja gerente de uma financeira ou corretor de imóveis: há os decentes e os picaretas.

Os dois tipos já estavam na praça na época do passe; a diferença é que os clubes ganhavam muito dinheiro em cada transferência. Ou não. Se estão tão quebrados hoje em dia, é porque os milhões talvez não tenham ido para os seus cofres —ou foram muito mal administrados. De um jeito ou de outro, não se pode culpar a Lei Pelé pelo vermelho nos balanços, porque ele é anterior a ela...

Toda empresa está sujeita a perder seus melhores quadros para a concorrência. Como diminuir o risco? Fazendo bons contratos. Mas as relações no futebol continuam muito embaralhadas: na prática, o fato de ter seus direitos federativos presos a uma instituição que nem ao menos é o time em que ele joga faz com que o jogador “pertença” a alguém. Se ele quiser ficar no time e o “dono” do seu contrato pedir um valor muito alto para a renovação, nada feito —ele é obrigado a fazer as malas. É complicado.

Nós não vamos conseguir acabar com o sonho dos jogadores de ganhar dinheiro fora do Brasil, nem com a ganância de alguns empresários; tão cedo não vamos resolver os problemas de má administração dos clubes. Mas uma mudança não é tão difícil: casar o nosso calendário com o europeu, o que seria útil por vários motivos. Só não sei se há interesse.



Aperto

Se havia 20 mil pagantes no Parque Antarctica no sábado, não sei como conseguiram colocar mais 8.000 pessoas lá dentro no jogo contra o Botafogo.

Tormento

A CET costuma fechar o trânsito da rua Turiassu antes das partidas do Palmeiras, mas não depois. Resultado: ela vira um caos na saída, quando milhares de pessoas disputam espaço com carros, motos, ônibus, barracas de lanche etc. Em duas rodas, levei 15 minutos para percorrer apenas 20 metros. Do “acesso seguro e rápido”, “serviço de estacionamento” e “serviço organizado de transporte para o estádio” (obrigações do mandante - artigos 26 e 27 do Estatuto do Torcedor), nem sinal.

@ → E-mail

soninha.folha@uol.com.br

ANEXO J 19: Ilustração de Adolar para o texto *Aliado presenteia Dirceu com Rolex falso*, publicado no dia 21 de agosto de 2003, na página 8 do caderno *Brasil*, da *Folha de São Paulo*.

PRESENTE DE GREGO

Aliado presenteia Dirceu com Rolex falso

Ministro ganhou relógio de deputado e o doou ao Fome Zero; Caixa descobriu falsificação

KENNEDY ALENCAR

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O ministro da Casa Civil, José Dirceu, levou um baíta susto na semana passada. Foi informado pela Caixa Econômica Federal que era uma "cópia" o relógio Rolex que recebera de presente do deputado José Carlos Martinez (PTB-PR) e que doara ao programa Fome Zero. Em bom português, uma falsificação do famoso e caríssimo relógio.

O ministro ficou contrariado. O Rolex já lhe rendera tremenda dor de cabeça. A amigos, contou que, quando o ganhou, num jantar promovido por Martinez no começo do ano, foi dormir tarde e se esqueceu da proibição do código de ética do governo federal. Só o doou um dia depois.

Autoridades como Dirceu estão impedidas de receber brindes superiores a R\$ 100. Há algumas exceções para o presidente.



Pelo código, se superior a R\$ 100, o presente deve ser devolvido ou doado ao patrimônio da União. Imediatamente, Dirceu telefonou para Martinez e contou que

a Caixa, que avalia objetos de valor doados ao governo, diagnosticara a falsidade de um relógio.

"Martinez, te enganaram. O Rolex que você me deu de pre-

sente é falso", afirmou o ministro, segundo relato do próprio Martinez. O deputado, que é presidente do PTB, um dos partidos da base do governo Lula, pediu "mil desculpas" e se prontificou a providenciar "um novo Rolex para o Fome Zero".

Na versão de Martinez, ele comprou o relógio de um amigo em novembro do ano passado, por R\$ 5.000. A *Folha* insistiu para que o deputado revelasse a identidade do vendedor, mas ele se recusou: "É uma pessoa sem importância, lá do Paraná. Estou chateado. Você conhece o ditado: 'Quem compra mal, paga duas vezes'", justificou-se.

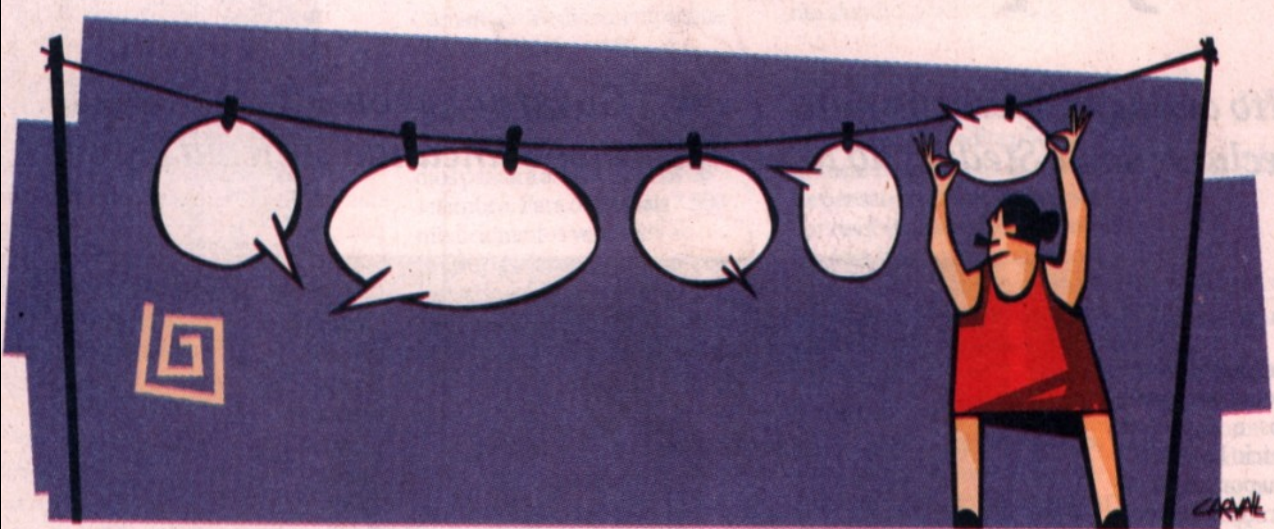
Após a conversa com Dirceu, Martinez disse que foi "a maior joalheria de Curitiba, representante da Rolex", e comprou um novo por R\$ 12 mil. "E o relógio falsificado, deputado?", indagou a *Folha*. "Fiquei tão chateado que joguei no lixo."

ANEXO J 20: Ilustração de Carvall para os textos *O povo como co-responsável* e *Um canto de fogo*, publicados na coluna *Tendências/Debates*, na página A3, da *Folha de São Paulo*, dia 26 de julho de 2003.

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo
E-mail: debates@uol.com.br

É apropriado que se decida em referendo sobre a proibição do comércio de armas?



SIM

O povo como co-responsável

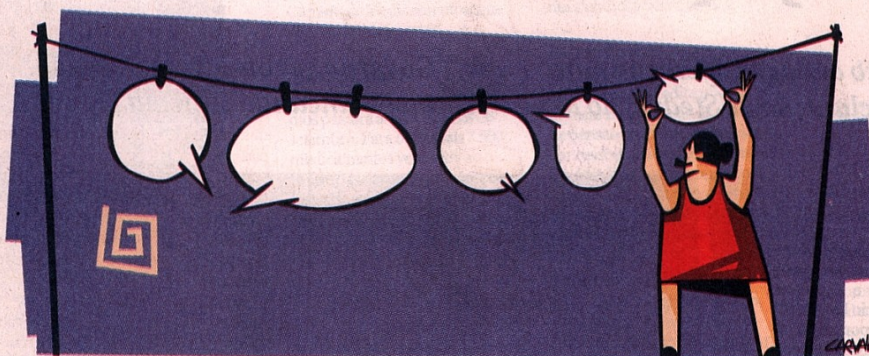
RENAN CALHEIROS

S 49 MIL assassinatos que o Brasil do. Os instrumentos participativos ser- mos 13% dos crimes do planeta. A arma

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
E-mail: debates@uol.com.br

É apropriado que se decida em referendo sobre a proibição do comércio de armas?



SIM

O povo como co-responsável

RENAN CALHEIROS

OS 49 MIL assassinatos que o Brasil registra a cada ano mostram que mudanças na segurança pública são urgentes e prioritárias. Tantos crimes com armas de fogo estão levando a sociedade a uma reflexão profunda sobre o problema da violência, que ceifa vidas de pessoas inocentes.

Tão importante quanto aperfeiçoar a legislação é modernizar os meios de que o Estado dispõe para enfrentar a criminalidade. O Congresso Nacional tem fornecido instrumentos que ajudam a aliviar a pressão exercida pela criminalidade sobre todas as classes sociais, sobretudo as menos favorecidas. Propostas importantes, como mudanças no Código Penal, no inquérito policial e no sistema penitenciário, precisam ser implementadas rapidamente. Entre as matérias relacionadas à questão da segurança que tramitam no Congresso estão a reforma do Judiciário, centenas de acordos de cooperação penal internacional e a que eu considero a mais relevante de todas: a proibição da venda e do uso de armas e munições. Essa ideia nasceu em 98, quando eu ainda ocupava o Ministério da Justiça. No início deste ano, reabrimos a proposta nesse sentido, reabrindo o debate sobre o tema.

Como a restrição às armas é tema polêmico, o assunto pode e deve contar com a decisão direta da população. A democracia participativa é um processo permanente de educação para a cidadania. O povo, como co-responsável, deixa de ser "objeto", para ser "sujeito" das decisões. Com isso, o regime democrático, pelo processo constante de cobrança e controle da população, é fortaleci-

do. Os instrumentos participativos servem para corrigir os vícios de sistemas de governo desassociados da opinião pública. Dá-se ao povo o direito e a oportunidade de decidir questões relevantes e, muitas vezes, polêmicas.

Uma dessas consultas é o referendo, semelhante ao plebiscito. A diferença é que, no caso do referendo, os cidadãos são chamados a dizer, optando pelo sim ou pelo não, se alguma medida ou lei já aprovada deve valer, como prevê nossa Constituição. O referendo é frequentemente utilizado em vários países do mundo, principalmente nos EUA, Suíça e França. E até aqui, na América do Sul, temos notícias de referendos, como o que aconteceu no Uruguai, em 1994, sobre reformas constitucionais. Mas, no Brasil, infelizmente ainda não utilizamos esse tipo de consulta popular.

Agora, após intenso debate no Congresso e na sociedade sobre medidas de restrição às armas de fogo, teremos essa oportunidade. O texto aprovado pelo Senado, que ainda precisa ser votado pela Câmara, define, entre outras coisas, que será realizado referendo popular em 2005 sobre a proibição da venda de armas em todo o país. Eu, particularmente, prefiro que a consulta se realize junto com uma de nossas eleições, para evitar custos extras à Justiça Eleitoral.

As restrições ao uso e à venda de armas e munições são uma tendência internacional. E, no caso do Brasil, tornam-se uma questão crucial, já que nosso país é considerado pela ONU o campeão mundial em crimes cometidos com armas de fogo. Nós temos 2,78% da população do mundo, mas registra-

mos 13% dos crimes do planeta. A arma está na raiz do crime sem causa. Sua banalização — o crime praticado pelo cidadão comum — é responsável por 9 em cada 10 assassinatos.

Claro que há outros fatores que influem em um problema tão complexo como o da violência. Mas uma comparação das taxas de homicídios dos países que restringem a venda de armas, como os da Europa ou o Japão, com aqueles que não o fazem, como os EUA ou o Brasil, sugere que um maior rigor influi positivamente na diminuição do índice de criminalidade.

A segurança pública deve ser vista como prioritária, e dela todos dependem. Ações como melhor planejamento urbano, políticas sociais dirigidas, aumento da oferta de emprego e projetos alternativos são bem-vindos, mas todos só denotam soluções a médio e longo prazos. O combate à criminalidade, em geral, exige medidas emergenciais. E uma dessas medidas é retirar as armas das ruas e das mãos de quem, erroneamente, pensa estar seguro com elas.

O importante é que essa experiência sirva para consolidar o referendo como mais uma alternativa de consulta popular, resultante das facilidades criadas pela urna eletrônica. Esta é, sem dúvida, uma das formas de derrotarmos o forte lobby dos fabricantes de armas, que atua hoje dentro e fora do Congresso, e mudarmos a cultura da violência que persiste no país.

Renan Calheiros, 47, senador pelo PMDB-AL, é líder do partido no Senado. Foi líder do governo na Câmara dos Deputados (governo Collor) e ministro da Justiça (governo Fernando Henrique).

NÃO

Um canto de fogo

OSCAR VILHENA VIEIRA

N O ÚLTIMO ano, mais de 46 mil pessoas foram vítimas de homicídio em nosso país. Isso nos coloca na vexatória posição de uma das nações mais violentas do mundo, com 27 homicídios para cada grupo de 100 mil habitantes. Esse número supera em muito o número de mortes nas duas recentes guerras levadas a cabo pelo maior império militar que a história já conheceu.

A violência, embora a todos afete, como tudo no Brasil, também é distribuída de maneira absolutamente desigual. Os mortos são prevalentemente jovens pobres, moradores das periferias e favelas das grandes cidades. A incidência de homicídios entre jovens de 15 a 24 anos é quase duas vezes maior do que entre adultos. Em algumas regiões de São Paulo e do Rio de Janeiro, a taxa de homicídios entre os jovens chega a ser de 438 vítimas em cada grupo de 100 mil habitantes, enquanto em regiões mais afluentes a taxa não atinge dois dígitos.

As causas dessa crescente barbárie são múltiplas e profundas. Passam pela desigualdade, pelo esgarçamento dos vínculos comunitários, pelo caos urbano, pela ausência de trabalho para largas parcelas da população, além da droga e do álcool. Por outro lado, os órgãos de aplicação da lei têm se demonstrado claramente impotentes em face do crescimento da criminalidade.

Se as causas são múltiplas, o instrumento pelo qual são perpetrados mais de 90% dos homicídios no Brasil é o mesmo: a arma de fogo. Embora não haja dados para todo o Brasil, é significativa a descoberta, de Guaracy Minguardi, de que quase 50% dos homicídios em São Paulo ocorrem entre pessoas que se conhecem e o autor dos disparos não tem passado criminal. Isso reforça a tese de que grande parte dos

homicídios seria evitada se pessoas comuns não andassem armadas ou não tivessem armas de fogo em casa, onde, além de gerar acidentes, servem para oprimir e vitimar filhos e mulheres. Isso sem dizer que é uma ilusão acreditar que a arma de fogo efetivamente proteja uma pessoa comum. Como demonstram dados da Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo, o portador de arma de fogo tem uma chance 57% maior de ser vítima de latrocínio do que aquele que não porta uma arma.

No Brasil mata-se com revólver brasileiro que em nenhum momento teve uma existência legal. Ou são armas roubadas de alguém que as adquiriu legalmente, inclusive de policiais e seguranças privados, ou são armas que, exportadas para países fronteiriços, voltaram para cá ilegalmente. Assim é que se abastece o mercado dos criminosos. Assim é que a tensão derivada da miséria e a luta pela sobrevivência nas periferias sociais brasileiras se transformam em uma guerra sangrenta.

Apesar dos milhares de cadáveres, as elites políticas brasileiras não têm se sentido suficientemente constrangidas para atacar as causas desse massacre diário ou, ao menos, para buscar reformar instituições e leis que poderiam de alguma forma ter um impacto no combate à criminalidade. Há mais de uma década pendem no Congresso projetos de reforma da polícia e do Judiciário, que têm sido sistematicamente emperados por interesses corporativos e por uma irresponsável inércia política.

Finalmente, nesta última semana, um passo importante parece ter sido tomado pelo Senado, que aprovou projeto de lei que restringe enormemente o acesso às armas de fogo no Brasil. Esse projeto tem um problema, no entanto. Sua me-

dida mais dura, que se refere à proibição da comercialização de armas de fogo para a população civil em geral, depende de aprovação plebiscitária, marcada para outubro de 2005. É lamentável que após anos de omissão em criar uma política consistente de segurança, o Parlamento busque se esquivar da responsabilidade de enfrentar o lobby das armas e dos gigolôs da violência, transferindo à população a decisão.

A história da democracia, especialmente de suas crises, aponta que devemos tomar certos cuidados com arrochos plebiscitários. Não podemos, em nome da democracia, colocar em risco as próprias condições de perpetuação do jogo democrático ou os valores fundamentais em função dos quais constituímos os regimes democráticos, como o direito à vida. Há certas limitações que, em vez de fragilizar ou amesquinhar as democracias, tornam-nas materialmente mais sólidas e consistentes com os princípios de justiça que as informam. Embora haja pesquisas de opinião que apontem para uma tendência contrária às armas de fogo no Brasil, parece-me irresponsável que um tema absolutamente emocional como esse (pois muitas pessoas acham que estão mais protegidas portando armas) seja deixado ao jogo das paixões circunstanciais.

Nesse sentido, é responsabilidade do Congresso, tendo em vista as toneladas de informações colocadas a sua disposição, decidir se quer evitar milhares de mortes todos os dias ou se quer colocar uma população amedrontada à disposição daqueles que vêm há muitos anos entoando o canto de fogo das sereias, que agrava nosso holocausto cotidiano.

Oscar Vilhena Vieira, 37, professor de direito constitucional da PUC-SP e da Escola de Direito da FGV-SP, é diretor-executivo da ONG Conectas Direitos Humanos.

ANEXO J 21: Ilustrações de Marcelo Cipis para o texto *Crimes da cidade em mutação*, dia 11 de janeiro de 2004, página 7, do caderno *Cotidiano*, da *Folha*. Faz parte da série SP450, comemorativa aos 450 anos de aniversário da cidade de São Paulo.



CAMINHOS DA MEMÓRIA / PAULO JOSÉ DA COSTA JR.

a e explicou
zer o corte
lias depois,
n três malas
nas) era en-
minhoneiro

e o advoga-
gado de de-
pou conse-
n primeira
defesa. Pe-
por ocuta-
ti que o ma-
o com uma
ambém não
no agravam-
sência e até
iro da rela-
o amante",

Jr. se torna-
as crimino-
es da libera-
ção, brigas
erminar em
lo repressor
mulher que
nachadas

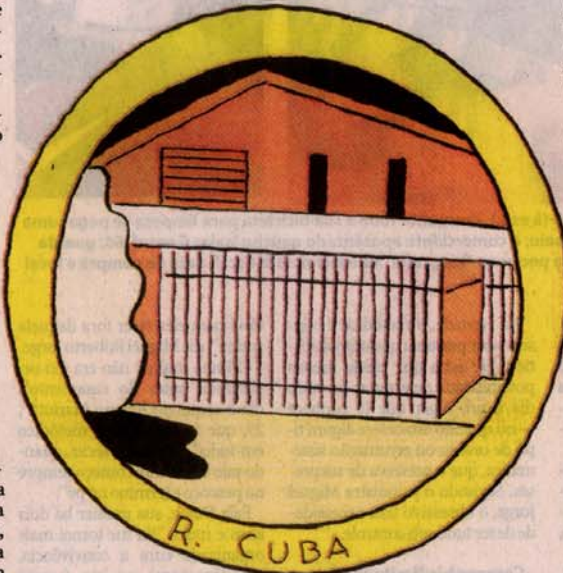
delas, Maria
a pela sus-
le que havia
nachado no
rmia. Costa
ribunal que
rcas de san-
no assoalho.
pena no pri-

u, e o defen-
julgamento
onfessado,
do da se-
tinha si-
co para
e, não a
ormia.
as ma-
sono e
plásti-
e man-

u tam-
Fagun-
zia ponto
Júlio Mes-
um investi-
a espancada
a para casa
o. Um dia,
o café, teve a
amante em

u em segui-
chamas com
a pena mini-
lposo. Costa
tarde, padri-
a "regenera-

lista recebeu
pedido para
não tivesse
Gino Mene-
ladrão que
a polícia re-
ações auda-
adas de 1910
u ninguém.



Pa-
du-
Sil-

Era um ladrão
ma o advogado
negretti da pri-

Tornaram-se
explicou a Cos-
sempre agir so-
sar mais de cin-
da residência.
estava ausente
ir à praça da R-
os carros estaci-

Numa ocasi-
de roubar da r-
na avenida
com as cor-
liana (esm-
mantes).
jóia, vist-
captura,
O mist-
o "Crim-
Jardim
ra do Na-
Jorge To-
vogado, e
Cecília, f-
mortos na
cabeça.

Quem teria s-
As suspeitas
lho do casal, Je-
chabki, então
não foi a julga-
provas.

No livro "
(editora Miller
ta levanta sua
clia teria sido
e este, por sua
Jorginho B-
processar Cos-
mas, em outu-
os juizes da 12-
nal de Alcad-
Paulo entende
crime, arguin-
ou à dedução.

Bouchabki j-
recorrer da de-
Outro caso
atuou, mas qu-

ANEXO J 22: Ilustração de Marcelo Cipis para o texto *Ganancioso, malicioso, pretensioso...*, publicado na coluna de Pasquale Cipro Neto, na página 2, do caderno *Cotidiano*, na *Folha de São Paulo*, dia 24 de julho de 2003.



PASQUALE CIPRO NETO

Ganancioso, malicioso, pretensioso...

A COLUNA da semana passada terminou com uma referência à palavra "sanção", que, como vimos, pode significar "aprovação que o chefe de Estado dá a uma lei" ou "punição a que está sujeito quem transgredir a lei ou não cumpre um contrato".

Pois bem, palavras como "sanção", "transgressão", "compreensão" etc. muitas vezes nos deixam em dúvida quanto à grafia, visto que são três as terminações existentes ("ção", "são" e "ssão").

Não pretendo arrolar receitas (algumas delas pouco práticas) para que se evite o erro na grafia dessas terminações. Em geral, a leitura frequente (e atenta) nos familiariza com os casos mais constantes. De fato, quem lê assiduamente mecaniza a grafia de palavras como "exceção", "transmissão", "suspensão" etc.

Parece mais interessante apro-

veitar o mote para comentar algumas "racionalidades" e "irracionalidades" da nossa grafia.

Conhecemos pelas racionalidades. Como se chama quem nos edifícios comerciais opera o elevador? Chama-se "elevadorista", não? Não; chama-se "ascensorista". Pouca gente no Brasil sabe o que é um ascensor, mas todos sabem o que faz um ascensorista.

Ué, não vamos falar das racionalidades? Pois a racionalidade está na grafia: "ascender", "ascensor", "ascensorista", "ascensional" e "ascensão" pertencem à mesma família. Se grafamos "ascensorista" com "s" depois do "n", grafamos a família toda assim, a começar por "ascensão", que muitas vezes se vê grafada com um indevido "ç" depois do "n".

Por falar em família, convém citar a dos substantivos relativos aos verbos derivados de "er":

"obtenção", "contenção", "manutenção", "detenção", "retenção", "abstenção". Como se vê, todos terminam em "ção" (com "ç").

Outra "racionalidade" que se pode citar é a da grafia de palavras como "ganancioso", "mendicioso", "malicioso", "delicioso", "minucioso", "silencioso", todas terminam em "cioso", com "c" antes do "i". Pois é aí que mora o perigo. A "racionalidade" está no fato de que todas elas têm esse "c" antes do "i" por derivarem de palavras em que já há o "c" ("ganância", "tendência", "malícia", "delícia", "minúcia" e "silêncio", respectivamente).

A falsa idéia de que a terminação "cioso" seja única pode nos fazer errar a grafia de "ansioso" e "(des)pretensioso", por exemplo, que se grafam com "s", já que, respectivamente, derivam de "ansia" e "pretensão", que se escre-

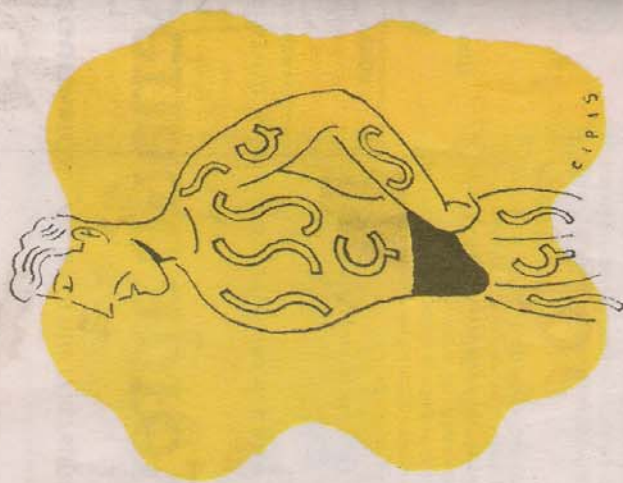
vem com "s". Convém lembrar que a terminação latina "osio" (grafada com "s") indica "abundância", "posse plena".

Bem, para compensar, vamos a uma complicada "irracionalidade". Qual é o substantivo que significa "ato de estender(-se)"? Pois é, "estender" se grafia com "s", mas o ato de estender é "estensão", com "x". Não é à toa que, no verbete "estender", o dicionário "Houaiss" faz esta observação: "A grafia oficial desta palavra exige o s, em confronto com o étimo latino, que é com x, o qual, no entanto, foi mantido em extensão, extensivo, extenso etc."

É preciso cuidado com "estendido". Trata-se do particípio de "estender", verbo cujas flexões (todas) são grafadas com "s". E isso.

Pasquale Cipro Neto escreve nesta coluna às quintas-feiras

@ → E-mail - inculta@uol.com.br



ANEXO J 23: Ilustração de Alex Cerveny para o texto *Enfezado, Rubinho vira Rubão...*, publicado na coluna de Barbara Gancia, na página 2, do caderno *Cotidiano*, na *Folha de São Paulo*, dia 25 de julho de 2003.



BARBARA GANCIA

Enfezado, Rubinho vira Rubão

BUÁÁÁ! ACHO que vou chorar de tanto do que eles me dão. O ministro do STJ Nilson Nabeset hounid e confidencia ao repórter que está "muito magoado com o governo". Está certo o ministro. Que petulância é essa do governo de querer acabar com os privilégios do juiz? Snif, snif!

O juiz Lalau, condenado por desvio de verbas do TST, vai para casa de maua cumprir a sua pena no aconchego do lar e o médico que o atende festeja a chegada da ambulância na casa no Morumbi, dizendo que prisão não é lugar para quem está em depressão profunda. Buááá!

Por fim, só faltava mais essa: o ex-prefeito Paulo Maluf é detido em um banco em Paris e obrigado a passar horas dando explicações às autoridades fazedouras da França sobre a natureza da operação bancária que estava pre-

tendendo realizar. Ora, ora! Será que um turista não pode nem mais entrar em um banco e fazer umas perguntas? O Maluf tem culpa se é curioso? Buááá!

Mas isso tudo é pinto perto da foto publicada nesta semana na Folha, a do português acusado de tráfico de ovos de pássaros silvestres para Portugal. A foto mostrava o acusado de torso nu, com uma espécie de meia contendo 58 ovos amarrada em torno do abdômen. Já pensou o que não deve ser se espremer naquela poltrona obscena da classe econômica com 58 ovos amarrados na cintura? E na fila de embarque? Já imaginou se ele esbarra no Rubinho Barrichello de troféu na mão?

Por falar em Barrichello, um dia é da caça e o outro da pesca, não é mesmo? O jornal "Lance!" reclamou de que basta o Rubinho vender que o pessoal da Globo já sai dizendo que ele é um grande pilo-

to. Na verdade, Rubinho é um piloto quando está desmotivado (ou sob pressão da Ferrari) e outro quando é provocado pelo Schumacher. Lembra aquele primeiro GP que ele venceu de forma espetacular na Alemanha? Dias antes da corrida, o Schummy também tinha cultuado a onça com vara curta. Conclusão: Barrichello só será campeão mundial se ficar o ano inteiro pé da vida.

Deixei a nota mais triste para o final: lembra aquela cachaorra-vira-lata, a Xuxa, que salvou um bebê que estava sendo atacado por dois rottweilers e um pit bull? Na época, todos os jornais estamparam a sua foto. Pois ela caiu no esquecimento e acabou morrendo de inanição, jogada nas ruas do Guarujá. Que tipo de gente nós somos, que deixamos uma criatura notável como a Xuxa morrer de fome?



QUALQUER NOTA

Devastação

Quem estará aparando as árvores da avenida República do Líbano? A prefeitura diz ter contratado uma empresa terceirizada para o serviço. Mas, a julgar pelo estrago promovido, o único palpite plausível é o de que elas estejam sendo trucidadas por discípulos enfurecidos de Atila, o Huno.

Bebem demais

A Helena da novela diz que a Santana bebe por ter "baixa auto-estima". O que é isso, Manoel Carlos? Baixa auto-estima é invenção de gringo. A Santana bebe porque sofre de uma doença chamada alcoolismo, já que a novela insiste na tecla do didatismo, não seria bom deixar isso claro?

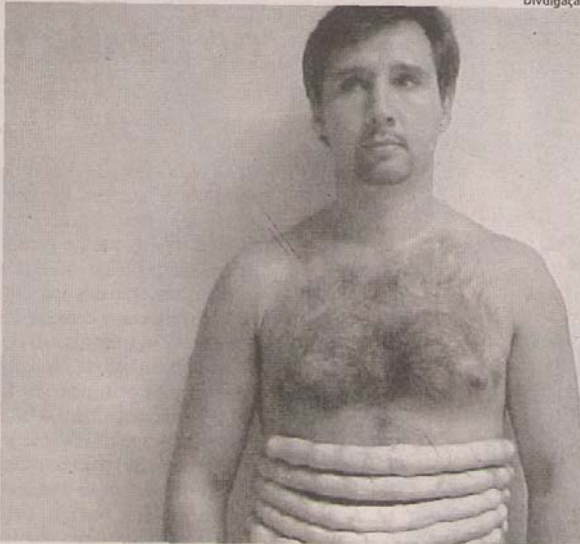
© → E-mail: barbara@uol.com.br
www.uol.com.br/barbaragancia/

ATMOSFERA

ANEXO J 24: Notícia publicada na página 4 do caderno *Cotidiano*, da *Folha de São Paulo*, no dia 23 de julho de 2003. Tratou do fato que também foi objeto dinâmico da coluna de Bárbara Gancia, no dia 25 de julho de 2003; e da matéria *Português é preso 'chocando' ovos*, no *Jornal da Tarde*, dia 23 de julho de 2003.

PANORÂMICA

Divulgação



João Herculano, que tentou ir para Lisboa com ovos na cintura

RECIFE Estrangeiro é preso sob acusação de traficar ovos de pássaros silvestres do país

A Polícia Federal deteve na noite de anteontem o português João Miguel Folgosa Herculano, 31, acusado de traficar ovos de pássaros silvestres brasileiros para Portugal. Herculano foi flagrado com 58 ovos escondidos dentro de cinco meias de náilon. Eles estavam embrulhados em guardanapos de papel e presos como cintos ao redor do corpo.

A detenção ocorreu na sala de embarque do aeroporto de Recife, quando o acusado se preparava para viajar a Lisboa, após passar pelo Amazonas, Mato Grosso, Tocantins e Brasília. Foram encontrados na bagagem dele uma incubadora, remédios contra fungos e bactérias, GPS (localizador por satélite), três celulares e R\$ 800 em dinheiro.

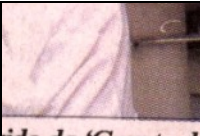
No momento do flagrante, o português teria dito que os ovos eram de codorna e que seriam vendidos para amigos dele em Lisboa. Duas veterinárias que acompanhavam a operação, entretanto, disseram que os ovos pertenciam a diversas espécies de aves, entre elas supostamente a da arara-azul de leão, cujo exemplar adulto pode valer até US\$ 120 mil no exterior, informou a PF.

Na superintendência da PF de Pernambuco, o acusado manteve a versão de que os ovos eram de codorna. Após ser ouvido, ele foi liberado e responderá o processo em liberdade. Segundo a PF, Herculano, que vinha sendo investigado havia três meses, foi acusado com base na Lei dos Crimes Ambientais, por transportar ovos sem permissão ou licença das autoridades.

O crime prevê pena de seis meses a um ano de prisão. Se os ovos pertencerem a um animal raro ou em extinção, a eventual punição pode aumentar em 50%.

(DA AGÊNCIA FOLHA, EM RECIFE)

ANEXO K 1: Ilustração de Baptistão para o texto *Os muitos Bernardinhos*, publicado na página E6 do caderno de *Esportes*, do *Estado de S. Paulo*, dia 20 de julho de 2003. (Chamada na capa da edição.)



ido da 'Garota de Ipanema', Helô Pinheiro, na luta para parecer jovem **Pág. B8**

n-Loup Gautreau/AFP



Bernardinho, em busca da perfeição

Perseverante, obstinado, estrategista, exigente, disciplinado, educado, comunicativo, vitorioso. Estas são algumas das características que amigos e jogadores apontam em Bernardinho, técnico da seleção brasileira masculina de vôlei campeã da Liga Mundial. "Fico assustado com isso", diz Bernardinho sobre fama e elogios. E avisa: continuará lutando para ser ainda melhor. **Pág. E6**

Baptistão

ubinho vibra ao
os de sexta-feira

avancam no
retor do De
de Souza, "
das sintética
so dos trafic
as drogas no

**Brasilei
Corinth
Palmeir**

Pelo Cam
o Santos gol
nense, no Ri
rinthians ver
Pacaembu, j
de Abuda. Já
meiras fez 1
no Palestra I

■ Copa Ou
23 do Brasil
Miami a da C
Kaká fez os
frenta os EU

HOJE

190 páginas

Primeiro Caderno ..20	(M) Casa & Família ...24
Economia 12	(T) Telejornal 12
Cidades 8	(Ca) Autos 26
Caderno 2/	(Cc) Construção

CLASSIFICADOS

113 páginas	11.292 anúncios
(Ci) Imóveis	26 págs.
(Ca) Autos	26 págs.
(Cc) Construção	8 págs.

COLU
DORA
P

ANEXO K 2: Ilustração de Baptistão para o texto *Os muitos Bernardinhos*, na página E6 do caderno *Esportes*, do *Estado de S. Paulo*, dia 20 de julho de 2003.

ESTADO DE S. PAULO

ESPORTES

DOMINGO, 20 DE JULHO DE 2003

PERFIL

Os muitos Bernardinhos

esporte e na vida, o homem obstinado, perfeccionista e solidário, que sempre a vitória

GUARDO NUNOMURA

Quem já parou para contar as qualidades atribuídas ao técnico Bernardinho? Parentes, amigos de quadra não cansam de lembrar algumas: obstinado, perfeccionista, estrategista, disciplinado, perseverante, estudioso, guerreiro, educado, íntimo, autêntico, humilde, companheiro, leal, esforçado, solidário. E o que pensa o Bernardinho Rocha de Rede de 43 anos, 1,85 metro, atacante da seleção brasileira e um jê-tão de futebol trabalhador? "Confesso um pouco assustado com essa coisa de mito, absolutamente irreais!"

Uma semana passada, Bernardinho parou um só minuto para um hábito, quase um vício: ler palestras, visitar parentes, exercitar-se e jogar de comerciais — seria gravado na sexta, em Curitiba, para uma ajuda a crianças com problemas renais. Leitor de livros motivacionais, Bernardinho ficou assustado com o presente que ganhou de um amigo. Era o livro *O Amor é a Melhor Estratégia*, de Tim Sanders, do bilionário portal Yahoo!, como exemplo de quem se entrega ao trabalho de corpo e alma ao amor (...).

Bernardinho admite que a pressão por sucesso está criando uma tensão que ele não sabe mais suportar. Para o técnico da seleção brasileira de vôlei masculino, a cobrança serve para o treinamento, mas ele tem clareza de que quanto maior a pressão, mais ele tem clareza de que não pode mais. Quem o vê na quadra não sabe o que ele está pensando. Quem o vê na quadra não sabe o que ele está pensando. Quem o vê na quadra não sabe o que ele está pensando.

Há dois Bernardinhos: o que vem da academia e o que vem da quadra. O primeiro é o Bernardinho que vem da academia e o que vem da quadra. O primeiro é o Bernardinho que vem da academia e o que vem da quadra.

Bernardinho leu o livro *O Amor é a Melhor Estratégia* e se assustou: é citado pelo autor, Tim Sanders, do bilionário portal Yahoo!, como exemplo de quem se entrega ao trabalho de corpo e alma

do, estagiou por seis meses Banco Garantia, a convite de André Lara Rezende. Mas as quadras o atraíram mais.

Esforço — Seu mestre nas quadras foi Bené, o primeiro treinador. Foi capitão de quase todos os times em que jogou seu espírito de liderança contagiava. Num torneio infantil, ficaria fora da disputa Rio x Bahia por contusão. Mas o técnico Bebeto de Freitas pediu-lhe que entrasse na quadra só para animar os companheiros. Vitória dos cariocas. Aos 20 anos, pouco antes da Olimpíada de Moscou, em 1980, Bernardinho rompeu o menisco. Com força de vontade, passou pela cirurgia. Na tarde do mesmo dia, deitado, já batia a cabeça na parede. Não perdeu o condicionamento e, em 40 dias, estava recuperado.

O ex-jogador Renan, hoje representante de Vôlei da Unisul, lembra dos esforços que seu "mão" fazia nos tempos de seleção. Nos treinos, William e quase um velocista. Bernardinho, não. Mas, para não ficar para trás, corria muito para chegar entre os primeiros. "Pô, onde você tira todo esse gás?", perguntava Renan. Reserva de William, o atual treinador da seleção sempre admitiu a superioridade do titular e o admirava.

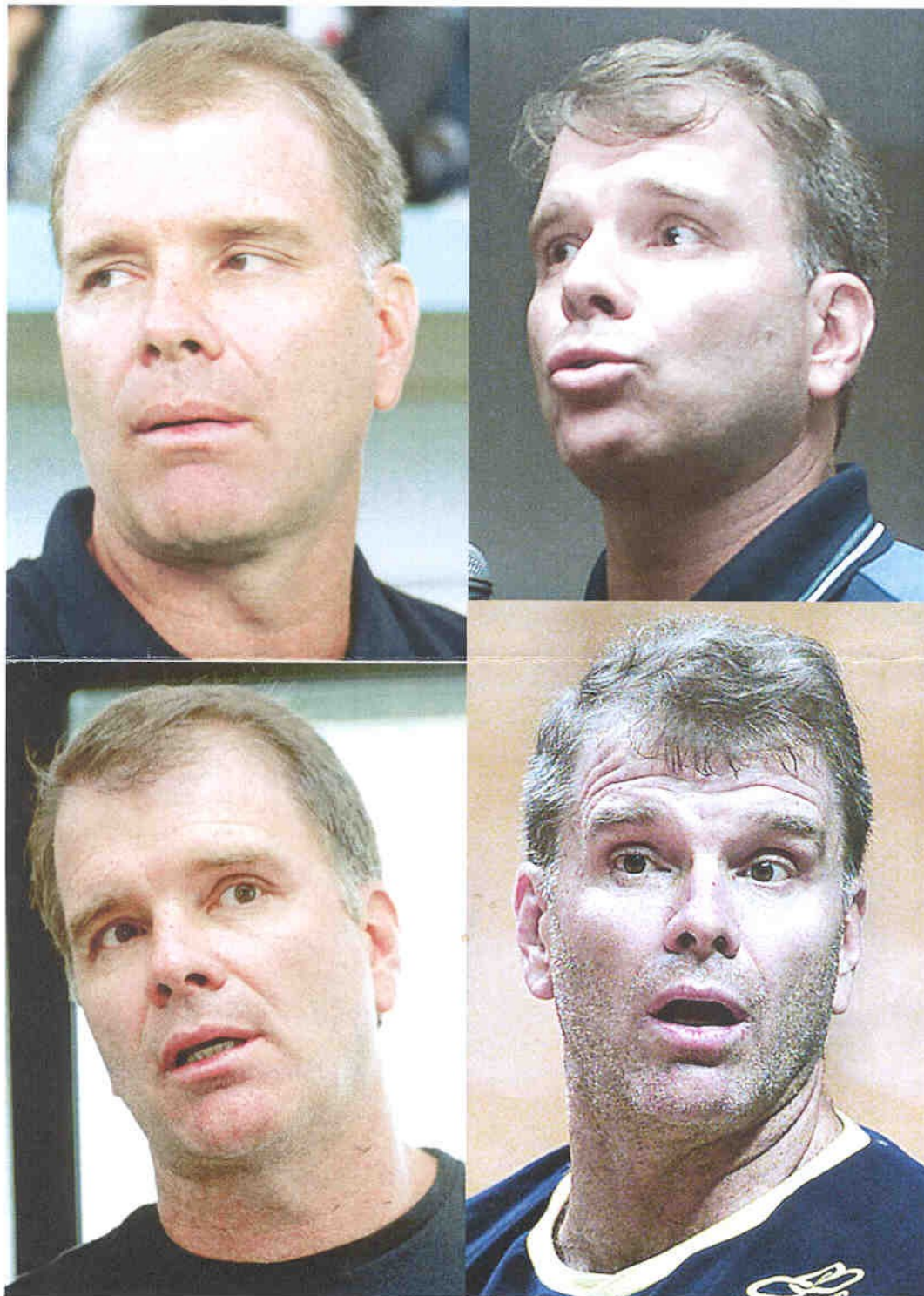
Depois de ter integrado o grupo que conquistou a prata olímpica em Los Angeles, em 1984, Bernardinho decidiu se arriscar na carreira de empresário. Não fez feio. Assumiu parte da direção do restaurante Delírio Tropical, de saladas e sanduíches. Deu palpites e ajudou o sócio Paulo Antônio Monteiro a expandir o empreendimento, hoje com seis lojas. "Para mim, era máximo", lembra Monteiro. Sabe que a experiência foi de pouco mais de seis meses. Bernardinho partiu para Itália com Vitor Mossa para treinar o capenga time do Perugia. Salvou o rebaixamento, foi campeão no ano seguinte e, depois, campeão europeu. Treinou ainda um time masculino de Modena.

No fim de 93, voltou ao Brasil para dirigir a seleção feminina. Era o início da "era Bernardinho", que, desde então, resultou em 14 títulos no feminino e 1 no masculino. Em 1994, ganhou o primeiro grande campeonato como técnico, o Grand Prix de China, versão feminina da Liga Mundial. Foi nesse torneio, decidido numa eletrizante vitória no tie-breaker diante das cubanas que teve início o namoro com Fernanda Venturini, a quem considera a melhor jogadora brasileira de todos os tempos.

Tudo começou com uma troca de olhares pelo espelho da sala de musculação. Bernardinho afirma que foi ele o perseguido. Fernanda ganhante que foi ela, só que mais incisiva, questionou o flerte. "Todas as minhas amigas dizem que tirei a sorte grande", diz a jogadora.

Equipe — Supersticioso Bernardinho prefere a cor azul e gosta de usar os mesmos tênis. Na final da Liga Mundial, no último domingo, exibiu o par da conquista do título de Mundial da Argentina, em 2002. Perde o sono diante de uma convocação, um corte de jogadores ou a véspera de uma

ANEXO K 3: Fotos usadas como referências para esboços de Baptistão, ao fazer a caricatura de Bernardinho, publicada no jornal *Estado de São Paulo*, no dia 20 de Julho de 2003.



ANEXO K 4: Primeiro esboço de Baptistão para caricatura de Bernardinho, publicada no jornal *Estado de São Paulo*, no dia 20 de Julho de 2003.



ANEXO K 5: Segundo esboço para caricatura (edição de 20/07/2003).



ANEXO K 6: Terceiro esboço para caricatura de Bernardinho (edição de 20/07/2003).



ANEXO K 7: Quarto esboço para caricatura de Bernardinho (edição de 20/07/2003).



ANEXO K 8: Quinto esboço para caricatura de Bernardinho (edição de 20/07/2003).



ANEXO K 9: Caricatura de Euclides da Cunha, com autoria de Loredano, publicada junto à matéria *Euclides, nos fragmentos de Roberto Ventura*, no *Estadão* (Caderno2/Cultura, p.14), dia 20 de julho de 2003.

s fragmentos de Roberto Ventura

resgatada nos
estudiosos da vida
de 'Os Sertões',
é o fim do mês

o que não chegou a realizar:
correr a Plutarco: princípio
vidas paralelas: Euclides e
selheiro como vidas parale-
invertidas, Conselheiro co-
personagem criado por Eue-
es, que aponta em sua vida
omponentes trágicos e ar-
os que acabaram se proje-
o sobre sua vida", escreveu
uma das notas preparató-
para a biografia (embora
não tivesse usado nada que
prasse a expressão durante
trevista ao **Estado**, a sugere-
artamente – e ela foi publica-
om o título *As vidas parale-
e Euclides e Conselheiro*).
"guia sumário" de Ventura
a, até o fim do mês, às li-
ias, publicado pela
panhia das Letras.
ora aparentemente
cto de *Euclides da
ha – Um Esboço
ráfico* tenha ficado
m do que Ventura pla-
va fazer, o resultado,
i, justifica sua edição. O
restou nos arquivos de Ven-
resultou num livro que, ao
no tempo, serve a especia-
s, por condensar informa-
importantes, e a leitores
uns, por narrar de maneira
a vida de Euclides.

ordem é cronológica e, co-
lerta uma nota dos editores,
te certa desigualdade entre
pítulos e subcapítulos": "Al-

rias atividades que buscou de-
senvolver. Desde seu protesto,
quando cadete, diante do minis-
tro da Guerra do Império, Tomás
Gallagher, em 1898,

do historiador Hippolyte Taine,
formulador da teoria naturalista
da história, na organização da
obra (dividida em três partes: A




Pesquisador é homenageado

De 9 a 15 de ago-
deste ano, a 9
Semana Euclí-
na, que ocorre anual-
te em São José do Rio P-
do (SP), onde Euclides
Cunha escreveu boa p-
te de *Os Sertões*, home-
geará Roberto Ventu-
Entre os eventos pre-
tos está o lançamento
livro *Retrato Interrom-*

ANEXO K 10: Caricatura de Gilberto Mendes, com autoria de Loredano, publicada junto à matéria *Grupo dos EUA grava autores latino-americanos*, no *Estado* (Caderno2, p.4), dia 22 de julho de 2003.



ANEXO K 11: Caricatura de Machado de Assis, com autoria de Loredano, publicada junto à matéria *O passado diz presente* no *Estadão* (Caderno2/Cultura, p.5), dia 10 de agosto de 2003.



ANEXO K 12: Ilustração de Baptistão para o texto *O glorioso dia seguinte de Rubinho*, na capa do caderno *Esportes*, do *Estado de S. Paulo*, dia 22 de julho de 2003.



ANEXO K 13: Foto de Rubinho Barrichello publicada na capa do caderno *Esportes*, do *Estado de S. Paulo*, dia 21 de julho de 2003.



er, ele ficou de pé para ver minha corrida”

ANEXO K 14: Ilustração de Baptistão para o texto *Ouvindo as preces dos fariseus*, na página 2 do *Estado de S. Paulo*, dia 16 de julho de 2003.



JOSÉ NÊUMANNE

Ouvindo as preces dos fariseus

Recente-mente o presidente Luiz Inácio Lula da Silva desafiou chuva, sol, geada e os Poderes Legislativo e Judiciário para garantir que retiraria o Brasil do atoleiro econômico e social por cima de pau e pedra. Só ressaltou um poder capaz de deter sua mão: o divino. Quem conhece

a sensação de onipotência que dá o poder, mesmo limitado, e, sobretudo, a força persuasiva da lisonja se contentou em saber que Sua Excelência se submete aos desígnios da Providência, que, como se sabe, são inescrutáveis. Pode crer, preclaro leitor, que essa boa nova não é de pouca monta.

No entanto, para as coisas serem repostas no lugar certo bastou o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Maurício Corrêa, político de carreira curta e jurisconsulto de muita sorte (não é fácil chegar ao topo no Poder Judiciário sem produzir uma obra que justifique tal ascensão), promovido por um amigo (Itamar Franco) guindado à Presidência da República por circunstâncias fortuitas (nem eleito para o cargo fora), defender os privilégios da corporação. O presidente não pode tudo, é claro: não faz chover, não desfaz os danos do gelo nas plantas, não reduz os efeitos da insolação e tampouco manda e desmanda no Congresso ou na Justiça. Tudo indica que o chefe de governo teve de recuar a



Ao concordar em adiar a reforma política, o PT está traíndo seu discurso moralizador

seus tempos de Lulinha Paz e Amor para acalmar o juiz amuado – o que não será forçosamente mau, desde, naturalmente, que não permita que se desmoralizem as reformas só para amansar os juizes.

A Nação teria bons motivos para comemorar, também, se o governo chefiado por Lula – que acaba de receber

“carta branca” do partido no qual milita, cujo Diretório Nacional decidiu, por 52 votos a 26, obrigar sua bancada a votar a favor dos projetos oficiais das reformas previdenciária e tributária – não se deixasse levar pelo sermão de seus aliados evangélicos, que juram ter uma linha direta com o Todo-Poderoso. Está certo que o apoio da Igreja Universal do Reino de Deus, que entrou com o vice capitalista na chapa do trabalhador, tenha seus méritos reconhecidos na vitória eleitoral petista, mas a gratidão por esse ato de caridade cristã não pode justificar a venda de uma alma reformista só para o pronto atendimento a suas mui pias preces. A exclusão da reforma política da pauta a ser debatida e votada no Congresso durante a convocação extraordinária deste recesso de meio de ano põe em dúvida a honestidade de princípios dos presidentes da República, do Senado Federal e da Câmara dos Deputados. Pois, mesmo tendo-lhe tecido loas em discurso, eles não hesitaram em avalizar as torpes manobras da bancada evangélica para

jogá-la para as calendas e atender aos rogos desses religiosos de resultados, cujo primeiro objetivo é manter os partidos políticos enfraquecidos e, assim, sobreviver na paz do Senhor.

Fernando Henrique Cardoso chamava a reforma política de “a mãe de todas as reformas”, mas não conseguiu aprová-la porque caiu numa esparrela: não teve coragem de encaminhá-la ao Congresso no começo do governo, quando tinha força suficiente para enfrentar os interesses contrariados instalados como parasitas no viciado sistema vigente, exatamente para contornar essas dificuldades e ganhar tempo. Quando apadrinhou algumas providências necessárias, embora esparsas, caso da cláusula de barreira (que só permite que sejam representados no Parlamento partidos com real expressão e, com isso, combate a proliferação, a fragmentação e a

promiscuidade parlamentares), já não dispunha mais de tempo nem de poder para se impor aos grupos interessados no continuísmo.

O PT – justiça lhe seja feita – nunca foi entusiasta de medidas saneadoras como as que extinguem as legendas de aluguel porque o alcance matemático delas será fatal para grupelhos de esquerda que sempre fizeram seu jogo. Uma medida de higiene como seria a fidelidade partidária para acabar com o troca-troca de partidos também já não lhe será muito útil neste momento em que tenta cooptar simpatizantes dos partidos de oposição, que não têm resistido a ficar tanto tempo longe dos bem remunerados e pouco exaustivos empregos distribuídos pelo chumbo generoso do Diário Oficial.

Mesmo assim, a longa tradição de luta do partido do governo pela moralização na política está sendo manchada pela indiferença de seus dirigentes a providências que fortaleceriam a representação partidária e moralizariam o exercício da vida pública. Há uma contradição insanável entre todas as críticas (muitas delas justas) que os petistas sempre fizeram ao apodrecimento dos costumes políticos no País e sua adesão cúmplice ao adiamento da reforma política só para atender ao fariseísmo de seus novos sócios no Congresso.

De olho nos votos da bancada dos dizimos, Lula, José Sarney e João Paulo Cunha venderam o futuro do País aos negociantes que Cristo chicoteou no pátio do templo.

■ José Nêumanne, jornalista e escritor, é editorialista do Jornal da Tarde



ANEXO K 15: Ilustração de Baptistão para o texto *Português é preso 'chocando' ovos*, na página 6 do *Jornal da Tarde*, dia 23 de julho de 2003.



Português é preso 'chocando' ovos

João Miguel Herculano, de 31 anos, ia embarcar no Recife com 58 ovos de aves silvestres amarrados à barriga

O português João Miguel Folgosa Herculano, de 31 anos, foi detido na noite de anteontem pela Polícia Federal, no Aeroporto Internacional dos Guararapes, no Recife, quando tentava embarcar para Lisboa carregando 58 ovos de aves silvestres raras em risco de extinção. Os ovos estavam embalados individualmente em papel de seda e acondicionados em várias meias-calças ao redor da barriga do traficante, que os adquiriu nos Estados do Amazonas, Mato Grosso, Tocantins, Distrito Federal e Pernambuco.

Em seu depoimento à PF, Herculano disse que se tratava de ovos de codorna. Técnicas do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama)

descartaram essa hipótese e acreditam que os ovos sejam de araras-azuis-de-lear e galos-da-serra. A cotação de uma arara-azul-de-lear no exterior chega a US\$ 80 mil, de acordo com a PF. O português é considerado um dos grandes traficantes encarregados de levar animais silvestres para o exterior. Como o crime cometido – exportar ou transportar ovos sem autorização (artigo 29 da Lei 9605/98) – é classificado como “de menor potencial ofensivo”, o traficante foi liberado depois de depor. No apartamento ocupado por Herculano no Recife, os policiais encontraram uma chocadeira, uma caixa térmica com termômetros e remédios usados na prevenção de doenças provocadas por fungos e bactérias aos ovos.

Os ovos foram encaminhados ao Ibama. Se com a eclosão dos ovos for confirmado que se trata de aves raras, a pena para o crime cometido pelo traficante português – de seis a 12 meses de detenção pode ser acrescida.

ANEXO K 16: Ilustração de Marcos Muller para o texto *Indiano bêbado beija cobra: ambos morrem*, na página 9 do *Jornal da Tarde*, dia 19 de julho de 2003.



ANEXO K 17: Desenho ainda não finalizado de Marcos Muller para o texto *Indiano bêbado beija cobra: ambos morrem*, na página 9 do *Jornal da Tarde*, dia 19 de julho de 2003.



Silêncio e privacidade são maiores benefícios ao barrar o barulho

Ruído difuso e sons da cidade agravam o estresse e não permitem que se tenha boa noite de sono

JOBSON LEMOS

Isolamento acústico é um serviço muito necessário para a vida de quem está nas cidades. O estresse tem muito a ver com a quantidade de barulho e de ruídos difusos aos quais estamos submetidos. O sono em um ambiente silencioso é mais tranquilo e permite que tenhamos mais energia ao acordar. As pessoas que vivem grandes avenidas passando ao lado de suas casas entendem bem disso. Quem mora perto de aeroportos também.

Ruído difuso é a soma de todos os sons que estão sendo produzidos naquele momento. Durante o dia, há uma série de barulhos a nossa volta. Somados, viram uma massa sonora que, habituada, muitas vezes nem percebemos. Mas é fácil testar a teoria física. À noite, quando há silêncio na rua, nas casas e apartamentos ao redor, a TV parece ficar muito mais alta que durante o dia, mesmo estando no mesmo volume. Todos os sons — da água na pia à descarga no banheiro — ficam subitamente mais altos. Isso ocorre porque, durante o dia, o ruído difuso rouba parte desse volume ao competir com eles.

E para conseguir o quietude quase absoluta — ou pelo menos reduzir o barulho — é possível transformar os cômodos em "estúdios de silêncio". Janelas e portas especiais podem ser um exagero, mas paredes revestidas de espumas especiais são bastante úteis e capazes de barrar boa parte do que não se quer ouvir. E algumas vezes também são úteis para dar certa privacidade à família dentro de casa.

Além de reduzir o incômodo com carros e aviões, esses revestimentos podem reduzir o nível de "audição" das paredes. As técnicas modernas de construção permitem que os engenheiros projetem lajes e paredes mais finas que décadas atrás. O problema é que essas especificações que fazem nem sempre trazer um resultado muito satisfatório. Em alguns casos, é possível ouvir sem nenhum es-

forço toda a conversa dos vizinhos. E o caminho percorrido pelo som numa direção é o mesmo que na outra. O vizinho também pode escutar o que se passa em sua casa.

A privacidade, nesse caso, depende de isolar a parede que deveria, segundo especialistas, vir sem esse tipo de problema. As paredes de gesso, como chamam alguns, ou o drywall, como preferem os engenheiros, têm condição de ser até mais isolante que paredes de tijolos. O engenheiro acústico do Salvador Duarte garante que o problema não está nesse tipo de material, mas no processo de construção. As lajes mais finas são um problema e o assentamento de tijolos, outro. "Se não estiverem muito bem unidos deixam espaços em que vaza o som". A empresa em que trabalha, a L&Lange Gypsum, é especializada nesse tipo de material e para tentar acabar com o preconceito contra as paredes de gesso, está lançando um selo de qualidade para o produto. "Em cinemas multiplex é utilizado drywall e não tijolos", cita como exemplo da eficácia do material para barrar sons indesejáveis.

Barulhos que as vezes pode ser um transtorno para quem mora no apartamento abaixo do seu. A troca do piso por um carpete de madeira, por exemplo, requer um cuidado simples, mas essencial para o bem-estar de seu vizinho. A empresa que for instalar o piso deve colocar antes uma manta anti-acústica para evitar que seus passos pela casa sejam um tormento para quem mora embaixo.

Se o descuido não foi evitado e o vizinho reclama constantemente, a solução para remediar a situação é segundo a arquiteta Cynthia Montemor, do Espaço Lar Conter, é espalhar tapetes pelo chão. "Corrimos, persianas e tapetes abalam um pouco o barulho. Mas há casos em que abafar é um erro. Em home theater é necessário, segundo ela, ter piso de pedra e espelhos e vidros nas paredes para uma acústica perfeita.



Ruído difuso: a soma de todos os barulhos da cidade pode agravar estresse



Paz e silêncio

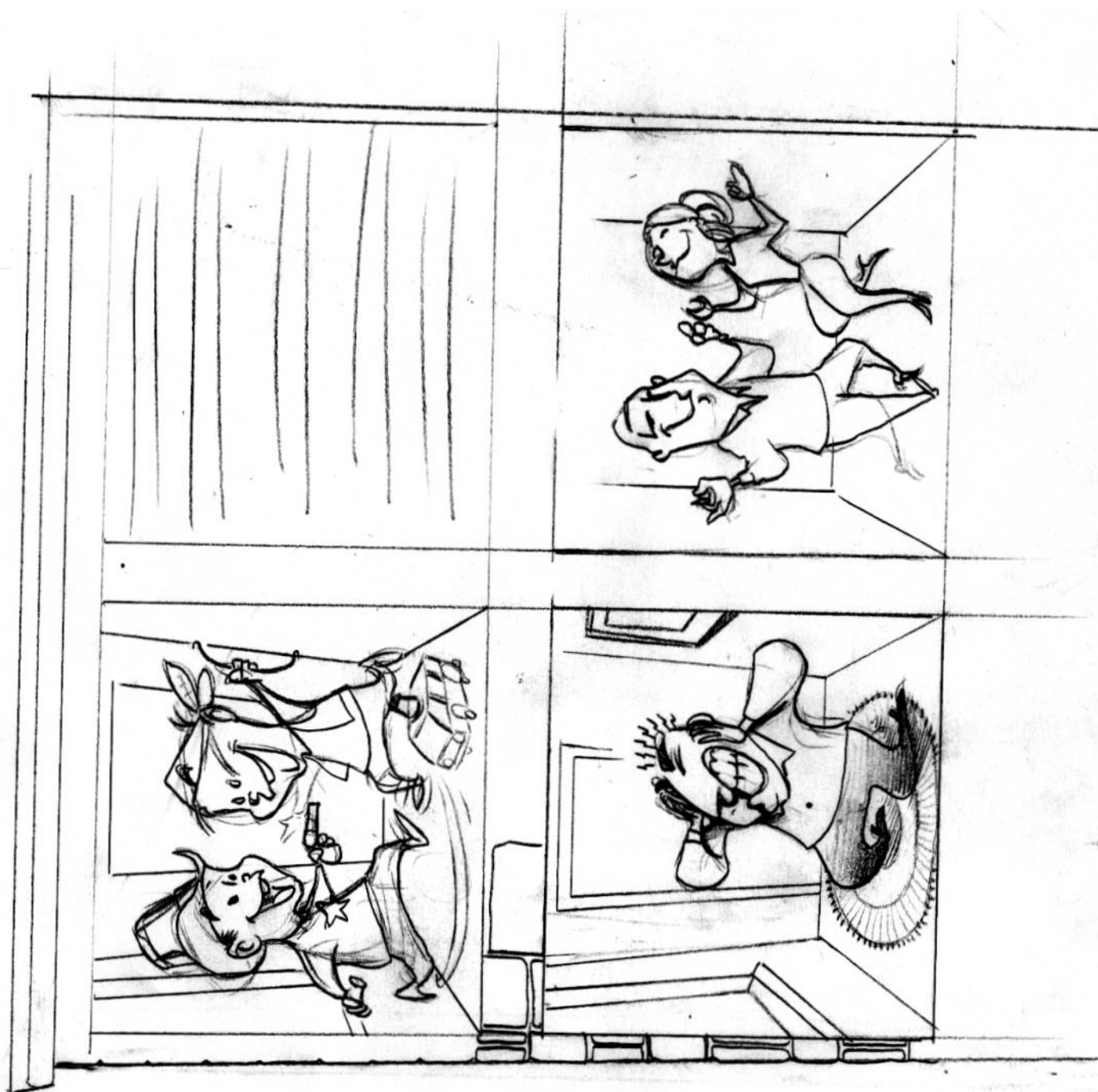
Se o vizinho de cima comprar um carpete de madeira e não se certificar de que a empresa instalou uma manta entre o pavimento e o piso, o barulho de passos o assombra. A saída, é tentar convencê-lo a espalhar tapetes pela casa.

Dependendo de como foi construído, o prédio pode ter paredes que falam e escutam. Para preservar sua intimidade e a do vizinho ao lado, é preciso fazer uma parede falsa e entre ela e a que já estava ali preencher com isolantes acústicos.

Ao lado de grandes avenidas ou na rota de pouso ou decolagem de aeroportos convém "reforçar as paredes" contra o barulho.

João Vitor, O Dia

ANEXO K 20: Esboço de Marcos Muller para o infográfico de 21 de julho de 2003.



ANEXO K 21: Ordem de serviço para ilustração de Marcos Muller para o infográfico de 21 de julho de 2003.

jornal da tarde

Marcos

Nome: barulho.FH7

Cor ■

CONSTRUCAO

Dimensão: 17,6cm x 15 cm Data XX/XX

Pasta: ILUSTRACAO/MARCOS

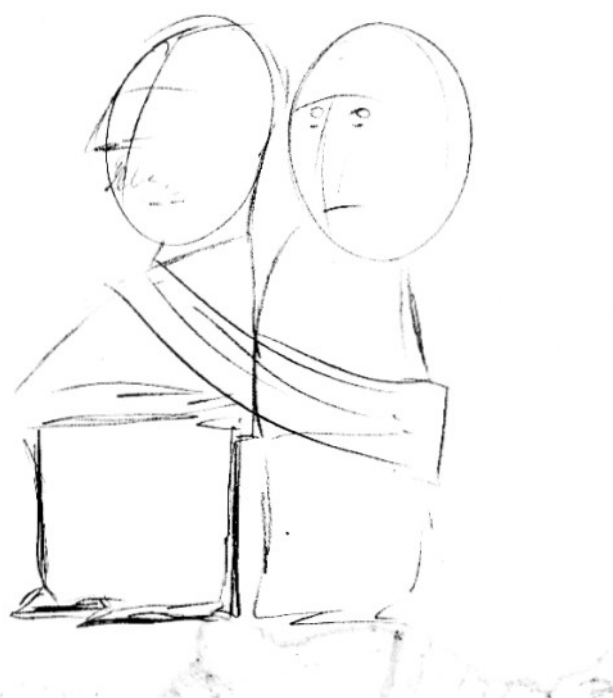
Obs.: _____

EDITORIA	DATA	PAGINA	COMPLEMENTO

C
IMOZO BARULHO



ANEXO K 23: Primeiro esboço para ilustração de Marcos Muller para o texto *A tortura da reforma*, publicado na página 3 do *Jornal da Tarde*, no dia 19 de julho de 2003.



ANEXO K 24: Segundo esboço para ilustração de Marcos Muller para o texto *A tortura da reforma*, publicado na página 3 do *Jornal da Tarde*, no dia 19 de julho de 2003.



ANEXO K 25: Arte final para ilustração de Marcos Muller para o texto *A tortura da reforma*, publicado na página 3 do *Jornal da Tarde*, no dia 19 de julho de 2003.



ANEXO K 26: Ilustração de Marcos Muller para o texto *Escolas: inadimplentes no olho da rua*, publicado na coluna de Josué Rios, na página 12 do *Jornal da Tarde*, no dia 22 de julho de 2003.



caderno A

2

Celso Ming
ming@br.com.br

A outra reforma

Foi tão grande a gritaria provocada pelo projeto de reforma da Previdência que o outro projeto em curso, o da reforma tributária, tão ou mais importante que o anterior, ficou esquecido.

Ficou para hoje a apresentação do projeto de reforma tributária. Mas o relator, deputado federal Virgílio Guimarães (PT-MG), avisa que o texto final pode ser adiado diante da necessidade de mais negociações. Por esse adiamento de última hora se vê que as pressões políticas tendem a ser mais fortes.

Ontem, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, avisava que os governadores não vão levar tudo o que pediram, mas que o principal objetivo do projeto será alcançado: "desoneramos as exportações e os produtos de consumo popular serão desonerados".



As questões polêmicas comem aí porque cada um quer uma coisa. Uma reunião com dez pessoas apresentaria dez enfoques diferentes para um projeto de reforma tributária.

O empresário, por exemplo, quer a desoneração da produção, que outra coisa não é senão a redução do custo Brasil e, mais particularmente, o fim dos impostos em cascata; quer, enfim, dinamizar a economia e aumentar a produtividade do setor produtivo.

O sindicalista e o cientista social pensam em aumento do emprego e em justiça social. Querem, portanto, que a reforma tributária acabe com a regressividade fiscal, ou seja, que os pobres não continuem com a maior parte da carga.

As pessoas mais ligadas às macro-questões políticas e à adminis-

Artigos

tração pública esperam que a reforma ajude a redefinir o pacto federativo, ou seja, que provoque uma redistribuição de responsabilidades entre governo federal, Estados e municípios e, com base nela, redefina o bolo tributário.

Quem está mais identificado com as negociações comerciais entre países quer que a reforma tributária promova a harmonização do sistema brasileiro com o do resto do mundo, de maneira a favorecer a integração entre países.

Os administradores, tanto públicos como privados, querem simplificação e redução dos custos de gerenciamento de um sistema tão complexo que exige enormes burocracias não só no setor público, para garantir a arrecadação, mas, também, no setor privado, para controlar a papelada e defender-se de avanços indevidos do fisco.

Mais arrecadação

O problema é que há uma enorme probabilidade de que a reforma tributária em gestação não venha para resolver nenhum desses problemas porque seu objetivo real é aumentar a arrecadação.

A conversa obviamente é outra.

Desde a Carta de Brasília, assinada em janeiro, os políticos estão dizendo que a única cláusula pétrea da reforma é sua neutralidade. Ninguém vai nem ganhar nem perder recursos com ela: nem a União, nem os Estados nem os municípios nem mesmo o contribuinte.

Mas isso é conversa mole porque o anteprojeto apresentado pelo governo federal montou as coi-



0,38% será mantida. Mais ainda, o próprio relator, Virgílio Guimarães, já sugeriu a elevação da alíquota, como se fosse uma grande solução.

Por aí, se vê, também, que uma das virtudes do novo sistema alardeadas pelo ministro Palocci – a de que a reforma acabará com a cumulatividade – não se confirma. A CPMF, um imposto em cascata por que onera toda a cadeia da produção, vai ser perpetuada.

Raposas

Além disso, o anteprojeto dá ao colegiado composto pelos secretários de Fazenda dos Estados o poder de enquadrar todos os produtos e serviços tributáveis pelo ICMS em cada uma das cinco alíquotas que vierem a ser criadas pelo Senado. A esse colegiado de raposas de todos os tamanhos será confiada a guarda do galinheiro.

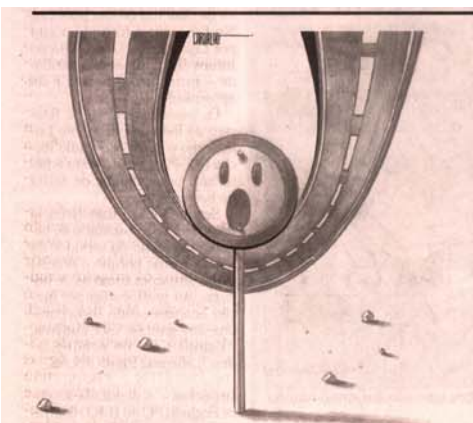
A própria aplicação do princípio da neutralidade ("não poderá haver perdas") é garantia de aumento da arrecadação. Hoje, por exemplo, as alíquotas são diferentes de Estado para Estado. Como alguns produtos têm forte participação na arrecadação dos Estados, como combustíveis, energia elétrica e servi-

ços de forma a provocar aumento da arrecadação. A CPMF, que era para ser extinta ao final deste ano, será incorporada ao sistema, como imposto permanente, não mais para procurar sonegação (já que, para isso, uma alíquota de 0,01% bastaria), mas também para arrecadar, uma vez que a atual alíquota de

ANEXO K 27: Ilustração de Marcos Muller para o texto *A outra reforma*, publicado na coluna de Celso Ming, na página 2 do *Jornal da Tarde*, no dia 22 de julho de 2003.

ANEXO K 28: Ilustração de Alexandre Carvalho para o texto *Punição não educa*, editorial publicado na página 3 do *Estadão*, no dia 18 de julho de 2003.





Punição não educa

O diretor-geral do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), Ailton Brasiense Pires, conseguiu revogar a Resolução 141 que estabelecia a obrigatoriedade da instalação, nas rodovias e vias urbanas de todo o País, de placas de advertência sobre a existência de radares ou lombadas eletrônicas. Acabou, assim, com o que classificava de "hipocrisia" na legislação de trânsito brasileira. Na opinião dele, as placas de advertência faziam com que os motoristas reduzissem a velocidade máxima apenas nas proximidades dos equipamentos eletrônicos, com freadas bruscas que poderiam provocar acidentes — uma situação "descabida" quando a intenção era formar uma nova consciência no trânsito. Defensor da fiscalização rígida, ele avisa: "Velocidade máxima tem de ser obedecida, com ou sem placas de advertência."

Educação e nova consciência no trânsito devem ser buscadas, em primeiro lugar e acima de tudo, por meio de campanhas de esclarecimento, de orientação e da formação competente, tanto dos motoristas quanto dos agentes de trânsito, não com punições. As multas, em nossa opinião, melhoram a receita dos governos e o faturamento das empresas instaladoras de radares e lombadas, mas não a consciência e a educação dos motoristas. A sinalização sobre a existência de radares nas ruas e estradas foi adotada pela Resolução 141 para orientar os motoristas e impedia, inclusive, as tais freadas bruscas a que se refere o diretor-geral do Denatran. Conforme as normas da resolução, as placas deveriam ser instaladas a uma distância de cem metros de cada radar. Isso garantia tempo e espaço suficientes para que os motoristas que trafegavam com velocidade acima da permitida reduzissem-na gradualmente sem provocar acidentes. Lembremos ainda que, antes das placas, muitas ações con-

tra as multas foram acolhidas pela Justiça por esta entender que o motorista (como qualquer outro cidadão) tem de ser advertido antes de ser multado — o que significa que tais ações voltarão a aumentar.

Em São Paulo, por exemplo, a retirada das placas de advertência provocaria um grande aumento do número de multas. Não por causa de má conduta dos motoristas, mas dada a péssima sinalização existente nas vias, que sempre deixa dúvidas sobre os limites de velocidade. Esse deve ter sido um dos motivos pelo qual, na capital, as placas de advertência não serão retiradas, ainda, de acordo com o diretor do Departamento de Operações Viárias, Valdir Cardoso Neves. Além do que, a retirada teria "custo muito alto", segundo Irineu Gnecco Filho, diretor de Operações da CET.

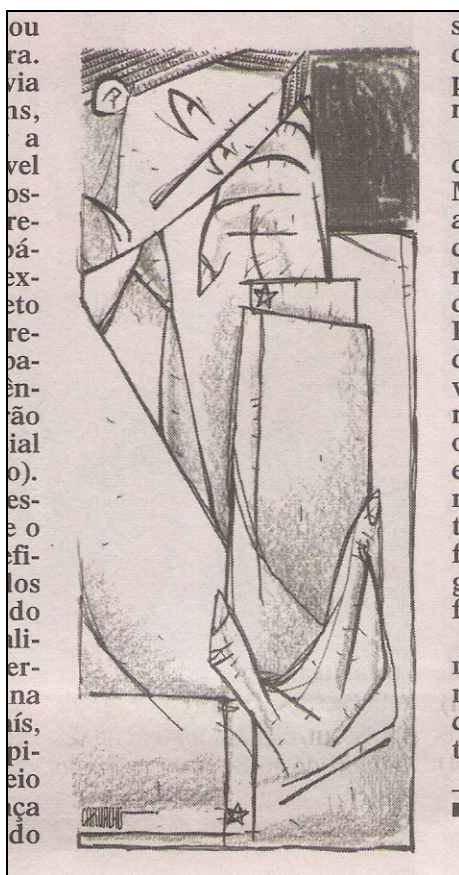
O fato é que um bom projeto de engenharia de tráfego, capaz de garantir segurança e informações claras, seria muito mais útil para prevenir acidentes do que as multas. Em avenidas como a

Sem as placas, melhora a receita das multas, não a conduta dos motoristas

Sumaré, na zona oeste da cidade, ou a Cruzeiro do Sul, na zona norte, as poucas placas indicativas da velocidade estão cobertas por árvores ou danificadas pela ação de vândalos ou do tempo.

Além disso, em vias de grande tráfego como as Marginais do Pinheiros e do Tietê são comuns variações bruscas de limites de velocidade em curtos trechos. Motoristas que deixam a pista expressa no sentido da pista local são obrigados a reduzir de 90 quilômetros por hora para 70 quilômetros e, em vários pontos próximos de curvas, a 60 quilômetros horários. Essas alterações da sinalização na maioria dos casos não são claramente visíveis. Sem a advertência, os motoristas se defrontarão nesses trechos com radares estrategicamente instalados e aí, sim, frearão bruscamente para evitar as multas, provocando acidentes.

ANEXO K 29: Ilustração de Alexandre Carvalho para o texto *Mais do Mesmo?*, na coluna *Espaço Aberto*, com autoria de Washington Novaes, na página 2 do *Estado*, no dia 18 de julho de 2003.



WASHINGTON NOVAES

Mais do mesmo?

O panorama de contingências que cercam o governo federal parece sufocante: discussões sobre reforma previdenciária e reforma tributária, com todas as partes envolvidas defendendo a ferro e fogo receitas (e até aumento delas); política financeira sob artilharia pesada, em função de taxas de juros e compromissos de superávit fiscal que inibem tudo (ou quase), para viabilizar o balanço de pagamentos e a confiança de credores/investidores externos; tarifas públicas ameaçando (em função dos contratos de privatização) explodir o controle da inflação e a paciência dos consumidores; queda da atividade industrial; conflitos em torno da reforma agrária; de sempre crescente.

Seria cansativo enumerar tudo, e nem é preciso. Mas deve estar aí, no "sufoco", a razão de não se vislumbrar no horizonte nenhum projeto alternativo, ainda que destinado ao médio e ao longo prazos. Na falta dele, o País parece de novo caminhar em direção a mais uma tentativa de "retomada do desenvolvimento" a qualquer preço e fundada principalmente em aumento de exportações – esquecendo as consequências que o modelo teve nas últimas décadas: concentração brutal da renda, em termos regionais, setoriais e de grupos da sociedade; desemprego; desequilíbrio nas contas externas; predação ambiental.

Depositar todas as esperanças ou a maior parte delas apenas em maior inserção internacional, num momento de recessão ou algo próximo no Japão, na Europa e nos Estados Unidos, não parece boa estratégia. Principalmente se se lembrar que a idéia repousa principalmente em exportações de produtos primários



Sufoco parece encaminhar o governo para antigos projetos – sem rediscutir seus custos

ou de pouco valor agregado, que em geral têm apresentando tendência histórica de queda de preços. E que essa agregação de valor hoje é feita quase toda pelos países industrializados, que importam os produtos in natura e os transformam, antes de reexportar (caso do café solúvel, entre muitos). Ainda deixando aqui, sem remuneração, os custos ambientais e sociais, quando não financeiros (caso dos eletrointensivos). E mantendo altos subsídios em tudo o que lhes seja conveniente.

A angústia de encontrar saídas no curto prazo parece estar encaminhando a administração federal para antigos e conhecidos projetos – sem rediscutir os seus custos. Já há, no governo federal, quem deposite muitas esperanças no avanço da fronteira agropecuária em direção à Amazônia, até para criar um novo "green belt" de produção de grãos exportáveis via Pacífico ou pela hidrovia do Madeira. Ou em implantar a hidrovia do Araguaia-Tocantins, também para expandir a produção de soja exportável. Ou ainda a fazer vista grossa ao desmatamento favorecido pela rodovia Cuiabá-Santarém, desde que se exporte mais soja (um decreto presidencial chegou a ser republicado há poucos dias para excluir a área de influência da rodovia das que terão um monitoramento especial para evitar desmatamento).

Provavelmente pelas mesmas razões, não consegue o governo chegar a uma definição para o problema dos transgênicos. Pressionado por alguns ministros, legalizou a comercialização interna da produção clandestina de soja transgênica do País, passando por cima da opinião do Ministério do Meio Ambiente, de uma sentença judicial, de resoluções do

Conselho Nacional do Meio Ambiente e de princípios incluídos em convenções internacionais que homologamos. E agora não consegue nem implantar a certificação que exigiu para esse produto, muito menos fazer crer aos produtores gaúchos de transgênicos que não poderão plantá-los de novo na próxima safra.

A estratégia amazônica parece gravemente ameaçada também pelo modelo energético que se esboça. Embora o País esteja consumindo hoje (Estado, 8/7), em média, metade da capacidade instalada (40 mil dos 84 mil MW), com pico de 54 mil MW), insiste-se em que, se não houver fortíssimo e imediato investimento em novas hidrelétricas, correremos o risco de colapso em 2007 (e, ainda assim, se o País crescer 5,5% ao ano...). Por isso, seria necessária a liberação da mais que problemática usina de Belo Monte, no Rio Xingu, e das hidrelétricas do Rio Madeira. Talvez as do Araguaia.

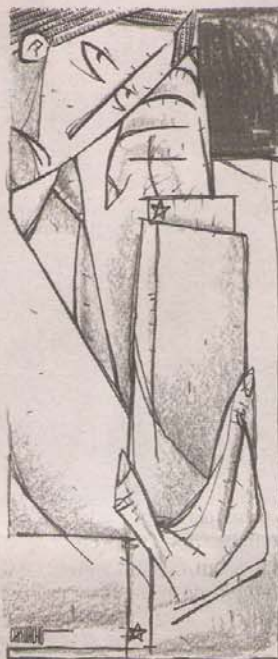
Pouco ou nada se ouve sobre novos formatos para a Amazônia. Não está em pauta – pelo menos não está no noticiário – colocar ênfase em desenvolvimento

científico na região, que hoje recebe apenas 1% dos recursos destinados à ciência no País, embora sua biodiversidade seja nossa grande possibilidade.

Para complicar ainda mais, o próprio presidente da República afirma que "em nome do discurso da preservação se deixou de mandar para cá (Amazônia) investimentos (...) A Amazônia não pode ser tratada como uma coisa do outro mundo, intocável, onde as pessoas não têm direitos aos benefícios". Como se os pesados investimentos na região não se houvessem destinado durante décadas a projetos exportadores de minérios e eletrointensivos, sem maior preocupação com o bioma. Como se não houvessem prevalecido ali durante anos incentivos fiscais para a produção de gusa exportável com carvão de florestas abatidas. Como se os incentivos fiscais da Sudam não houvessem sido criminosamente desviados. Como se não houvesse clara conivência política com a extração ilegal de mais de 80% da madeira. Como se o garimpo, as migrações para a Amazônia e o inchaço das periferias urbanas não fossem um substituto para a ausência de políticas nacionais de emprego e redistribuição regional da renda.

Cometida a impropriedade, tem agora a ministra do Meio Ambiente de correr atrás do prejuízo, garantir que todos os projetos exigirão também a conservação da floresta. Mas fica difícil. Remediado esse front, explode outro: promete-se de novo a transposição de águas no Nordeste – esquecendo os estudos que mostram que em quase nada ela beneficiaria os 17 milhões de nordestinos que sofrem com a seca; favoreceria quase só os megaprojetos de exportação de frutas e semelhantes.

Ainda haverá tempo, se não para uma reversão, para alguma pausa que coloque sobre a mesa outras alternativas?



■ Washington Novaes é jornalista
E-mail: wlnovaes@uol.com.br

ANEXO K 30: Ilustração de Alexandre Carvalho para o texto *Crescimento planejado para a China é insustentável, alerta ONU*, publicado na página 12 do caderno *Economia do Estadão*, no dia 20 de julho de 2003.

Crescimento planejado para a China é insustentável, alerta ONU

Um diretor da organização avisa que quadruplicar a economia em 20 anos ameaça recursos naturais

JONATHAN WATTS
e STEVEN MORRIS
The Guardian

LONDRES – Sua economia está crescendo a um índice estarrecedor, e seu povo está começando a desfrutar de uma alimentação mais saudável, assim como começa a gostar do consumismo estilo ocidental. Mas o diretor do Programa de Proteção ao Meio Ambiente da ONU já alertou que o crescimento da China e seus ambiciosos planos para o futuro são insustentáveis.

Klaus Topfer advertiu que os chamados países desenvolvidos serão obrigados a apertar o cinto, segundo o plano da China de quadruplicar sua economia nos próximos 20 anos.

Veja as tentativas do governo chinês de fazer seu povo alimentar-se de forma mais sadia: Pequim vem incentivando cada chinês a comer 200 ovos por ano – o que corresponde a um total de 260 bilhões de ovos. Para produzir essa imensa quantidade de

ovos, será preciso um plantel de 1,3 bilhão de galinhas. Para alimentar essas galinhas, é necessária uma produção de cereais superior à da Austrália.

Os chineses também estão adquirindo gosto por frutos do mar. Se começarem a comer peixe no ritmo dos japoneses, consumirão os pescados do mundo inteiro.

A cerveja também está se tornando muito popular. Mas, para garantir a cada chinês apenas três cervejas extras por ano, será necessário tanto cereal quanto a Noruega produz anualmente.

Não é de estranhar que Topfer tenha soado preocupado quando se dirigiu a jovens ambientalistas em Sydney, Austrália, na semana passada. “Quadruplicar o PIB de um país com 1,3 bilhão de habitantes – podem imaginar o que é isso?”, perguntou.

Na palestra, ele não refletiu sobre o exemplo das galinhas, nem dos peixes, nem da cerveja, mas dos carros. O número de carros nas rodovias da China aumentou quase 40% neste ano. A líder das montadoras de veículos do país, a First Automotive Works, tem por alvo quintuplicar sua produção nos próximos 5 a 8 anos.



O Instituto do Petróleo acredita que a demanda por gasolina subirá em torno de 500% na China nos próximos 25 anos. Topfer ressaltou que, se o país tivesse a mesma densidade de carros particulares que tem a Alemanha, por exemplo, teria de produzir 650 milhões de veículos. Simplesmente não existem nem metais nem gasolina suficientes no mundo para acompanhar tais números. “A questão não é se você está preocupado com a natureza ou se essa é uma questão emocional. Trata-se de fundamentos lógicos da economia”, afirmou.

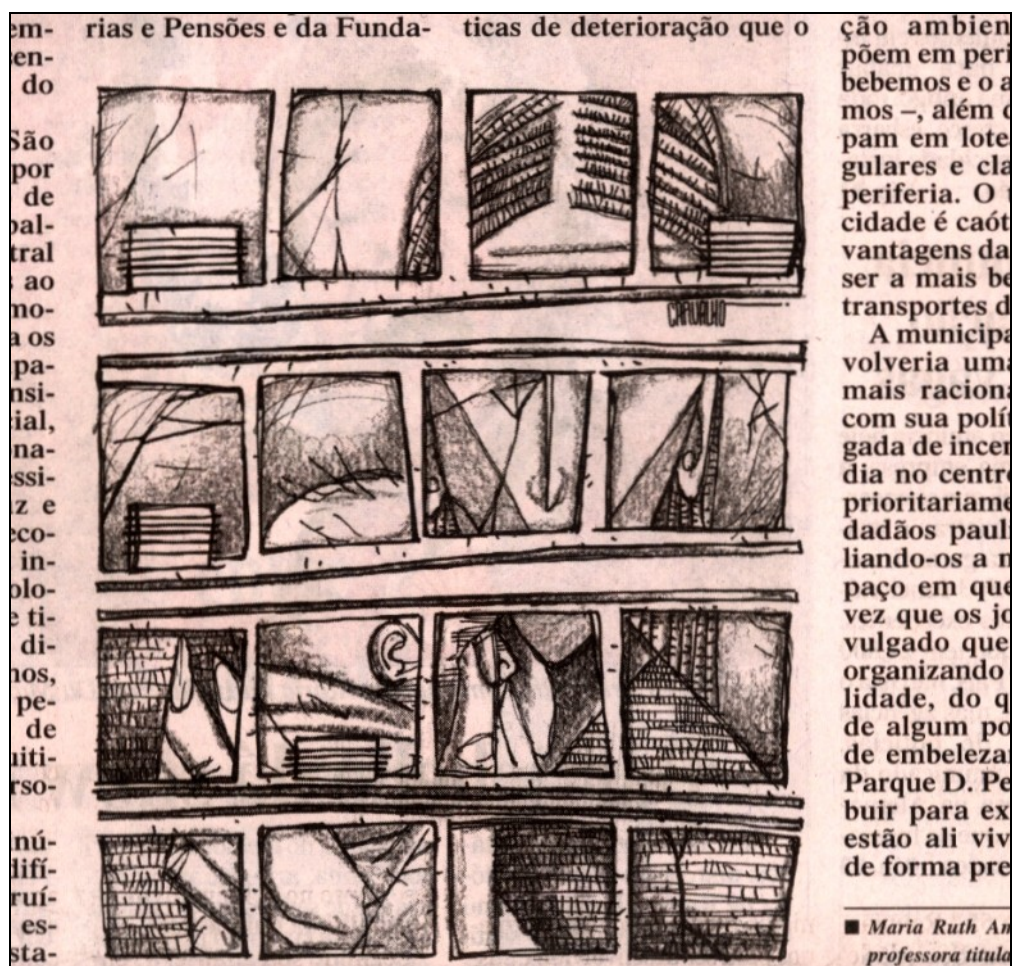
Segundo Topfer, os planos da China só poderão se concretizar se as nações desenvolvidas mudarem radicalmente seus hábitos de consumo. O

crescimento do país nos últimos dez anos tem sido fenomenal. Embora muitos ainda vivam na pobreza, uma minoria crescente a cada dia agora tem meios para comprar carros, produtos eletrônicos e iguarias importadas, artigos que costumavam ser considerados supérfluos.

Segundo o Worldwatch Institute, a China já superou os Estados Unidos, que consomem um terço dos recursos naturais do planeta na produção de carne, fertilizantes, aço e carvão. Até há pouco, uma expressão de ênfase usual era: “nem por todo o chá da China”. No futuro, poderá ser: “nem por todas as galinhas da China” ou “nem por todos os carros da China”.

**SERÃO
260 BILHÕES
DE OVOS
POR ANO**

ANEXO K 31: Ilustração de Carvalho para o texto *O destino do São Vito*, publicado na página A2, do *Jornal Estado de São Paulo*, no dia 21 de julho de 2003.



MARIA RUTH AMARAL DE SAMPAIO

O destino do São Vito

Os jornais de São Paulo surpreenderam os leitores com a notícia, dada pela prefeita Marta Suplicy, da possível demolição do Edifício São Vito, situado na Avenida do Estado com a Praça São Vito, em área vizinha ao Parque D. Pedro II.

Na verdade, não se trata apenas de um edifício, mas de dois, gêmeos, o Mercúrio e o São Vito, que marcam a paisagem nessa área da cidade desde os meados da década de 50 pela grandeza do volume construído. O conjunto tem 27 andares, abrigando um total de 690 apartamentos, de um dormitório e quitinetes. Ambos os edifícios foram construídos pela empresa Zarzur e Kogan, sendo o projeto de autoria do arquiteto Aron Kogan.

Naquela década, São Paulo foi caracterizada por um acelerado processo de verticalização, principalmente em sua área central e nos bairros limítrofes ao centro. A arquitetura moderna tinha trazido para os arquitetos novas preocupações, entre as quais a sensibilidade à questão social, principalmente relacionada à habitação, às necessidades de assegurar luz e ventilação, a ênfase na economia da construção, a introdução de novas tecnologias e a possibilidade de tipologias menores, com dimensionamentos mínimos, que deram origem aos pequenos apartamentos de um dormitório ou às quitinetes dos anos 50, precursores dos flats de hoje.

Em São Paulo foram inúmeros os exemplos de edifícios projetados e construídos nesse período com essas preocupações, desta-



Muitos outros edifícios estão tão ou mais deteriorados e nem por isso ameaçados de demolição

cando-se obras de arquitetos renomados, como Niemeyer (Edifício Montreal, situado na Avenida Ipiranga com Cáster Libero), Warchavchik (Edifício Guarânia, na Consolação com Nestor Pestana), Franz Heep (Edifício Arapuan, na Avenida 9 de Julho), Eduar-

Mello (Edifício Mara, na Avenida Brigadeiro Tobias) e Abelardo de Souza (Edifício Nações Unidas, na Avenida Paulista), entre inúmeros outros.

Nessa época, São Paulo enfrentava, como hoje, uma crise habitacional e de transportes. O Poder Público, por intermédio dos Institutos de Aposentadorias e Pensões e da Funda-

ção da Casa Popular, não dava conta de atender à demanda e a iniciativa privada, principalmente no pós-guerra, rapidamente contribuiu para o boom imobiliário e a verticalização, com o uso da incorporação e do condomínio. A crise de transportes era outro dos males que fazia com que morar na área central fosse um conforto, uma vez que poder deslocar-se a pé para o trabalho era uma vantagem.

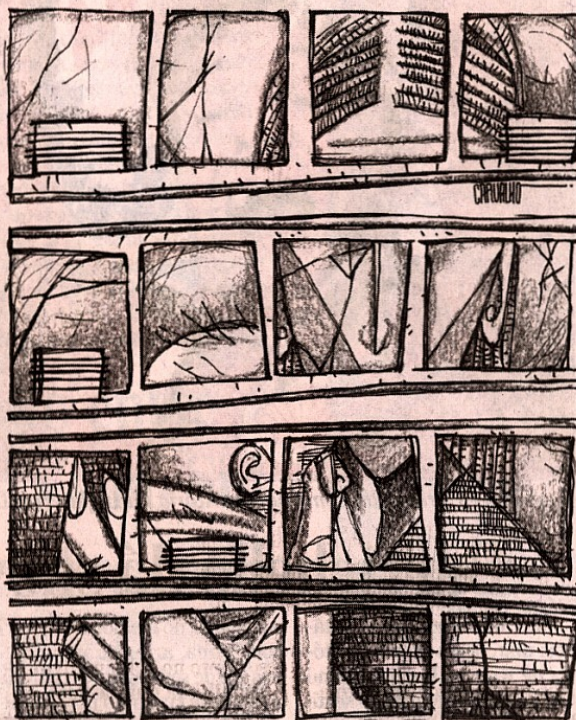
A construção do São Vito situa-se nesse quadro e, como os edifícios citados acima, faz parte da memória da cidade. Seus responsáveis, Zarzur e Kogan, projetaram e construíram outros edifícios na área central destinados ao mesmo tipo de população, casais sem filhos ou pessoas solteiras, como o conjunto da Rua Paim, composto dos Edifícios Demoiselle, 14 Bis e Caravelle, que também apresenta as mesmas características de deterioração que o

São Vito. Aliás, é grande o número de edifícios, principalmente na área central, com mais de 50 anos de vida, tão ou mais deteriorados que o São Vito e nem por isso estão ameaçados de demolição.

Vivem atualmente no São Vito cerca de 1.100 moradores, dos quais cerca de 50% são proprietários. Sob a ameaça de serem desalojados, os moradores estão se organizando, comandados por uma nova síndica, que acredita que com uma boa administração conseguirá renovar o prédio.

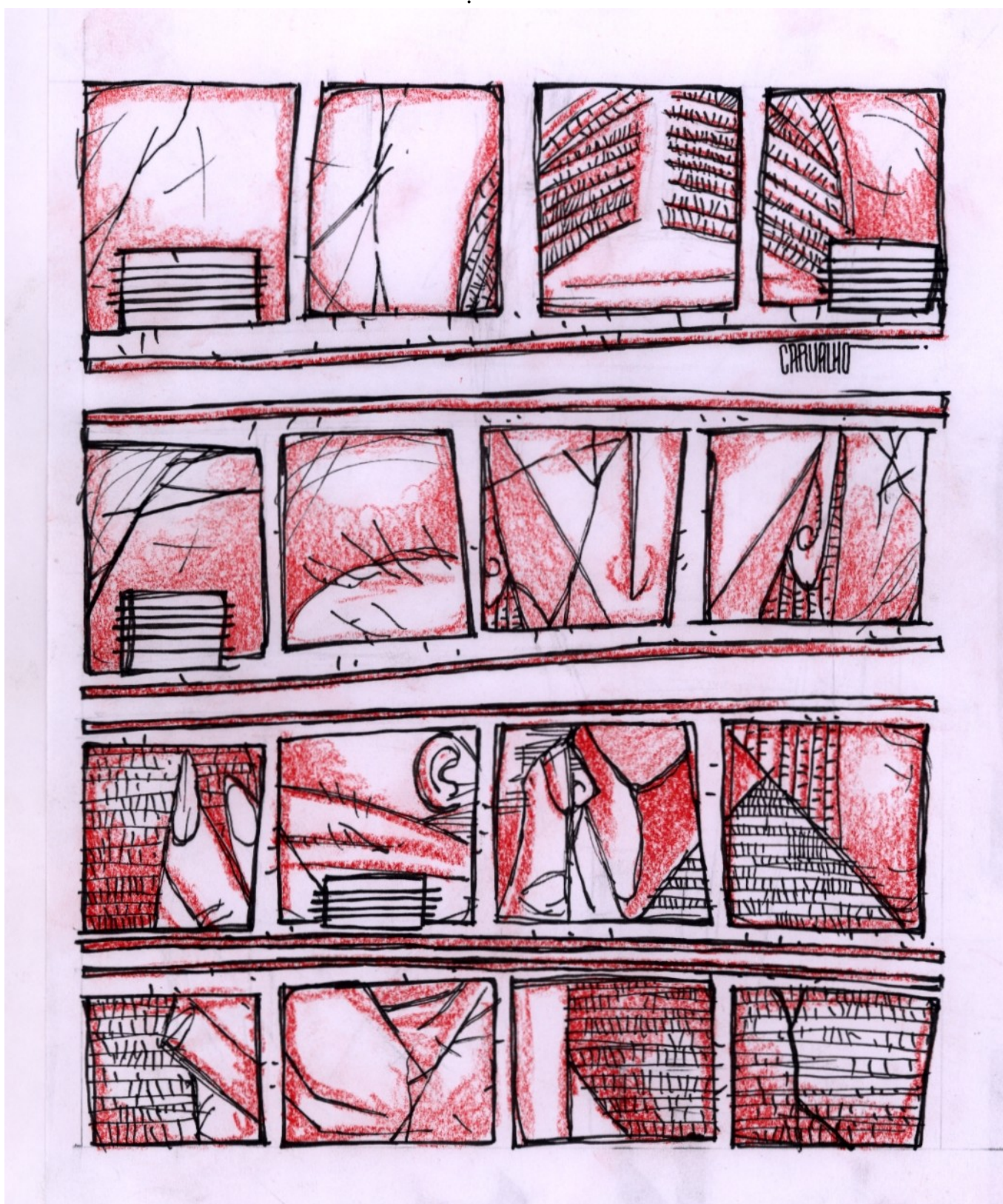
São Paulo apresenta hoje um problema habitacional e de transportes muito mais grave que nos anos 50. Temos um número incerto de moradores de rua, de pessoas que vivem em áreas de risco à beira de córregos, sujeitos a inundações, ou em encostas, com risco de desmoronamento. Temos também os que vivem em áreas de preservação ambiental – e que põem em perigo a água que bebemos e o ar que respiramos –, além dos queacampan em loteamentos irregulares e clandestinos na periferia. O transporte na cidade é caótico e uma das vantagens da área central é ser a mais bem servida de transportes da metrópole.

A municipalidade desenvolveria uma ação muito mais racional e coerente com sua política tão divulgada de incentivar a moradia no centro, se cuidasse prioritariamente desses cidadãos paulistanos, auxiliando-os a melhorar o espaço em que vivem, uma vez que os jornais têm divulgado que eles se estão organizando com essa finalidade, do que, em nome de algum possível projeto de embelezamento para o Parque D. Pedro II, contribuir para expulsar os que estão ali vivendo, mesmo de forma precária.

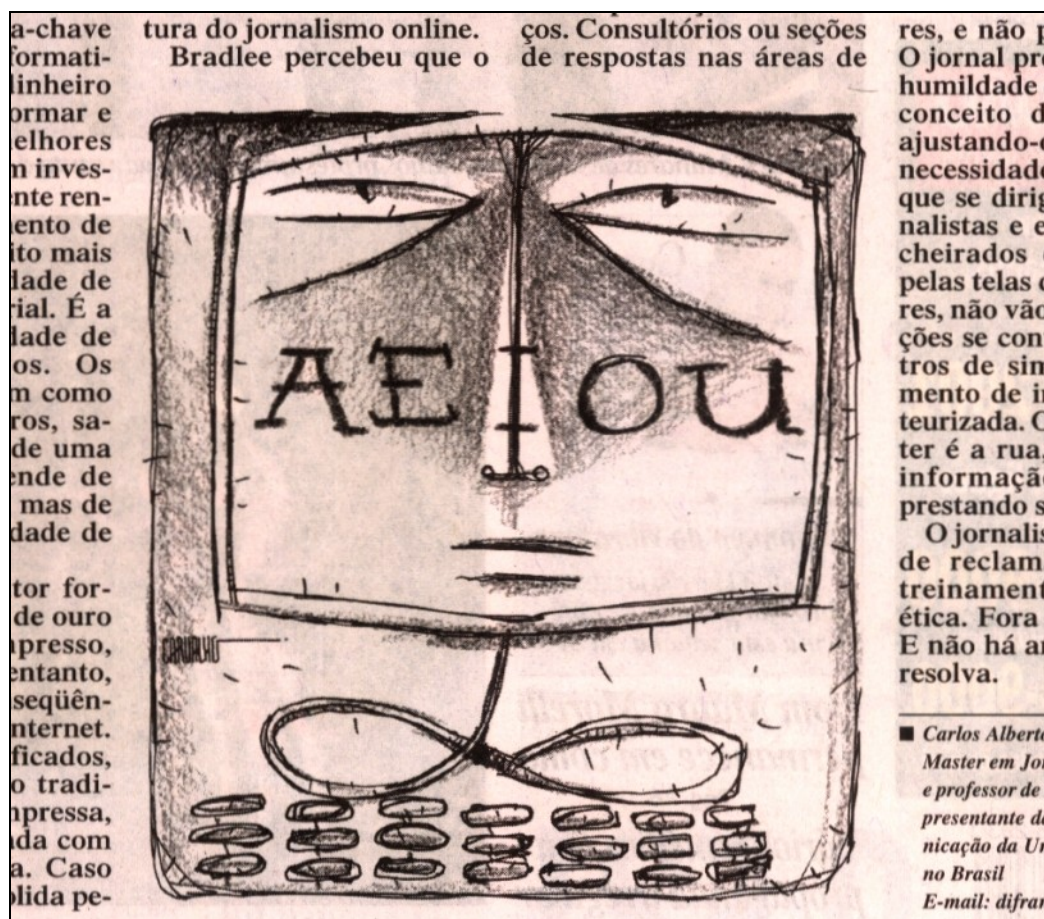


■ Maria Ruth Amaral de Sampaio é professora titular FAU-USP

ANEXO K 32: Layout de Carvalho para o texto *O destino do São Vito* (21/07/2003).



ANEXO K 33: Ilustração de Carvalho para o texto *Repensar os Jornais*, publicado na página 2 do *Jornal Estado de São Paulo*, no dia 21 de julho de 2003.



CARLOS ALBERTO DI FRANCO

Repensar os jornais

Ben Bradlee, o carismático ex-diretor do jornal *The Washington Post*, é sempre uma palavra que merece ser ouvida. Segundo Bradlee, “um grande editor é alguém capaz de atrair bons profissionais para trabalhar no jornal. É alguém que sabe como encorajar talentos e despertar o melhor nas pessoas. É como um técnico de um time”. O comentário, apoiado na força persuasiva da simplicidade, resume todo um programa de recursos humanos para as redações.

Os recursos humanos são, de fato, a peça-chave de uma empresa informativa. O tempo e o dinheiro gastos em atrair, formar e aperfeiçoar os melhores profissionais são um investimento extremamente rentável. O gerenciamento de uma redação é muito mais do que uma atividade de coordenação editorial. É a fascinante capacidade de promover talentos. Os bons editores, assim como os grandes maestros, sabem que a beleza de uma sinfonia não depende de um gênio solitário, mas de uma fina solidariedade de talentos.

Bradlee, um editor formado numa época de ouro do jornalismo impresso, não conseguiu, no entanto, captar as reais consequências do avanço da internet. A seção dos classificados, por exemplo, nicho tradicional da mídia impressa, precisa ser repensada com urgência e ousadia. Caso contrário, será engolida pe-



Seus sites não podem ficar reduzidos à reprodução virtual do conteúdo impresso

las facilidades oferecidas pela internet. A cultura virtual, queiramos ou não, é um fato. Os jovens são navegantes compulsivos do ciberespaço. Mas os jornais só conquistarão essa importante fatia do mercado se efetivamente perceberem que os seus sites não podem ficar reduzidos à simples reprodução virtual do seu conteúdo impresso. O jornalismo na internet pressupõe uma profunda revolução nos conceitos, na forma e no conteúdo da informação. Exige, ademais, equipes especializadas e bem formadas na cultura do jornalismo online.

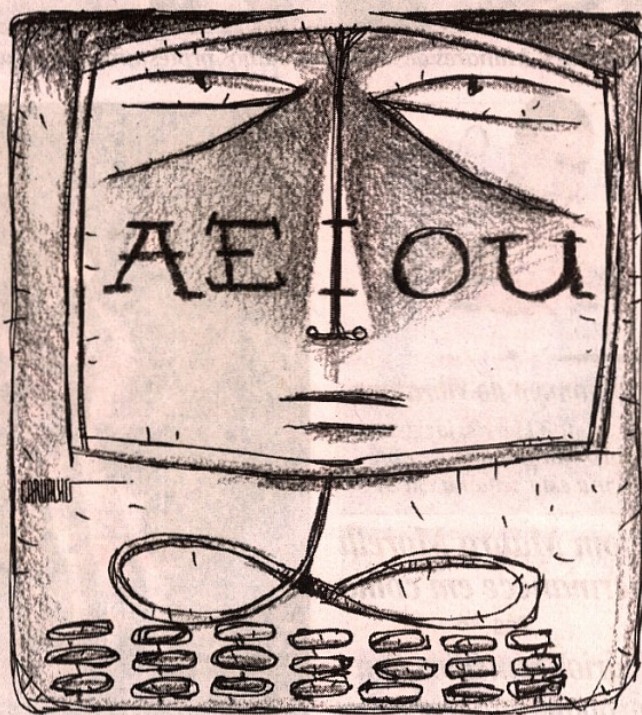
Bradlee percebeu que o

jornal pode ser imbatível na cobertura local. Segundo ele, a TV e a internet estão um pouco “ausentes no noticiário local, sobre o que está acontecendo na comunidade em que as pessoas vivem. E esse é um mercado importantíssimo para nós”. Tem razão. A globalização está produzindo um fenômeno curioso: quando tudo é (ou pretende ser) transnacional, o local ganha enorme importância. As pessoas estão carentes de vínculos próximos. O leitor quer saber o que acontece na sua cidade, no seu bairro, no seu quarteirão. O consumidor real – não o de proveta, concebido no ambiente rarefeito das redações – quer saber em que medida o global pode afetar o seu dia-a-dia e, como é lógico, o seu bolso. Quer uma ágil e moderna prestação de serviços. Consultórios ou seções de respostas nas áreas de

saúde, direito, aplicações financeiras e informática, por exemplo, são um sucesso em todo o mundo.

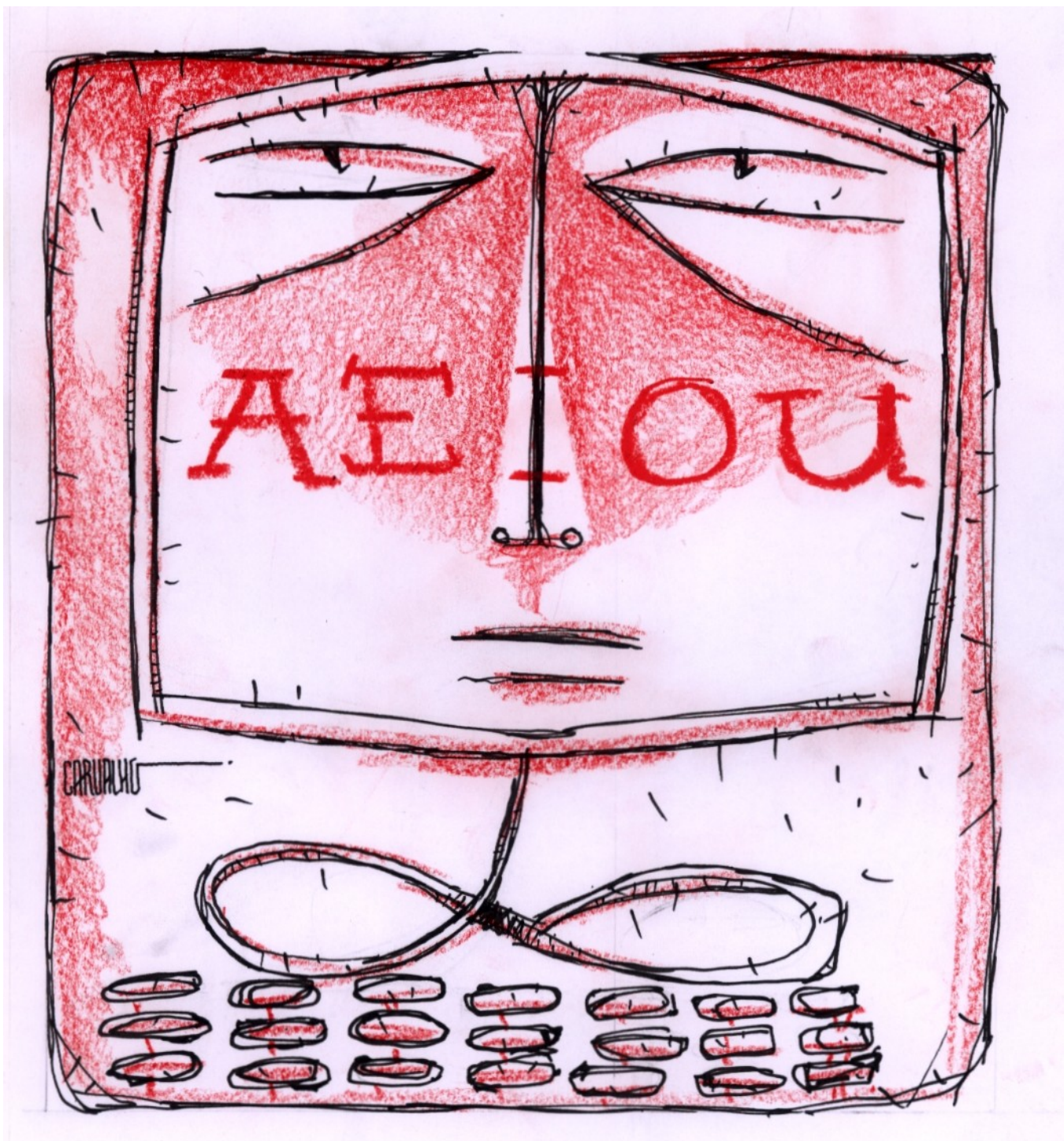
Ben Bradlee, formado na escola dos antigos editores, mantém excessiva distância dos leitores. Não acredita nas pesquisas de opinião e imagina que a postura vertical é a mais recomendável para o relacionamento do jornal com o seu público. “Os leitores podem não querer ver no jornal o tipo de informação da qual precisam. E podem não querer o que você acha que eles deveriam receber”, sublinha. Um bom jornal, por óbvio, não pode ficar refém do mercado. Precisa, freqüentemente, tornar interessante o que é realmente importante. Mas um jornal de qualidade não pode viver de costas para o leitor. Os jornalistas precisam escrever para os leitores, e não para os colegas. O jornal precisa ter a sábia humildade de moldar o seu conceito de informação, ajustando-o às autênticas necessidades do público a que se dirige. Quando jornalistas e editores, entrincheirados e hipnotizados pelas telas dos computadores, não vão à luta, as redações se convertem em centros de simples processamento de informação pasteurizada. O lugar de repórter é a rua, garimpando a informação, apurando, prestando serviço ao leitor.

O jornalismo de qualidade reclama atualização, treinamento, inovação e ética. Fora disso é o vazio. E não há anabolizante que resolva.



■ Carlos Alberto Di Franco, diretor do Master em Jornalismo para Editores e professor de Ética Jornalística, é representante da Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra no Brasil
E-mail: difranco@ceu.org.br

ANEXO K 34: Layout de Carvalho para o texto *Repensar os Jornais* (21/07/2003).



ANEXO K 35: Ilustração de Acosta para o texto *Pássaros urbanos cantam alto para poder 'namorar'*, publicado na página 12 do *Jornal da Tarde*, no dia 20 de julho de 2003.

Pássaros urbanos cantam alto para poder 'namorar'

Cientistas europeus garantem à revista 'Nature' que a poluição sonora das grandes cidades não está deixando outra opção aos pássaros

Os pássaros que vivem nos grandes centros urbanos estão sendo obrigados a aumentar o volume de seus cantos – usados como arma de sedução para a reprodução – por causa da poluição sonora. A descoberta foi feita por um grupo de cientistas europeus e publicada pela conceituada revista britânica *Nature*.

Segundo os cientistas Hans Slabbekoorn e Margriet Peet, diversos pássaros que vivem nas grandes cidades passaram a cantar mais alto para poderem ser escutados pelas "namoradas" e assim não terem seu processo reprodutivo afetado.

"Isso demonstra, pela primeira vez, que as alterações no meio ambiente podem mudar as formas de comunicação dos pássaros", explicou Peet à *Nature*.

Para chegar a estas conclusões, os autores do estudo gravaram o canto de 32 pássaros machos na cidade holandesa de Lieden. Resultado: cada um deles demonstrou ter um repertório entre três e nove



cantos diferentes. Os especialistas também constataram que a frequência mínima média dos cantos estava "ligeiramente relacionada ao ruído ambiental."

"Os machos dos lugares mais barulhentos são os que têm maior frequência em seus cantos, enquanto os das zonas mais silenciosas emitem notas que alcançam as frequências mais baixas", garantiu Slabbekoorn.

De acordo com os cientistas, os carros, aviões e as máquinas, em geral, podem vir a estimular a criação de uma "nova forma de sele-

ção das espécies que passariam a usar mais sinais acústicos para facilitar sua reprodução."

Mais: segundo eles, os pássaros adaptam o volume de seus cantos ao local onde se encontram. Esta habilidade – além do quesito acasalamento – também pode levá-los a sobreviver nas grandes cidades.

"Esta característica pode criar dois grupos de espécies bem diferentes: por um lado, os que podem adaptar seus sinais para competir com o barulho; por outro, os que não desenvolveram esta qualidade", concluiu Slabbekoorn.

ANEXO K 36: Versão do texto encaminhada para Acosta para a ilustração publicada na página 12 do *Jornal da Tarde*, no dia 20 de julho de 2003.

[JT-INTERNACIONAL-IMAGENS&TEXTOS ... 18/07/03]
Name: PASSAROS Length: 58

Author: DOLIS Date: 18/07/03 5

Os pássaros urbanos estão sendo obrigados a aumentar o volume de seus cantos – usados como arma de sedução para a reprodução – por causa da poluição sonora. A descoberta foi feita por um grupo de cientistas europeus e publicada pela conceituada revista britânica *Nature*.

Segundo os cientistas Hans Slabbekoorn e Margriet Peet, diversos pássaros que vivem nas grandes cidades passaram a cantar mais alto para poderem ser escutados pelas “namoradas” e assim não terem seu processo reprodutivo afetado. “Isso demonstra, pela primeira vez, que as alterações no meio ambiente podem mudar as formas de comunicação dos pássaros”, explicou Peet à *Nature*.

Para chegar a estas conclusões, os autores do estudo gravaram o canto de 32 pássaros machos na cidade holandesa de Lieden. Resultado: cada um deles demonstrou ter um repertório entre três e nove cantos diferentes. Os especialistas também constataram que a frequência mínima média dos cantos estava “ligeiramente relacionada com o ruído ambiental.”

“Os machos dos lugares mais barulhentos são os que têm maior frequência em seus cantos, enquanto os das zonas mais silenciosas emitem notas que alcançam as frequências mais baixas”, garantiu Slabbekoorn.

De acordo com os cientistas, os carros, aviões e as máquinas, em geral, podem vir a estimular a criação de uma “nova forma de seleção das espécies que usam mais sinais acústicos para facilitar sua reprodução.”

Mais: segundo eles os pássaros adaptam o volume de seus cantos ao local onde se encontram. Esta habilidade – além do quesito acasalamento – também pode levá-los a sobreviver nas grandes cidades. “Isso pode criar dois grupos de espécies diferentes: os que podem adaptar seus sinais para competir com o barulho, e os que não desenvolveram esta qualidade”, concluiu Slabbekoorn.

ANEXO K 37: Arte final de Acosta para o texto *Pássaros urbanos cantam alto para poder 'namorar'*, publicado na página 12 do *Jornal da Tarde*, no dia 20 de julho de 2003.



ANEXO K 38: Vinheta de Acosta para a coluna *Advogado de Defesa*, publicada na página 3 do *Jornal da Tarde*, no dia 21 de julho de 2003.

Advogado de Defesa

TIM

Nada do seguro prometido. Prejuízo

Quando da compra de meu celular TIM, pelo qual paguei R\$ 1,8 mil, procurei informações sobre o seguro, quando fui informado pelos vendedores de que o serviço estava sob avaliação e seria colocado à disposição dos clientes em breve. O tempo foi passando e, com ele, a minha paciência, tendo em vista que o serviço nunca estava disponível e, toda vez que questionava a empresa sobre o seguro, recebia respostas-padrão. Para minha decepção, passados três meses da compra eu fui assaltado e, além de meu carro, levaram o celular. Obviamente a TIM não se responsabilizou pelo aparelho, só que, para reabilitar a linha, tenho de adquirir outro, além de levar o B.O. para que me fosse cedido outro chip. Cansado de tantos transtornos, resolvi cancelar o contrato, e só então fui contatado pela empresa, em duas ocasiões diferentes. As atendentes disseram que meu caso estava sob análise, para minimizar o meu prejuízo, a empresa propôs desconto na compra de outro, cujo valor era somente 1/6 do celular que eu nem sequer tinha acabado de pagar.

Marcos Gomes de Oliveira, Capital.

Resposta: Contatamos o sr. Oliveira e o informamos que já estamos negociando o seguro que iremos oferecer a nossos clientes, mas ainda não há uma data para o lançamento do produto. Tão logo ocorra roubo ou extravio de um aparelho celular é importante que o



SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO

Por que só devolvem 31% do investimento?

Após ter pago nove parcelas do título da Sul América Capitalização para a aquisição de um veículo decidi cancelar o contrato e pedir o resgate das quantias pagas. Mas é simplesmente impossível falar com a empresa: ou a secretária eletrônica informa que "todas as posições estão ocupadas" ou, ao ser atendido, permanece por mais de 15 minutos aguardando o atendimento do Departamento de Resgate, até a ligação cair. Insisti muito e, quando consegui, enfim, falar com a empresa, fui informado de que, do total pago (R\$ 1.056) só tenho direito de resgatar o valor proporcional a 31,84%. Com que direito a empresa retém 68,16% do valor total?

Adelmo A. de Lima,
Ribeirão Preto, SP.

Resposta: O valor do resgate antecipado do produto está de acordo com o que consta das condições gerais do título que foram entregues ao sr. Lima pelo corretor no ato da aquisição do plano. Ao receber em casa o kit com fita de vídeo e folheto de perguntas e respostas, o cliente teve nova

ESTAPAR

Dano no pára-lama, no estacionamento

Ao retornar ao estacionamento Estapar da Galvão Bueno onde havia deixado o carro por pouco mais de 2 horas, deparei-me com ele na porta do estabelecimento e com o pisca-alerta ligado. Ao indagar o manobrista sobre o porquê, fui informada de que, em razão de a chave não estar no contato, ele teve de arrastá-lo, o que resultou em um amassado no pára-lama dianteiro direito. Mesmo assim tive de pagar pelo período estacionado. O estabelecimento não deveria se responsabilizar pelo ocorrido e ter um seguro para esses casos?

Alice Massami Sassaki, Capital.

Resposta: Como a sra. Alice deixou o carro na rampa de acesso do estacionamento e levou as chaves, obstruindo a entrada e saída dos veículos, tivemos de deslocá-lo por cerca de um metro e meio, desativando, no entanto, o freio de mão. O carro foi conduzido por manobrista devidamente habilitado e em momento algum foi "arrastado", como ela citou. Ao retornar, a cliente reclamou de um amassado no pára-lama e foi imediatamente atendida pela gerência, que em sua presença comprovou a impossibilidade de tal dano ter sido ocasionado dentro do estacionamento. Jamais nos eximimos de nossa responsabilidade, honrando o ressarcimento dos prejuízos causados aos veículos estacionados em nossas dependências.

Sistema Estapar.

ANEXO K 39: Vinheta de Acosta para a coluna *Advogado de Defesa*, publicada na página 3 do *Jornal da Tarde*, no dia 25 de julho de 2003.

Advogado de Defesa

SANTAMÁLIA SAÚDE

Estou decepcionada com o convênio

Eu e minha família somos conveniados do Santamália Saúde há dois anos, mas há seis meses constatamos que a empresa não tem nem profissionais preparados nem equipamentos bons o suficiente para diagnosticar com precisão a suspeita de um câncer em um de meus parentes. Por conta disso, tivemos de pagar um profissional conhecido na área, que nos indicou a refazer todos os exames já feitos pelo Santamália, porque eles estavam incompletos. Já notifiquei o Serviço de Atendimento da empresa sobre a falta de suporte técnico, mas a resposta que recebi é que "se trata de conduta". Outra coisa que me chama a atenção é o fato de as minhas reclamações só serem respondidas verbalmente, "pois essas são as normas", o que nos deixa convictos de que "o que o Santamália fala não se escreve nem se assina". Em consulta com um advogado, fui informada de que jamais conseguiríamos ganhar uma ação se processássemos o convênio por erro médico, por questões de ética. Que lei é essa que só protege as prestadoras de serviço?

Monica Pinto Cruz, Capital.

Resposta: Nossos profissionais são especializados, totalmente qualificados e com cursos e títulos os mais renomados na classe médica, como é o caso do oncologista clínico que cuidou do



VÉSPER

Devo esperar 30 dias pelo reembolso?

Quando adquiri um aparelho da Vésper, o atendente me explicou como funcionava o sistema e passou os dados de uma conta bancária para que eu fizesse o pagamento, o que providenciei no dia seguinte. Como moro sozinha e teria de contratar uma pessoa para receber a encomenda, resolvi ligar à empresa para confirmar a entrega, mas após 45 minutos de espera na linha não consegui ser atendida. Irritada, liguei para a central de vendas, que informou, para minha surpresa, que o depósito não havia sido confirmado e eu teria de enviar uma cópia do comprovante de pagamento via fax. Decepcionada com o atendimento, resolvi cancelar a compra e pedir meu dinheiro de volta, mas a empresa só fará a devolução daqui a 30 dias. Isso é correto, tendo em vista que tive de pagar antecipadamente, e à vista, pelo telefone, cuja qualidade a empresa nem sequer garante?

Monaliza Leandro, Capital.

BANESPA

Exijo a devolução do que paguei corrigida

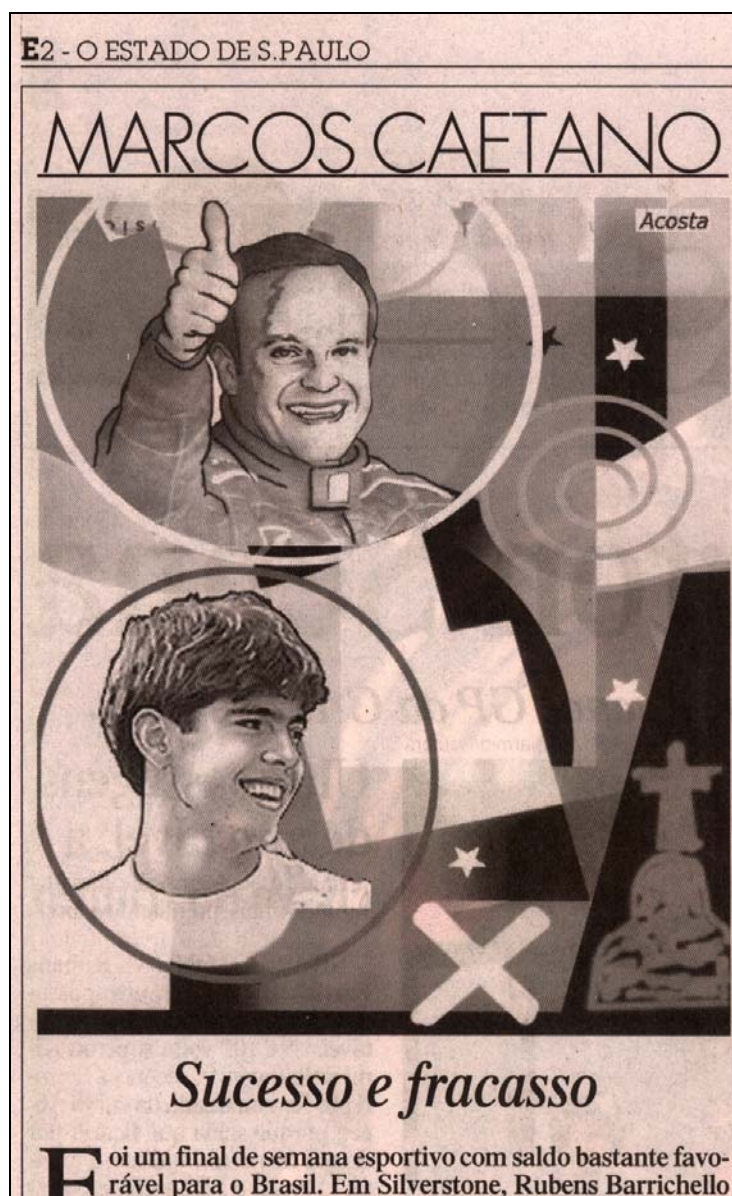
No início de 2002, fiz um seguro residencial com vencimento em 17 de janeiro deste ano no Banco Santander-Banespa, do qual sou cliente desde 1981. Em novembro, porém, mudei de residência e imaginei que, ao vencer o seguro, se eu não manifestasse interesse em renová-lo, ele seria cancelado. Qual não foi minha surpresa quando, no vencimento, renovaram o seguro sem o meu consentimento. Procurei a agência para cancelá-lo e fui informado de que haveria uma demora de 15 dias para a devolução do valor cobrado. Passados três meses e cinco dias, fui chamado para receber o cheque da devolução e para a minha surpresa ele veio com valor inferior ao que eu havia pago, sem juros, e mais, sem correção monetária. Fiquei pensando que, se a situação fosse inversa, isto é, se eu devesse para o banco, estaria pagando juros e correção. Portanto, acho que o mínimo que o banco deveria fazer para reparar o erro que cometeu é pagar o que me deve com as devidas correções monetárias.

Carlos Eduardo Dias Bonilha, Capital.

Resposta: Contatamos o sr. Bonilha e os fatos apontados em sua reclamação foram solucionados. Grupo Santander Banespa.

Da Redação: O sr. Bonilha informa que, após sua reclamação ao JT, foi

ANEXO K 40: Ilustração de Acosta para o texto *Sucesso e Fracasso*, publicado na coluna de Marcos Caetano na página 2 do caderno *Esportes*, no *Estado*, no dia 21 de julho de 2003.



ANEXO K 41: Ilustração de Acosta para a coluna *Seus Direitos*, publicada na página 5 do caderno *Economia* do *Estadão*, no dia 21 de julho de 2003.

Cereal Kellogg's: insetos

Consumo o produto Muslix da Kellogg's há anos e habituei meu filho a consumir cereais no café da manhã. No dia 10/5 comprei duas caixas do Muslix Tradicional no Carrefour da Rua Pamplona (NF 63797), mas, ao abrir a caixa no dia seguinte, para minha surpresa e nojo, o cereal estava infestado de insetos vivos, o que só percebi quando coloquei o produto no leite e vi algo diferente 'boiando'. Foi aí que descobri mais insetos andando dentro da embalagem plástica. Enojada, me perguntei: será que já comemos insetos outras vezes, sem reparar? (a embalagem estava em perfeito estado, sem aberturas na caixa de papelão ou no saco plástico interno). Como sou cuidadosa com o que compro e observo a data de validade, vi que a caixa do cereal traz como data de fabricação 26/2/2003, com validade até 26/11/2003. No dia 12/5 contatamos o SAC da Kellogg's, falando com d. Karine, que pediu uma amostra do produto, retirada em casa no dia 14 para análise (nem seria preciso, pois os insetos eram visíveis a olho nu). Depois de três semanas, no dia 5/6, recebi uma carta de desculpas da empresa, com aquela mesma história de que a infestação não é culpa deles, que os produtos são 'rigorosamente preparados', etc. A explicação é que o produto pode ter sido armazenado em local infestado de insetos, que o contaminaram mesmo depois de embalado (segundo eles, o inseto é típico de farinhas). E ficou por isso mesmo. Pergunto: a Kellogg's simplesmente se exime da responsabilidade? E a credibilidade do nome, fica por isso mesmo? A empresa não vai tomar uma atitude? Eles não querem nem saber onde ocorreu a infestação; conclusão: não estão preocupados com o consumidor. Conselho para quem consome, principalmente se tem filhos: não



confie em 'nomes'. Maria Cristina Abreu - V. Mariana

A empresa responde:

"A Kellogg's, em todo o mundo, tem como objetivo primordial oferecer aos consumidores produtos da mais alta qualidade e com grande valor nutritivo. Reclamações sobre nossos produtos são bastante raras, pois temos um Controle de Qualidade rigoroso, que vai desde a escolha da matéria-prima até o produto final. Temos a consciência de que a garantia da qualidade de um produto como o Kellogg's Müslix Tradicional depende de diversos fatores, como um simples procedimento rotineiro de limpeza, até complexos procedimentos de fabricação e programas de controle de matérias-primas produzidas por fornecedores de diferentes partes do mundo. Os cereais que processamos sofrem uma ação rigorosa de altas temperaturas durante um período de tempo capaz de eliminar qualquer forma de vida, mesmo microbiológica. No entanto, é importante lembrar que os cereais, uma vez empacota-

dos, se armazenados próximos a outros produtos ou em locais infestados por insetos, podem ser afetados por uma contaminação. Particularmente no que se refere a esta reclamação, o inseto encontrado é típico de farinhas e, quando próximo ao Kellogg's Müslix Tradicional, pode contaminar nosso produto. Lamentamos profundamente que tenham ocorrido problemas com um dos nossos produtos, o Kellogg's Müslix Tradicional, conforme sua reclamação. Uma vez que temos total controle dos procedimentos e métodos de operação em nossa fábrica e temos como avaliar os produtos reclamados, temos a confiança de que o problema de infestação encontrado não foi gerado pela Kellogg's. Por se tratar de uma infestação, caso ela tivesse ocorrido durante o processo de produção do Kellogg's Müslix Tradicional, o lote ou parte dele também estaria afetado. É importante salientar que não recebemos mais nenhuma reclamação de infestação com esta data de produção (26/2/2003 lote F). Ainda,

analisamos também amostras deste mesmo lote de produção que mantemos em nossos controles e não encontramos nenhum problema, reforçando mais ainda a nossa confiança desta infestação ter sido gerada fora de nossa fábrica. Mais uma vez, a Kellogg's agradece profundamente o fato de termos comunicado este acontecimento. São clientes dedicados e exigentes assim que garantem que nossos padrões de qualidade estejam cada vez mais elevados. Kellogg Brasil & Cia."

Recebi ontem resposta da coluna reproduzindo o fax recebido da empresa reclamada. Agradeço o empenho da coluna, mas renovo os meus protestos, pois, ao contrário do que a empresa afirma (e tenho provas), a venda foi feita com prazo de 30 dias, por ser o valor superior a R\$ 300. Se isso não fosse verdade, por que seria o meu cheque pré-datado e por que eu entraria com ação por perdas e danos? A audiência será em 21 de julho (hoje). Além de tudo isso, meu cheque foi pago, e

ANEXO K 42: Ilustração de Acosta para a chamada de capa *Cartucho e Papel: Qual o par Perfeito?*, do caderno *informática*, do *Jornal da Tarde*, publicado dia 19 de junho de 2003.

SÃO PAULO, QUINTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2003 JORNAL DA TARDE

info@jt.com.br

informática

CARTUCHO E PAPEL: QUAL O PAR PERFEITO?



Testamos papéis e cartuchos compatíveis e descobrimos a melhor combinação para você imprimir as suas fotos em casa. Detalhe: a escolha vai depender do efeito desejado. Pág. 4D

Um palm que tira foto e ainda toca música
O Zire 71, novo micro de mão da Palm, tem recursos multimídia e comandos com forma de joystick. Pág. 8D

Um futuro violento te aguarda
No game 'Devastation', você e seus rebeldes têm de lutar contra o domínio das grandes corporações. Pág. 12D

Treinamentos e Certificações Parcelados em até 12x
e ainda para compras acima de 1.000,00 mais você consegue a um Palm Tungsten T 16 MB

Últimas Vagas!
Veja o regulamento em nosso site

www.impacta.com.br
Av. Paulista, 1.099 - 9º andar

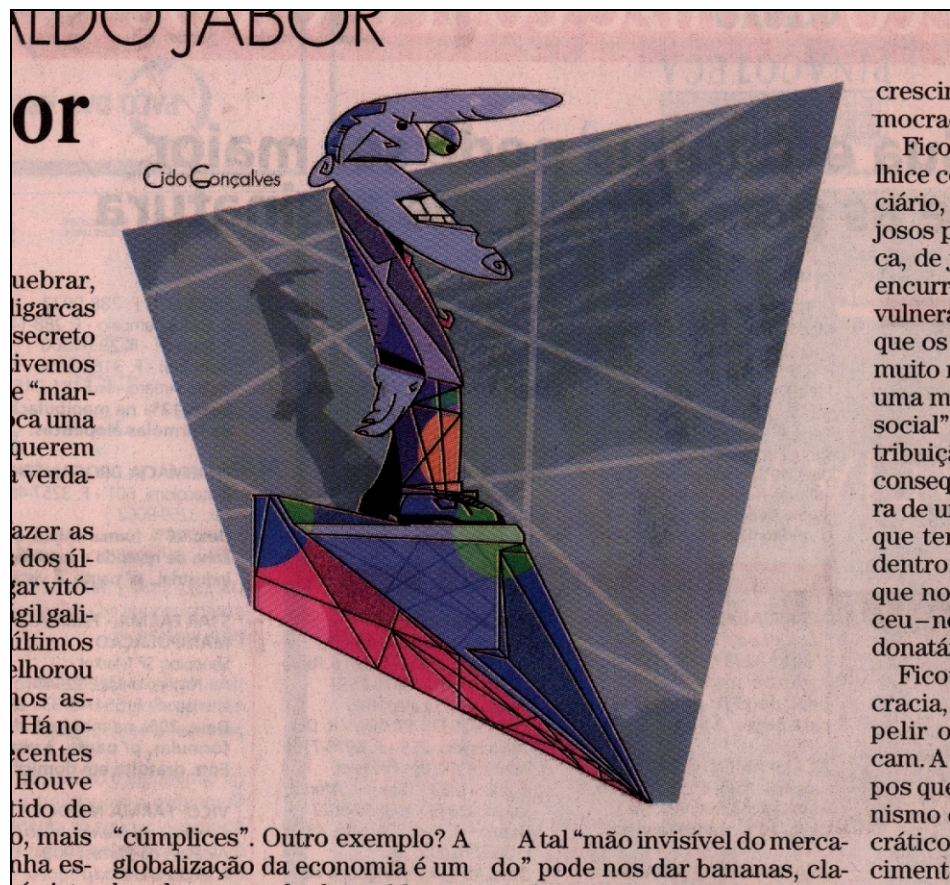
ANEXO K 43: Primeira arte final de Acosta para a chamada de capa *Cartucho e Papel: Qual o par Perfeito?*, do caderno *informática*, do *Jornal da Tarde*, publicado dia 19 de junho de 2003.



ANEXO K 44: Ilustração de Cido Gonçalves para o texto *Manhã a bordo de um táxi*, na página 14 do *Caderno2*, do *Estadão*, publicada dia 18 de julho de 2003.



ANEXO K 45: Ilustração de Cido Gonçalves para o texto *Temos um encontro de amor no fundo do abismo*, na página 10 do *Caderno2*, do *Estadão*, publicada dia 22 de julho de 2003.



D10 - O ESTADO DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 22 DE JULHO DE 2003

CADERNO 2

ARNALDO JABOR

Temos um encontro de amor no fundo do abismo

O lho os jornais em busca de esperança. Nada. Só expectativas "des-acontecimentos". Tudo parece andar para trás. Todo mundo diz: "O Lula tem de dar certo!" Mas, ninguém ajuda. Vivemos um suspense à beira do abismo, vendo que as coisas não acontecem, param no meio: o juiz perdoo o ladrão, o plano não foi cumprido, a violência não vai diminuir... vai continuar...

Em suma, as coisas "des-acontecem", andam de costas e a vida brasileira vai virando - como diz Simonsen - "um corpo sob anestesia, mas sem cirurgia". A reforma da Previdência está sendo desfigurada a frio.

Aos poucos, vai sendo comida pelos tubarões, como o peixe de *O Velho e o Mar*, quando chegar à praia, será um esqueleto. Tudo se organiza para o fracasso, como as peças de um quebra-cabeça feitas expressamente para não encaixar. Para nós, o fracasso é um desejo. Por algum motivo misterioso, queremos ver o País no fundo do abismo. A vontade de fracasso é uma espécie de vaci-

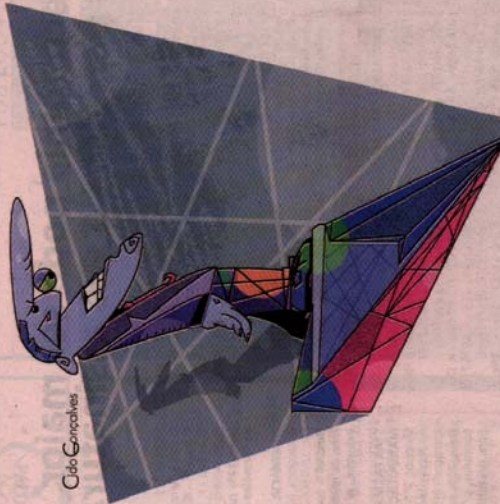
na contra a decepção. Depois da derrota, suspiramos, aliviados: "Eu não disse?"

Há dez anos o Brasil está à beira de decolar. Mas há um complot invisível para que ele não se erga do chão. E o que me impressiona é que ninguém se incomoda com a aproximação da catástrofe. Pior: muitos se unem para apressar sua chegada. A oposição dos "Babás", dos jornalistas burros aliados à oligarquia está a pleamar no vapor. O maior inimigo da democracia ocupam o Executivo. Houve muitos avanços no sentido de um futuro mais moderno, mais racional. Desculpem minha esperança - que eu sei que é vista com desconfiança ("ahhh... alguma coisa ele está querendo...") - mas, muita coisa melhorou, sim, no Brasil, ó filhos do bode, ó cégos ideológicos. A democracia permitiu que inúmeras verdades viessem à tona.

A quebra do Estado brasileiro, por exemplo, no meio dos anos 80, foi ruim e boa. Deu-nos uma "orfandade" diante do gigante quebrado, mas despertou mais vontade de autonomia na sociedade. A sociedade civil já pensa em "nós" e não em "eles" apenas, os remotos donos do poder. Apesar dos populismos, já deixamos de ser "vítimas" e passamos a ser

Bom é apontar impossibilidades, descrever, denunciar "vira-casacas". No fundo, venho que a finalidade dessa gente na política é impedir o País de fazer Política. Nada mais parecido com a sabotagem sistemática feita contra FHC do que a atual sabotagem que está sendo feita ao governo Lula.

A evidência deslavada da necessidade técnica das reformas não comove ninguém. Até sa-



Cido Gonçalves

crescimento institucional da democracia, da cidadania.

Ficou visível que, apesar da velhice corporativa do poder Judiciário, temos o advento de corajosos procuradores da República, de juízes jovens e honestos, encorajando gente que era invulnerável. Hoje, já percebemos que os problemas do Brasil são muito mais complicados do que uma mera questão de "justiça social". Já sabemos que a má distribuição de renda não é causa, é consequência da secular estrutura de um Estado patrimonialista que tem de ser reformado por dentro, pois a "luta de classes" que nos determinou já aconteceu - no século 16 e os vitoriosos donatários mandam até hoje.

Ficou evidente que só a democracia, em sua prática, pode expelir os micróbios que a atacaram. A democracia tem antecedido os inimigos automáticos. Já houve um enfraquecimento das oligarquias seculares. O País está mais resistente a ditaduras e a delírios da velha geléia geral. Se fizermos as reformas, a vitória é possível. E é justamente por isso que os fracassos maníacos, os pessimistas, os chupins do Estado, os negros urubus do privilégio, os maldadores dos subsídios, os adeptos do "quanto pior melhor" estão todos em pé de guerra, a postos, na vigília antidemocrática, para impedir que o avião decole, para que possam todos se espoliar na lama tradicional do porco brasileiro, satisfeitos com os porcos e toupeiras. Temos um encontro de amor marcado no fundo do abismo.

A tal "não invisível do mercado" pode nos dar bananas, claro. Contudo, o conceito de "mercado" dinamiza a auto-regulação da vida social e econômica do País, sim. "Mercado" pode ser bom, sim, como termômetro, como amenzador de certezas burras, "mercado" como reativador de burrices totalitárias. Também, já há responsabilidades civil e fiscal, entre nós. Apareceu a ideia do "possível", em vez da velha bravata das utopias. E isso não é covardia "antitópica", como pensam algumas bestas quadradas, é sábia. A análise meramente economicista não retrata o Brasil de hoje. Houve um grande avanço no sentido de combater a

POLÊMICA

ANEXO K 46: Ilustração de Carlinhos Muller para o texto *O impacto da pirataria*, dos editoriais, na página 3 do *Estadão*, publicado dia 15 de janeiro de 2004.





O impacto da pirataria

A Associação de Defesa da Propriedade Intelectual (Adepi) organizou equipes de investigação informal – substituindo a polícia nesse tipo de trabalho – na tentativa de dar mais eficiência ao combate à pirataria de obras audiovisuais. As investigações revelaram que a falsificação de fitas VHS, DVDs, CDs e até de capas de filmes e matrizes de logotipos de distribuidoras, acarretou, no ano passado, um prejuízo de US\$ 200 milhões – US\$ 70 milhões a mais do que em 2002 – para os detentores dos direitos autorais. A CPI da Pirataria e uma maior atuação da polícia – no ano passado 1.344 pessoas foram indiciadas em inquérito por esse crime – não foram suficientes para inibir a ação dos piratas.

A lei brasileira de propriedade intelectual é apontada como uma das melhores do mundo. Está em vigor há seis anos, mas é pouco cumprida. Em 2002, a

União Brasileira de Vídeo estimou que 35% dos home videos usados no País são piratas, vendidos por um quarto do preço normal. A situação do mercado fonográfico é ainda mais grave. A Associação Brasileira dos Produtores de Discos (ABPD) afirma que 50% das cópias vendidas no ano passado eram piratas, contra apenas 3%, em 1997. A Associação Brasileira de Empresas de Software diz que, em 2002, cerca de 15 mil empregos formais não foram criados devido à pirataria. Na produção de cigarros, está o exemplo mais escandaloso: em 2002, foram consumidos 7,1 bilhões de maços, mas apenas 4,8 bilhões pagaram impostos. A cada três maços, um é “irregular”, segundo a CPI da Pirataria.

Apesar do impacto negativo da pirataria sobre a indústria, a publicidade e a arrecadação de impostos, as autoridades

ainda não estão suficientemente convencidas de que o combate à pirataria é uma prioridade. O esforço maior tem sido desenvolvido pelos agentes privados do setor audiovisual, que realizaram, no ano passado, 3.535 inspeções para apurar casos de pirataria. 1.462 delas resultaram em apreensões feitas pela polícia. Foram apreendidas 254 mil fitas de VHS, 129 mil discos óticos e bloqueados, na internet, 2.418 sites que vendiam produtos piratas. Frente ao volume de material pirateado, que está diante dos olhos de todos – nas baracas dos camelôs, lojas, locadoras e sites de internet –, essas apreensões são muito pequenas.

Em abril do ano passado o Brasil voltou à “lista prioritá-

Agentes particulares fazem a maior parte do esforço contra a pirataria

ria de observação” do Escritório de Representação Comercial dos Estados Unidos (USTR) por ser um dos países que não combatem com a energia necessária o

comércio pirata. Há real possibilidade de os Estados Unidos aplicarem sanções comerciais pesadas ao País, escudados nesse fato. Uma das sanções seria a anulação das preferências tarifárias concedidas a cerca de 4.600 produtos exportados para os EUA com alíquota zero.

Desde 1999, a Interpol considera que a pirataria não é mais uma atividade “acessória” das grandes redes do crime organizado. Tornou-se o negócio principal de muitas quadrilhas que agora complementam seus lucros com tráfico de drogas e outras atividades ilícitas. O combate à pirataria e a proteção da propriedade intelectual, portanto, correspondem aos interesses do País. E, de pouco adianta o governo concordar com essa premissa, se não oferece os meios necessários para que a pirataria seja efetivamente combatida.

ANEXO K 47: Ilustração de Carlinhos Muller para o texto *Terceira megaoperação da PF*, dos editoriais, na página 3 do *Estado*, publicado dia 15 de dezembro de 2003.





Terceira megaoperação da PF

Depois da "Operação Anaconda", em São Paulo – com ramificação em outros Estados –, que levou à desmontagem de vasta quadrilha e à prisão de membros da polícia e da magistratura, como o juiz Rocha Mattos, e depois da "Operação Praga do Egito", que resultou na prisão de dezenas de pessoas envolvidas em fraudes, entre as quais o ex-governador de Roraima Neudo Campos, a Polícia Federal lavra mais um tento com a "Operação Trânsito Livre" em Foz do Iguaçu, que já produziu a prisão de 40 policiais rodoviários, 14 "batedores" – intermediários do suborno dos policiais, pago por sacoleiros – e um policial civil. Descobriu-se que a corrupção local rendia aos envolvidos uma "caixinha" não inferior a R\$ 1 milhão por mês, o que representava, para policiais que ganham um salário médio entre R\$ 2.500,00 e R\$ 3.000,00 mensais, uma remuneração extra de R\$ 20 mil!

Antes de mais nada, convenhamos: fala-se muito que policiais devem ganhar muito bem, para não se sentirem tentados a enriquecer de forma ilícita. Ora, embora seja justo dizer que policiais mereçam ganhar muito bem – até pelos riscos que correm –, não haverá alto salário que liquide a "tentação" de embolsar, regularmente, uma dinheirama como essa – o que só fortes princípios morais, de um lado, e rígidos controles administrativos, de outro, conseguirão refrear. Essa situação, mais uma vez, demonstra que também nas fronteiras, como nos presídios, só haverá controle máximo se houver corrupção mínima.

As estimativas da Polícia Federal quanto ao "faturamento" global dos policiais rodoviários e "batedores" em Foz se baseiam no fato de cerca de mil ônibus de sacoleiros de vários Estados cruzarem, semanalmente, a Ponte da Amiza-

de, para adquirir mercadorias ilegais no Paraguai. A "caixinha" por veículo abordado variava de R\$ 250,00 a R\$ 500,00, dividida pelos 55 participantes, que tiveram prisão temporária decretada. Embora ainda não se saiba o montante que os policiais arrecadaram, até hoje, com sua atividade corrupta, nas casas dos acusados foram apreendidos computadores, dinheiro – dólares e reais – e 15 veículos. Havia veículos que custam R\$ 50 mil, destacando-se o carro pertencente ao policial civil, por seu sofisticado sistema de DVD. As quantias em dinheiro apreendidas variavam entre R\$ 2 mil e R\$ 10 mil. Numa das casas encontraram-se US\$ 2 mil e em dois postos de policiamento também foram apreendidos R\$ 11 mil, que corresponderiam à fêria do dia.

Alguns podem criticar esse sistema de megaoperações desenvolvido pela Polícia Federal, dando a entender que preferível seria o reforço do trabalho rotineiro, constante, nos já conhecidos pontos críticos de entrada de contrabando em território nacional. Tais críticas seriam pertinentes se as megaoperações pretendessem substituir o importante trabalho de fiscalização, cotidiano e diuturno, da Polícia Federal. Mas as duas formas de trabalho não são incompatíveis ou excludentes – e não nos parece que a Polícia Federal considere que o sejam.

Além disso, grandes operações podem ter um efeito psicológico positivo, tanto para aqueles que consideram que a prática de atos ilícitos se tornou rotineira – como os sacoleiros –, como se o contrabando tivesse sido "legalizado" pelos usos e costumes locais, como para os que também consideram normal a cobrança de gordas propinas extraídas da função pública, como se tal prática abjeta já se tivesse tornado uma espécie de "direito adquirido".

Só com muito controle e muito rigor disciplinar se evita a corrupção

ANEXO K 48: Ilustração de Carlinhos Muller para o texto *Duelo de bad boys. Com faro de gol*, na capa do caderno *Esportes*, no *Estadão*, publicado dia 24 de agosto de 2003.



Duelo de bad boys. Com fardo de gol

São Paulo e Vasco
enfrentam-se no Rio e
apostam nos artilheiros
Luís Fabiano e Edmundo

EDUARDO MALUF

Um já brigou com dezenas de companheiros, agrediu adversários, chutou juiz, deu bico em câmera de televisão e bateu boca com repórteres, além de outras inúmeras confusões na carreira. O outro é alegre, querido pelos companheiros, mas costuma perder a cabeça em algumas ocasiões, como na semana passada, quando xingou seu próprio técnico no meio de um treino. Dentro de campo, porém, Edmundo e Luís Fabiano têm várias qualidades em comum e a principal é a facilidade para marcar gol e dar alegria aos torcedores. É isso que prometem fazer no confronto deste domingo, às 16 horas, entre Vasco e São Paulo, em São Januário.

O momento dos atletas indica boa vantagem para o são-paulino Luís Fabiano, que marcou 16 gols no Brasileiro e joga num time que briga pelas primeiras colocações. Edmundo vem tendo frequentes contusões e desde que voltou do Japão, no início do ano, não conseguiu jogar bem, assim como o restante da equipe. Qualquer aposta, contudo, é arriscada...

Luís Fabiano, de 22 anos, sonha com um feito que Edmundo, 32, já alcançou, o de artilheiro do Brasileiro. O vascaíno, por sinal, é o maior goleador de uma edição da competição, com 29 gols, em

O vascaíno Edmundo (esq.), que já brigou com companheiros, deu tapa em juiz, chutou câmera, mas também fez muitos gols na carreira, busca recuperar a melhor forma, enquanto o são-paulino Luís Fabiano, vice-artilheiro do Brasileiro, tenta acabar com a fama de indisciplinado: "Estou preparado para não fazer mais besteiras e ficar bonzinho até o fim do ano"



domínio de Dimba, do Goiás – é seu objetivo no clássico desta tarde. Ausente há três rodadas do Brasileiro por suspensão e sem fazer gol há um mês, o atleta se diz "louco" para voltar a jogar, e em 111 jogos com a camisa trico-

lor. A última suspensão foi provocada por ofensas ao árbitro Márcio Rezende durante confronto com o Atlético-PR, no Morumbi. A comissão técnica e os colegas o aconselham a manter a cal-

ma em campo, mas nem sempre ele consegue. Em 2002, recorreu à ajuda de psicólogos, mas, no início do ano, parou com as sessões. Quando parecia livre dos problemas, teve recaída. "Se acontecer mais uma suspensão, vou pirar. Quero recuperar o tempo perdido e alcançar o Dimba."

Edmundo, no entanto, não demonstra que mudou. Nos últimos dias, por exemplo, avisou, por meio de sua assessoria de Imprensa, que não dará entrevistas após os jogos que o Vasco perder. Só falará depois das vitórias. E é de vitória que o Vasco necessita, se quiser se livrar, de uma vez, da ameaça do rebaixamento. Com apenas 33 pontos, os cariocas têm remotas chances de brigar pelo título.

O São Paulo, com 50, não contará com Kleber, suspenso. Rico entrará em seu lugar. Leonardo Moura volta ao time. Lugano formará a zaga com Jean e Gustavo Nery atuará como libero. O lateral Fabiano conversou com os dirigentes ontem e fica no Morumbi, embora estivesse feliz com a possibilidade de ir para o Bétis.

VASCO
Fábio: Wellington Monteiro, Henrique Weasley e Ozeias; Da Silva, Bruno Lazzaroni e Beto (Donilo); Edmundo, Régis Pilgali e Donizete. **Técnico** – Mauro Galvão.

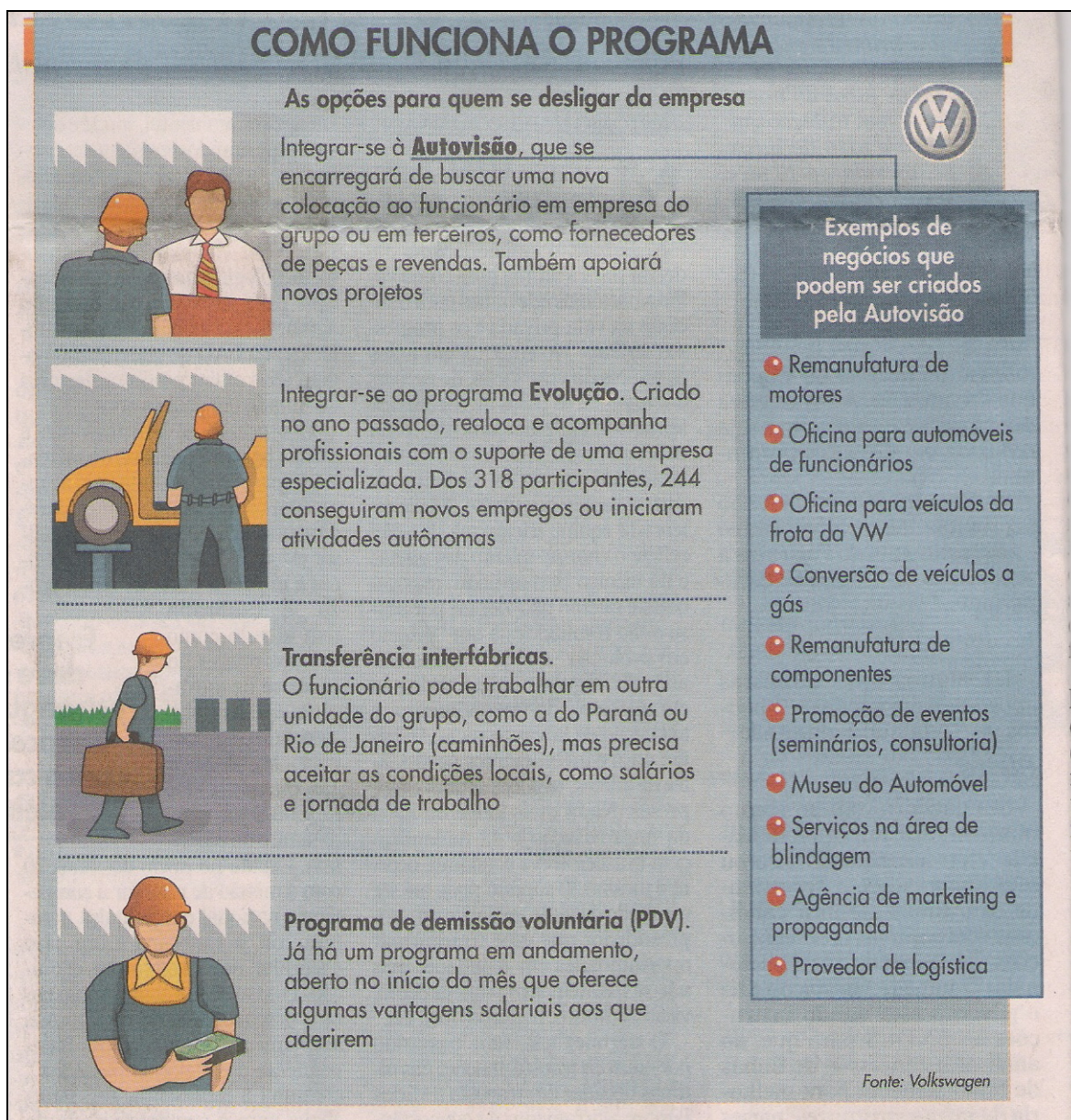
SÃO PAULO
Rodrigo Ceni; Diego Lugano, Jean e Gustavo Nery; Leonardo Moura, Adriano, Carlos Alberto, Fábio Américo e Fabiano; Rico e Luís Fabiano. **Técnico** – Roberto Royo.

Local – Carlos Eugênio Simon (RS).
Local – São Januário.
Globo e Record
116 horas

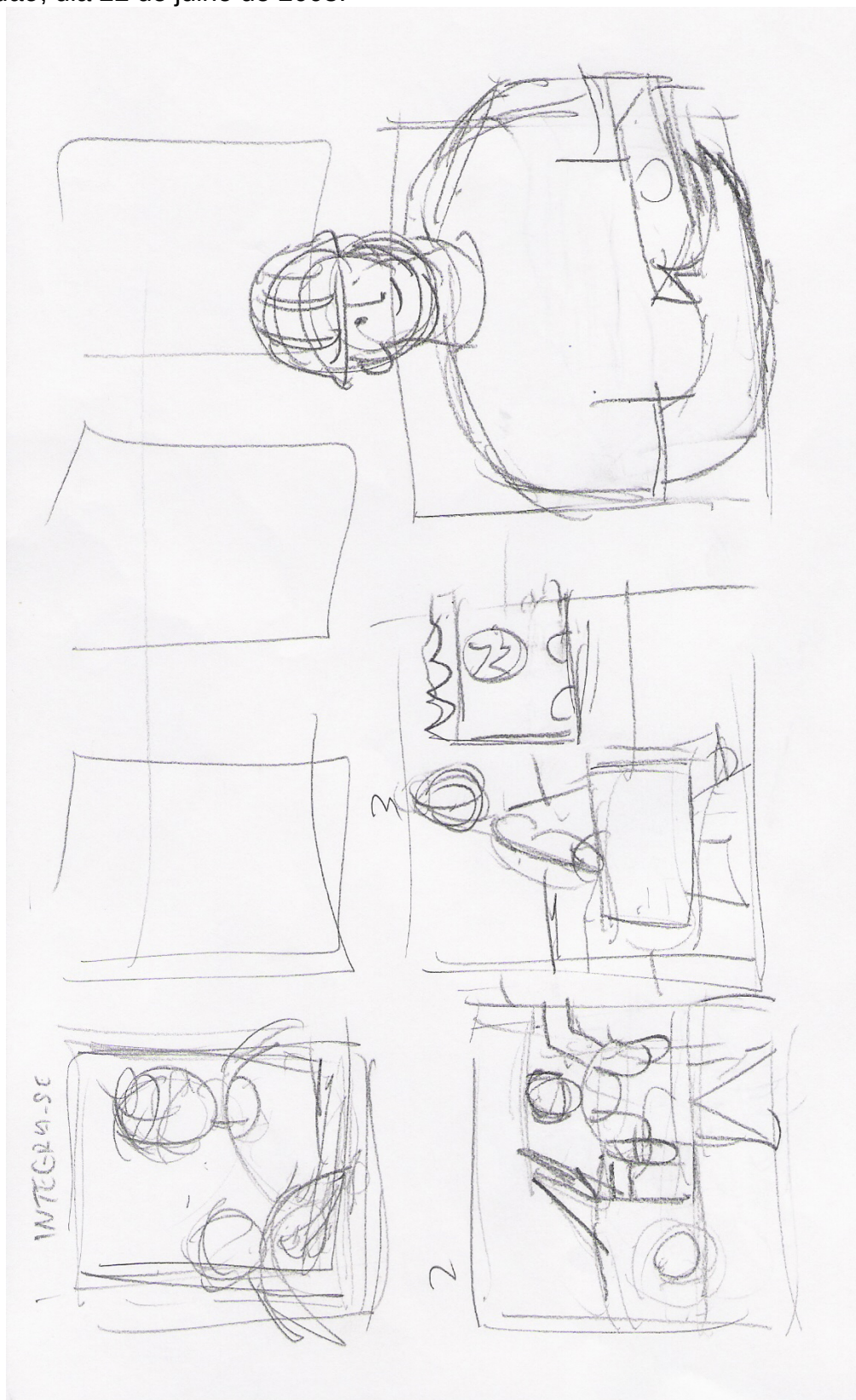
ANEXO K 49: Infográfico da agência Newsweek, na página 12 do *Estadão*, dia 20 de julho de 2003.



ANEXO K 50: Infográfico de Hugo Carnevalli, na capa do caderno *Economia do Estadão*, dia 22 de julho de 2003.



ANEXO K 51: Rafe para infográfico de Hugo Carnevalli, na capa do caderno *Economia do Estadão*, dia 22 de julho de 2003.



ANEXO K 52: Infográfico de Hugo Carnevalli, na página H20 do *Estadão*, no caderno comemorativo aos 500 anos de São Paulo, dia 25 de janeiro de 2004.



